



CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

“ROMPER A INCABÍVEL PRISÃO...”: O PROCESSO DE MUDANÇA DE POSIÇÃO DISCURSIVA DE SUJEITO-GAGO PARA SUJEITO-FLUENTE

Orientadora: Prof^a. Dr^a. **Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. **Dirce Jaeger**

Recife,

2021.

CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

“ROMPER A INCABÍVEL PRISÃO...”: O PROCESSO DE MUDANÇA DE POSIÇÃO DISCURSIVA DE SUJEITO-GAGO PARA SUJEITO-FLUENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Curso de Doutorado, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem, Área de Concentração: **Teoria e Análise da organização linguística**. Linha de pesquisa: **Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. **Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. **Dirce Jaeger**

Recife, 2021.

**“ROMPER A INCABÍVEL PRISÃO...”: O PROCESSO DE MUDANÇA DE
POSIÇÃO DISCURSIVA DE SUJEITO-GAGO PARA SUJEITO-FLUENTE**

CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

Tese submetida à banca examinadora como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Banca examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. **Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
(Orientadora)



Prof^ª. Dr^ª. **Dirce Jaeger**
Universidade de Pernambuco – UPE – Campus Garanhuns
(Coorientadora)



Prof^ª. Dr^ª. **Ivanda Maria Martins Silva**
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE



Prof^ª. Dr^ª. **Jônia Alves Lucena**
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Prof^ª. D^ª. **Renata Fonseca Lima da Fonte**
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP



Prof^ª. Dr^ª. **Wanilda Maria Alves Cavalcanti**
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Recife, 08 de fevereiro de 2021.

DEDICATÓRIA

As grandes virtudes de um homem são a gratidão e a generosidade. A gratidão o leva a devolver em igual moeda tudo aquilo que recebe. A generosidade o obriga a retribuir em dobro (MAQUIAVEL).

A **Deus**, que em sua divindade: Onisciente, Onipotente e Onipresente, nas pessoas do **Pai, Filho e Espírito Santo**, “porque três são os que testificam no céu: [...]; e estes três são um” (I Jo. 5.7). **Sempre Esteve aqui (como me prometeu em sonho/visão, antes que tudo viesse a cumprir-se...)**, durante todo o percurso do doutorado. Dando-me sabedoria e conhecimento, trazendo consolo e conselhos nas etapas da árdua, mas extremamente prazerosa arte de fazer pesquisa. Assim sendo, “seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque dele é a sabedoria e a força; [...] ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos inteligentes” (Dn. 2. 21-22). “... **Ter fé. Porque as coisas estão todas amarradinhas em Deus**” [Guimarães Rosa].

Aos **meus pais: Claudomiro e Zuleide (maiores heróis dessa história)**, por todos os esforços e tanta dedicação para minha formação pessoal e profissional. Ensinando-me, antes de qualquer coisa, valores fundamentais como: humildade, amor, ética, respeito e disciplina (aplicando-se a tudo e a todos) com quem viesse estar/realizar ao longo da minha trajetória. “**É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais**” [Coelho Neto].

À Prof^a. Dr^a. **Nadia Azevedo**, um Presente de Deus, **àquela que me amou desde o primeiro instante em que nos olhamos naquela seleção de mestrado em 2014...** Mas sei que tal amor vai além de nossa compreensão, pois **há um céu que nos une...** Desde então, como meu Anjo Bom, passou a acreditar e investir cada vez mais em mim, sempre! Por isso, foi possível realizar o sonho-desejo de ser mestre e, agora, também doutor, sob suas mãos, cuidados, orientações, humanismo e competência. Que honra, privilégio e oportunidade! “**Mas há a vida que é para ser intensamente vivida. Há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata**” [Clarice Lispector].

À Prof^a. Dr^a. **Dirce Jaeger**, mais um Presente de Deus, peça fundamental erguida por Ele. Àquela que ao dizer: “**Eis-me, aqui**”, de maneira gentil e generosa, não apenas aceitou o desafio de trabalhar, junto a nós, a gagueira sob a perspectiva discursiva. Mas com competência, orientações, humanismo e seriedade **segurou em minha mão e tornou possível a travessia/concretização do meu doutorado**. “**O ideal do amor e da verdadeira generosidade é dar tudo de si, mas sempre sentir como se isso não houvesse lhe custado nada**” [Simone de Beauvoir].

Aos meus **MESTRES, com extrema admiração e gratidão**, em especial, à Prof^a. Dr^a. **Ivanda Martins**, porque desde a minha graduação, **é fonte de inspiração, cujo senso crítico, humanismo, generosidade e genialidade sempre me causaram extrema admiração e vontade de aprender mais e ser parecido...** Àquela que, inicialmente/desde sempre, foi agente estimulador de sonhos-desejos em mim, deu-me grandes oportunidades, abriu portas... Despertou o meu interesse pelo Ensino, Pesquisa e Extensão, lembrou que eu tinha potencial para alçar voos mais altos. “**Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas...**” [Antoine de Saint-Exupéri, O Pequeno Príncipe].

AGRADECIMENTOS

Um deles, [...], voltou, glorificando a Deus em alta voz. Jesus disse em resposta: Todos os dez foram purificados, não foram? Então, onde estão os outros nove? Nenhum deles voltou para dar glória a Deus, [...]? (LUCAS: 17:15-19).

A **Deus**, porque mudou projetos, preparou pessoas especiais e cenários surpreendentes (muito além daqueles que pensei, imaginei...) para que no tempo determinado, pudesse estabelecer Seus Planos e realizar meus desejos-sonhos. Muito obrigado, traçaste um plano lindo para mim, não apenas espiritualmente, tendo o privilégio de poder **Conhecê-lo BEM (antes eu ouvia falar. Hoje os meus olhos te veem - Jó. 42.5)**. Mas honraste este menino humilde, pobre (como José, Davi e Ester), fizeste-me companheiro dos príncipes, pondo-me em lugares de honra. Entre os meus, como extrema humildade, tornei-me o primeiro Professor Doutor das famílias Santos e Silva. Aos **meus pais: Zuleide e Claudomiro**, batalhadores e perseverantes. Foi a dedicação e o amor de vocês (em meio a tantas dificuldades, provações e privações...) que me fizeram chegar tão longe. Obrigado, vocês sabiam que eu não teria como vencer tantas dificuldades e privações ao longo da vida, se não fosse através de muito esforço e dedicação aos estudos. À **Claudileide**, minha irmã amada. Obrigado, pelas palavras de ânimo, encorajamento e por sempre estar disponível para me ajudar. Ao cunhado **Adeildo** pelo pronto-atendimento quando necessitei. Aos queridos sobrinhos, **Letícia, Lázaro**, meus amores, pela torcida desde a seleção e apoio, principalmente, nas horas de maiores dificuldades nesta travessia... E a **João Laerte** (in memoriam), um pequeno guerreiro, que em sua rápida passagem por aqui, mostrou-me que devo lutar insistentemente e ser perseverante até o último fôlego de minha vida.

À minha queridona, Prof^a. Dr^a. **Nadia Azevedo**, orientadora, coautora, amiga, mãe acadêmica, porto seguro. Àquela que ao sorrir, mais parece o sol brilhando, toda feita de amor, luz, sorrisos, cores, poesia, a emoção à flor dos olhos. Ilumina, aquece, encoraja-nos. Fui/sou FELIZ por tê-la em minha vida e ser TÃO-AMADO (sempre soube disso...). Obrigado, por tanta generosidade e gentileza, pelo acolhimento na linha de pesquisa, pelas correções criteriosas, pelas indicações, confiança, delicadeza e polidez nas orientações. Por acreditar, desde o mestrado, no meu potencial, pelas lágrimas de extrema alegria, quando soube que a bolsa de estudos, para o doutorado, havia sido aprovada. À minha querida, Prof^a. Dr^a. **Dirce Jaeger**, coorientadora, coautora, amiga, por ter aceitado não apenas o desafio de conduzir nossa pesquisa. Mas, principalmente, pela maneira tão gentil e generosa como sempre me recebeu em sua casa, pelos almoços tão saborosos, pelas palavras de fé, ânimo e encorajamento. Por sua competência e brilhantismo, desde o planejamento, seguido da concretização do Grupo de Extensão/Apoio, em Garanhuns-PE, até a extrema delicadeza na organização das reuniões mensais.

À **Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)**, pela concessão da bolsa de doutorado, cujo apoio financeiro tornou possível a realização da pesquisa (e a realização de um sonho-desejo). À **Universidade de Pernambuco – (UPE – Campus Garanhuns)**, que ao entender a

importância do nosso estudo, gentilmente, aceitou a parceria para que pudéssemos desenvolver as pesquisas. Aos **sujeitos do Grupo de Extensão/Apoio (GEAG UNICAP e UPE – Campus Garanhuns)**, porque são exemplos de perseverança e superação nas lutas cotidianas da vida. À Prof^a. Dr^a. **Aracy Ernest**, pela maneira tão humana, atenciosa e gentil como me recebeu na **Missão de Estudos** (intercambio nacional) realizada na **UFPEL-RS, em 2019**. Agradeço pela riquíssima contribuição dada a esta tese de doutorado. À querida **Sueli Rached**, por sua afetuosa e segura companhia (inseparáveis), ao longo dessa jornada inesquecível realizada em Pelotas-RS.

À Prof^a. Dr^a. **Ivanda Martins**, por ter aceitado com prazer e alegria o convite para participar em nossa banca, pela participação extraordinária, desde o projeto de tese. Sua contribuição nos fez refletir e aprender através do processo de releitura e reescrita. Obrigado por ter sido fonte de apoio, inspiração, incentivos e coragem para que eu pudesse ir mais longe e chegar até aqui. À Prof^a. Dr^a. **Jonía Lucena**, pela maneira tão delicada, criteriosa e competente como realizou sua contribuição, desde o projeto de tese. Sua alegria, entusiasmo e delicadeza são solares e iluminaram-me para realizar as “sugestões de lapidação” na tese e crescer bem/muito mais.

À Prof^a. Dr^a. **Renata da Fonte**, pela sua competência acrescida de uma delicadeza e doçura admiráveis, durante todo o processo de leitura desse trabalho e diálogos conosco. Obrigado pela torcida, desde o mestrado e por sempre reafirmar que acreditava em mim. À Prof^a. Dr^a. **Wanilda Cavalcante**, pelas contribuições valiosas em nosso projeto de tese, quando ainda estávamos na seleção do doutorado. Sua sabedoria e generosidade são encantadoras. Obrigado por sempre destacar que acreditava em mim e no meu potencial. Enfim, **GRATIDÃO imensa e, especial, a cada membro dessa banca examinadora (constituída por mulheres incríveis e inspiradoras)**, desde as contribuições feitas. Mas, atrelado a isso e, principalmente, à maneira tão polida, carinhosa, educada, generosa e gentil, como souberam dialogar comigo desde a qualificação até a defesa pública.

À **3ª Turma do Doutorado em Ciências da Linguagem (2017-2020): Rozimare, Karla, Kelly, José Batista, Jorge, Victor, Herman, Edvaldo, Vera, Rodrigo e Roberto**, pelas conversas tão gostosas e discussões teóricas ao longo de nosso “Seminário de Tese II”, cresci tanto... **Apenas aos amigos, (àqueles de raízes)**, por tudo o que são para mim. Em especial, à **Érika Costa**, representando-os, nesse momento. Com quem compartilhei (partilhamos) alegrias e dissabores BEM-JUNTOS. Agradeço, também, especialmente, aos queridos: **Anderson Tiago, Aurifátima, Rafael e Kelly Cristine** pela generosidade no sentido mais amplo, porque quando mais precisei de ajuda, estiveram sempre a postos. Por isso, eis a tese!!!

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação: **Daniele, Cleyton e Isabela** (estagiários), especialmente, à **Eliene, Sérgio e Nelinha** pelo pronto-atendimento e excelência na resolução das questões burocráticas. A **todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP**, especialmente, aos queridos, Professores **Karl Heinz e Glória Carvalho**, pela maneira tão admirável, generosa e gentil como escreveram as cartas recomendando-me ao doutorado e, junto a eles, às queridíssimas professoras: **Auxiliadora Padilha** (CE-EDUMATEC/UFPE), **Cínthya Tavares** (FAINTVISA/UNIVISA) e **Lívia Suassuna** (CE-PPGEdu/UFPE). Enfim, a **todos aqueles**, que às suas maneiras, acreditaram, oraram, apoiaram e ajudaram direta e/ou indiretamente, na conclusão desse sonho-desejo. **Deus irá recompensá-los!**

HERÓIS DA FÉ
(HEBREUS 11)

1. *A fé é a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver*
2. *Foi pela fé que as pessoas do passado conseguiram a aprovação de Deus.*
3. *É pela fé que entendemos que o Universo foi criado pela palavra de Deus e que aquilo que pode ser visto foi feito daquilo que não se vê [...].*
6. *Sem fé ninguém pode agradar a Deus, porque quem vai a ele precisa crer que ele existe e que recompensa os que procuram conhecê-lo melhor [...].*
29. *Foi pela fé que os israelitas atravessaram o mar Vermelho como se fosse terra seca. E, quando os egípcios tentaram atravessar, o mar os engoliu.*
30. *Foi pela fé que caíram as muralhas de Jericó, depois que os israelitas marcharam em volta delas durante sete dias [...].*
32. *O que mais posso dizer? O tempo é pouco para falar de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas.*
33. *Pela fé eles lutaram contra nações inteiras e venceram. Fizeram o que era correto e receberam o que Deus lhes havia prometido. Fecharam a boca de leões,*
34. *Apagaram incêndios terríveis e escaparam de serem mortos à espada. Eram fracos, mas se tornaram fortes. Foram poderosos na guerra e venceram exércitos estrangeiros [...].*
39. *Porque creram, todas essas pessoas foram aprovadas por Deus, [...] 40. Pois Deus tinha preparado um plano ainda melhor para nós [...]*

MAIOR

(Dani Black, feat. Milton Nascimento)

*Eu sou maior do que era antes
Estou melhor do que era ontem
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou
[...].*

*As cores mudam
As mudas crescem
Quando se desnudam
Quando não se esquecem*

*Daquelas dores que deixamos para trás
Sem saber que aquele choro valia ouro
Estamos existindo entre mistérios e silêncios
Evoluindo a cada lua, a cada sol*

*Se era certo ou se errei
Se sou súdito, se sou rei
Somente atento à voz do tempo saberei*

*Eu sou maior (eu sou maior) do que era antes (do que era antes)
Estou melhor (estou melhor) do que era ontem (do que era ontem)
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou [...].*

SEMPRE ESTEVE AQUI

(Leandro Borges)

*Eu já me senti sozinho mesmo cercado por uma multidão
Eu já dei um sorriso só pra disfarçar a dor no meu coração
Eu já fiquei em silêncio só pra não falar e começar a chorar
Eu já abafei o choro com um travesseiro só pra não gritar
Eu já me senti esquecido não só por pessoas, mas até por Deus
Eu já questionei se Deus faria de verdade tudo o que me prometeu
Eu já disse que estava bem mesmo estando com o peito apertado
Eu já tive que cantar quando a vontade era só ficar calado*

*Mas sempre que olho pra trás e vejo onde cheguei
Eu vejo como Deus cuidou de mim, por isso eu não parei
Sem Ele eu não venceria tudo o que eu venci
Com minhas próprias forças eu não estaria aqui
Até quando estive em silêncio foi pra me ensinar
E quando testou os meus limites me fez avançar
Tudo que permitiu foi para me moldar e me fortalecer
E com Ele ao meu lado eu não tenho mais o que temer*

*Sempre estive aqui
Nunca me deixou sozinho
Sempre estive aqui
Me ensinando a caminhar e a perder meus medos
O segredo de eu não desistir
É que Deus sempre estive aqui
Sempre estive aqui
Me levando quando eu não tinha mais forças
Sempre estive aqui
Era Ele a razão que me fez insistir
De dia, de noite, de madrugada, Deus sempre estive aqui*

“O SENHOR estava com José, por isso ele era bem-sucedido em tudo que fazia [...]” (GÊNESIS, 39:2).

LISTA DE SIGLAS

ABRA GAGUEIRA – Associação Brasileira de Gagueira

AD - Análise do Discurso de linha francesa

AIE- Aparelhos Ideológicos de Estado

ARE - Aparelhos Repressores do Estado

AVC - Acidente Vascular Cerebral

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CCBS - Centro de Ciências Biológicas e Saúde

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética

CP - Condições de Produção

CT&I - Ciência, Tecnologia e Inovação

DIAG - Dia Internacional de Atenção à Gagueira

FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco

FD - Formação Discursiva

FI - Formação Ideológica

Fim - Formações imaginárias

GEAG - Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira

GEPAD - Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso

IC - Iniciação Científica

IES - Instituição de Ensino Superior

IFA - Associação Internacional de Fluência

ISA - Associação Internacional de Gagueira

PPGCL - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

PT - Plano Temporal

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

UPE - Universidade de Pernambuco

RESUMO

Na literatura de estudos da gagueira há tratados que se concentram nos aspectos biológicos, neurológicos e genéticos, mais especificamente, no sintoma do corpo de cada paciente, sua anatomia e fisiologia, determinando-a como uma patologia sem cura. Em contrapartida, existem postulações que se debruçam sobre os sujeitos em sua amplitude, não deixando de considerar a sua linguagem. Diante disso, a presente tese propõe o estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva, pois o sujeito, a linguagem, bem como a ideologia, a história e os sentidos devem ser pensados em movimento. Consideramos que no funcionamento discursivo, composto pelas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), ocorre a instauração das formações Ideológicas (FI), comportando as formações discursivas (FD) interligadas. Nesse sentido, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo, onde as formações imaginárias, unidas às CP, com atuação de fatores *biopsicossociais*, constituem a FD de *sujeitos-gagos* e posição discursiva de *sujeitos-gagos*, produzida tendo em vista a relação de forças, sentidos e antecipação e, como efeitos, temos a materialização de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos. A partir desse paradigma, como objetivo geral, analisamos o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns. O nosso trabalho aplicou-se em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns, como atenção básica à saúde e educação. Logo, no que tange à interiorização, visamos ao crescimento de recursos humanos e às atividades de pesquisas no estado de Pernambuco. E, nesse enquadramento, buscamos apoiar, ressignificando e fortalecendo o processo de mudanças de atitudes, mostrando, por exemplo, que a fluência é disfluente, nas diversas situações discursivas em seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais. Para tanto, analisamos o discurso dos sujeitos tendo como marco teórico-metodológico a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel de Pêcheux, na França e, discutida no Brasil, por autores como Eni Orlandi e seguidores. Dessa maneira, a análise do *corpus* foi realizada, tendo em vista as concepções teórico-metodológicas da AD. A pesquisa foi de natureza qualitativa, com observação participante, porque viabiliza uma relação entre o mundo e os sujeitos envolvidos. Trata-se de um estudo longitudinal, investigando um processo de mudanças ao longo do tempo. A partir disso, procedemos com os recortes discursivos, eleitos tendo em vista marcas linguístico-discursivas de quatro participantes dos Grupos de Extensão/Apoio, sendo dois do GEAG/UNICAP e dois da UPE/Campus Garanhuns. Em seguida, efetuamos o conjunto de quatro sequências discursivas (*corpus* discursivo). Assim, ao longo das análises, percebemos a contra-identificação e desidentificação na forma-sujeito (contestações e transformação) na FD de *sujeito-gago* e sua posição discursiva de *sujeito-gago*, assumindo-se na FD de *sujeito-fluente* e, respectivamente, nova posição discursiva de *sujeito-fluente*. Ao final, esperamos que o viés discursivo, que inclui o sujeito e a linguagem, contribua para iluminar os estudos em relação à gagueira e seus desdobramentos em grupos como espaço de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Palavras-chave: Gagueira, Grupos de Extensão/Apoio, Interiorização, Mudança de Posição Discursiva, Análise de Discurso (AD).

ABSTRACT

In the literature of stuttering studies, on the one hand, there are treaties that focus on biological, neurological and genetic aspects, more specifically, on the symptom of each patient's body, its anatomy and physiology, determining it as pathology without cure. On the other hand, there are postulations that focus on the subjects in their breadth, always considering your language. In view of this, the present thesis proposes the study of stuttering under the discursive perspective, because the subject, the language, as well as the ideology, the history and the senses must be thought in movement. Because in the discursive functioning, composed by the imaginary formations, linked to the production conditions, there is the establishment of ideological formations (FI), comprising interconnected discursive formations (FD). In this sense, we infer that stuttering is related to the discursive space, where the imaginary formations, united to the CP, with the performance of biopsychosocial factors, constitute the FD of subjects who stutter and the discursive position of subjects who stutter, produced considering the relation of forces, senses and anticipation and, as effects, we have the materialization of pauses, blocks, hesitations and/or prolongations. From this paradigm, as a general objective, we were able to analyze the process of changing the discursive position of the subject-stutterer to the fluent subject in Extension/Support Groups in Recife and Garanhuns. Our work was applied in extensions groups, support of Recife and Garanhuns, as basic attentions to education and health. Therefore, in reference of interiorization, we want the growth human resources and the activity of research in the State of Pernambuco. And in this situation we were helping, resignifying and giving force the process of changing of attitudes, showing for example, that the fluency is disfluent, in several discursive situation, in their respective context socio-historical-cultural. To do so, analyze or discuss the subjects having the Discourse Analysis (AD) as a theoretical and methodological framework, founded by Michel de Pêcheux, in France and discussed in Brazil, by authors such as Eni Orlandi and followers. In this way, the analysis of the *corpus* was carried out, considering the theoretical and methodological conceptions of AD. A research was of a qualitative nature, with participant observation, because it makes possible a relationship between the world and the subjects involved. It is linked to this, a longitudinal study, investigating a process of changes over time. From this, we proceeded with the discursive clippings, elected in view of linguistic-discursive marks, of four participants of the Extension/Support Groups, two from GEAG/UNICAP and two from UPE/Campus Garanhuns. Thus, we carried out the set of four discursive sequences (discursive *corpus*). So, throughout the analysis, we perceive the counter-identification and disidentification in the subject-form (contestations and transformation) in the *subject-stutterer's FD* and his subject-stutterer's discursive position, assuming himself in *the fluent subject-FD* and, respectively, a new *subject-stanking position fluent*. In the end, we hope that the discursive bias, which includes the subject and language, will contribute to illuminate studies in relation to stuttering and its consequences in groups such as the Teaching, Research and Extension.

Keywords: Stuttering, Extension/Support Groups, Interiorization, Changing the discursive position, Discourse Analysis (AD).

RESUMEN

En la literatura de los estudios de tartamudeo, por un lado, hay tratados que se centran en aspectos biológicos, neurológicos y genéticos, más específicamente, en los síntomas del cuerpo de cada paciente, su anatomía y fisiología, determinando que es una patología sin cura. Por otro lado, hay postulaciones que se centran en los temas en su amplitud, mientras consideran su lenguaje. En vista de esto, la presente tesis propone el estudio de la tartamudez desde una perspectiva discursiva, ya que el sujeto, el lenguaje, así como la ideología, la historia y los sentidos deben pensarse en movimiento. Ya que en el funcionamiento discursivo, compuesto de formaciones imaginarias (Fim), vinculado a las condiciones de producción (CP), existe el establecimiento de formaciones ideológicas (FI), que comprenden formaciones discursivas (FD) interconectadas. En este sentido, inferimos que la tartamudez está relacionada con el espacio discursivo, donde las formaciones imaginarias, unidas a las CP, con el desempeño de factores biopsicosociales, constituyen la FD de los sujetos que tartamudean y la posición discursiva de los sujetos que tartamudean, producida considerando la relación de fuerzas, sentidos y anticipación y, como efectos, tenemos la materialización de pausas, bloqueos, vacilaciones y/o prolongaciones. Desde este paradigma, como objetivo general, pudimos analizar el proceso de cambio de la posición discursiva del sujeto-tartamudo a sujeto-fluido en los Grupos de Extensión/Apoyo de Recife y Garanhuns. Nuestro trabajo se aplicó en grupos de Extensión/Apoyo de Recife y Garanhuns, como atención primaria de salud y educación. Por lo tanto, con respecto a la interiorización, apuntamos al crecimiento de los recursos humanos y las actividades de investigación en el departamento de Pernambuco. En este contexto, hemos estado apoyando, reformulando y fortaleciendo el proceso de cambio de actitudes, mostrando, por ejemplo, que la fluidez no es fluida, en las diferentes situaciones discursivas en sus respectivos contextos socio-históricoculturales. Para hacerlo, analizamos el discurso de los sujetos teniendo como marco teórico-metodológico el Análisis del Discurso (AD), fundado por Michel de Pêcheux, en Francia, y discutido en Brasil, por autores como Eni Orlandi y sus seguidores. De esta manera, se realizó el análisis del *corpus*, basadas en las concepciones teóricas y metodológicas de la DA. La investigación fue de naturaleza cualitativa, con observación participante, porque permite una relación entre el mundo y los sujetos involucrados. Vinculado a esto, un estudio longitudinal, investigando un proceso de cambios a lo largo del tiempo. A partir de esto, procedimos con los recortes discursivos, elegidos en vista de las marcas lingüísticas-discursivas, de cuatro participantes de los Grupos de Extensión/Apoyo, dos de GEAG/UNICAP y dos de UPE/Campus Garanhuns. Así, llevamos a cabo el conjunto de cuatro secuencias discursivas (*corpus* discursivo). Por lo tanto, a lo largo del análisis, percibimos la contraidentificación y la desidentificación en la forma-sujeto (dcontestaciones y transformación) en la FD del *sujeto-tartamudo* y su posición discursiva del *sujeto-tartamudo*, asumiendo en la FD del *sujeto-fluido* y, respectivamente, una nueva posición discursiva de *sujeto-fluido*. Al final, esperamos que el sesgo discursivo, que incluye el sujeto y el lenguaje, ayude a iluminar los estudios en relación con la tartamudez y sus consecuencias en grupos como el espacio de Enseñanza, Investigación y Extensión.

Palabras clave: Tartamudeo, Grupos de Extensión /Apoyo, Interiorización, Cambio de Posición Discursiva, Análisis del Discurso (AD).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – O chamado aparelho fonador.....	44
Figura 2 – As três regiões do saber.....	54
Figura 3 – O nó borromeano.....	60
Figura 4 – A constituição do sujeito para a AD.....	61
Figura 5 – A representação do processo de funcionamento discursivo.....	63
Figura 6 – A constituição do discurso para a AD.....	68
Figura 7 – As FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso nas tramas do dizer.....	83
Figura 8 – A representação das posições discursivas de <i>sujeito-gago</i> e <i>sujeito-fluente</i> , circunscritos na FD de <i>sujeito-gago</i> e FD de <i>sujeito-fluente</i>	84
Figura 9 – A gagueira sob a perspectiva discursiva.....	95
Figura 10 – A identificação da gagueira pela posição discursiva de <i>sujeitos-gagos</i>	99

QUADROS

Quadro 1 – Diferenças e deslocamentos entre os posicionamentos de Marx, Althusser e Pêcheux frente à ideologia.....	70
Quadro 2 – Relação entre descrição e interpretação na análise discursiva.....	120
Quadro 3 – O Sujeito Antônio.....	127
Quadro 4 – O Sujeito Beatriz.....	128
Quadro 5 – O Sujeito Caio.....	128
Quadro 6 – O Sujeito Davi.....	129
Quadro 7 – Distinção entre marca (traço) e propriedade discursiva.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
<u>1º CAPÍTULO</u> – GAGUEIRA – PRINCIPAIS DISCUSSÕES TEÓRICAS: ENTRETECENDO DISCURSOS SOBRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS.....	26
1.1. Estudos que apontam o sintoma manifesto.....	27
1.2. Construtos que veem o sujeito em sua amplitude.....	39
<u>2º CAPÍTULO</u> – ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD) – GESTOS DE LEITURA NA CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO: “TRATANDO DOS FATOS DE LINGUAGEM E SUA MATERIALIDADE DISCURSIVA”.....	51
2.1. A instauração arquitetônica da AD.....	52
2.2. A noção de língua(gem) e a constituição do sujeito.....	56
2.3. O funcionamento discursivo e as formações imaginárias (Fim) nas condições de produção (CP) dos sujeitos-interlocutores.....	63
2.4. A ideologia, a formação ideológica (FI), a formação discursiva (FD) e o discurso.....	65
2.5. A concepção de memória discursiva e/ou interdiscurso (memória social): designações teóricas.....	71
2.6. A maneira como a forma-sujeito constitui a posição-sujeito: implicações na formulação discursiva.....	74
2.7. A política do silêncio ou silenciamento no discurso.....	77
2.8. O processo de identificação, contra-identificação e desidentificação nas FD dos sujeitos.....	79
<u>3º CAPÍTULO</u> – A GAGUEIRA SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA: UMA RELAÇÃO DIRETA COM AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DOS SUJEITOS,	

ATRELADAS ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO.....	88
4º CAPÍTULO – OS GRUPOS DE EXTENSÃO/APOIO A PESSOAS QUE GAGUEJAM: “... A ARTE DE VIVER E CONVIVER”.....	104
4.1. O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) na UNICAP.....	107
4.1.1. Estratégias, metas e metodologia de ação e avaliação.....	110
4.1.2. Processo de avaliação dos sujeitos.....	111
4.2. O Grupo de Extensão/Apoio na UPE/Campus Garanhuns.....	112
4.2.1. Normas de funcionamento para os encontros do Grupo de Apoio.....	114
5º CAPÍTULO – PERCURSO METODOLÓGICO: “... A OBRA VERDADEIRA CONSISTE NÃO EM SUA FORMA DEFINITIVA, MAS NA SÉRIE DE APROXIMAÇÕES PARA ATINGI-LA”.....	117
5.1. Análise do Discurso (AD) – Dispositivo/Procedimento de análise: <i>uma Disciplina de interpretação</i>	118
5.2. Pesquisa qualitativa.....	122
5.2.1. Observação participante.....	123
5.3. Seleção dos sujeitos.....	124
5.4. Coleta de dados.....	125
5.4.1. Perfil dos sujeitos: narrativas autobiográficas.....	127
5.5. Base da análise: recortes, marcas linguístico-discursivas, noções operatórias da AD e sequências discursivas (constituição do <i>corpus</i>).....	129
5.6. Considerações éticas.....	134
6º CAPÍTULO – O PROCESSO DE MUDANÇA DE POSIÇÃO DISCURSIVA DE SUJEITO-GAGO PARA SUJEITO-FLUENTE EM GRUPOS DE EXTENSÃO/APOIO DE RECIFE E GARANHUNS.....	136
6.1. Análises do <i>corpus</i>	136

6.1.1. Discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos.....	137
6.1. 2. Elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos.....	160
6. 1. 3. A posição discursiva de <i>sujeito-gago</i> em grupos.....	175
6. 1. 4. A posição discursiva de <i>sujeito-fluente</i> em grupos.....	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS	236
REFERÊNCIAS	244
APÊNDICES	258
Convite para Grupo de Extensão/Apoio.....	259
Ficha individual.....	260
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	261
Perfil dos sujeitos.....	262

INTRODUÇÃO

Para que a escrita seja legível, é preciso dispor os instrumentos, exercitar a mão, conhecer todos os caracteres. Mas, para começar a dizer alguma coisa que valha a pena, é preciso conhecer todos os sentidos desses caracteres, ter experimentado em si próprio todos esses sentidos e ter observado no mundo e no transmundo todos os resultados dessas experiências (CLARICE LISPECTOR).

Sabidamente, existe a necessidade de maiores informações e esclarecimentos em relação à gagueira, tema esse, que ao ser tratado na FD *de sujeito-gago*, tem ressonando como doença, acarretado prejuízos na posição discursiva de *sujeitos-gagos*, no contexto social, familiar e escolar desses sujeitos. Diante dessa realidade, constatamos que desde a mais tenra idade, até os dias atuais, ainda há muito preconceito e desconhecimento. Isso porque, enquanto falantes, somos situados historicamente e inscritos nas formações discursivas (FD)¹, que disseminam na comunidade, em grupos, suas crenças, valores culturais, sociais, exigindo um sujeito falante sem pausas, prolongamentos, hesitações ou repetições na fala, na maioria das vezes, por desconhecer a instabilidade da fluência, que é disfluente.

Em decorrência disso, além de se cobrarem muito, formam uma *imagem estigmatizada de falante*, porque estão circunscritos em uma *ideologia do bem falar*². A sociedade, assim, inscreve-o numa suposta fala perfeita, onde essa FD ignora a linguagem desses falantes e até interfere nela, não admitindo erros, cobrando uma fluência absoluta na fala, sem deslizos, erros e/ou falhas. Considerando essa argumentação, passamos a utilizar a expressão *sujeito-gago*, com hífen, uma vez que compreendemos que ele foi constituído ideologicamente, assumindo uma *imagem de mal falante*, ainda na infância, e está nessa FD (de *sujeito-gago*). Entretanto, só com o passar do tempo, começam a viver a fase de contra-identificação (questionar, ter dúvidas em

¹ - Esse termo é uma das principais concepções da Análise de Discurso de linha francesa (AD), portanto, no segundo capítulo, tanto essa como outras noções operatórias, serão devidamente explicadas. A partir dos estudos de Pêcheux (1988), Orlandi (1996; 2013), Leandro Ferreira (2001) e Indurky (2011a).

² - Tal ideologia perpassa o imaginário social do cotidiano e sustenta relações de comunicação em que trechos de fala disfluente não são reconhecidos como linguagem (FRIEDMAN, 1994).

relação a dizeres anteriores). Logo, experimentam a desidentificação (rompimento e transformação), inscrevendo-se na FD de *sujeito-fluente*, entendendo que pausas, prolongamentos e/ou bloqueios fazem parte do processo natural de linguagem. E, na prática, passam a ocupar e sustentar a posição discursiva de *sujeitos-fluentes*, não se cobrando mais, porque a gagueira é vista como algo natural.

Diante das questões, postas, até então, no ano de 2014, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - PPGCL/UNICAP, curso de Mestrado, linha de pesquisa: “Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações”, a leitura das pesquisas da nossa orientadora causou grande impressão, conduzindo-nos a rever o projeto e começar a participar das sessões do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG). Nesse espaço, encontramos sujeitos com queixas quanto ao mal que a gagueira lhe causava. Problema esse, que nos fez crescer, também, identificado na FD de *sujeito-gago*, no decorrer da infância, adolescência, até a juventude. Mas, ao longo das sessões reflexivas no GEAG, passamos a entender que não existe fluência absoluta, ideal. No processo de linguagem, o conteúdo a dizer-se é o mais importante na interação, o que possibilita deslizamentos de sentidos aos nossos interlocutores. Sem demora, passamos a questionar dizeres sociais que reforçam *a ideologia do bem falar* e alimentam gradativamente *um falante fluente idealizado*, formulando discursos, que estão identificados com a ideia de *fluência absoluta* e de gagueira como sinônimo de incapacidade e impossibilidade.

Dessa constituição, não nos vimos mais na posição discursiva de *sujeito-gago*, oprimido e/ou silenciado, porque foi constatado que devemos simplesmente ser entendidos pelos outros. E o ideal é simplesmente falar, posicionando-se sempre nas várias situações discursivas, compreendendo e fazendo-se compreender. Sendo assim, em nossa dissertação de Mestrado, intitulada: “A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva”, o desafio a que nos propusemos foi o de estudar a gagueira sob a perspectiva discursiva. Assim, nesse processo, internalizamos que a fluência é sempre relativa e a gagueira faz parte do

processo natural de linguagem, conseqüentemente, procurando ajudar outros sujeitos a ver que é possível, sim, mudar de posição discursiva de *sujeito-gago*. A partir do momento que passarmos a questionar a *FD de sujeito-gago*, identificando-nos (forma-sujeito) na *FD de sujeito-fluente*. E, com isso, assumindo a posição discursiva *de sujeito-fluente*, entendendo que o mais importante no processo de funcionamento discursivo é nos fazermos compreender por nossos pares sociais (SILVA, 2016, grifos do autor).

Consideramos que na Fonoaudiologia há uma grande concentração de estudos dos distúrbios da linguagem, apontando para uma visão do sintoma. A gagueira apresenta-se como uma manifestação que se dá no plano do corpo, ora sinalizando para tensão muscular, alteração na respiração, na produção de fala, ou ainda, como formação genética. O foco está, especificamente, na doença, no sintoma do corpo de cada paciente, sua anatomia e fisiologia. Diante disso, afastamo-nos de postulados que restringem a gagueira ao campo patológico, assumindo a possibilidade de refletirmos sobre uma proposta de trabalho que leva em consideração o sujeito em sua amplitude. Bem como o sentido, a história e a ideologia, como elementos indissociáveis na constituição do discurso desse sujeito. Acreditamos que sujeito e linguagem constituem-se mutuamente e, com isso, evidenciamos a mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*. Fazendo-os notar que possuem fluência e na prática, apoiá-los no enfrentamento das diversas instâncias do funcionamento discursivo. Nesse sentido, o estudo da visão discursiva para sujeitos com gagueira, em Grupos de Extensão/Apoio, torna-se particularmente interessante pela possibilidade de estamos priorizando o funcionamento da linguagem, permitindo-nos compreender que não existe fluência absoluta/ideal, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada pelo equívoco, pela falta e que esse sujeito é capaz de produzir qualquer significante (AZEVEDO, 2006). Em virtude disso, resolvemos estabelecer uma continuidade, agora, com nossa tese de doutorado. Para tanto, ao assumirmos a posição de autoria, configuramo-nos como:

- 1) Sujeito que já foi identificado à *FD de sujeito-gago*, mas mudou de posição discursiva e hoje se vê como *sujeito-fluente*, com momentos de disfluência, que já não se constituem como um problema;

2) Sujeito professor/pesquisador da gagueira junto à sua orientadora de doutorado, bem como à sua coorientadora, quando, sendo analistas do discurso, temos um interesse em comum: o estudo aprofundado da gagueira sob a ótica discursiva, olhando o distúrbio em Grupos de Extensão/Apoio, propiciando, então, autenticidade e ineditismo.

Nessa tessitura, circunscrevemos essa tese, como um trabalho que versará, basicamente, dando atenção à saúde e educação. Propomos o estudo da gagueira sob o prisma discursivo, em Grupo de Extensão/Apoio, “que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem e vê a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva” (AZEVEDO, 2000, p.118). Portanto, não trata a gagueira como uma doença passível de cura. Mas, ao contrário, compreendemo-la como um distúrbio da ordem do discurso, apresentando uma relação direta com os interlocutores, suas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), em suas relações de força, sentido e antecipação. Na prática, caracterizada pela ocorrência da repetição de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (AZEVEDO, 2000; 2006; 2015; PETRUSK, 2013; CAVALCANTI, 2016; SILVA, 2016; 2017; 2019).

Em meio a todo esse contexto, nasceu a seguinte pergunta de pesquisa:

- 1) Nos trabalhos em Grupos de Extensão/Apoio, a partir da perspectiva discursiva, como se dá o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* (considerando a fluência como relativa)?

Tal inquietação surgiu após concluirmos as pesquisas do mestrado e deram origem a esta tese de doutoramento. Desse modo, em busca de respondermos à questão mencionada, traçamos como objetivo geral: analisar o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos: 1) Investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos; 2) Identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos; 3) Discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos; 4) Discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-fluente* em grupos.

Portanto, tendo em vista a delimitação das nossas inquietações iniciais, bem como questões e objetivos de pesquisa. Defendemos, então, que ao estudarmos a gagueira sob a perspectiva discursiva, podemos afirmar que existe uma mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*.

A partir desse momento, na intenção de melhor situar os leitores, mostraremos como esta construída nossa tese: a “Introdução”, sendo o ponto de partida, proporcionando-nos uma ideia de onde nascem as reflexões construídas ao longo de toda a produção. Assim, justificamos nossa pesquisa, enquanto sujeitos/professores/pesquisadores que desejam conhecer mais sobre o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio. Visamos possibilitar melhores intervenções/práticas linguísticas e fonoaudiológicas, a partir da AD, enquanto procedimento teórico-metodológico, como instrumento de ampliação do conhecimento entre os professores, linguistas, fonoaudiólogos, médicos e psicólogos.

Diante disso, a tese está composta de seis capítulos: no primeiro capítulo: “Gagueira – principais discussões teóricas: entretecendo discursos sobre concepções e práticas”, percorremos uma trajetória em torno das fundamentações teóricas sobre a gagueira, pois quem defende uma teoria, revela um paradigma. Ou seja, nos itens: “1.1. Estudos que apontam o sintoma manifesto”, em relação a outros que postulam; “1.2. Construtos que veem o sujeito em sua amplitude”, de modo que, revelamos que os teóricos, cada qual a seu modo, defendem suas postulações discursivas.

No segundo capítulo: “Análise do Discurso de Linha Francesa (AD) – gestos de leitura na constituição do discurso: “tratando dos fatos de linguagem e sua materialidade discursiva”, procuramos fundamentar a abordagem teórica deste trabalho, bem como apresentamos, em oito seções; as concepções que serão mobilizadas, nessa composição discursiva: “2.1. A instauração arquitetônica da AD”; “2.2. A noção de língua(gem) e a constituição do sujeito”; “2.3. O funcionamento discursivo e as formações imaginárias (Fim) nas condições de produção (CP) dos sujeitos-interlocutores”; “2.4. A ideologia, a formação ideológica (FI), a formação discursiva (FD) e o discurso”; “2.5. A concepção de memória discursiva e/ou interdiscurso (memória social):

designações teóricas”; “2.6. A maneira como a forma-sujeito constitui a posição-sujeito: implicações na formulação discursiva”; “2.7. A política do silêncio ou silenciamento no discurso” e “2.8. O processo de identificação, contra-identificação e desidentificação nas FD dos sujeitos”. Nesse batimento, contextualizando-as e tecendo discursivamente tais noções operatórias, para então, responder a questão proposta de pesquisa, bem como conseguirmos atingir nossos objetivos de estudo.

Posteriormente, no terceiro capítulo: “A gagueira sob a perspectiva discursiva: uma relação direta com as formações imaginárias dos sujeitos, atreladas às condições de produção do discurso”, ao debruçarmo-nos sob essa ótica, constatamos uma possibilidade teórico-terapêutica em Grupos de Extensão/Apoio. Podendo possibilitar aos profissionais de diferentes áreas outras como: Linguística, Fonoaudiologia, Educação, Psicologia, Medicina e ciências afins, a compreensão a respeito desse trabalho analítico em grupos sob uma nova perspectiva.

No quarto capítulo: “Os Grupos de Extensão/Apoio a pessoas que gaguejam: “...A arte de viver e conviver”, apresentamos, inicialmente, desde 2007, “O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) na UNICAP”, que dividimos assim: “4.1.1. Estratégias, metas e metodologia de ação e avaliação” e “4.1.2. O processo de avaliação dos sujeitos”. E, em 2019, “O Grupo de Extensão/Apoio na UPE/Campus Garanhuns”, mostrando através do item: “4.2.1. Normas de funcionamento para os encontros do Grupo de Apoio”. Dessa maneira, revelamos as suas respectivas constituições e desdobramentos, como espaços de ensino, pesquisa e extensão, promovendo atendimento, apoio, significação e ressignificação nos discursos de mudança de posição discursiva de *sujeitos-gagos* para *sujeitos-fluentes*.

No quinto capítulo: “Percurso metodológico: “...a obra verdadeira consiste não em sua forma definitiva, mas na série de aproximações para atingi-la”, explicamos que a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias, porque está sempre referindo-a no sentido generoso de refletir sobre a articulação entre conteúdos e pensamentos, visando assim, a uma prática bem articulada e consistente. Para que isso seja possível, construímos as seguintes seções: “5.1. Análise do Discurso (AD) – Dispositivo/Procedimento de análise:

uma Disciplina de interpretação”; “5.2. Pesquisa qualitativa”; o subitem; “5.2.1. Observação participante”; “5.3. Seleção dos sujeitos”; “5.4. Coleta de dados”; “5.4.1. Perfil dos sujeitos: narrativas autobiográficas”; “5.5. A base da análise: recortes, marcas linguístico-discursivas, noções operatórias da AD e sequências discursivas (constituição do *corpus*)” e “5.6. Considerações éticas”. Procurando, nesse batimento discursivo, revelar os caminhos a serem percorridos desde a teoria, para então, atingirmos os desafios da prática analítico-discursiva.

E, por fim, no sexto capítulo: “O processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns”. Apresentamos os respectivos resultados do nosso estudo, quer dizer, “6.1. Análises do *corpus*”; em seus subitens: “6.1.1. Discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos”; “6.1. 2. Elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos”; “6. 1. 3. A posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos” e “6. 1. 4. A posição discursiva de *sujeito-fluente* em grupos”. Para isso, fundamentamo-nos em conceitos teórico-analíticos da AD, criada por Pêcheux, na França e, desenvolvida por Orlandi e outros estudiosos no Brasil. Sendo assim, consideramos que essa pesquisa, pela relevância da perspectiva discursiva, acarretará num impacto científico. Seus achados vêm enriquecer a literatura, a prática discursiva e fonoaudiológica, a partir dessa nova visão, uma vez que ainda há carência de investigações sobre o supracitado estudo no Brasil.

1º CAPÍTULO – GAGUEIRA – PRINCIPAIS DISCUSSÕES TEÓRICAS: ENTRETECENDO DISCURSOS SOBRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

Na época dos romanos, os gogos eram exibidos em jaulas e por uma moeda, eram forçados a falar para a diversão dos que os assistiam. Hoje, somos muito mais civilizados: rimos deles nas histórias em quadrinhos, no cinema, no rádio e na televisão (VAN RIPER).

Desde os tempos mais remotos até os dias atuais, as discussões em torno da gagueira engendram polêmicas entre diferentes públicos, porque tem revelado que ainda existe muito preconceito e desinformação sobre a temática em debate. Em estudo recente, Rocha (2015, p.11) aponta que “5% da população apresenta gagueira em algum momento de suas vidas – isso representa quase dez milhões de brasileiros”. Nessa conjuntura discursiva, Azevedo (2019a) afirma com dados atuais do IBGE, que esse número supera a população das cidades do Rio de Janeiro e Brasília juntas. Com isso, a prevalência da gagueira é de 1% na população, onde cerca de 2 milhões e 100 mil brasileiros gaguejam de forma crônica, ou seja, esse número é maior do que a população de Curitiba, Recife ou Porto Alegre.

Nesse contexto, ao longo da história, as abordagens de cada pesquisador vêm sendo desenvolvidas e fixadas em perspectivas teóricas, ganhando sentidos nos seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais. Dessa forma, de acordo com Oliveira e Friedman (2006), “cada clínico que defende uma teoria sobre a gagueira, revela invariavelmente o paradigma³ que sustenta essa escolha, porque este lhe impõe uma moldura” (OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006, p.01). Em outras palavras, ao longo das leituras, de um lado, constatamos que existem estudiosos, concentrando suas pesquisas no âmbito dos sintomas. No entanto, há outros que se debruçam sobre a esfera do sujeito e sua linguagem. Por isso, é relevante expormos, aqui, algumas filiações que a partir da materialização de seus discursos, revelam seus correspondentes posicionamentos.

³ - Vemos que a clínica fonoaudiológica da gagueira, se alinha sob o efeito de dois paradigmas científicos: o cartesiano-positivista e o histórico-dialético (OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006).

É sobre essa temática que trataremos neste primeiro capítulo, procurando entender que quando assumimos uma determinada posição, devemos atentar para as concepções nela contidas, pois na literatura fonoaudiológica, identificamos profissionais vinculados a diferentes *escolas*, sustentando a partir de um corpo de crenças, suas práticas clínicas. Assim sendo, tencionando conhecermos um pouco mais sobre as diferentes filiações, decidimos dividir os estudos em dois grandes grupos: os que focam na gagueira, tendo em vista o sintoma manifesto e, os que veem o sujeito em sua amplitude, considerando o sentido, a história e a ideologia, como elementos indissociáveis na constituição do seu discurso.

1.1. Estudos que apontam o sintoma manifesto

O sintoma se impõe à nossa atenção como uma questão importante. Acompanha-se de intenso sofrimento subjetivo e como fato objetivo, ameaça a vida em comum de uma família [...] (FREUD, [1917] [1976], p. 296-297).

Ao seguirmos a primeira perspectiva, inicialmente, notamos que “o sintoma tem uma matriz individual e pode também estar em íntima conexão com o comum para todos, que podemos ler como seu aspecto de manifestação social” (GINDRO, 2016, p. 110). Dessa maneira, a questão dos sintomas é vista como algo, especificamente, individual de cada sujeito-paciente, em que os especialistas em gagueira acabam privilegiando, na grande maioria das vezes, “a noção de sujeito orgânico e focaliza-se o sintoma no corpo, abordando-o a partir da anatomia e da fisiologia” (PIRES; FRIEDMAN, 2012, p.06).

Delineando sua composição teórica, nessa teia discursiva, observamos Wendell Johnson (1955), sujeito que se via como gago desde a sua infância. Para ele, o problema não está no cérebro, na biologia, mas no comportamento aprendido, isto é, a gagueira não começaria na boca da criança, mas no ouvido dos pais. Esse fato tornou-se algo obsessivo, porque quando tinha falado normalmente até os cinco ou seis anos, um professor disse a seus pais que ele estava começando a apresentar a gagueira. Ao discorrer sobre aspectos biográficos do mencionado teórico, Gretchen Reynolds (2003) afirma que ele

tinha uma gagueira acentuada, deixando-o muitas vezes sem fala. Sua pouca habilidade para falar o impeliu em direção à escrita e à literatura, e também desenvolveu nele um pendor para o humor burlesco, que o ajudava a se manter popular, apesar do silêncio. Mais tarde, segundo relatos dos sujeitos da pesquisa e registros históricos, para o pesquisador dar continuidade às suas ideias, procurou atrelar a gagueira a fatores externos e não às causas pessoais ou emocionais do ser humano.

Para isso, também instituiu um grupo composto por seis crianças, objetivando estudá-las. Desse modo, recrutou algumas crianças fluentes em um orfanato, para que, ao serem rotuladas como gagas, pudessem adquirir gagueira. O autor desejava provar que a gagueira poderia ser trazida à tona em crianças não-gagas, mostrando, assim, que se tratava de um comportamento aprendido. O estudo fora pensado por Johnson, mas desenvolvido por sua discípula, Mary Tudor, que para realizar exatamente esse experimento, estudaria se as crianças fluentes poderiam adquirir gagueira, caso, fossem rotuladas de gagas.

Todas as crianças deste grupo sofreram mudanças comportamentais evidentes, mudanças que lembravam muito as reações de inibição, suscetibilidade e embaraço encontradas em muitos adultos com gagueira em relação à sua fala. Houve uma tendência clara de as crianças se tornarem menos falantes. Durante as sessões as crianças balançavam os pés, falavam baixo, contorciam as mãos, engoliam seco, respiravam com dificuldade e colocavam a mão sobre a boca. Elas agiam como se tivessem gagueira, mas falavam perfeitamente bem (REYNOLDS,2003, p.39).

Podemos observar quão desastrosos foram os resultados desse experimento na vida de tais crianças que serviram como verdadeiras *cobaias* para comprovações científicas, insistindo numa perspectiva que prioriza apenas a gagueira e seus sintomas. Deixa-se, assim, totalmente à deriva o sujeito em meio aos seus conflitos provocados pelo problema. Após 80 anos, ainda, ao lermos notícias em jornais e periódicos científicos, sobre tal estudo, certamente, ficaremos espantados, entre tantas coisas, sobre a ética na ciência, a fragilidade das crianças e o ego de homens possuídos por uma obstinação.

Suas ideias mirabolantes causaram grandes sequelas, não apenas nas seis crianças postas em posição de total desumanidade. Mas também naquela população em 1939, repercutindo até nos dias atuais “como um dos estudos mais antiéticos da história da ciência”. Posteriormente, a estudiosa elaborou e publicou o dossiê no “*The New York Times*” (REYNOLDS, 2003, p. 36). Portanto, ao entender que os pesquisadores, naquele momento, tentaram induzir gagueira em órfãos, submetendo-os à pressão psicológica, pretendendo provar que o problema era um comportamento aprendido, a corte de Iowa determinou, em 2007, que o estado pagasse uma indenização às vítimas do denominado “*Estudo Monstro*”⁴.

Ao trazermos à baila Charles Van Riper (1982), observamos que o autor descreve a gagueira e propõe sua terapêutica, numa abordagem positivista⁵, na área da Psicologia Experimental, prescrevendo a gagueira ao nível articulatório, concebido por ele como ato motor. Sendo assim, em “*The nature of stuttering*” (*A natureza da gagueira*) (1982, p.01), afirma que “a gagueira é um enigma, um quebra-cabeça complicado, multidimensionado, com muitas peças ainda faltando”. Segundo o estudioso, esse fato está atrelado à situação de a gagueira ocorrer quando o fluxo da fala é interrompido pela ruptura motora de um som, sílaba, palavra quebrada ou pelas reações do falante. Quanto à definição exata da gagueira, sempre trouxe dificuldade. Isso porque a única pessoa que sabe o que é realmente a gagueira é o próprio gago (VAN RIPER, 1982).

Nesse vigamento, o estudioso, também, se interessa em descrever a gagueira e faz um delineamento nos seus estudos, procurando separar os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos. *A priori*, os comportamentos expressos, referem-se às situações em que há repetições, bloqueios e prolongamentos, onde essas reações aparecem como sintomas

⁴ - Ficou assim conhecido por seus métodos e teoria que os pesquisadores queriam provar: a gagueira seria um comportamento aprendido (através de condicionamento psicológico). Os resultados revelaram que nenhuma criança adquiriu gagueira, mas algumas se tornaram relutantes em falar, com comportamento inibido. Tal estudo lembra os experimentos nazistas com seres humanos (REYNOLDS, 2003).

⁵ - Os estudos propunham um controle dos sintomas e/ou comportamentos da gagueira, levando em consideração o método quantitativo. Direccionam-se para uma perspectiva que aceita o comportamento humano como sendo resultados de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando resultados definitivos (PETRUSK, 2013).

presentes no gago. *A posteriori*, com relação aos comportamentos encobertos, observamos que estão relacionados aos sentimentos, reações e atitudes de quem gagueja. Compreendemos, dessa forma, que esses, além de serem de difíceis definições, não propiciam uma objetividade necessária. Pensando a partir desse ponto de vista, Van Riper (1972) desconsiderava em suas discussões, a possibilidade de a gagueira ter alguma relação com a psicologia ou ser originária dela.

Nesse encadeamento, Van Riper (1973) na produção intitulada: *“The treatment of stuttering” (O tratamento da gagueira)*, apresenta-nos sua proposta terapêutica, informando que a gagueira não ultrapassa o estatuto de comportamento. A técnica denominada por ele de “gagueira fluente” propõe um controle dos sintomas/comportamentos da gagueira. Ao paciente, é dado o aprender de uma forma de gaguejar que seja livre de tensão, recompensada por manter-se bem socialmente. De maneira geral, essa proposta inclui, necessariamente, técnicas específicas para que o indivíduo mantenha-se fluente. E, atrelado a isso, diminua o medo de gaguejar, por meio de exercícios comportamentais, como por exemplo: anular a palavra gaguejada para, aos poucos, poder emitir com suavidade os fonemas que ele iria expressar. Todavia, na verdade ele está apenas corrigindo comportamentos e reduz a língua ao âmbito do comportamento verbal.

Ainda dentro dessas condições em *“On the end of his life” (No fim da sua vida)*, Van Riper ([1997] (2014)), aos 82 anos, escreve aos seus leitores, retratando os entraves da gagueira, mas em relação a isso, expõe suas muitas conquistas, afirmando:

Tive uma gagueira grave com longos bloqueios acompanhados por contorções faciais e espasmos, que não apenas provocavam a rejeição de meus ouvintes, como também tornou minha comunicação quase impossível. Uma vez, quando pedi uma moça em namoro, a resposta foi: Não estou tão desesperada assim. *Eu me senti não apenas sem ajuda, mas também sem esperança. Me sentia nu em um mundo cheio de facas. Pensei em suicídio e tentei uma vez, mas falhei nisso também.* Se uma cartomante tivesse previsto que eu iria ter uma vida maravilhosa e recompensadora, eu teria rido na cara dela, amargamente. Mas, a despeito da minha gagueira, ou talvez até por causa da minha gagueira, eu tive essa vida maravilhosa e recompensadora. Posso olhar para trás com um sentimento de realização. Tive um trabalho fascinante, sendo pioneiro de uma

nova profissão. Casei com uma mulher adorável, tive três filhos e nove netos; todos eles me deram o amor que eu ansiava, mas que nunca pensava que teria. Ganhei muito dinheiro com a venda dos livros que escrevi. Apareci no cinema, na TV e no rádio; proferi discursos para grandes plateias e ministrei palestras pelos Estados Unidos e em muitos outros países. Tive tudo o que eu quis e mais. Nesta minha idade avançada, posso dizer que estou satisfeito (VAN RIPER, [1997] (2014), p.03, grifo nosso).

Notamos que, apesar do intenso sofrimento gerado pela gagueira, chegando a afirmar que *se sentia nu em um mundo cheio de facas*, o autor dedicou-se com afinco aos estudos do problema. Conseguiu ir em frente, olhando para trás com um sentimento de realização, mesmo considerando-se, um *sujeito-gago* e, assim, como Johnson, falava a partir dessa posição. Em sua obra, demonstra estratégias utilizadas pelo sujeito que gagueja e os aspectos emocionais pelos quais ele (o sujeito) passa quando submetido a determinadas situações. Além disso, relata, ainda, que em determinadas circunstâncias, como, por exemplo, cantando, representando, falando sozinho, com crianças, animais, o sujeito-gago, não gagueja, uma vez que o sistema fonoarticulatório não se encontra alterado (PETRUSK, 2013).

Embora na maior parte dos casos a gagueira comece ao longo do processo de aquisição da linguagem, Simon (2005) acredita que o período relacionado a ela é também aquele em que a criança desenvolve rapidamente numerosas capacidades, em função de um ambiente particular. Segundo o autor, conhecer os riscos que uma criança corre de tornar-se gaga consistirá em avaliar os fatores que provocam nela mal-estar e tensões. Nesse ambiente, a intervenção sobre esses fatores deve ser um processo tão precoce quanto possível. Sendo assim, quando a criança gagueja, há vários anos, as características de uma fala gaguejada já estão fixadas, correndo-se o risco de aparecer comportamentos e sentimentos reativos que aumentarão progressivamente e levarão a uma gagueira que, em sujeito adulto, dará a ele um estilo de vida muitas vezes doloroso. Com isso, “tratar esse distúrbio precocemente em uma criança, mesmo que sua motivação nunca esteja tão presente quanto no adolescente ou no adulto, é absolutamente necessário” (SIMON, 2005, p. 361).

Durante o processo de aquisição da linguagem, Bohnen (2014) comenta ser comum a criança, por exemplo, apresentar a gagueira que usualmente inicia ao redor dos três anos de idade, quando as habilidades fonoarticulatórias são adquiridas e expandidas. Isso não é uma simples coincidência, pois há muitas conexões e interações entre o desenvolvimento da linguagem e a emergência da gagueira. Nesse trecho, com relação ao período de aparecimento e manutenção da gagueira, há uma convergência conforme alguns pesquisadores. Entre eles, de acordo com Azevedo (2006), o surgimento dá-se entre dois e seis anos de idade, em que os sintomas estão relacionados com as repetições de sílabas, palavras e prolongamentos de sons, sendo a causa o próprio processo de aquisição de linguagem. Além disso, precisamos entender, fundamentados em Friedman (2018a, s/p), que a gagueira não é uma doença, nem um defeito de fala e, nesse período, dos dois aos quatro anos, a dificuldade de falar é normal. No entanto, pode se tornar um problema quando a expectativa dos pais para que as crianças se expressem corretamente se mostra muito grande. E, na prática, exigir essa performance é precipitado e pouco justo com suas capacidades, de tal forma que, *“a repetição de palavras não deve ser reprimida, sob o risco de perdurar o resto da vida”* (FRIEDMAN, 2018a, s/p, grifos nossos).

É comum ouvirmos que nesse processo de aquisição da linguagem, a gagueira seja denominada de fisiológica, conhecida como a fase da gagueira natural ou do desenvolvimento por outros teóricos, havendo, portanto, uma divergência entre pesquisadores (AZEVEDO, 2006). Salientamos, dentro dessa consideração, a denominada gagueira idiopática ou do desenvolvimento⁶, que, para Andrade (2014, p.424), é definida como o resultado de uma disfunção do sistema nervoso central, com base genética. Em sua evolução, pode acarretar impactos psicológicos e mau ajustamento social, em decorrência de fatores pessoais e ambientais que ainda não foram suficientemente compreendidos. Esse modelo tem início na infância (em geral, entre dezoito meses e sete anos, podendo ocorrer até doze anos), durante a fase de aquisição e

⁶ - Esse subtipo é encontrado em cerca de 80% do total dos casos de gagueira identificados na infância. Já a prevalência do distúrbio, ou seja, a taxa de cronicidade na adolescência e na vida adulta é de 20% (ANDRADE, 2014).

desenvolvimento da linguagem e “se caracteriza como um distúrbio crônico, mesmo que apresente períodos cíclicos de fluência” (ANDRADE, 2014, p.424).

Nesse panorama, Friedman⁷ (2018a, s/p) complementa que a gagueira pode ser dividida em dois tipos: a natural e a sofrimento. A primeira, “nada mais é do que aquele tropeço que as crianças e mesmo os adultos dão de vez em quando ao falar”. Já a segunda, devemos perceber que assim como a linguagem, a personalidade da criança também está em formação e sua autoimagem vai sendo composta, a partir de informações e de vivências do meio. Entretanto, “se a família demonstrar que sua gagueira é indesejável, ela terá uma *autoimagem de mau falante*”. Então, para se sentir aceita, poderá tentar falar bem. Mas o empenho não funcionará, porque se trata de uma atividade mecanicamente espontânea, isto é, quanto mais se esforçar, mais gaguejará. Tal estado “se chama gagueira sofrimento e, aos quatro anos já pode ter se instalado devido à formação de uma autoimagem negativa” (FRIEDMAN, 2018a, s/p, grifos nossos).

Sobre a existência de várias teorias sobre a patofisiologia da gagueira - modelos de aprendizagem, modelos orgânicos, entre outros -, Pereira (2014) explica que os estudos existentes fortemente esclarecem que, independentemente da etiologia patofisiológica, o componente genético tem um papel fundamental na susceptibilidade à gagueira. De fato, várias fontes de evidência sugerem que tanto a gagueira transitória como a persistente são influenciadas por fatores genéticos. Assim, sugerem que a gagueira pode ser genética, decorrente de disfunções fisiológicas ou de origem psicológica. No entanto, Caiado (2014) afirma que não existe nada conclusivo. De qualquer forma, é fundamental como ponto de partida que pais e professores saibam diferenciar quando a criança realmente manifesta a gagueira.

Há muitos anos, sabemos que a gagueira, conforme Merlo (2014a, s/p), não ocorre aleatoriamente na população, mas tende a se concentrar em determinadas famílias. A maior parte dos estudos genéticos indica a possibilidade de a gagueira ser transmitida por herança poligênica, ao invés de

⁷ - A autora desenvolve seus estudos, considerando o sujeito em sua amplitude. Quer dizer, distancia-se da concepção, que ora apresentamos, focando apenas nos sintomas e esboçam a caracterização da patologia nos indivíduos.

gene único, o que quer dizer que haveria alguns poucos genes responsáveis pela gagueira e não apenas um só. Aproximadamente metade das pessoas que gaguejam têm pais, irmãos, filhos, tios, primos, avós e/ou netos com gagueira. Assim sendo, “o que é transmitido geneticamente é a tendência para gaguejar, mas não a gagueira em si”. Mas é imprescindível deixar claro que o fato de apresentar herança genética para a gagueira não implica, necessariamente, manifestá-la, pois sempre dependerá da interação com o ambiente. A autora também esclarece que a genética influencia de modo marcante na tipologia da gagueira, isto é, se a gagueira de um membro da família é caracterizada por bloqueios, provavelmente, os outros membros também apresentarão bloqueios. Ao passo que, em outra família, a gagueira pode ser mais caracterizada por repetições de sílabas e bloqueios. Logo, a genética não parece influenciar de modo marcante na transmissão da gravidade do problema, assim, a gravidade da gagueira é mais influenciada por outros fatores – linguísticos, emocionais e/ou sociais.

Por outro lado, muitas vezes, a gagueira ocasionada por lesão neurológica é chamada de neurogênica ou adquirida. Para a autora, crianças que gaguejam e que apresentam indício de lesão neurológica costumam ser mais desatentas e/ou hiperativas do que a média, exibindo traços do *Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade* (TDAH). Mas geralmente sem um número suficiente de sintomas para caracterizar um quadro clínico desse transtorno (MERLO, 2014b).

Até o momento, em termos causais, em consonância com as afirmações citadas anteriormente, Andrade (1999) endossa que o modelo multifatorial poligênico para a gagueira parece ser o que melhor atende às características dessa patologia. Diante dos avanços nas pesquisas de hereditariedade para a gagueira, vendo-a como patologia exclusivamente psicossocial, refletido nas formas de tratamento disponíveis para a população. Isso posto, devemos ampliar a compreensão de como é efetuada essa interação entre fatores ambientais individuais e genéticos. É importante, também, que não minimizemos a contribuição da influência ambiental como predisponente para a instalação e desenvolvimento da gagueira, mesmo porque os tratamentos

preventivos mais eficientes para a intercepção da evolução dessa patologia envolvem dois componentes: linguísticos e familiares.

Ao corroborar, também, sobre a gagueira adquirida ou neurogênica, Andrade (2014, p. 424) afirma que “acomete falantes fluentes, em decorrência de um dano cerebral de origem vascular ou traumática”. Com relação à gagueira psicogênica, esclarece: “é causada por algum evento psicológico identificável (traumático ou de conflito emocional) ou é associada aos quadros psiquiátricos”. Há dez anos, ainda, de acordo com a teórica, não existia (e ainda não existe) um consenso sobre a definição de gagueira, a existência ou não de subtipos de distúrbio e uma possível etiologia de diferenciação entre a gagueira recuperada ou persistente. Em síntese, atualmente aceita-se que a gagueira seja um distúrbio de aspecto multidimensional, ou seja, mesmo com fatores hereditários, a influência ambiental poderá ou não contribuir para o seu desenvolvimento. Portanto, a relação estaria baseada no equilíbrio ou desequilíbrio entre a demanda social (o que é esperado do falante) e a capacidade do indivíduo (inerente ou adquirida) em termos de precisão linguística e motora à fala (ANDRADE, 2014).

Historicamente, de acordo com Gough *et al* (2018), a dominância de linguagem alterada tem sido considerada uma causa de gagueira do desenvolvimento, circunscrevendo-se no âmbito da Neurociência. À vista disso, recentemente, no artigo intitulado: “*Planum temporal in people who stutter*”(Plano temporal em pessoas que gaguejam), os autores apresentam imagens cerebrais com a redução da lateralização funcional durante o processamento da fala em pessoas que gaguejam. Nesse sentido, uma estrutura relacionada à linguagem que tipicamente mostra assimetria à esquerda é o Plano Temporal (PT)⁸ no lobo temporal posterior, em pessoas que gaguejam. O estudo abrangeu uma grande amostra de 130 indivíduos, revelando ser possível que existam subtipos de pessoas que gaguejam, tendo relação com fatores de risco conferidos pela anatomia atípica do cérebro, tanto no TP como em outras estruturas corticais e subcorticais. No entanto, o estudo mostrou que a assimetria reduzida do plano temporal não é uma característica

⁸ - O TP está localizado na superfície horizontal do giro temporal superior e estende-se até o primeiro giro transversal. É possível, no entanto, que os achados e conclusões sobre o TP em relação à gagueira possam ser prematuros (GOUGH *et al*, 2018).

proeminente do cérebro em pessoas que gaguejam e que a assimetria não está relacionada com a gravidade da gagueira.

De outro ponto de vista, através da abordagem sócio-cognitiva, segundo Gerhardt (2014), a multifatorialidade da gagueira também pode ser considerada uma evidência da complexidade de toda condição humana, a qual não envolve somente aspectos biológicos e genéticos - estes, em princípio, mais facilmente mensuráveis pelos sofisticados aparelhos que o desenvolvimento tecnológico atual disponibiliza-nos. Mas envolve, também, aspectos relacionados ao comportamento e a uma *psique* humana, a um só tempo individual e coletiva, numa articulação que obstrui consideravelmente os movimentos em direção à causa única para o sofrimento de quem gagueja. Desse modo, nessa visão, os elementos psicológicos e comportamentais presentes na mente da pessoa que gagueja em interação com seus semelhantes transformam-se em componentes do processo de mesclagem conceptual⁹, o que os torna manipuláveis e discrimináveis qualitativamente, não apenas para efeito de pesquisa, como também para autoconhecimento da pessoa que gagueja.

Em síntese, a investigação pormenorizada do que ocorre quando uma pessoa que gagueja pode ajudar aos profissionais e pesquisadores a refletirem sobre como a sua mente se articula ao seu comportamento perceptível - os momentos em que se sente mais tensa e cobrada, relacionadas às situações em que está mais relaxada, despreocupada e em como tais sentimentos influem na qualidade da sua fala. Mas, sobretudo, diante dos dizeres de Gerhardt (2014), essa consciência traz à pessoa que gagueja a possibilidade de reconhecer nitidamente, nos momentos de interação, os aspectos que são inerentes à sua pessoa. E, talvez, assim, ela não possa mudar, em confronto com alguns outros que podem ser devidamente compreendidos, amadurecidos e transformados, num processo de demarcação, visualização progressiva de cada um deles e de como eles funcionam para que ela afirme seu espaço e sua identidade diante das outras pessoas (GERHARDT, 2014).

Atualmente, no trabalho intitulado: *“Self-stigma and its associations with stress, physical health, and health care satisfaction in adults who stutter”*(Auto-

⁹ - São conceitos que resultam na formação das imagens que fazemos de nós mesmos, das outras pessoas e o que pensam esses últimos sobre nós (GERHARDT, 2014).

estigma e as suas associações com o stress, a saúde física e a satisfação com os cuidados de saúde em adultos que gaguejam), percebermos relações entre o autoestigma da gagueira e saúde física, sendo examinados por Boyle e Fearon (2018). Diante disso, os autores procuram identificar possíveis relações entre auto-estigma (consciência de estigma e sua aplicação), estresse, saúde física e satisfação com a saúde entre adultos com gagueira. Com isso, constatamos que o aumento desse autoestigma está relacionado a níveis mais altos de estresse, trazendo implicações para a saúde física em adultos com gagueira. Em tal estudo, hipotetizou-se que o estresse mediava a relação entre o autoestigma e a saúde física. As análises correlacionais mostraram que níveis mais altos de conscientização sobre estigma e sua aplicação foram associados a aumento do estresse, diminuição da saúde física geral e da satisfação com ela. Isto é, houve desconforto na obtenção de cuidados de saúde devido à gagueira, porque o estresse foi identificado como um mediador entre a aplicação do estigma e a saúde física. Sendo assim, os resultados mostraram a importância dos profissionais em avaliar e gerenciar o autoestigma nos pacientes com gagueira, uma vez que tal problema acarreta implicações não apenas para o bem-estar psicológico, mas também para o estresse, a saúde física e a satisfação de modo geral.

Com relação às pesquisas como tratamento para a gagueira, pelo viés da Farmacologia, ainda, pouco sabemos, sobre a sua eficácia, embora já tenhamos esforços consideráveis na sua investigação. Em relação a isso, McGroarty e McCartan (2018), recentemente, apresentam-nos em: *“Beliefs and behavioural intentions towards pharmacotherapy for stuttering: a survey of adults who stutter”* (Crenças e intenções comportamentais em relação à farmacoterapia para a gagueira: um levantamento de adultos que gaguejam), como a comunidade da gagueira recebe esses tratamentos. Esse trabalho teve como objetivo avaliar e quantificar as crenças em relação à farmacoterapia para adultos com gagueira e estabelecer se as intenções comportamentais de realizar o tratamento estavam relacionadas a essas crenças. Os participantes também relataram percepções de sua gagueira, incluindo seu impacto geral, avaliações de terapia da fala anterior e intenções comportamentais para iniciar futuramente a farmacoterapia e terapia da fala.

Por meio de um questionário respondido por adultos que gaguejam, houve uma necessidade e preocupação com crenças em relação à gagueira, indicando uma percepção relativamente equilibrada dos benefícios e custos da medicação prescrita especificamente para a gagueira. Das medidas do estudo, o diferencial previu a intenção comportamental de iniciar a farmacoterapia e de buscar também a terapia fonoaudiológica em igual medida. Em suma, o modelo teórico de representações de medicação parece ser uma estrutura útil para entender as crenças dos adultos que gaguejam em relação ao tratamento médico de seu transtorno. Além disso, considerando a farmacoterapia, os achados desse estudo podem ser de interesse para clínicos, pesquisadores que trabalham no campo do tratamento da gagueira e para pessoas que gaguejam (MCGROARTY; MCCARTAN, 2018).

De certo, a gagueira é uma fonte geradora de muitos conflitos que se refletem em sofrimentos pessoais dos sujeitos. Trata-se, então, de um assunto permeado de várias especulações em relação à origem, causas e tratamentos entre os seus principais estudiosos. Desse modo, palco de diferentes filiações teóricas que, em geral, de um lado, como vimos, abrangem apenas os sintomas e esboçam a caracterização da patologia nos indivíduos. Por outro, deixam de lado o sujeito e a linguagem. Porém, ambos, na verdade, se constituem mutuamente, uma vez que possibilita o trajeto sócio-histórico-cultural dos sujeitos ao longo de sua infância, adolescência e juventude.

Sendo assim, a partir desse momento, passaremos a estudar a gagueira por meio da segunda concepção, aquela que evidencia o sujeito em sua amplitude, “privilegia-se a relação entre o sujeito e a sociedade e focaliza-se o funcionamento [...] na subjetividade” (PIRES; FRIEDMAN, 2012, p. 06).

1.2. Construtos que veem o sujeito em sua amplitude

Atentemos para uma versão de clínica que se coloca à provocação e reflexão, na qual o “sujeito paciente” e o “sujeito terapeuta” ocupam o espaço clínico, um para refletir sobre aquilo que lhe é trazido e o outro para buscar a solução da sua dor. E, nessa relação, não há como tomar a linguagem, senão como elemento indissociável: deve-se também considerar (além do sujeito e da linguagem), o sentido, a história e a ideologia (BARROS, 2016, p. 128).

Quando refletimos sob a égide do sujeito em sua amplitude, verificamos a partir das palavras de Barros (2016), que “não há como não considerar o discurso e a linguagem na relação com o sujeito, seja qual for o método clínico eleito para a realização de um processo terapêutico” (BARROS, 2016, p. 127). Mas, para que isso aconteça, será preciso uma modificação na postura do médico frente ao paciente, devendo, pois, buscar a importância da linguagem na resolução do sintoma. Com isso, sai da postura da indiferença e descrédito do relato dos pacientes, adotando, na prática, uma postura de atenção, valorização dos dizeres (FREUD, [1917] (1976)). Nesse encontro, conseqüentemente, haverá a possibilidade de entrever o sintoma, seus sentidos, passando a considerar a materialização daquilo que estará em circulação na clínica terapêutica: o discurso. E, como efeitos, “passando, então, a textualizar sobre a *clínica do discurso*, como uma versão de clínica que se afasta da clínica fonoaudiológica tradicional” (BARROS, 2016, p. 128, grifo da autora).

Na verdade, é imprescindível atenuarmos as pesquisas em relação ao tema em curso, pois tem havido muitas repercussões, atestando que o problema – conforme uma tendência normativa social – constrói “a personagem de bom falante”¹⁰, como pontua Friedman ([1986] (2004)), exigindo-se a necessidade de ajustamento nos moldes de *ideologia do bem falar*. Em meio a todas às férteis discussões, a autora surge trazendo inovação, procurando discutir uma nova forma de se pensar a gagueira, a saber, a subjetividade. A partir do olhar da psicologia social, posicionando-se contra técnicas que somente objetivem o controle da fala. Dessa composição, a gagueira passa a ser compreendida como “o efeito de uma forma de funcionamento subjetivo singular sobre a produção da fala”. Tal funcionamento não nasce pronto com a pessoa, mas se constrói ao longo da vida, a partir das relações interpessoais que se estabelecem na família, na escola e na sociedade, em geral, dentro de uma dada cultura (FRIEDMAN, 2018e, s/p).

¹⁰ - Estabelecemos a construção da identidade para a formação de *uma imagem de mau falante ou imagem estigmatizada de falante*, quando há a gagueira, como um estado permanente da fala. Acompanhados de nervosismo, intimidação e vergonha, querendo controlar o espontâneo (FRIEDMAN, 1994).

Sem dúvida, nos contextos sociais, existe um padrão de fluência absoluta, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um sujeito falante que jamais gagueja ou em raras situações apresenta uma repetição silábica ou hesitação. Acerca disso, Friedman (2001; 2004) informa-nos que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos. De acordo com a pesquisadora, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. Por isso, a visão de *mau falante* fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de uma *imagem estigmatizada de falante*. Esse efeito gera um processo de previsões de aparecimento das disfluências e traços peculiares na produção da fala, com efeitos de objetividade, especialmente, o aparecimento de tensões musculares ao falar, inaugurando um novo modo de produção da fala. A esse processo subjetivo/objetivo de produção da fala chamamos de gagueira sofrimento (FRIEDMAN, 2004; 1994).

Ao estudar essas experiências, Friedman (2018c, s/p) explica-nos que isso ocorre fundamentalmente, “porque não se sabe que fluência e disfluência não se opõem; que a fluência inclui a disfluência”. O conhecimento de senso comum baseia-se na crença de que a fluência é absoluta e a disfluência é um problema. No entanto, “a ideia de que a fluência é absoluta é um mito. Além disso, a ajuda que as pessoas oferecem, por considerar a disfluência como problema, é justamente o fator que pode tornar a experiência comunicativa desagradável e traumática”. Em “Cartas a um paciente: um processo de terapia para a gagueira”, as pesquisas de Friedman ([1988] (2012)) mostram que, exatamente no período da primeira infância, quando a criança está desenvolvendo sua fala, em processo de aquisição de linguagem, ela viveu situações nas quais sua forma de fala não foi aceita pelos adultos responsáveis por ela. Nesse ambiente, as crianças, à medida que vão crescendo, apreendem as coisas do mundo que as cerca, dentre elas, também, a linguagem. E esse processo de apreensão é altamente complexo e, como resultado, é natural que ocorram *imperfeições* quando se fala.

Depreendemos, então, que a gagueira é um momento da fala e cada vez que pensarmos em falar sem gaguejar, estaremos, sem perceber, reforçando a ideia de gaguejar, a crença da gagueira. Essa espera da gagueira ou constante previsão¹¹ é o que condiciona a fala a um permanente estado de tensão e ao uso de truques para falar bem. Diante disso, conforme os anos vão se passando, “a criança vai se tornando adolescente, depois adulto, sempre abrigo dentro de si a realidade que se criou na primeira infância, que fala mal e precisa falar bem” (FRIEDMAN, [1988] (2012), p.19). Destarte, isso quer dizer que quanto maior é a necessidade de falar bem, tanto maior se torna o fato de que não se fala bem. Com tudo isso, uma ideia se tornará clara na mente da criança: a ideia de que fala mal e, se a situação descrita for bastante duradoura, isso se tornará parte da imagem que terá de si como falante e, com efeitos na sua identidade, visto que:

Ela se identificará como alguém que fala mal e a sua personalidade se tornará esse conteúdo como verdadeiro. Nesse contexto ela lutará, ou se esforçará para falar bem. Pronto, assim a gagueira está instalada, porque não é possível ter uma imagem de si como mau falante e, por isso mesmo ser impelido e se esforçar para falar bem e sob estas condições, obter realmente uma boa fala. Vendo-se como mau falante e lutando para falar bem, a fala se torna tensa e na verdade nunca sai bem. *O bom falante é aquele que acredita na sua fala e nem pensa sobre sua articulação* (FRIEDMAN, [1988] (2012), p.12, grifo nosso).

Vemos que é ainda na infância, durante o processo natural de aquisição da linguagem – diante de uma gagueira natural, que a criança não sendo compreendida pelos adultos, começará a constituir sua identidade com a imagem estigmatizada de falante, porque simplesmente, ao deslizar sobre sua articulação, notará que a fala sempre é tracejada de uma fluência puramente relativa. No âmbito dos construtos teóricos em evidência, notamos que algumas afirmações convergem para a teoria social, enfatizando, bem mais especificamente, a família e a escola. Apresentam-se como variáveis que interferem no desenvolvimento da fala com gagueira, sobredeterminados por uma ideologia de senso comum que toma a fluência como absoluta (sem

¹¹ - Prever que fala mal, duvidar da habilidade automática de falar é um costume que condiciona o hábito de não se deixar fluir na fala e, com isso, criar condições ruins de fala, inventando comportamentos para falar bem (FRIEDMAN, [1988], (2012)).

disfluências), à qual temos denominado ideologia de bem falar (FRIEDMAN; PASSOS, 2007). Nesse sentido, sobre a “*ideologia do bem falar*”, Friedman (1994) expõe que tal formação ignora as dificuldades inerentes ao desenvolvimento da fala e da linguagem, assim:

As falhas articulatórias que se constituem em disfluências fazem parte da produção da fala e variam conforme as circunstâncias envolvidas e as características de cada sujeito, ou seja, quanto mais jovem, menor domínio motor da fala e regras da língua, que serão progressivamente incorporadas (FRIEDMAN, 1994, p.14).

É no interior de uma sociedade que não admite erros na fala e interdita os momentos naturais de gagueira do sujeito que essa *ideologia* fixa-se nos discursos envoltos de intolerância, “leva as pessoas a acreditarem que a fluência de fala é absoluta, ou seja, não contém disfluências. Na realidade, entretanto, a fala normal contém fluências e disfluências” (FRIEDMAN, 2018e, s/p), por não compreender as especificidades quanto ao desenvolvimento da linguagem, esquecendo-se, inclusive, que as instabilidades articulatórias constituem a gagueira e fazem parte do processo natural de aquisição da linguagem.

Esse comportamento de não aceitação da fala, segundo os estudos de Friedman (1994; 2004) e Azevedo (2000; 2006; 2013; 2015; 2018a) concretiza-se em elocuições como: *fale devagar, fale direito, acalme-se, pense antes de falar* ou expressões de desagrado. Por isso, a gagueira é entendida como um padrão de funcionamento discursivo que se constitui no processo de formação do sujeito. A partir da interação que estabelecemos com a família e depois a escola, que não aceitam a forma de falar, deixando claro que não falou como deveria, cristalizando-se uma autoimagem negativa, uma representação de mau falante.

Ao comungar com os dizeres em tela, Laufer (2001) assevera que gagueira é uma identidade constituída pela relação com o outro. Mais que uma necessidade de adaptação a uma tendência, *prescritiva, normativa e social* atrelada à ideologia do bem falar. Isso posto, o sujeito deve procurar conhecer de onde se engendra sua gagueira, quais as consequências em sua vida, ter autoconfiança na integridade de sua capacidade fonoarticulatória, pois

devemos vivenciar a linguagem como atividade que transforma autoestima, sentimentos, emoções e, por consequente, a gagueira.

É interessante percebermos que para o funcionamento do processo natural da linguagem acontecer, temos, inicialmente, o aparecimento da voz, que conforme Mendes (2014), muitas são as abordagens para o seu estudo. Nesse rol de perspectivas, do ponto de vista articulatório, observamos que a voz, “corresponde ao som produzido por vibrações nas cordas vocais sob a pressão do ar que percorre a laringe”. Já acusticamente, trata-se do som vocal, onde tal processo “é feito de harmônicos que, transformados de diversas maneiras, convertem-se em vogais, consoantes e elementos prosódicos”. Além disso, não podemos esquecer que “a voz é também índice de subjetividades, espaço de significações”, em que se estabelecem relações intersubjetivas, veiculado pela linguagem, fundando-se, enfim, a sociedade (MENDES, 2014, p. 129, grifos nossos). Já a fala, diante desse acontecimento, é o canal que viabiliza a expressão da linguagem, correspondendo à realização motora da linguagem, “referindo-se basicamente à maneira de articular os sons na palavra (incluindo a produção vocal e a fluência)” (PRATES; MARTINS, 2011, p. 54). Entretanto, precisamos destacar que no corpo humano não existe um órgão com a função primordial de servir a fala. Mas, é comum nos referirmos aos órgãos do “aparelho fonador” como “órgãos da fala”.

Assim, procurando constatar o que foi falado anteriormente, logo abaixo, trazemos uma figura que demonstra o chamado *aparelho fonador*.

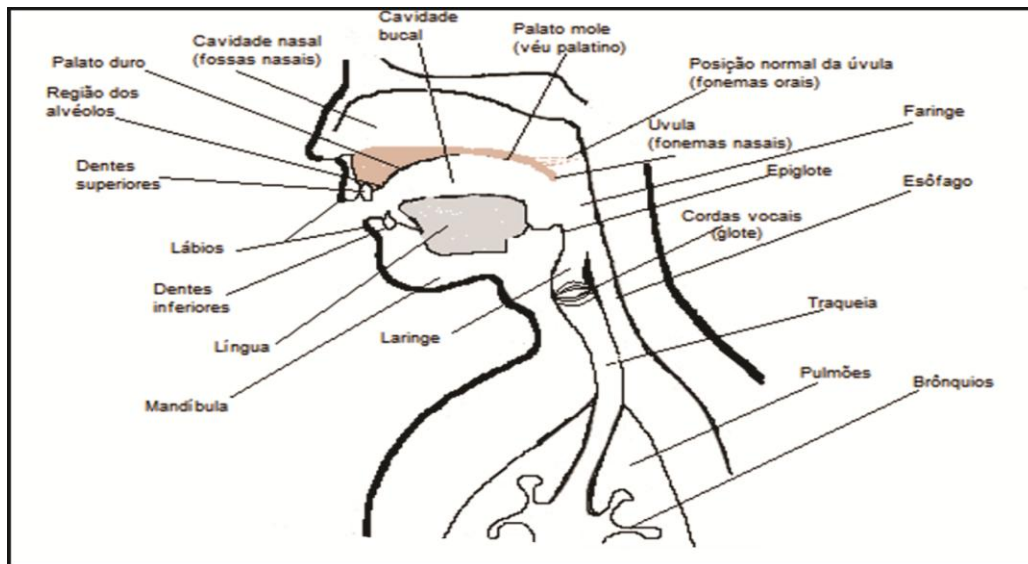


Figura 1 - O chamado aparelho fonador. <http://gramaticagolip.blogspot.com/2017/04/023-aparelho-fonador.html>.

Na verdade, não existe um *aparelho fonador* constituído na anatomia humana. O que temos é a formação por parte dos aparelhos digestivo e respiratório. Em virtude disso, o termo em destaque, é apenas didático, uma vez que, para falar, usamos a respiração, as pregas vocais, todos os órgãos fonoarticulatórios. Desse modo, consideramos a fala, nos dizeres de Friedman (2004), como atividade que envolve uma relação de implicação entre o simbólico, o subjetivo e o social, entendendo que a fluência não se revela como funcionamento homogêneo e previsível. Mas como funcionamento cujos limites estão sujeitos a instabilidades do tipo: lapsos, esquecimentos, hesitações, quebras e discontinuidades, parte integrante e ativa do que entendemos como fluência de fala. Isso significa que o modo espontâneo de falar se entretetece entre *fluir e disfluir* com base nas relações inter e intrassubjetivas singulares.

Entendemos, assim, a fluência como a habilidade que mantêm o fluxo contínuo da fala, sendo que algumas quebras e interrupções do discurso, a saber, a disfluência, também são constituintes da fluência. De outra forma, “a disfluência se refere a um tempo de planejamento, organização ou preparo mental do que se pretende dizer”, sendo composta por repetições de sons, sílabas ou palavras e/ou por prolongamentos de sons. Conseqüentemente, na prática, *a fluência é disfluente*, porque a disfluência, curta ou longa, é parte integrante da fluência (FRIEDMAN, 2018c, s/p, grifos nossos). Nessas condições, Friedman (2018c, s/p), explica que a gagueira refere-se a

momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar. Mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente, apresentando características como: interrupções tensas do fluxo da fala ou travas, interposição de sons ou palavras desnecessários, repetições do já dito (FRIEDMAN, 2014), daí, disfluência e gagueira são duas condições de fala bem diferentes.

Nesse encadeamento discursivo, Friedman (2018d, s/p), também, afirma, que pesquisas recentes sobre a produção da fala mostram que a sociedade, tanto do ponto de vista leigo como do ponto de vista científico, compartilha uma visão idealizada da fluência, que se materializa na manifestação de comportamentos de estigmatização da fala disfluente. No entanto, “não existem estudos sobre as características da fala humana no que se refere a padrões de fluência e disfluência em diferentes faixas etárias”. Nesse sentido, o campo privilegiado do estudo da fluência/disfluência, segundo Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012, p. 01) era exatamente o dos distúrbios de fala e linguagem, pois se lidava com disfluências que envolveriam sua contraparte patológica (a gagueira, por exemplo),

a disfluência tem sido considerada o termo marcado, desviante, vinculada a outro termo marcado: problemas de elaboração ou processamento (planejamento), normalmente de memória, de acesso lexical, isto é, dificuldade linguística ou psicolinguística. “Fluência” tem sido tradicionalmente vista como o termo não marcado e considerado ideal, ao passo que “disfluência” tem sido considerado como o problemático. Mais recentemente, porém, no bojo de correntes que enfatizam o estudo da fala, o conceito de fluência, a explicitação e as condições de distribuição entre fluência e disfluência têm despertado mais interesse aos linguistas. O propósito tem igualmente sido o de buscar uma definição positiva do que é fala fluente e não apenas considerá-la *default* e neutra para a montagem de corpora objetivados ao escrutínio científico. O desafio é, então, abordar os dois conceitos, em princípios opostos e conflitantes, como faces da mesma moeda (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 01).

No uso atípico da linguagem, naquilo que poderíamos chamar de gagueira, há uma cobrança social no sentido de que devemos mostrar uma suposta fluência absoluta/ideal, sem deslizos, pausas e/ou hesitações. Entretanto, para Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) “dentro do processo natural da linguagem, a fluência e a disfluência fazem parte da dinâmica da

fala, devendo-se considerá-las todas como atividades da língua” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 02).

É nessa composição que a linguagem, como uma das maiores riquezas, permite aos sujeitos tecerem seus discursos, entendendo que a fluência é disfluente. Porém, essa questão não é tarefa fácil, por isso, é comum os debates acontecerem, “especialmente no que tange à linguagem com distúrbio, revelar nos sujeitos uma maneira “(a)típica”, incomum, *errada, anormal*, diferente de se expressarem, na leitura de alguns sujeitos sociais” (AZEVEDO *et al*, 2019a, p. 37, grifos nossos). Isso descreve e estabelece no contexto histórico, social, cultural e ideológico uma maneira peculiar, onde os falantes entendem como formalmente correta em público. Mas, “nossa visão é que as fluências e as disfluências distribuem-se na língua segundo pressões semânticas, pragmáticas, comunicativas e prosódicas” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p.02).

A partir da problematização dos conceitos de fluência/disfluência, estabelecidos anteriormente, Fernandes-Svartsman e Scarpa (2012) endossam que nos estudos sobre a temática em debate, Scarpa (2007 p. 178) explica que mais do que dizer de uma fala fluente ou disfluente, assume-se que esses fenômenos indicam diferentes relações do sujeito com a língua, pois ambos são partes do funcionamento da fala, já que estão presentes em falas gagas e não gagas. Nas palavras da autora, “a mesma língua ou as relações do sujeito com a mesma língua que gera(m) a fluência, a gramática, gera(m) também a disfluência, o lapso”, mas não provocam o mesmo efeito em um – efeito de fala gaga - e em outro – efeito de fala não gaga (SCARPA, 2007 p. 178).

Nesse cenário, a linguagem é um elemento essencial para a socialização e integração dos sujeitos em seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais. Em contrapartida, os distúrbios da linguagem, “manifestam-se como atraso ou desenvolvimento atípico, envolvendo componentes funcionais¹² da fala e/ou linguagem em níveis variados de gravidade” (PRATES; MARTINS, 2011, p. 54). Na maioria das vezes, tais distúrbios são percebidos, inicialmente, pela família, por acreditar que a criança tem

¹² - São eles: fonologia (sons da língua), prosódia (entonação), sintaxe (organização das palavras na frase), morfologia (formação e classificação das palavras), semântica (vocabulário) e pragmática (uso da linguagem) (PRATES; MARTINS, 2011, p. 55).

dificuldade para falar ou que não fala. E, como efeitos, em suas práticas discursivas, serão dificilmente compreendidas, incapazes de se expressarem corretamente e irão gaguejar. Nesse sentido, quando consideramos a gagueira pelo caminho discursivo, pode-se vê-la, “como um *distúrbio multidimensional* com atuação de *fatores biopsicossociais*”, pois temos um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a tais fatores (AZEVEDO, 2019b, p. 119). Acerca disso, Petrusky (2013, p.15) afirma que um distúrbio “trata-se de uma interrupção de uma continuidade (da fala), assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso” (PETRUSKY, 2013, p.15).

Em meio a toda confluência de formações, Friedman (2018b) reitera que embora existam profissionais considerando a gagueira uma patologia sem cura, mas com controle, há quem sustente que ela tem cura. A visão de que a gagueira não tem cura está apoiada na hipótese de que sua causa é orgânica. Com base nela, cientistas têm investigado aspectos neurológicos e genéticos. “Entretanto, nenhuma pesquisa chegou até o momento, a uma resposta conclusiva, que demonstre de modo irrefutável o que no organismo explica a gagueira” (FRIEDMAN, 2018b, s/p). Além do orgânico, existem outros modelos, onde pesquisadores acreditam que a gagueira se constitui a partir da vida de relação em sociedade. Em vista disso, podem-se imprimir marcas em circuitos neuronais, sem que o corpo tenha qualquer predisposição previa para tal. Em seguida, “duas marcas se revelam nas pessoas com gagueira: uma imagem negativa de falante e um funcionamento discursivo desviante que faz sentido com a imagem negativa”, ou seja, tais marcas influenciam o modo de ser da pessoa: seus pensamentos, sentimentos e ações (FRIEDMAN, 2018b, s/p).

Compreendendo a gagueira a partir da Psicanálise e vinculando-a a um sintoma das neuroses, Cunha e Gomes (2002, p.72) explicam que “entendemos as neuroses como um distúrbio psicogênico no qual os sintomas representam um conflito psíquico que se origina na história infantil do indivíduo” (CUNHA; GOMES, 2002, p.72). A temática desse conflito é a constituição da identidade, particularmente, interessado por duas formas de neurose: a histeria

da conversão e a obsessão que, a partir do conflito Inconsciente-Consciente¹³, podemos assim delimitar as diferenças entre histeria de conversão e obsessão. Quer dizer, “sob esta ótica, apontam para o fato de que o indivíduo gago deve escutar a si mesmo, a fim de encontrar um novo sentido para a gagueira” (AZEVEDO, 2019b, p. 124).

Ao estudar a temática *in loco*, Azevedo (2000, p.75) discute sobre a origem, interpretação, através da oposição fala *versus* língua, considerando a ótica discursiva¹⁴. Com isso, procuramos discutir e estudar a gagueira em Grupos de Extensão/Apoio, revelando que “a gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas se encontra no espaço intervalar – no discurso”. Sob essa concepção, inscrevemos a presente tese, não tratando a gagueira como uma doença passível de cura. Mas, compreendemo-la como um distúrbio da ordem do discurso, apresentando relação direta com os interlocutores, suas formações imaginárias (Fim). Areladas às condições de produção (CP), em suas: relação de forças, de sentido e antecipação, caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (AZEVEDO, 2000; 2006; 2015; PETRUSK, 2013; CAVALCANTI, 2016; SILVA, 2016; 2017; 2019).

Sob tal perspectiva, Azevedo (2019b), ainda, explica-nos que podemos apontar enquanto possibilidades terapêuticas a determinação do espaço discursivo, como sendo o lugar da gagueira, levando o sujeito a identificar as CP do discurso gaguejado e do discurso fluente, pela análise das relações de força, de sentido e da antecipação do seu discurso. Nesse sentido, ao longo deste capítulo, pudemos observar que os estudos da gagueira estão concentrados em dois grandes âmbitos: postulações que veem apenas o sintoma em si, da patologia, em que, segundo Friedman (2018e), “de modo geral as respostas a essa questão são dadas a partir de um raciocínio inspirado na área médica [...], que tem como objetivo cuidar das doenças do corpo humano”. A partir disso, buscando sempre descobrir qual agente dentro do corpo causa esta ou aquela doença, para assim poder controlá-la, pois “à

¹³ - O Inconsciente está relacionado ao campo dos desejos, a pulsão. Já o Consciente, trata-se da permissão para a realização dos desejos e das pulsões (CUNHA; GOMES, 2002).

¹⁴ - No terceiro capítulo, debruçamo-nos sob os aspectos dessa concepção e os principais estudos dessa teórica, entre outros, que se concentram no sujeito e sua linguagem.

manifestação da fala com gagueira sustenta as hipóteses que ela se deve a algum problema no funcionamento neurológico ou decorre de alguma característica genética peculiar” (FRIEDMAN, 2018e, s/p). Mas o fato é que nem uma nem outra hipótese foram satisfatoriamente confirmadas até o momento.

Em contrapartida, deparamo-nos com os construtos teóricos que desenvolvem pesquisas voltadas para o sujeito em sua amplitude, “e, nessa relação, não há como tomar a linguagem, senão como elemento indissociável: deve-se também considerar (além do sujeito e da linguagem), o sentido, a história e a ideologia” (BARROS, 2016, p. 128). Nesse âmbito discursivo, o sujeito que se percebe como *gago*, tendo em si uma alteração da fluência da linguagem (e não da fala propriamente dita), em determinadas situações discursivas, passa a materializar no seu corpo, nos seus modos de significar a não fluência. E, com efeitos, “as hesitações, os bloqueios e as pausas nos sentidos passam a ser materializados na fala”. Por causa disso, o sujeito, ao se escutar, agora, numa relação marcada simbolicamente pelo *erro* no dizer, tem estabelecido um círculo vicioso. Na prática, “ao falar, ele escuta o “erro” e, na tentativa do acerto, ele retoma mais uma vez as palavras, as sílabas, os fonemas e, tendo “*errado*” novamente, parte para mais uma tentativa”, até que haja intervenção dele próprio ou de um outro para cessar com esse círculo (BARROS, 2004, p. 80-81, grifos nossos).

Nesse cenário, destacamos que é a partir das vivências em grupos que os *sujeitos-gagos* significam e começam a ressignificar-se enquanto *sujeitos-fluentes*. Primeiro para si e depois estendendo-se aos seus pares discursivos. Existe, a partir disso, uma mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, considerando a fluência como relativa. Para entendermos o cerne dessa questão, estamos filiados teórico-analiticamente, à Análise do Discurso de linha francesa (AD), porque levamos em consideração a perspectiva de como trabalha: o sujeito, a história e a língua. Ao constituir-se, “no interior das consequências teóricas estabelecidas por três rupturas que estabelecem três novos campos de saber”: a que institui a linguística (a língua não é transparente), a que constitui a psicanálise (o sujeito não é transparente

nem para si mesmo) e a que constitui o marxismo (o homem faz a história) (ORLANDI, 2015, p. 13).

À vista disso, no segundo capítulo, conheceremos um pouco mais sobre a constituição desse dispositivo teórico e, também, algumas de suas concepções, entendendo que a AD foi fundada pelo filósofo Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores. Por conseguinte, é nossa teoria de sustentação para analisar o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* nos respectivos Grupos de Extensão/Apoio GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns. Assim, nesse batimento, enriquece-se as práticas comunitárias, através das “diversas instituições e tradições que incluem atividades, como a família, escola, trabalho”, em suas diversas experiências nos seus respectivos espaços culturais, profissionais ou desportivos (LUCENA *et al*, 2018, p. 107).

2º CAPÍTULO – ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD) – GESTOS DE LEITURA NA CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO: “TRATANDO DOS FATOS DE LINGUAGEM E SUA MATERIALIDADE DISCURSIVA”

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (MARX).

As transformações advindas dos cenários sociais, políticos, históricos e culturais, propiciou um repensar sobre as questões linguísticas, lembrando-nos de que é preciso sobremaneira atentar para as condições de produção do discurso, que entre outras coisas, leva consigo sua história, abarcando sentidos anteriores, na mesma medida em que agrega outros (DARÓZ *et al*, 2014). A esse contexto, somamos o surgimento de novas teorias linguísticas advindas das outras áreas do conhecimento, tais como: Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Aplicada, Análise do Discurso, entre outras, as quais não vislumbravam a língua(gem) como um código homogêneo e estável. Mas como uma forma de interação entre sujeitos, que traz e leva consigo referências dos contextos de produção de sentidos, com propósitos comunicativos durante o processo de funcionamento discursivo.

Tendo em vista as questões delineadas, até então, procuramos marcar a nossa inquietação ao percebermos que, quando se fala em Análise do Discurso, há muitos outros discursos em foco. Em congressos científicos, as apresentações que trazem a teoria como suporte ganham cada vez mais espaço. Da mesma forma, carregam perspectivas inteiramente diferentes, muitas vezes, sem uma concepção de sujeito definida e uma miscigenação de autoria indevida, o que, por si só, remete a uma inconsistência teórico-metodológica. Nesse sentido, certamente, a corrente de estudo que forneceu mais elementos para a perspectiva cultural da produção linguística foi a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), de maneira que, segundo Suassuna (2009), “[...] contribui, sobretudo, com os conceitos de condições de produção do discurso, imagem e lugar social dos interlocutores, efeitos de

sentido e marcas do discurso” (SUASSUNA, 2009, p.107). Logo, tornou-se possível contemplarmos não apenas o dito, enquanto construção palpável e linear, mas também o não dito e o próprio processo enunciativo. Não importando apenas o que dizemos, mas a maneira como se diz aquilo que dizemos, determinado, além de outros fatores, pelas formações imaginárias (Fim) que os sujeitos fazem de si, a partir da relação de forças, de sentidos e antecipação que fazemos do outro e vice-versa, atreladas às condições de produção do discurso.

Para tanto, dentre as várias concepções que compõem a teoria em evidência, trataremos de mobilizar: ideologia, sujeito, língua(gem), condições de produção (CP), formação discursiva (FD), formação ideológica (FI), posição-sujeito, forma-sujeito, a política do silêncio ou silenciamento e memória do dizer, que serão tematizadas na pesquisa, pela sua validade e papel na discussão que pretendemos desenvolver nesta tese. Com efeito, a AD, enquanto instrumento teórico-analítico¹⁵ trata de mobilizar uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise (ORLANDI, 1990b). Assim, funcionará como subsídio para analisarmos o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns.

Em síntese, neste capítulo, ao entendermos a instauração arquitetônica da AD e, a partir disso, o desenvolvimento desse dispositivo teórico-metodológico, bem como alguns de seus conceitos basilares, apontaremos para maneiras de ler, outros gestos de leitura, outra escuta, “sustentada por dispositivos teóricos e analíticos que nos permitem não apenas nos reconhecermos no que lemos (ou ouvimos), mas que conheçamos o modo como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeito se constituindo [...]” (ORLANDI, 2015, p 28).

2.1. A instauração arquitetônica da AD

¹⁵ - No quinto capítulo, em que traçamos o percurso metodológico da pesquisa, explicaremos mais detalhadamente sobre a AD, enquanto um Dispositivo de Análise, isto é, *uma Disciplina de interpretação*.

[...] *Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise* (ORLANDI, 2012).

Envolvido com a prática política e com um empreendimento teórico por consolidar, a AD foi idealizada por Michel Pêcheux. Nessa perspectiva, compreendemos que o projeto dessa corrente surge a partir das reflexões e inquietações teóricas desse filósofo marxista-leninista, por meio da égide da chamada “Tríplice Entente”: Saussure, Marx e Freud, firmando-se como um campo teórico de tradição intelectual, filosófica e política com desdobramentos até hoje. Portanto, “a AD se instaura na França pelo viés das efervescências dos acontecimentos históricos de *Mai de 1968* e as rupturas epistemológicas, filosóficas, teóricas e políticas no cerne da Linguística, enquanto *ciência régia* das ciências humanas” (FERREIRA, 2015, p.14).

Em síntese, a “aventura teórica” de Pêcheux tem início com sua “*Analyse automatique du discours*” (Análise Automática do Discurso – AAD-69), no entanto, como nos lembra Ferreira (2015), as primeiras inquietações teóricas do autor, encontram-se assinadas e publicadas sob o pseudônimo de *Thomas Herbert*. Por isso, é relevante destacarmos que em toda a sua trajetória de vida teórica, política e filosófica há a contribuição de um homem que escreve uma obra (nunca acabada) e que sempre se confundiu com ela.

No tocante aos desdobramentos para a constituição da AD, sobretudo, constitui-se uma abordagem teórica que se instaura necessariamente de um movimento de três rupturas ou cortes epistemológicos – ao gosto da metáfora da ruptura cunhada por Bachelard e Canguilhem – que, por sua vez, instituíram deslocamentos, em três campos do conhecimento para refletir sobre a língua, a história e o sujeito, Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997); FERREIRA (2015)) lança mão de três disciplinas, a saber:

1. **No campo do Materialismo histórico e dialético:** o homem faz a história, mas essa também não lhe é transparente. Assim, convocamos uma teoria materialista da história para explicar os fenômenos das formações e transformações sociais. Posto que,

nesse contexto histórico, salienta a teoria da ideologia de Louis Althusser;

2. **No campo da Linguística estruturalista:** como hipótese dos mecanismos sintáticos e dos projetos articulados por uma teoria da subjetividade. Questionamos, portanto, a autonomia e a transparência da língua, na busca por uma teoria do discurso que explicasse os processos de enunciação;
3. **No campo da Psicanálise:** o sujeito é recoberto pela opacidade, ou seja, ele não é transparente nem para si mesmo. Busca-se, também, uma teoria acerca dele que explicasse as questões referentes à sua subjetividade e sua respectiva relação com a história e o simbólico.

Dessa maneira, a AD, como bem pontua Ferreira (2015), constrói o seu arcabouço teórico e metodológico sob o viés de uma reflexividade profunda a partir das bases da Linguística: Saussure, Harris, Dubois, Culioli, entre outros. Articula os seus pressupostos com outras áreas do conhecimento, a saber, Althusser, no resgate do Marxismo e seu Materialismo Histórico, processando por meio de um deslocamento, a teoria Ideológica; Lacan, retomando e reformulando a teoria psicanalítica do inconsciente instaurada por Freud e Foucault: propondo uma Teoria do Discurso.

Como resultado, a seguir, podemos contemplar o tripé epistemológico sobre o qual se instaura a AD, através da figura, que representa as vigas de sustentação dessa teoria:

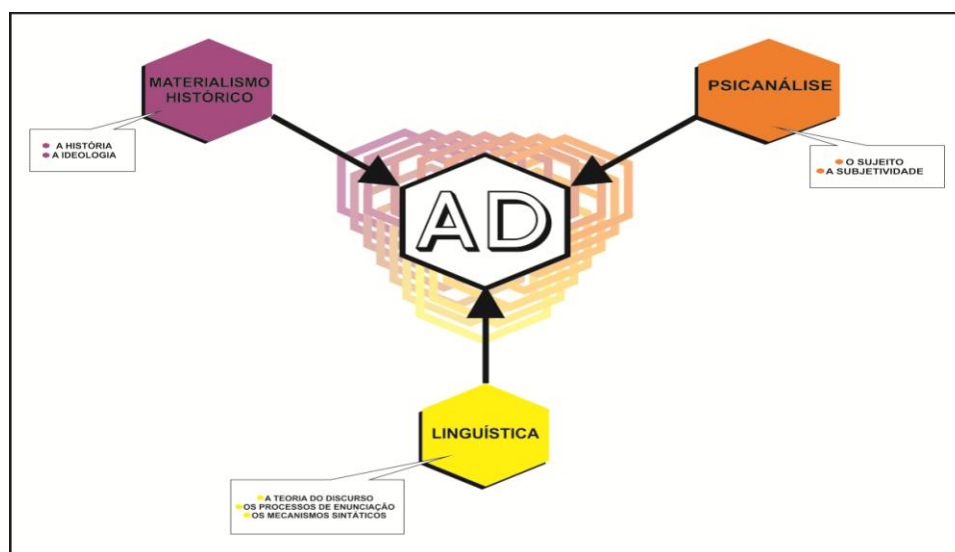


Figura 2:– As três regiões do saber. **Fonte:** adaptação nossa, apoiados nas pesquisas de Ferreira (2015, p, 17).

Nessa composição, “com efeito, a AD vai-se constituir como uma disciplina de entremeio¹⁶, fazendo-se na contradição dos três campos de saber – a linguística, a psicanálise e o marxismo – ela terá um particular desenho disciplinar” (ORLANDI, 2015, p. 14). Notamos, também, que se trata uma *desdisciplina*, porque articula bem as três regiões do conhecimento científico. Quer dizer, o *Materialismo Histórico* (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia; a *Linguística* (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a *Psicanálise*, com a interpelação da noção de indivíduo para a de sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico, problematizando os seus limites, questionando certezas nessas três regiões do conhecimento científico (ORLANDI, 1996; 2011; 2013, grifos nossos). Nesse sentido, a AD interroga as três regiões pelo que não consideram. Consequentemente, questiona o Marxismo, por não considerar o simbólico, a Linguística, por deixar de lado a historicidade e a Psicanálise, por não compreender a ideologia absorvida pelo inconsciente, através da concepção de sujeito elaborada por Lacan, tendo a tarefa de articular os três campos do saber.

Ao desenvolver estudos sobre a AD no Brasil, Orlandi (2013, grifos nossos) realiza algumas modificações em torno das supracitadas concepções estabelecidas por Pêcheux, e retira a teoria do discurso, ampliando a noção da Linguística e acrescentando a Psicanálise como filiação teórica. Nessa empreitada, as regiões seriam: o *Materialismo Histórico*, mantendo-se a concepção das formações sociais e suas transformações (compreendida aí a teoria da ideologia); a *Linguística*, constituída pela opacidade da linguagem, com seu próprio objeto de estudo (a língua) que, por sua vez, tem sua ordem própria. E, como terceira região, a *Psicanálise*, com a noção de sujeito da linguagem, que se constitui na relação com o simbólico. Entretanto, a justificativa para a modificação de filiação teórica não está determinada em nenhuma das obras da autora.

A vertente brasileira da AD é desenvolvida por Eni Orlandi (2011) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da

¹⁶ - Expressão utilizada por Orlandi (2015, p. 76), que retoma aquilo dito por Pêcheux e nomeia a AD como uma disciplina de “entremeio”. O termo, bem aplicado, remete a espaços ocupados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias.

determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2011, p.12). Parte da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos, situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço. Hoje, essa abordagem teórico-metodológica é estudada por vários profissionais de áreas diferentes e há grupos de estudos em todo o Brasil. E, nos últimos anos, de acordo com Leandro Ferreira (2005), já circula como aceitação, no rastro da proposta de Orlandi (2002) em: “A Análise do Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil”, a expressão Escola Brasileira de Análise de Discurso, por produzir um aporte com reflexão própria e diferenciada entre analistas do discurso brasileiros, apresentando “consistência histórica”, encontrando “eco institucional e acadêmico na construção de um passo em nossa tradição de reflexão sobre a linguagem” (ORLANDI, 2002, p.38).

2.2. A noção de língua(gem)¹⁷ e a constituição do sujeito

[...] o sujeito, a linguagem, a história são pensados em movimento, em suas rupturas, falhas, equívocos e em seus deslocamentos, pois é uma teoria que não opera com modelos, mas “revela os pontos de fuga na língua” (ZOPPI-FONTANA, 1997, p.37); que não trata da língua enquanto sistema abstrato e nem como gramática, mas do discurso, prática de linguagem, trabalho simbólico constitutivo do sujeito e da sua história (BORGES, 2017, p.121).

Atualmente, o estudo da língua sob o aspecto discursivo está bastante difundido, e a AD, sendo uma dessas tendências, ficou conhecida como Escola Francesa de Análise do Discurso. Para sua criação na década de 60-70, Pêcheux ([1975] (1997)) realizou rupturas com as pesquisas estruturalistas que viam a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si

¹⁷ - Os conceitos de “linguagem”, “língua” e “fala”, entre outros, serviram de sustentáculo para o desenvolvimento da linguística moderna. Tais termos foram elaborados por Ferdinand de Saussure quando ministrou três cursos sobre linguística (1907/1910) e compilados para a edição do Curso de Linguística Geral (CLG) por seus alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye. Assim, a linguagem é heterogênea, a língua é de natureza homogênea, parte social da linguagem, exterior ao indivíduo. Não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta (SAUSSURE, 2006 [1973]). Distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente, “a língua é, para nós, a linguagem menos a fala” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92).

mesma. E, buscou analisá-la, a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofundando-se nos aspectos extralinguísticos do discurso, a fim de chegar à construção de sentidos no contexto social, histórico e ideológico, no qual um determinado enunciado está inserido.

Nesse contexto, Cazarin (2001) explica que a linguagem entendida na perspectiva do discurso, não é tida como instrumento de comunicação, transmissão de informações ou suporte de pensamento. Mas “como mediação necessária, é ação que transforma, é lugar de conflito, de confronto ideológico”. O discurso não é fechado em si mesmo e nem é domínio exclusivo do locutor, pois “aquilo que se diz, significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos” (CAZARIN, 2001, p.143-144). Sob o mesmo ponto de vista, Orlandi (2013) toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem, o meio social e natural em que vive. Com isso, não considera a língua como um sistema abstrato, mas como método de interação. Portanto, a AD, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. “Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia e curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2013, p.15). Pensando nisso, justificamos que uma das principais razões de desenvolvermos um estudo voltado sob tal vertente, foi o fato de a linguagem ser vista como um processo de interação social¹⁸. Por meio dela o homem pode ter a capacidade de construir significados da realidade que o rodeia, seus valores e pensamentos são seus reflexos, até mesmo suas ações são condicionadas por uma série de fatores que o assujeita. Diante dessa realidade, vemos que o discurso é o meio pelo qual o processo de interação verbal se concretiza, quer dizer, o discurso é a palavra em

¹⁸ - As relações dialógicas são uma das formas mais importantes da interação verbal, e, por consequência, da interação social. O conjunto da obra do Círculo de Mikhail Bakhtin (1895-1975) possui alguns pilares sobre os quais toda a concepção de linguagem ergue-se: a interação verbal, o enunciado concreto, o signo ideológico e o dialogismo. A linguagem existe a partir de um sistema extremamente complexo de diálogos que nunca se interrompe. Para haver relações dialógicas é preciso que qualquer material linguístico tenha entrado na esfera do discurso, transformado num enunciado (BAKHTIN, 1997).

movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observamos o homem falando (ORLANDI, 2013).

Desse modo, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos. Isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Já os sentidos, “não estão nas palavras, que mudam de sentido segundo as posições sociais daqueles que a empregam”. Por isso, “o sujeito, ao produzir sentidos diz mais sobre si do que sobre aquilo que ele diz” (SOARES, 2017, p.35). Na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica” (ALTHUSSER, 1985, p. 99).

Sob o viés discursivo, a linguagem é concebida como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 2013, p. 15). Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento, a transformação do homem e da realidade em que ele vive. Trabalhando nas confluências desses campos de conhecimento, a AD “irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2013, p. 20). Com isso, compreendemos que a língua é condição de possibilidade discursiva e está interligada ao funcionamento discursivo, “atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 2011, p.125).

A linguagem é a dimensão do equívoco, pois, segundo Maliska (2017, p. 50), não é transparente e escapa entre a representação e a coisa. “Na AD toda a problemática do sentido, ou melhor, de seus efeitos e defeitos, se dá através de uma premissa que a linguagem não é um código a ser decifrado pelo receptor que a receberia cifrada pelo emissor”. Logo, essa é a primeira lição em AD, não devemos entender a linguagem como comunicação, mensagem, código, enfim, nada disso. “Desse modo, o discurso e a linguagem estão

abertos à polissemia, a uma produção de sentido outra, inesperada [...]” (MALISKA, 2017, p. 51). Nesse espaço, o discurso possibilita formas de conhecimento em seu conjunto (ORLANDI, 2013) e, na prática, concebe um acontecimento, evidenciando, então, “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, [1990] (2008)). Uma vez que propõe a noção de funcionamento, isto é, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Nessa interligação, consideramos a paráfrase e a polissemia, respectivamente, o mesmo e o diferente, como matriz e fonte de sentido, sendo os dois grandes processos da linguagem (ORLANDI, 2011).

Dessa maneira, ao dizer que o discurso é o efeito de sentidos entre locutores, Orlandi (2015, p. 14) aponta um deslocamento da AD de um suposto terreno da linguagem como instrumento de comunicação, saindo daquele esquema do comportamentalismo que preside a relação entre locutores. Visa-se ao estímulo e, rapidamente, à resposta, onde ela (a língua) não é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro. Nessa instância, a partir dos dizeres de Orlandi (1996), podemos tomar a língua em duas dimensões diversas: a da organização, que diz respeito às relações internas, e a da ordem, onde podemos relacionar a língua à sua exterioridade constitutiva. Destarte, é, pois, com a língua, enquanto ordem, que a AD trabalha, porque “os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” (ORLANDI, 2013, p.32.).

Como resultado, cabe frisarmos, a partir dos discursos de Leandro Ferreira (2005), que a concepção de linguagem que norteia a AD é a da Psicanálise, onde o sujeito não é consciente e nem tem controle sobre o que diz, isto é, ele (o sujeito) é *clivado*, *assujeitado*, *desejante*. Tal categoria, introduzida na AD, é pensada a partir de formulações de Lacan, ganhando estatuto próprio. No entanto, “não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, mas levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno, onde a incompletude é muito marcante no sujeito”. Pensando nisso, a autora, utiliza-se do nó borromeano para simbolizar o lugar do sujeito no entremeio

nessas três regiões, “porque ele é afetado simultaneamente por três ordens: linguagem, ideologia e psicanálise” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 73).

A partir dos estudos da Psicanálise, foi introduzida por Lacan, sendo formada por três anéis, simbolizando a *Tríplice Aliança*. Retirando-se um dos anéis, os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. E, nessa relação de interdependência, o que os sustenta, então, é esse laço que os estrutura solidariamente (LEANDRO FERREIRA, 2005). Levando em consideração as formulações da autora, reelaboramos tal figura, no intuito de visualizarmos e, logo, podermos contrastar com seus discursos.

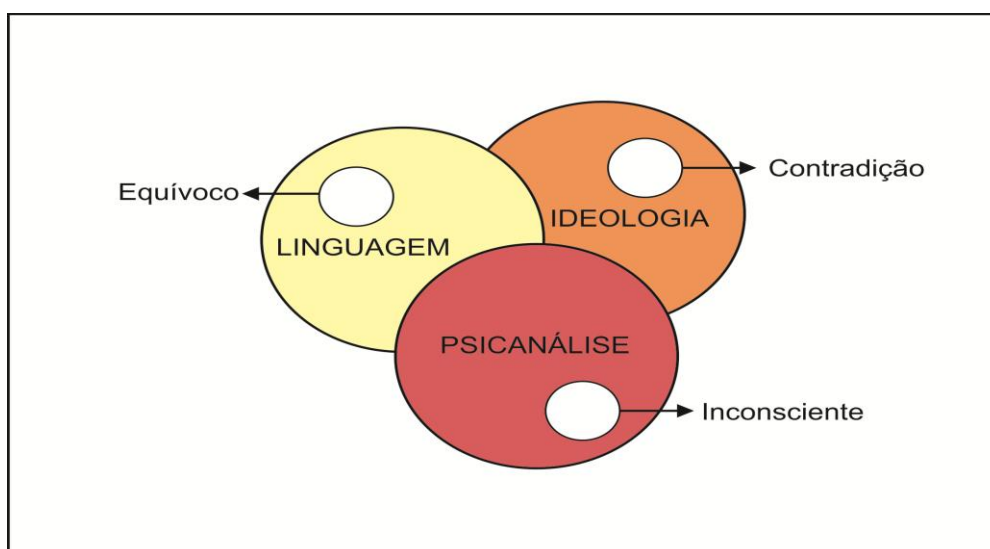


Figura 3 – Nó borromeano. **Fonte:** adaptação nossa, apoiados na ideia original dos estudos de Leandro Ferreira (2005, p, 73).

Ao ser constituído pela linguagem, a pesquisadora explica que o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca *dele* como *efeito de linguagem*. Além disso, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, *ele* se configura como *assujeitado*. E, por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, mostra-se como *desejante*. Enfim, *efeito de linguagem*, *assujeitado* e *desejante*, eis, então, toda a nossa categoria em sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel, à linguagem, à ideologia e à psicanálise, revelando a *morada do sujeito*, e disso, resultando-o enquanto *efeito*. Mais uma evidência, encontramos a partir da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo) (LEANDRO FERREIRA, 2005, grifos nossos).

Nessa teia discursiva, de acordo com Lagazzi (2017), a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso. É a língua/linguagem em suas diferentes materialidades significantes, “quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade, [...], o enunciado, a cena, o corpo, a melodia, a sonoridade, enfim, diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas pela intervenção do sujeito” (LAGAZZI, 2017, p.38). Dessa maneira, “na psicanálise, a hipótese do inconsciente produz uma divisão do sujeito, que fica seccionado entre sua intencionalidade consciente e seu dizer inconsciente, [...] entre o que se diz e o que se pensa ou se almeja dizer” (MALISKA, 2017, p. 70). Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1991), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico, onde se dá a ilusão do sujeito, no sentido de que o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, “exprime bem esta “fixação” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete” (HAROCHE, 1992, p. 178).

Assim, esse sujeito, é da ordem da história, da ideologia, do inconsciente e da linguagem (FERREIRA, 2015). Para fins de visualização, isto será representado pela figura a seguir:

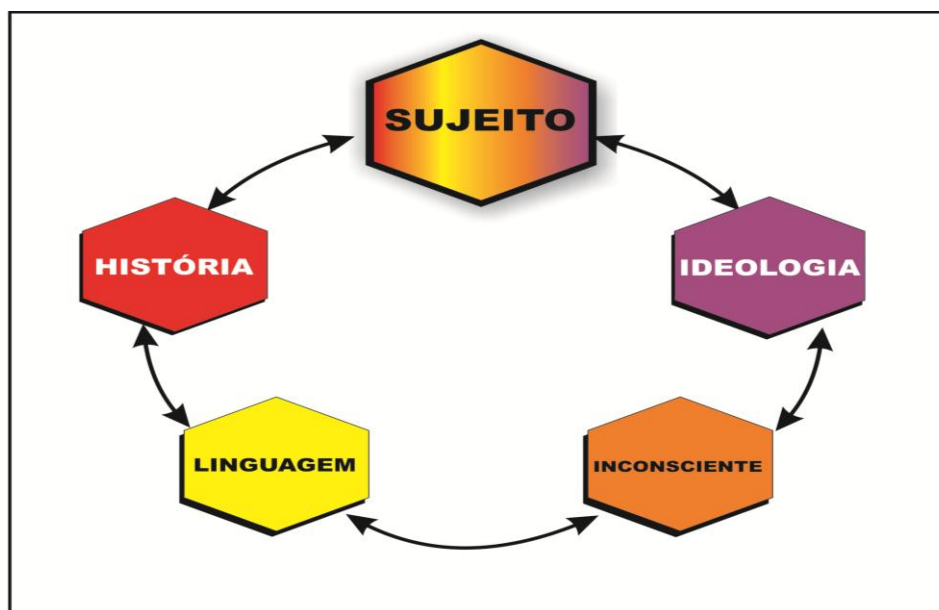


Figura 4 – A constituição do sujeito para a AD. **Fonte:** adaptação nossa, a partir da ideia original de Ferreira (2015, p. 42).

Salientamos que, nem sempre, o sujeito foi visto dessa forma na AD, pelo que Pêcheux ([1975] (1997)) discorre sobre as pesquisas, estabelecendo as três fases pelas quais passou a teoria acerca da concepção de sujeito. Inicialmente, a *primeira época* mostra uma rigidez em suas noções. Nesse momento, o discurso compõe-se de um conjunto de enunciados que o tornam idênticos a si mesmo e diferentes de outros. E, dessa forma, o que está contido num discurso encontra-se excluído de outro e o “sujeito é assujeitado” (PÊCHEUX, [1975] (1997), p.311-312), mas quem fala é uma teoria, uma instituição, uma ideologia e não indivíduos. Salientamos que, nessa circunscrição, cada discurso está submetido a regras que ultrapassam a consciência do indivíduo.

Logo depois, com a *segunda época*, vemos que esta fase é marcada pela inexistência da unidade interna dos discursos, pois, de acordo com a contribuição de Foucault (1996), a formação discursiva vem a ser uma dispersão de enunciados, o que contraria a rigidez da noção de regras discursivas da primeira fase. Já em relação à *terceira época*, põe-se em relevo a noção de heterogeneidade, marcada pela influência de Authier-Revuz, Lacan e Foucault. Assim, a noção que vigora é a de que o Outro¹⁹ está sempre presente, uma vez que ele é constitutivo do discurso, seja de forma mostrada, como na citação direta, ou de forma constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1982; 1984). Em virtude disso, o sujeito é visto como assujeitado e marcado pela ideologia; é um efeito, não uma causa.

Como resultado, levar em conta essa concepção de sujeito ao trabalhar com a linguagem, implica notar que o “sujeito não é acrescentado ao ato linguístico, mas intrínseco, ele se encontra no interior da enunciação” (ORLANDI, 1998a, p.06). Evidenciando a opacidade e heterogeneidade da linguagem, que tem uma ordem própria, “o falante encontra-se a ela submetido e nela se inscreve pela via do significante” (LEMOS, 2009, p. 212). Nesse âmbito, os estudos concernentes ao processo de aquisição da linguagem, em suas diversas modalidades (falada e escrita, materna ou estrangeira), com essa concepção, têm salientado a singularidade do sujeito-falante que emerge

¹⁹ - Na perspectiva da AD, o *outro* é o interlocutor e o *Outro* é o interdiscurso (historicidade, memória do dizer), lugar da ideologia (AZEVEDO, 2000, p.23, *grifo nosso*).

desse processo (LIER-DEVITTO; ARANTES, 2007; PEDROSA, 2008). Produz-se, então, no funcionamento discursivo, “inúmeras formas de manifestação de singularidades subjetivas, transgressoras e renovadoras de sentidos” (LEANDRO FERREIRA, 2010, p. 06).

Sabidamente, o discurso está relacionado ao processo de efeito de sentidos entre os sujeitos/interlocutores e só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos de modo contextualizado, (ORLANDI, 2013), pois não podemos atribuir um sentido à um enunciado fora de um contexto, porque as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. Assim, concluímos que, no discurso, “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos (...)” (ORLANDI, 2013, p.32). Sendo assim, tencionando compreendermos melhor como se dá o processo do funcionamento discursivo, elaboramos um esquema proposto por Orlandi (2011) em seus estudos:

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO

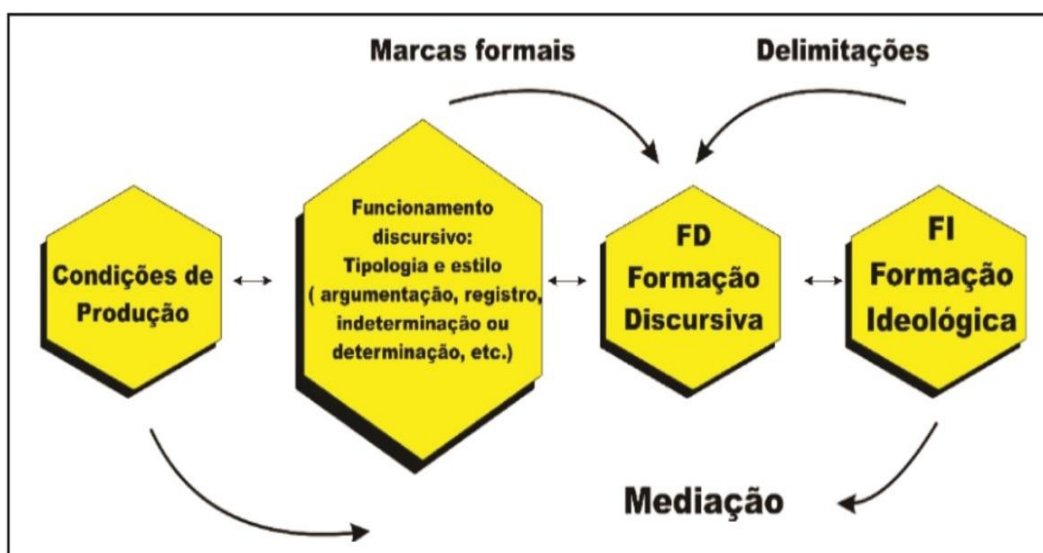


Figura 5 – A representação do processo de funcionamento discursivo. Fonte: adaptado por nós, com base na ideia original de Orlandi (2011, p.132).

2.3. O funcionamento discursivo e as formações imaginárias (Fim) nas condições de produção (CP) dos sujeitos-interlocutores

As palavras não estão coladas às ideias ou às coisas, e tampouco são indiferentes entre si. Dizer de diferentes

maneiras produz diferentes sentidos, estabelece diferentes referências imaginárias. E isso importa muito! Essa abordagem de língua não vai privilegiar a informação ou o conteúdo, e nem vai considerar que o que se quer dizer já está estabelecido antes de ser formulado. A forma do dizer, o significante, é a base sobre a qual os sentidos se produzem, em diferentes condições (LAGAZZI, 2015, p. 78).

Não podemos negar a evidência da língua. Ela tem seu corpo, sua materialidade, por isso, conforme Leandro Ferreira (2000, p. 21), “é preciso que desconfiemos dela e de seu efeito de aparente transparência”. Além disso, é preciso investigar os mecanismos de funcionamento que produzem sentidos, pois muitas vezes, nos contextos sociais, o sentido das palavras, dos enunciados, das preposições aparece como se estivesse dado, cabendo ao sujeito reconhecer e adequá-lo ao seu dizer. Cria-se, assim, “a ilusão de um sentido desprovido de história e de um sujeito como origem de si próprio”. Temos aí, em decorrência do “efeito de evidência da língua”, o surgimento de mais duas: “a *evidência do sentido* (que faz com que uma palavra queira dizer o que realmente diz) e a *evidência do sujeito* (que se mostra como tendo existência espontânea)” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 21, grifos da autora).

Nessa trelça, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”. Assim, achando que os sentidos estão nas palavras, apagando-se suas formações imaginárias (Fim), pensando fazer desaparecer em suas condições de produção (CP), o modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Sendo assim, nessa composição, por intermédio desses conceitos, “teremos uma condição privilegiada de investigar um funcionamento particularmente desvelador e revelador dos sentidos de certos enunciados” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24).

Como resultado, em meio a essa tessitura, o funcionamento discursivo não é unicamente linguístico, já que as CP (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. Dessa maneira, as CP são Fim, onde se apresentam, de acordo com Orlandi (2011):

- 1) **A relação de forças** - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa. Logo, importa-se, por exemplo, se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc (ORLANDI, 2015).
- 2) **A relação de sentido** - o coro de vozes, a intertextualidade, o vínculo que existe entre um discurso e os outros, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos. Portanto, todo dizer é aberto em suas relações de sentidos (ORLANDI, 2015).
- 3) **A antecipação** - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p.126-158, grifos nossos), isto é, coloca-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e *antecipando-lhe a resposta* (ORLANDI, 2015, grifo nosso). Por isso, o sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do “efeito que possa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2013, p. 39). E como efeitos ele (o sujeito) “é historicamente situado e agente de práticas sociais e, desde sempre, um indivíduo interpelado em sujeito, através da ideologia” (CAZARIN, 2005, p. 01).

Em vista disso, passamos a compreender que os dizeres, como bem pontua Orlandi (2013), não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas. Essas CP, sendo as Fim dos interlocutores (a situação dos protagonistas), “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” e em sentido estrito, abrangem “o contexto imediato, que se constitui a partir das circunstâncias da enunciação” (ORLANDI, 2013, p.30-31).

Portanto, em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação, contam fundamentalmente para a AD. Mas esse sujeito e tal situação são redefinidos discursivamente como partes das CP do discurso. Diante disso, dizemos que na AD não podemos deixar de relacionar o discurso com suas CP, sua exterioridade (ORLANDI, 2015). De tal forma que, segundo Borges (2017), “o sujeito é consequência das discursivizações em torno dele, nas CP em que se encontra. Ele é interpelado e funciona como efeito e como materialização das interpelações constitutivas da memória discursiva” (BORGES, 2017, p.134).

2.4. A ideologia, a formação ideológica (FI), a formação discursiva (FD) e o discurso

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem a partir de elementos livremente escolhidos, em circunstâncias escolhidas por eles, mas em circunstâncias que eles encontram imediatamente diante de si, dadas e herdadas do passado (ALTHUSSER, 1970, p.70).

Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito e todo sujeito tem ideologia, assim sendo, Althusser (1970) apresenta formulações em sua tese sobre a questão da ideologia. Sendo assim, afirma que a evidência do lugar da submissão espontânea, o seu funcionamento e suas respectivas consequências na sociedade apresentam-se sob o controle explícito dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e dos Aparelhos Repressores do Estado (ARE). Nesse sentido, a inculcação da ideologia dominante apesar de ser aprendida, reforçada e perpetuada na escola não se origina nela. Tem, antes, origem na formação das classes sociais, no seio do próprio Estado e de seus aparelhos (ALTHUSSER, 1970). Com isso, ainda fundamentados nos dizeres de Althusser (1985), entendemos que “o discurso é uma das formas de realização do ideológico”, de modo que a ideologia se materialize no discurso, “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é *o mecanismo da sujeição*”, logo, dele ninguém está livre (ALTHUSSER, 1985, p.08, grifo nosso). Diante disso, a ideologia, segundo Borges (2017), “é a própria realização do sujeito e sentido se constituindo de forma simultânea, o que permite ampliar a discussão e pensar no sujeito assujeitado para significar” (BORGES, 2017, p.133).

A partir dos escritos de Althusser (1985) notamos, então, que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos de *interpelação*, podendo ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: “*ei, você aí!*”²⁰. Ao supormos que essa cena teórica ocorre na rua, certamente o indivíduo interpelado se volta. Desse gesto, como efeitos, “nesse simples movimento físico de 180° ele se torna *sujeito*, [...] o

²⁰ - A interpelação, prática cotidiana, submetida a um ritual preciso, toma uma forma bastante especial na prática policial de “interpelação”, quando se trata de interpelar “suspeitos” (ALTHUSSER, 1985, p. 96).

interpelado sempre se reconhece na interpelação” (ALTHUSSER, 1985, p.97, grifos do autor). Nessa tessitura, às estruturas chamadas de ideologia e inconsciente possuem um papel preponderante na interpelação dos indivíduos e constituição dos sujeitos. Há, conforme Pêcheux [1996] (2010), o traço comum a essas duas estruturas, sendo, portanto, “o fato delas operarem ocultando sua própria existência”. Produz-se, então, uma rede de verdades “subjetivas” evidentes, com o “subjetivas” significando, aqui, não “que afetam o sujeito”, mas em que o sujeito se constitui” (PÊCHEUX, [1996] (2010), p. 148). Desafiando então, toda interpretação que atribua a ele (o sujeito), “uma condição de efeito exclusivo de determinações de diferentes ordens” (LEANDRO FERREIRA, 2010, p. 06).

Nesse contexto, Authier-Revuz (2001) toma por formação ideológica (FI) ou *ideologia* “o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique”. Nessa esfera, Orlandi (1994) aponta para um deslocamento do conceito sociológico de ideologia para o conceito discursivo do termo, afirmando, então, que a ideologia:

(...) não se apresenta como ocultação (ou dissimulação), mas como transposição (simulação) de sentidos em outros, pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social (ORLANDI, 1994, p. 296).

Entendemos que o deslocamento da concepção de ideologia, antes sociológico, passando para a esfera discursiva, permite-nos ver que se trata de um necessário *apagamento*, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, pois existe na sua ilusão a ideia de dar sentido: “a produção do efeito de evidência” (ORLANDI, 1994, p. 296). Desse modo, “*se pensamos a ideologia, pensamos sujeitos na história, na sociedade, afetados pelo político*”, onde tal alteridade “são os outros na história e na sociedade” (ORLANDI, 2017, p. 22, grifos nossos). A ideologia, ainda, segundo Orlandi (2013), é a condição para que se constituam o sujeito e os sentidos e essa relação se faz de tal maneira que para haver sentido é necessário que a língua se inscreva na história. Logo, “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação (...), não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2013, p.15).

A ideologia, nesse imbricamento, é inconsciente e materializada no discurso. Em decorrência disso, o discurso apresenta uma natureza quadridimensional (FERREIRA, 2015). Essas relações podem ser representadas e observadas a partir da imagem a seguir:

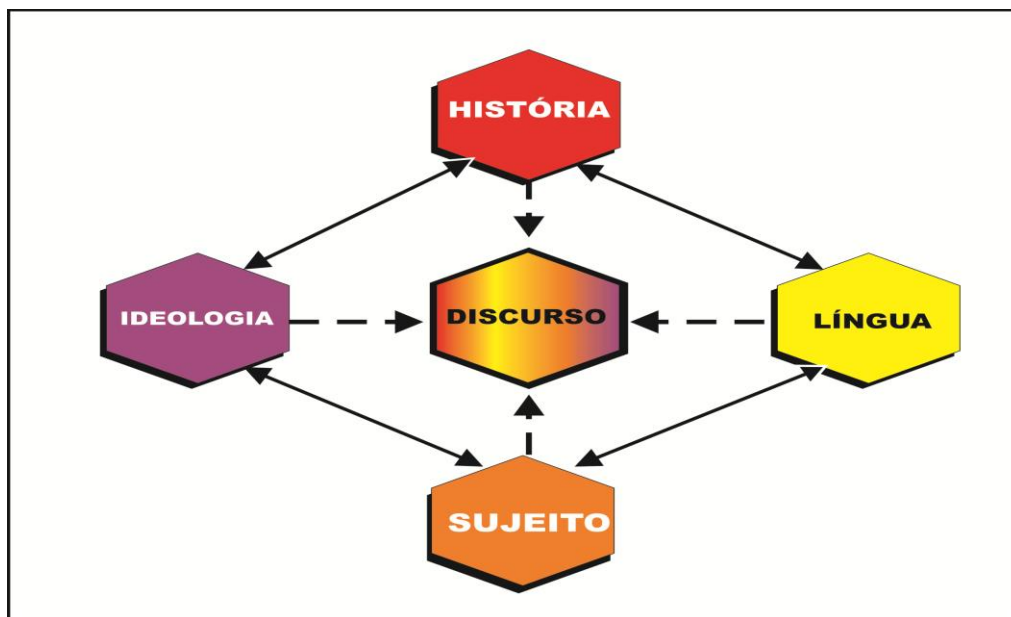


Figura 6 – A constituição do discurso para a AD. **Fonte:** adaptação nossa, segundo os estudos de Ferreira (2015, p.48).

Dessa maneira, o discurso é, assim, o lugar de confronto entre língua(gem) e ideologia. Sempre remete à FD, e esta, à formação ideológica, e é por essa via que a linguagem adquire/produz sentido. É também por essa via que o discurso guarda relações com as instituições em que é produzido (SUASSUNA, 2004). Conseqüentemente, na prática, “todo discurso é resultado de um complexo jogo ideológico onde entram em cena suas condições de produção” (FERREIRA, 2015, p.47). É por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias (Fim) dos sujeitos em suas CP que percebemos a constituição dos sentidos. Estes, por sua vez, conforme Ferreira (2015) instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos estão inscritos.

Nesse vigamento, a FI “apresenta-se como elemento capaz de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social em dado momento”. Além disso, é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, *mas se relacionam mais ou menos às posições de classes em*

confronto umas com as outras. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias FDs interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137, grifos nossos). Dentro dessa composição, Pêcheux (1988, p. 214) situa a relação ideologia/discurso. Por esse motivo, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Na verdade, a tese “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, quer dizer, que o “não sujeito” é interpelado – constituído como sujeito pela ideologia. Tal interpelação tem, por assim dizer, “*um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é sempre-já sujeito*” (PÊCHEUX, [1996] (2010), p.150, grifos nossos). À noção de formação discursiva (FD), o autor diz, “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

No entendimento de Orlandi (1996), uma FD é, “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 21). Diante disso, “as FDs determinam uma posição, mas não a preenchem de sentido – as formações discursivas são constituídas pelas diferenças, pelas contradições, pelo movimento” (ORLANDI, 2013, p. 20). Ao comungar com os discursos em movimento, Leandro Ferreira (2001, p.18) reitera que “uma FD é considerada matriz de sentidos e elemento regulador do que ao sujeito é permitido ou não dizer. É a manifestação que aparece no discurso de uma determinada formação ideológica”. No entendimento de Indursky (2002), uma FD é, ao mesmo tempo, “idêntica e dividida, porque seu domínio de saber comporta igualdade, mas também diferença e divergência” (INDURSKY, 2002, p.80). Uma FD identifica, um domínio do saber e dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao interdiscurso das FDs, imbricado no complexo das FI (CAZARIN, 2001).

Nesse enredo de discussões, Ferreira (2015) afirma que o discurso é constituído pela língua(gem) posta em funcionamento por indivíduos interpelados em sujeitos através da ideologia e produz sentidos inseridos em uma dada conjuntura social. Por conseguinte, “a produção do discurso acontece por meio da instância da história em sua relação com a língua(gem)

onde sabemos que a ideologia se materializa” (FERREIRA, 2015, p.47). Além disso, nessa materialização, a ideologia fornece, de acordo com Pêcheux (1988, p. 191), evidências para que palavras e/ou enunciados “queiram dizer o que realmente dizem”, “e para que mascarem, sob a transparência da linguagem, o caráter material do sentido” (CAZARIN, 2001, p. 137).

Nesse enquadramento discursivo, a seguir, apresentamos o quadro 1, visando identificarmos as diferenças e deslocamentos entre os posicionamentos de Marx, Althusser e Pêcheux frente à ideologia, alicerçados nos estudos de Ferreira (2015, p.29):

IDEOLOGIA EM MARX	IDEOLOGIA EM ALTHUSSER E PÊCHEUX
<p>1. Sua tese é negativa – é determinada pela alienação do sujeito e da divisão do trabalho;</p> <p>2. Consiste num sistema de ideias, de representações que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social atravessado pelo engodo;</p> <p>3. Os indivíduos encontram suas condições de vida e seu desenvolvimento pessoal determinados pela classe social, ou seja, são subsumidos a ela;</p> <p>4. As formações ideológicas explicam-se a partir da práxis material, que é representada pela produção real (material) da vida imediata dos homens;</p> <p>5. Parte-se da história real, isto é, da história dos homens realmente ativos;</p> <p>6. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e, com efeito, são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e seu desenvolvimento na estrutura social e política.</p>	<p>1. Sua tese é positiva – sua estrutura e seu funcionamento estão presentes na história de todas as sociedades de classes (formações sociais);</p> <p>2. A ideologia é vista como uma instância material, concreta e histórica. E seu funcionamento é percebido a partir da prática política (discursiva);</p> <p>3. Representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (mundo), com as relações de existência;</p> <p>4. A relação imaginária (aquilo que não corresponde à realidade) é dotada de existência material;</p> <p>5. Objeto: relação do sujeito com o mundo e não o mundo em si;</p> <p>6. Tem uma existência material – existe em um aparelho ideológico e em suas práticas.</p> <p>7. Teses:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ 1– “Não existe prática senão através de e sob uma ideologia”; □ 2 – “Não existe ideologia senão através do sujeito e para sujeitos”; □ 3 – “A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”.

Fonte: este quadro foi inicialmente idealizado por Grigoletto e reformulado por Ferreira em um seminário temático sobre AD (PPGL – UFPE, 2013).

2.5. A concepção de memória discursiva e/ou interdiscurso (memória social): designações teóricas

Encontramos uma característica essencial da noção de memória, tal como ela é convocada pela AD: o sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime da repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser a origem daquele saber. Por conseguinte, a memória, de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante. A memória, neste domínio de conhecimento, é social. E é a noção de regularização de sentidos que dá conta desta memória (INDURSKY, 2011c, p. 70-71).

No contexto discursivo, entre as várias concepções da AD, nos deparamos com *memória*, termo esse que, conforme Indursky (2011c, p. 68), “sempre esteve presente no quadro da teoria da AD, muito embora, nos textos fundadores, esta nomeação ainda não tivesse tido lugar”. Nesse âmbito, “pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como por exemplo, *repetição, pré-construído, discurso transverso, interdiscurso*”, Dessa maneira, todas essas noções remetem, de uma forma ou de outra, à *memória do dizer*, isto é, “trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso” (INDURSKY, 2011c, p.68). Assim sendo, entendemos, que entre os mencionados conceitos, memória discursiva e interdiscurso, por exemplo, aparecem como sinônimos e chegam a ser utilizados indistintamente na obra de Pêcheux (1988; 2010) e Orlandi (2013).

De tal forma que, como constitutivo do discurso, temos o interdiscurso, definido como aquele que delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente, determinando a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica (PÊCHEUX, 1988). Não raro, já pontuamos que o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos de seu discurso, realiza-se “através do interdiscurso e fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas” (PÊCHEUX, 1988, p.163). Logo, o interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito, o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. Dentro da FD, o interdiscurso, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito” (LEANDRO FERREIRA, 2001, p.18).

Desse modo, o processo histórico é base tanto da FD como da ideologia, assim, entendemos que "a partir de posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito" (ORLANDI, 2013, p.41). Diante dessa afirmação, constatamos que se a matriz de sentidos é instituída através do processo de repetibilidade, conseqüentemente, ela coloca os limites dessa repetição. Por isso, "a matriz de sentido estabelece o que pode e deve ser dito no interior de uma FD. O que equivale a dizer que há sentidos que nela não podem ser produzidos" (INDURSKY, 2011c, p. 68). Mais precisamente, "há efeitos de sentidos entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos que participam do discurso, dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas" (ORLANDI, 2015, p. 14). Nessa conjuntura, é necessário esclarecermos que o papel exercido por tal memória não deve ser entendida no sentido psicologista da "memória individual". Mas no sentido "da memória social", que atua no interior de uma formação discursiva (FD) em uma relação de proximidade com o interdiscurso (PÊCHEUX, 2010; 2011). Disso, constatamos que em AD, "o discurso é concebido como uma prática, e, como toda prática, constituído pela ideologia, que o entranha" (ORLANDI, 1998b, p. 10).

Em meio a essa dada conjuntura sócio-histórico, ideológica, "a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso" (ORLANDI, 2013, p.29). Sobre essa concepção, Pêcheux (2010) reitera:

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

Em virtude disso, a memória do dizer possibilita a materialização de discursos que se processam mediante o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inscritos. Portanto, retomando dizeres outros, para então, reformular e restabelecer discursos num complexo jogo ideológico. Nesse cenário, o interdiscurso é tratado como a memória, que por sua vez, de acordo com Orlandi (2013, p. 31), pode ser definido "como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente". Sendo assim, tem suas características,

quando pensada em relação ao discurso. A partir disso, a autora, ainda, complementa:

Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito²¹ que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2013, p.31).

Notamos que há sempre outros dizeres, reconstruídos/elaborados pelos sujeitos em seus discursos (aquilo que se encontra na base do dizível). Disso, os ressignificamos em nossas palavras e podemos deduzir que há uma relação entre o já-dito e o que estamos dizendo “que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação”. Dessa forma, o interdiscurso está na base do dizível, na memória do dizer que aflora pela ação do sujeito ao revelar aquilo que já foi pré-construído. E, como efeitos, “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2013, p.30). Na prática, “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2013, p.40).

É necessário percebermos, também, que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso, “conjunto de unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação” uma primazia sobre o seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 2001,p.27). Compreendemos, então, a partir das palavras de Courtine ([1981] (1995)), que o interdiscurso é a instância de formação, repetição e transformação dos elementos de saber de uma FD, em função das posições ideológicas que ela representa em uma conjuntura determinada.

Diante das formulações apresentadas, constatamos que sim, ora memória discursiva (ou do dizer) e interdiscurso nos parecem sinônimos. Mas, quando Indursky (2011c) explica e esclarece-nos que há diferenças importantes entre as duas noções, passamos a entender que:

²¹ - O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para compreendermos o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia (ORLANDI, 2013).

A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Em outras palavras, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada (INDURSKY, 2011c, p. 87-88).

Ao delimitar bem as duas noções, percebemos que enquanto o interdiscurso aparece como o conjunto total de sentidos, de todos os dizeres, não as formulações exatamente como são ditas, mas os sentidos, possíveis e imagináveis, que estão presentes nesse espaço discursivo. Por sua vez, a memória do dizer, seria um recorte de cada/determinada FD deste interdiscurso, quer dizer, aquilo que vamos constituir. Na prática, por conseguinte, tal memória seria o recorte de elementos, de saberes, de sentidos do interdiscurso que vão caracterizar uma FD. Entretanto, “tanto memória discursiva como interdiscurso dizem respeito à memória social, *mas não se confundem*” (INDURSKY, 2011c, p. 87-88, grifo nosso).

2.6. A maneira como a forma-sujeito constitui a posição-sujeito: implicações na formulação discursiva

A materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições (ORLANDI, 2007, p. 20).

Através do estudo do funcionamento discursivo, percebemos, a partir dos dizeres de Cazarin (1999), como o sujeito do discurso representa-se nas diferentes relações que se estabelecem. Assim sendo, na AD, a prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere a sua FD. Entretanto, podemos ter outros efeitos de sentidos, porque “a maneira como a posição sujeito se relaciona com a forma-sujeito (sujeito da FD), revela a não homogeneidade da FD, e por conseguinte, do discurso” (CAZARIN, 1999, p. 01). Em vista disso, o sujeito histórico da FD, não-homogêneo e fragmentado, nos dizeres de Cazarin (2005), nada tem a ver com o sujeito centralizado em um eu monolítico, mas um sujeito relativizado, com forte presença do outro, com quem divide seu espaço discursivo (é ele, mais a complementação do outro, mais o inconsciente). Nesse outro, “inlui-se não só o destinatário, mas

também a voz de outros discursos, historicamente já constituídos, que se encontram no nível do interdiscurso” (CAZARIN, 2005, p.03).

Portanto, cabe ressaltarmos, fundamentados nos escritos de Orlandi (1998b, p. 75) que em AD, “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição”, além disso, “o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras” (ORLANDI, 2013, p.49). Então, trata-se de um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz. Nesse sentido, “os sujeitos são intercambiáveis”, de maneira que, podemos assumir diferentes posições a partir da FD em que estamos inscrevendo nossas palavras. De tal forma que, quando, por exemplo, uma mulher fala da posição de “mãe”, questionando seu filho sobre o horário de chegada: “isso são horas?”, a mesma está falando da “*posição-mãe*”, como outras fazem. Como efeitos, “podemos até dizer que não é a mãe falando, é a sua posição. Ela aí está sendo dita. *E isso significa. Isso lhe dá a identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora, de atriz etc.*” (ORLANDI, 2013, p.49, grifos nossos).

Nessa tessitura discursiva, destacamos que uma posição-sujeito, na perspectiva da AD, tendo em vista as palavras de Cazarin (2005),

corresponde, mas não equivale nem à presença física, nem mesmo aos lugares objetivos da estrutura social (...) pode ser entendida como um constructo teórico, representando, no processo discursivo, os “lugares” ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Estes, ao mobilizarem uns e não outros saberes identificam-se com os mesmos e, a partir deles, enunciam (CAZARIN, 2005, p. 04).

Com isso, a prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere à FD em que está inscrito, mobilizando dizeres a partir de tal inscrição. Entretanto, dentro dessa FD, apesar de ela “determinar o que pode e deve ser dito, há, ou pode haver, efeitos de contradição”, e assim, como não há um sujeito pleno, também não há assujeitamento pleno (MARIANI, 1998, p. 25), ou seja, “uma posição-sujeito é um lugar social representado no discurso” (ORLANDI, 1998c, p. 75). Atrelado a isso, “uma posição-sujeito se constitui como uma relação determinada de o sujeito se relacionar com o sujeito histórico, identificando-se com o mesmo” (COURTINE, [1981] (1995), p.43).

O sujeito é apresentado por Pêcheux ([1975] (1997)) como revestido de um caráter ideológico, assujeitado à sua FD. Esta, por sua vez, apresenta uma *forma-sujeito*, “entendida como o processo sem sujeito que coincide consigo mesmo, isto é, um sujeito afetado pela ideologia” (CAZARIN, 1999, p. 01, grifo nosso), visto que as características marcantes dos sujeitos são os traços sociais, ideológicos e históricos. Ademais, a forma-sujeito é historicamente determinada, e é isto, de acordo com Cazarin (1999), que permite falar na historicidade do sujeito na AD. Mas, a autora esclarece, ainda, que no interior de uma FD, coexistem diferentes posições de sujeitos que se relacionam diferentemente com a forma-sujeito de sua FD. Portanto, na AD, o sujeito não é portador de escolhas e/ou intenções, “o que ocorre é que devido à natureza inconsciente da determinação ideológica, ele (o sujeito) não percebe a vinculação de seu discurso a essa forma-sujeito” (CAZARIN, 1999, p. 01). Nessa composição, há uma ilusão de liberdade, de unicidade, que é o efeito ideológico, uma construção necessária do imaginário discursivo, em meio à dispersão, como a ilusão da unidade, sendo igualmente constitutivas (ORLANDI, 1986).

É importante percebermos que a ideologia é um fator que interfere na constituição dos sentidos, dos sujeitos e logo no funcionamento de uma posição-sujeito. Sendo assim, não existe *a priori* – se produz justamente no momento da constituição dos efeitos de sentidos, quer dizer, é constituído no momento em que “o sujeito enunciator do discurso recorre ao já-dito, o ressignifica e se significa”. Ou seja, uma posição-sujeito materializa-se no discurso através dos saberes da FD em que tal sujeito mobiliza para enunciar (ORLANDI, 2007, p.90).

Nesse encadeamento discursivo, lembremos como afirma Orlandi (2015), que o sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso, significando dizer que há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição-sujeito no discurso. Nesse sentido, “o enunciator e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos de relação de interlocução, indicando diferentes posições-sujeitos”. E isso se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem todo discurso, a partir da imagem que o sujeito faz dele mesmo, de seu interlocutor,

do objeto do discurso e vice-versa. Essa conexão acaba revelando-nos que cada um dos lugares ocupados nas CP do discurso dos sujeitos em suas formações imaginárias tem sua força na relação de interlocução e *isto se representa nas posições-sujeito*, “por isso, essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força” (ORLANDI, 2015, p.16, grifos nossos).

Em seus estudos, Courtine ([1981] (1995)) não trata o sujeito em termos de "sujeito universal do discurso", mas de diferentes *posições do sujeito*, isto é, as modalidades da relação do sujeito universal (sujeito do saber próprio a uma FD) com o sujeito da enunciação, do sujeito do enunciado com o sujeito da formulação, assim, [...], podendo, no interior do discurso, ocupar diferentes *posições ou funções discursivas* (COURTINE, [1981] (1995), grifos nossos). Por consequência, *a forma-sujeito* trata-se do conjunto das diferentes *posições de sujeito* em uma FD, enquadrando-se dentre as *modalidades de identificação, contra-identificação e desidentificação*, expostos por Pêcheux (1988). Na prática, significa afirmar que “*a forma-sujeito abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior*” (INDURSKY, 2011a, p.86, grifos nossos).

Em síntese, fundamentados nos dizeres de Garcia (2014, p. 340), constatamos que enquanto a *forma-sujeito* “é resultante do processo de incorporação e, ao mesmo tempo, da dissimulação, pela qual o sujeito se identifica com a FD”. Disso, temos a constituição desse sujeito, “absorvendo o interdiscurso no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito”. E, ao mesmo tempo, inculcando “os efeitos de intersubjetividade nos quais o sujeito se reconhece especularmente em outro sujeito”. Por sua vez, a posição-sujeito “trata-se das projeções em um determinado momento histórico-ideológico, no qual o sujeito enuncia-se”. Ou seja, nos diferentes momentos da história, podemos ter diferentes *formas-históricas dos sujeitos*. Assim sendo, a depender das conjunturas, ao formular seu dizer, o sujeito, interpelado pela ideologia, *ocupará uma posição e sustentará seu discurso* no interior de sua FD (GARCIA, 2014, p.340, grifos nossos).

2.7. A política do silêncio ou silenciamento no discurso

E, no movimento, outras tomadas de posição em função de outros modos de se relacionar com a ideologia, são excluídas de seu processo [...], produzindo gestos de silenciamento de outros possíveis sentidos e interpretações. Trata-se do que Orlandi (2007, p. 75) designou de política do silêncio que consiste no fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada (INDURSKY, 2017, p. 88).

Se tomarmos o conceito de FD como referência, podemos dizer, imbricados nas palavras de Orlandi (2007) que a questão da política do silêncio (ou silenciamento) trabalha os limites das diferentes FD, lidando com o jogo da contradição de sentidos e da identificação do sujeito. No discurso, então, o silêncio aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc” (ORLANDI, 2007, p. 31). Por outro lado, o silêncio não fala, ele significa, sendo, pois, inútil o traduzirmos em palavras. No entanto, é possível compreendermos o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos. Além do mais, o silêncio não é ausência de palavras, impor ele (o silêncio) não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silencio(s)” (ORLANDI, 1996, p. 102). Em relação aos sentidos no discurso, Orlandi (1996) considera que (relações do sujeito com a história) são abertos e não evidentes, embora tenham a aparência de evidência, além de que são necessariamente discursivos, sempre sujeitos à interpretação. Esta, por sua vez, é “o vestígio do possível, o lugar próprio da ideologia, sendo *materializada* pela história, onde o gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio” (ORLANDI, 1996, p.18).

Nessa tessitura, a política do silêncio (ou silenciamento), significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, visto que, nesse espaço discursivo, o dizer é interditado e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade, conseqüentemente, é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estancada em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Como resultado, se dá a

migração de sentidos, “com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito” (AZEVEDO, 2000, p.29). Prática essa, por exemplo, muito comum naqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos* que silenciam tendo em vista suas formações imaginárias ou são silenciados por seus pares discursivos.

Nesse contexto, a prática da AD compreende sujeito e sentido, constituindo-se ao mesmo tempo. Com isso, as palavras transpiram silêncio, um silêncio onde os sentidos, em sua movência, em seu fluxo incessante, se mostram/escondem na iminência do dizer. Além disso, não há como definir o silêncio apenas considerando a relação sonora (falta de som), mas sim, pensando sobre a significação. Ademais, não podemos compreender o silêncio apenas tendo como base o “dito” e “não-dito”, pois ele (o silêncio) não precisa do dito para significar, porque significa por si só (ORLANDI, 2007).

Portanto, podemos ainda dizer que o silêncio é o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia e em imaginação. Sendo assim, Orlandi (2007, p. 31) explica que, “o silêncio, mediando às relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem”. Ele (o silêncio) significa e ressignifica de outras formas, pois não é transparente, logo, o silêncio indica que o sentido também pode ser outro e, muitas vezes, o mais importante é aquilo que não se diz (ORLANDI, 2007). Então, a materialidade significativa do silêncio e da linguagem, caracterizam-se como diferentes, e esse é o fator principal que influencia na maneira pela qual se produz sentidos.

2.8. O processo de identificação, contra-identificação e desidentificação nas FD dos sujeitos

... não se deixa jamais um erro dormir impunemente em paz, pois esse erro é um meio seguro para que ele perdue; é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente no verdadeiro (!), mas para avançar tanto quanto se possa em direção à justiça (PÊCHEUX, [1975] (1997), p.299).

A língua não é completa, mas constitui-se pela falta, pela equivocidade, também, produzindo sentidos. Com efeitos, todo enunciado é suscetível de deslocar-se discursivamente de um sentido para outro. Além disso, existe o “que diz” do discurso inconsciente que atravessa o discurso do sujeito (PÊCHEUX, [1990], (2008)). Nessa concatenação, na AD temos duas formas de esquecimentos: o que chamamos, de acordo com Orlandi (2015), esquecimento número 1 e esquecimento número 2, revelando duas questões básicas no discurso, relacionadas aos *esquecimentos* (ideologicamente) constituintes do sujeito, de que nos fala Pêcheux (1988).

1. **Em primeiro lugar, o sujeito tem a ilusão de que é a origem do seu dizer.** “Como os processos discursivos se realizam necessariamente pelo sujeito, mas não têm sua origem no sujeito, ao falar, o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras dos outros” (ORLANDI, 2007, p.79-80). “O sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina. Ele se constitui pela sua inscrição na FD” (ORLANDI, 2015, p. 20).
2. **Em segundo lugar, o sujeito tem a ilusão de que o que é dito por ele apresenta um sentido único.** Esta é uma ilusão no nível da formulação/enunciativo, ou seja, “esquecimento que produz no sujeito a impressão da realidade do pensamento (ilusão referencial): impressão de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo” (ORLANDI, 2007, p. 98). E, assim, “o sujeito esquece que há outros sentidos possíveis” (ORLANDI, 2015, p. 20).

O discurso inexistente de forma isolada, nesse sentido, ele estabelece relações com outros dizeres no interior de uma FD. Esse sujeito, ao enunciar, é afetado pela ideologia e o inconsciente. Assim, inscreve-se, sem que se perceba, em uma determinada FD. Na prática, o sujeito, ao apropriar-se dos saberes, esquece que ele representa já-ditos, produzidos em outros discursos que são retomados e se inscrevem no discurso daqueles, que ao se apropriarem dele assumem outras dimensões. Então, cada sujeito fala a partir de FD e formação ideológica (FI) e os efeitos de sentido serão diversos, também relacionados a essas formações (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997)).

Dessa forma, sempre que o sujeito toma a palavra, Indursky (2013) salienta que ele (o sujeito) mobiliza um funcionamento discursivo, uma atividade estruturante de um discurso, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas. Quando pensamos em

um “falante determinado”, Orlandi (2013) esclarece que não se refere à presença física, nem situação objetiva, mas às formações imaginárias, representações, a posição em que o sujeito ocupa no discurso. Nesse enredo discursivo, sujeito e FD são noções que estão fortemente imbricadas, quer dizer, é por meio da relação do primeiro com a FD que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso. Podemos afirmar, juntamente com Pêcheux (1988), que os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas FDs que representam “na linguagem” as FI que lhes são correspondentes. Segundo, ainda, o autor, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a FD que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p.161-163).

Já sabemos que, o indivíduo, ao ser interpelado pela ideologia, como afirma Indursky (2011a) constitui-se como sujeito, identificando-se com os dizeres da FD que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica. Para a autora, a FD pode ser entendida como “o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito” (INDURSKY, 2011a, p.82). E, apresenta-se dotada de bastante unicidade, com um domínio discursivo fechado e homogêneo em que o sujeito do discurso, *ao tomar posição*, identifica-se plenamente com seus semelhantes, reduplicando sua identificação no âmbito da FD. Então, só há espaço para a reduplicação da identidade; conseqüentemente, para os mesmos sentidos, em que, neste momento, não há alteridade, diferença e nem a contradição. *E a identificação do sujeito se dá diretamente com a forma-sujeito*, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem na FD (INDURSKY, 2011a, grifos nossos).

Em um dos seus estudos, Pêcheux (1988) introduz o que chamamos de modalidades da tomada de posição, as quais relativizam essa “reduplicação da identificação”. Nessa mesma obra, o autor concebe o sujeito como unitário, e a FD como bastante homogênea, no entanto, estas duas concepções são relativizadas. Por trás deste desejo (pois certamente a unicidade é da ordem do desejo e do imaginário do sujeito), segundo Indursky (2011a), percebemos que o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo

e esta divisão se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na FD em que se inscreve.

Procurando esclarecer, mais detalhadamente, em relação às modalidades de tomada de posição, Pêcheux (1988), inicialmente, afirma que:

- 1) **A primeira superposição:** revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o mesmo, caracterizando o discurso do 'bom sujeito' que reflete espontaneamente o Sujeito. Esse momento nada mais é do que a reduplicação da identificação, e que representam a primeira formulação destas noções, no âmbito do quadro teórico da AD.
- 2) **Já sobre a segunda modalidade,** ao contrario, caracteriza o discurso do "mau sujeito", discurso em que o sujeito do discurso, por intermédio de uma "tomada de posição", contrapõe-se à forma-sujeito e aos saberes que ela organiza no interior da FD. Essa modalidade consiste em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) em relação ao que diz a forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso à contra-identificar-se com alguns saberes da FD que o afeta.

Entretanto, cabe frisarmos, de imediato, de acordo com Indursky (2011a), que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD (o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD). "Ou seja, esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea." (INDURSKY, 2002, p.06). A formulação das modalidades de tomada de posição é contemporânea da introdução da noção de interdiscurso, que determina uma FD, isto é, "nesse contêm os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD" (INDURSKY, 2011a, p.84).

Diante de tal embasamento, é importante dizermos, ainda, que as FDs e a exterioridade se apoiam no interdiscurso, ou seja, memória do dizer; outros discursos já ditos que asseguram e sustentam o dizer. Tal situação pode ser analisada em conformidade com um esquema proposto por Orlandi (1990a, p.42) em seus estudos:

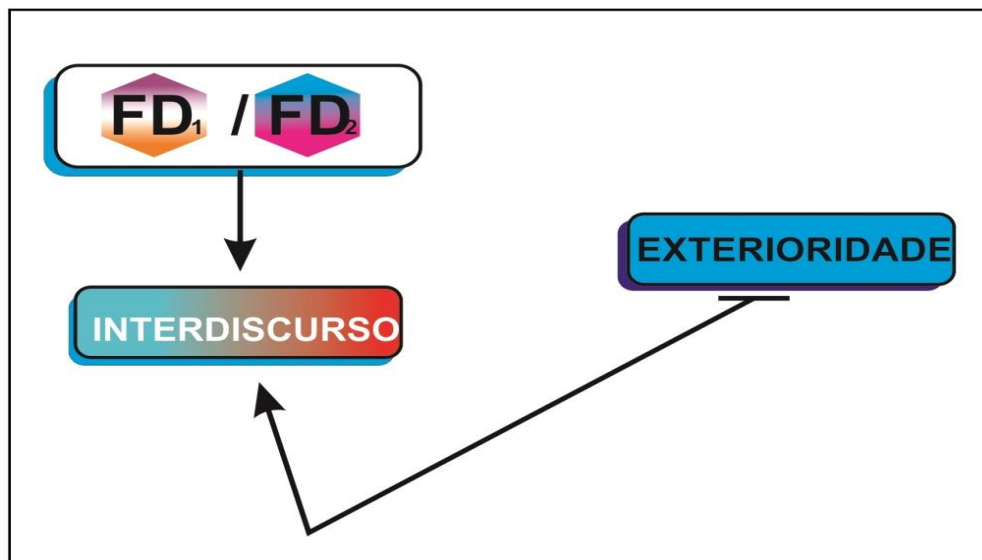


Figura 7 – As FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso nas tramas do dizer. **Fonte:** adaptação feita pelos pesquisadores, de acordo com os estudos de Orlandi (1990, p.42).

A essas duas modalidades, Pêcheux (1988) acrescenta uma terceira:

- 3) **O modo da desidentificação**, funcionando como uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988).

Ao comungar com as formulações do teórico, Indursky (2011a) reitera que é nesse momento:

[...] que o sujeito *rompe* com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. A partir desse momento o sujeito do discurso não apresenta mais nenhuma identificação com o saber da forma-sujeito. Não se trata mais de uma desidentificação parcial. Trata-se agora, de uma desidentificação completa. O que ocorre é uma *ruptura* com os saberes de uma FD e a conseqüente desidentificação com sua forma-sujeito e a subsequente identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito [...] (INDURSKY, 2011a, p.85, grifos nossos).

Reparamos que o sujeito, ao estar circunscrito em uma dada FD, como resultado, mostrará a forma-sujeito na qual está identificado. Mas quando começa a questionar dizeres de tal formação (contra-identifica-se) e, logo, *rompe* com a tal FD, desidentifica-se daquela FD, sendo responsável pela introdução da contradição. Traz-se, por exemplo, a diferença e a divergência em seus discursos, porque estará identificado à outra FD e a sua forma-sujeito. Nesse sentido, Indursky (2011a) ressalta que “quando isso ocorre, de fato, antes mesmo de migrar para outra FD, o sujeito, sem o saber, já não mais se identificava com o domínio em que pensava estar escrito” (INDURSKY, 2011a, p.86).

Tendo esses aspectos em mente, Petrusk (2013) elabora uma figura para representar como está engendrada a questão das posições discursivas de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente* quando ingressam nos Grupos de Extensão/Apoio. É nesse ínterim, que após contínuas participações em grupo, o sujeito contra-identifica-se da *FD de sujeito-gago* e, conseqüentemente, se desidentifica da mencionada formação e insere-se na *FD de sujeito-fluente*, identificando-se (forma-sujeito), então, com outros saberes diante das instâncias discursivas, frente a outros sujeitos-interlocutores.

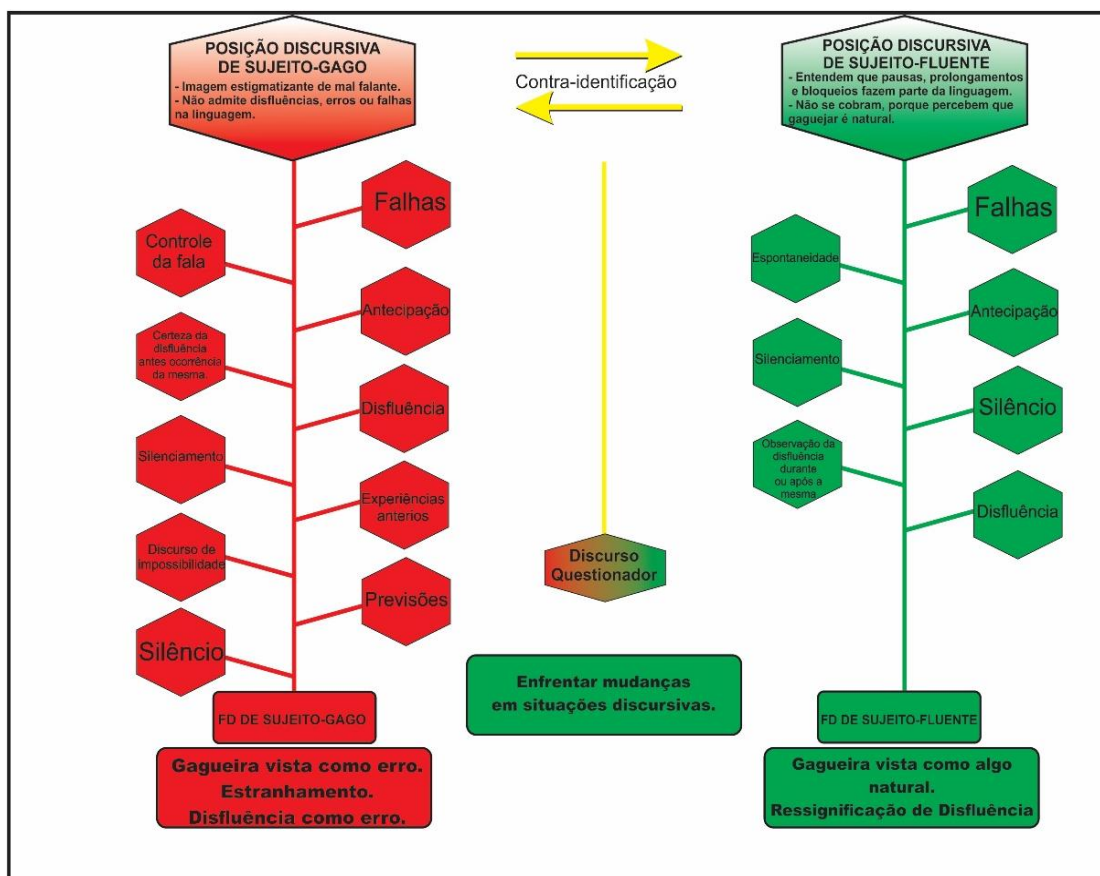


Figura 8 – A representação das posições discursivas de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente*, circunscritos na FD de *sujeito-gago* e FD de *sujeito-fluente*. **Fonte:** reelaboração nossa, alicerçados nas pesquisas de Petrusk (2013, p. 75).

Ao tecer considerações importantes sobre as mencionadas FDs e suas respectivas posições discursivas, Petrusk (2013, p.75) explica que na *FD de sujeito-gago*, “temos posições discursivas (controle de falas, falhas, antecipação, silenciamento, disfluência, experiências anteriores, previsões dos discursos de impossibilidade, silêncio)”. Nessa FD, a gagueira e disfluências são vistas como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizes. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares

ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Nessa FD, os sujeitos participantes dos Grupos de Extensão/Apoio identificam-se (forma-sujeito) com esta FD, inscrevendo-se na posição discursiva de *sujeito-gago*, reproduzindo os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado.

A proposta dos grupos consiste, também, em que o sujeito enfrente mudanças em situações discursivas para que, ao se contrair identificar (questionar, duvidar), possa gerar efeitos de mudança na posição discursiva de *sujeito-gago* para a de *sujeito-fluente* (desidentificar-se com a *FD de sujeito-gago* e identificar-se com a *FD de sujeito-fluente*). Nesse processo de contrair identificação, por exemplo, o sujeito identifica e questiona a *previsão do erro* na sua fala, reconhece situações discursivas de silenciamento. Logo, confronta, identifica e compreende que existem condições de produção geradoras de fluência e de gagueira. É nessa fase, onde confronta/questiona determinados saberes daquela FD que o constitui discursivamente como *sujeito-gago*. Já a *desidentificação*, assinala-se pela negação àqueles saberes inerentes a sua forma-sujeito (a ilusão de unicidade do sujeito). Assim sendo, o sujeito distancia-se da *FD de sujeito-gago* e insere-se na *FD de sujeito-fluente*.

Diante disso, ao inscrever-se na *FD de sujeito-fluente*, “ele se identifica com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas (vistas como constitutivas do sujeito/linguagem)”. É interessante falarmos que as fronteiras das FDs, além de heterogêneas, são porosas e, neste caso, existem saberes em comum, além de posições discursivas que constituem sujeito e linguagem (PETRUSK, 2013, p.75-76, grifos nossos). Nesse âmbito, o sujeito à linguagem e, também, a história, são pensados em movimento, uma vez que o discurso, enquanto prática de linguagem, trata-se do trabalho simbólico constitutivo do sujeito e da sua história (BORGES, 2017).

Portanto, atrelado a isso, circunscrevemos o presente capítulo, entendendo que “a instauração arquitetônica da AD”, postulada por Michel de Pêcheux, enquanto uma corrente teórico-metodológica é constituída no movimento de três cortes epistemológicos, a saber, a partir das bases da *Linguística*, com Saussure, entre outros; o *Materialismo Histórico* através de Althusser, que resgata o Marxismo, disso, processando por meio de um

deslocamento, a teoria Ideológica. E, por fim, a retomada da *Teoria psicanalítica* do inconsciente, instaurada por Freud e Foucault, reformulada por Lacan, propondo uma Teoria do Discurso (FERREIRA, 2015, grifos nossos).

Mais adiante, Eni Orlandi, no Brasil, ao desenvolver estudos sobre a AD, realiza modificações em torno do “tripé epistemológico” estabelecido por Pêcheux, retirando a teoria do discurso, ampliando a noção da Linguística e acrescentando a Psicanálise como filiação teórica. Nessa empreitada, as regiões seriam: a *Linguística* (constituída pela opacidade da linguagem), tendo o seu objeto de estudo (a língua) que, por sua vez, tem sua ordem própria. O *Materialismo Histórico*, mantendo-se um deslocamento da teoria Ideológica. E, como terceira região, a *Psicanálise*, com a noção de sujeito da linguagem, que se constitui na relação com o simbólico (ORLANDI, 2013, grifos nossos). Desse modo, “essas formas de conhecimento vão constituir um lugar teórico propício à elaboração da análise de discurso, mais propriamente, para a formulação do que seja discurso” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Esse conjunto de informações orienta e corrobora para que concordemos com Azevedo (2000, p.146), no sentido de que a Fonoaudiologia necessita fundamentar o seu fazer clínico, partindo de uma teoria linguística que lhe dê suporte. Nessa empreitada, a autora o faz no âmbito da AD, enquanto procedimento teórico-analítico para analisar a gagueira, a posição discursiva de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente*. Dessa maneira, “levando o sujeito a identificar as condições de produção do discurso gaguejado e do discurso fluente, pela análise das relações de força, de sentido e da antecipação do seu discurso” (AZEVEDO, 2019, p.126).

Quer dizer, no âmbito discursivo, podemos apontar como possibilidades terapêuticas a determinação do espaço discursivo como o lugar da gagueira. Ao fundamentarmos-nos na AD, é preciso que afastemo-nos dos trabalhos indicados na revisão dos estudos da área, que identificam a gagueira ao corpo e à fala, “assumindo uma posição de circunscrever o discurso como origem e lugar de apresentação e manutenção da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos” (AZEVEDO, 2000, p.146).

Nessa direção, dando continuidade ao plano teórico, no terceiro capítulo, apresentaremos aos nossos leitores, um maior detalhamento sobre a

perspectiva discursiva, idealizada por Azevedo (2000; 2006; 2013; 2015; 2018a) e desenvolvida por outros pesquisadores, que ao debruçarem-se sobre o sujeito e a sua linguagem, não os individualiza. Pelo contrário, entendem que os sujeitos constituem-se, em meio ao processo de linguagem, nas diversas situações discursivas. Posto que, são os sujeitos que põem a linguagem em constante funcionamento, deslocamentos e, nesse batimento discursivo, temos a concretização da prática linguística em sua produção de efeitos de sentidos.

3º CAPÍTULO – A GAGUEIRA SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA: UMA RELAÇÃO DIRETA COM AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DOS SUJEITOS, ATRELADAS ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

*Sonhar mais um sonho impossível, lutar quando é fácil ceder. Vencer o inimigo invencível, negar quando a regra é vender. Sofrer a tortura implacável, **romper a incabível prisão**. Voar num limite improvável, tocar o inacessível chão. É minha lei, é minha questão, virar este mundo, cravar este chão. Não me importa saber se é terrível demais, quantas guerras terei que vencer por um pouco de paz. E amanhã se este chão que eu beije for meu leito e perdão, vou saber que valeu delirar e morrer de paixão. E assim, seja lá como for, vai ter fim a infinita aflição. E o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão (CHICO BUARQUE; MARIA BETHÂNIA).*

É na prática da linguagem que os sujeitos se constituem mutuamente, sendo por meio desse processo de interação verbal, segundo Orlandi (2013), com a palavra em movimento, que observamos o homem falando, entendendo e fazendo-se entender, ingressando, assim, na cultura, na ordem das trocas históricas e socioculturais. Disso, podemos dizer que não há discurso neutro, uma vez que todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem.

Tendo em mente essa discussão inicial, neste capítulo, trataremos de entender como se deu o processo de desenvolvimento da perspectiva discursiva, na qual sujeito e linguagem são considerados. No tocante a essa questão, Azevedo (2000; 2006) partiu de outros dizeres em relação à gagueira, mais precisamente, discursos vinculados no campo da psicologia social, expressos por Friedman ([1986] 2004; [1988] 2012; 1994). Assim sendo, possibilitou um olhar mais reflexivo em torno dos estudos fonoaudiológicos, propondo um trabalho que traz a desmistificação da *imagem estigmatizada de falante*, discorrendo em torno do viés subjetivo, pois, até então, as postulações circunscreviam a gagueira ao campo da patologia e propunham como tratamento o controle sistemático da fala.

A partir dessa roupagem, compreendemos pelas afirmações de Friedman ([1988] (2012)) que a criação da gagueira está mais no pensamento do que na fala propriamente dita. Dessa maneira, a fala com gagueira é o

produto de uma forma de pensamento que contém uma falta de confiança na própria fala. Com isso, se esta situação se mantiver por meses ou anos, é possível que aconteça na infância, perdurando na adolescência, juventude, até maturidade, causando sérios transtornos para a vida dos sujeitos em seus diversos segmentos. Por isso, quanto mais se quiser falar bem, mais a gagueira aparecerá, e o *sujeito-gago*, sem entender por que isso lhe acontece, irá sentir-se vítima da fatalidade. Portanto, é importante percebermos que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, existem outros em que consegue, provando que a fluência existe, “logo, deve-se, trabalhar no sentido de superar esse hábito, *de mudar essa forma de se sentir incapaz de falar bem*” (FRIEDMAN, [1988] (2012), p 37, grifo nosso).

Diante dos discursos expressos, notamos, ainda, de acordo com Azevedo (2000; 2006), que são, a partir das formações discursivas (FD), territórios de formações ideológicas (FI), onde emanam ditames do tipo: *não gagueje, respire fundo, calma, ou fale direito*, que os *sujeitos-gagos*, nos momentos da fala, recebem comandos da família, entre os muros da escola, dos setores profissionais, ou até mesmo em igrejas, como dito em outro momento. Só reforçam, ainda mais, sua *imagem estigmatizante de falante* e acentuam uma busca utópica por uma fluência absoluta, em um suposto sujeito falante, sem pausas, prolongamentos, hesitações ou repetições na fala. No entanto, trata-se de discursos que interdita e interferem na linguagem, de maneira que, não se admitem *erros* e disfluências, na maioria das vezes, por desconhecer a instabilidade da fluência.

Debruçando-se sobre essas questões, Azevedo (2000; 2006; 2013; 2015; 2018a), em meio a discursos advindos de teorias organicistas que alienavam (alienam!) em lugares comuns, com falácias do tipo: *a gagueira não tem cura; a tarefa do fonoaudiólogo é controlar a fala do gago; a gagueira é um mistério; é muito difícil trabalhar com a gagueira* e mais a prática do estágio, com um paciente *gago*, que seguia, fielmente, os ensinamentos de Van Riper²², acompanhadas da orientação da supervisora. Por conseguinte, Azevedo (2000) deparou-se com resultados que deixaram o sujeito completamente submetido

²² - Estudioso da gagueira, filiado à Psicologia Experimental, autor de vários livros sobre este distúrbio.

ao controle. Assim, “apenas relaxava lábios, língua, tocava suavemente certo(s) ponto(s) articulatório(s) para, enfim, falar *con-tro-la-da-men-te*, pois, conforme o paradigma vigente era um *gago fluente*²³” (AZEVEDO, 2000, p.08, grifo nosso).

Certamente, que os aportes teóricos, cada qual ao seu modo, contribuem significativamente para a clínica fonoaudiológica, uma vez que, como vimos no primeiro capítulo, há postulações científicas que atestam a questão do sintoma, visando a unicamente, expressar a gagueira “como uma manifestação que se dá no plano do corpo, ora sinalizando para tensão muscular, alteração na respiração, na produção de fala, ou ainda, como formação genética” (SILVA; AZEVEDO, 2019, p.65). Entretanto, “é preciso atuar para além da evidência anátomo-fisiológica. Essa transformação significa estar disponível ao sujeito, e não à uma alteração” (BARROS, 2016, p. 136).

Nessa tessitura discursiva, Gindro (2016) nos lembra de que é necessário retirar o sintoma de um sistema fechado e sem sentido, procurando sair do sentido geral para transformá-lo em questão, em um sintoma questão, buscando, portanto, o seu: “*Como? Por quê? Quando? e o seu Para quê? É necessário introduzir nesse sintoma, que se apresenta como um não saber, uma busca de saber, tanto para o analista como para o paciente*” (GINDRO, 2016, p. 108, grifos nossos). A partir dessa relação, entre analista e paciente, pensamos também em palavra e linguagem, ou seja, o diálogo materializará discursos entre ambos. Conseqüentemente, “o sintoma se resolve por inteiro numa análise languageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser liberada” (LACAN, [1963] (1998), p. 270). Diante de tais argumentos, Barros (2016) reafirma que ao nos apoiarmos na observação do paradoxo estabelecido pela clínica tradicional, estaremos, apenas, estabelecendo condições corpóreas e ambientais, sustentando a doença. Porém, quando vemos o sujeito em sua amplitude, verificamos que, “não há como não considerar o discurso e a linguagem na relação com o sujeito, seja qual for o método clínico eleito para a realização de um processo terapêutico” (BARROS, 2016, p. 127-128).

²³ - Termo utilizado por Van Riper (1973), cuja técnica terapêutica é denominada “gagueira fluente”.

Nesse processo, a língua(gem) não deve ser considerada como um sistema abstrato, mas entendida como método de interação, pois de acordo com Orlandi (2013), ela (a linguagem) é mediadora indispensável entre o homem, o meio social e natural em que vive. Deve ser vista como um processo de interação social, em que, por meio dela, o homem pode ter a capacidade de construir significados da realidade que o rodeia, pois, seus valores e pensamentos são reflexos dela, até mesmo suas ações são condicionadas por uma série de fatores que o assujeita (ORLANDI, 2013).

A ideia de assujeitamento é uma das noções, conforme Barros (2016), senão uma das mais expressivas da AD, pela qual compreendemos que todo indivíduo se torna sujeito, porque é interpelado pela ideologia, pela língua e pela história, assim,

essa sujeição está em relação àquilo que é dos sentidos, afetando os processos de subjetivação. É pelo assujeitamento à língua na história que o homem se subjetiva, significando e sendo significado, na medida em que as relações discursivas e os sentidos são mobilizados. Os efeitos ideológicos elementares produzem a evidência do sujeito ser origem dos seus dizeres e funcionam num mecanismo que possibilita a manutenção e a estabilização do discurso, como se os sentidos estivessem colados às palavras num efeito de evidência dos sentidos (BARROS, 2016, p.137-138).

Pensando assim, percebemos o delineamento no sujeito do discurso, assujeitado, descentrado do seu poder sobre os sentidos, aquele que, segundo Barros (2012, p.88), “é sempre já sujeito porque é afetado pela língua, pela história e pela ideologia”. Entretanto, teorias que pesquisam a origem da gagueira na Neurologia, Genética ou Psicologia, enfatizam, apenas, o viés sintomático do problema, deixando escapar algo inerente ao ser humano, que é a sua linguagem. E, com ela, acabam excluindo o sujeito, quando, na verdade, “[...] ambos se encontram indissolivelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente” (AZEVEDO, 2000, p. 04-07).

Sabemos que em toda forma peculiar de funcionamento da linguagem há, por exemplo, o imprevisto, mostrando que a língua nos escapa. Isso é fundamental, de acordo com Lagazzi (2015), para que repensemos a relação entre sujeito e língua, uma vez que “não há língua independente dos sujeitos que a colocam em funcionamento. Por isso, dizemos que língua e sujeito se

constituem mutuamente”. E, na prática, passando a “se expor às diferentes formas significantes e, no caso específico da linguagem verbal, expor-se às palavras” (LAGAZZI, 2015, p.77).

Ao considerarmos esse princípio, de que somos, necessariamente, sujeitos de linguagem, observamos que, ao refletir sobre tais aspectos, Azevedo (2000; 2006) desenvolveu a perspectiva discursiva, onde a *priori*, naquele momento, vendo-se insatisfeita com os resultados terapêuticos, mobilizados por questões que a teoria não respondia, como: a) Que sujeito é esse que “se atropela” na e pela linguagem? b) Quais os caminhos percorridos que o levam e/ou levaram a gaguejar nas palavras, nos fonemas, nas frases? c) De onde vêm às palavras que o fazem esbarrar nas “falhas”, no vácuo em que se depara na hora da fala? d) Que linguagem é essa que, em seu funcionamento, faz seu usuário não se sentir seguro?

No estudo do *sujeito-gago*, este traz, em sua fala, o discurso da impossibilidade, porque acreditam, antecipadamente, numa suposta incapacidade, “como se esta estivesse no código linguístico, onde o erro é previsto e certo, [...], tratando a língua como espelho da gagueira” (AZEVEDO, 2006, p. 60). Nessa teia discursiva, refletir sobre o sujeito inserido numa sociedade que discrimina pessoas com gagueira é pensar também num processo de reabilitação, cujos resultados podem livrá-lo de um caminho tortuoso e nocivo. A partir dessa constituição, a quem devemos compreender? O *sujeito-gago* ou a linguagem patológica? Não convém separá-los. Há um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer (AZEVEDO, 2006).

Por tudo isso, Azevedo (2000) em suas investigações iniciais na dissertação de mestrado: “Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua”, propôs um desafio, ao estudar a gagueira sob o viés discursivo, a partir da ótica da AD, teoria de sustentação para analisar a gagueira, o *sujeito-gago* e o *sujeito-fluente*. Posteriormente, no doutorado, Azevedo (2006), através dos dados advindos de suas pesquisas realizadas no mestrado, estabeleceu uma continuidade neste novo caminho. No caso específico de sua tese intitulada: “A gagueira na perspectiva

linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia”, procurou esclarecer que na ordem discursiva há uma tensão natural entre língua e fala que é estruturante. De forma que, a linguagem é a articulação de ambas, uma vez que, na fala gaguejada, existe uma excessiva desarmonia nessa tensão, causando estranhamento. Gerando no outro o sentido de patológico e, como efeitos, o sujeito privilegia a forma da língua ou é silenciado pelas suas formações imaginárias, atreladas as CP.

Dessa oposição entre língua e fala, sempre que há um discurso, como dito, ocorre uma tensão natural. Isto é explicado pelo fato de a língua ser um sistema abstrato, fechado em si mesmo, logo, “falar implica sempre na possibilidade de errar, gaguejar, selecionar um significante inesperado”, já que “a linguagem é constituída por falta e incompletude” (AZEVEDO, 2000, p. 116). “Como a fala só faz sentido no dizer do outro (ouvinte), é este quem reorganiza o dizer do sujeito-falante, assim sendo, no *sujeito-gago*, a tensão na linguagem parece transformar-se em previsão, algo que domina o sujeito/linguagem” (AZEVEDO, 2006, p. 188, grifo nosso).

Nesse sentido, a abordagem discursiva permite ao sujeito compreender que não existe fluência absoluta, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada pelo equívoco, pela falta, que o sujeito é capaz de produzir qualquer significante, que o importante é não deixar o sentido à deriva, é transmitir a ideia, desvencilhando-se da preocupação da forma como será transmitida (AZEVEDO, 2006). Com isso, ancorados nesta perspectiva, propomos a concepção de sujeito da AD – assujeitado à língua, que o conforma – o efeito-sujeito, onde o *sujeito-gago* é constituído assim na infância, em suas relações discursivas no uso de linguagem, em sua gagueira (FRIEDMAN, 1986,1988; AZEVEDO; FREIRE 2001; PETRUSK *et al*, 2011; CAVALCANTI *et al*, 2011, grifo nosso). Circunscrito em tais relações, o sujeito não é livre para dizer o que quer, visto que a gagueira não se encontra naquele que fala, assim como não é um problema do interlocutor. Mas está relacionada às suas formações imaginárias, por consequência, relacionadas às suas CP e ao espaço do discurso, em uma relação necessária com a exterioridade, pois a gagueira não está na pessoa que fala, nem em seu ouvinte, mas nesse espaço

intervalar, no entremeio, no discurso (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2015; 2018a).

Com o passar do tempo, outros pesquisadores, a saber, Petrusk (2013); Cavalcanti (2016) e Silva (2016; 2017; 2019), tomaram como base as postulações da autora e desenvolveram pesquisas sob a vertente em apresentação. Nesse sentido, assumimos a posição de circunscrever o discurso como gênese e sítio de surgimento e continuidade da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos, uma vez que sujeito e linguagem constituem-se mutuamente. E, com isso, evidenciamos a mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, fazendo-os notar que possuem fluência e, na prática, apoiá-los no enfrentamento das diversas situações discursivas, seja quais forem as suas formações imaginárias (SILVA; AZEVEDO, 2019).

Na prática, quando olharmos o sujeito sob essa ótica,

a gagueira pode ser compreendida como um distúrbio dessa ordem, que apresenta uma relação direta com as Condições de Produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (AZEVEDO, 2000, p.162).

Diante disso, constatamos que pensar a gagueira sob o viés da AD é perceber que a posição discursiva de *sujeito-gago* dá-se por intermédio de suas formações imaginárias, atrelada às CP, em que se apresentam as relações de força, sentido e antecipação. Como efeitos, tais fatores influenciam na apresentação de repetições, hesitações, prolongamentos e/ou bloqueios que caracterizam a gagueira. Objetivando compreender a gagueira sob a perspectiva discursiva, projetamos uma figura que demonstra todo esse processo, tendo em vista o funcionamento discursivo dos *sujeitos-gagos*.

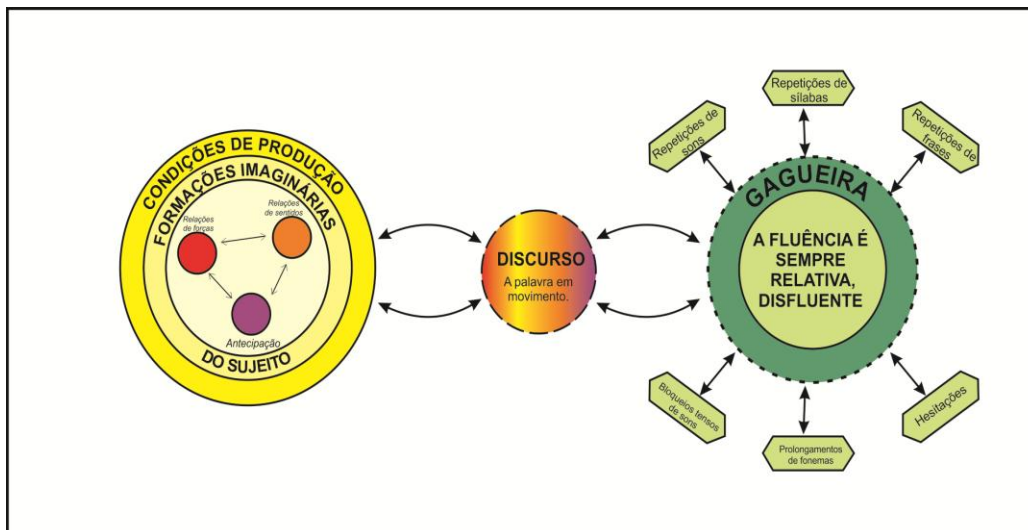


Figura 9 – A gagueira sob a perspectiva discursiva. **Fonte:** desenvolvido por nós, fundamentados nas pesquisas de Azevedo (2000, p.162).

A vertente *in locus* é um lugar profícuo e pouco pensado, porque lança um novo olhar sobre a problemática da gagueira, proporcionando reflexões àqueles que desejam perscrutar essa temática. Passa, então, vislumbrar na gagueira, muitos espaços para pesquisa, “ao reconhecer nela uma materialidade única, que nos desafiou a atravessá-la, rompê-la, para compreendê-la melhor” (AZEVEDO, 2000, p.118). Assim sendo, ao reiterar seus principais interesses e atrelando a gagueira aos caminhos teóricos da linguística, Azevedo (2000; 2006) justifica que, de todas as áreas relacionadas à Fonoaudiologia, essa nos fornece teorias de sustentação para pesquisas, atuando em sujeitos com distúrbios de linguagem, onde incluímos a gagueira nessa instância.

Nesse enquadramento, notamos que existe no imaginário do sujeito um interdiscurso cristalizado de *mal falante*, sobrepondo-se, como ressalta Azevedo (2000; 2006; 2013), ao próprio discurso e que suscita em suas formações imaginárias a condição de impossibilidade da fluência. Por meio da antecipação, por exemplo, acredita-se que o interlocutor o prenderá ao significativo *gago*, e isso acontecerá, inicialmente, no bojo das socializações dos sujeitos que entendem e se fazem entender. Esse espaço de constituição do sujeito é sempre *uma posição em relação a*, que este se vê sempre como gago, cristalizado em apenas uma *posição*. Por isso, “compreender o sujeito *enquanto posição* implica”, ver que, “o problema não está no sujeito, mas numa

posição discursiva na relação com o outro” (AZEVEDO, 2000, p. 37, grifos nossos). Em síntese, Azevedo (2013; 2015; 2018a) atesta que existem posições discursivas potencializadoras da gagueira. A língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, uma vez que esse sujeito diz falar bem quando está sozinho.

Dessa maneira, para que haja gagueira, é absolutamente fundamental existir um ouvinte, que deve ocupar a *posição* de intérprete (um intérprete que se apresente para o *gago* como aquele que vai censurá-lo, discriminá-lo, ironizá-lo), então:

Se, nas formações imaginárias do sujeito, o ouvinte é tomado como hierarquicamente superior, ou como mais crítico, exigindo uma produção discursiva outra, então o sujeito pode ser colocado em uma posição de gago. Neste caso, o ouvinte é antecipado como sujeito-censurador, o que contribui para o “bloqueio da fala” – a gagueira (AZEVEDO, 2006, p. 59).

Percebemos, então, o quanto as formações imaginárias, dentro das CP do *sujeito-gago* poderá circunscrevê-lo numa posição de incapacidade, impossibilidade discursiva. Sendo isso, por vezes, constatada como verdade ou mera antecipação desse sujeito, *preso* numa *imagem estigmatizada de mal falante*. Numa sociedade pautada em divisões de poder, Azevedo (2006) assevera que há que se pensar em determinadas posições ocupadas pelos mais diversos sujeitos que compõem a esfera social. Nessa instancia, o *sujeito-gago*, enquanto integrante, ocupa, coloca-se em um lugar de marginalizado, por ser visto como “doente”. A partir daí, “estabelece-se com ele uma relação de poder: os que são “normais” (fluentes) e os que são “anormais” (gagos)”. Segundo essa *ideologia*, há um lugar discriminado para o gago, já que ele é este sujeito “anormal”, patológico. Nesse sentido, “as suas relações com outros sujeitos pautam-se entre dominado/dominador, o que já é uma Condição de Produção” (AZEVEDO, 2006, p. 184).

Diante disso, a gagueira, para Azevedo (2000; 2006; 2013; 2015; 2018a), é marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma certeza *a priori* deste *erro* e é a partir da possibilidade de errar que o *sujeito-gago* opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo. Dessa forma, substitui palavras *perigosas*, ou seja, consideradas como sendo de difícil emissão, por outras compreendidas como sendo mais fáceis, ou, ainda, escapa da fala gaguejada, utilizando estratégias

corporais defensivas de evitação ou adiamento da gagueira, que, afinal, apenas a ratificam: como apertar os olhos, as mãos, bater os pés, e outros artifícios. Em última instância, acabam por mostrá-lo mais gago ao seu interlocutor, “desviando-se, ou não, do discursivo, ele atribui valor à forma, em detrimento do sentido, ou seja, aliena-se na língua” (AZEVEDO, 2000, p.39, grifos da autora).

Em meio às tais formações imaginárias, atadas às suas CP, os *sujeitos-gagos*, para Azevedo (2013, p. 147), são aqueles “que apresentam, de antemão, a *certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada”. Sendo assim, pensar o *sujeito-gago* é refletir numa proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de *sujeito-fluente*, considerando a fluência como relativa, porque não há fluência linear, ela é sempre relativa, apresentando bloqueios, hesitações e/ou repetições.

Com relação às concepções de *sujeito-fluente* e de *sujeito-gago*, circunscrevemo-nos na premissa da abstração do primeiro, negando aquela suposta ideia de uma fluência sem falhas, equívocos, porque todos nós gaguejamos. Dessa maneira, Azevedo (2006, p. 01) assinala que “a fluência é uma condição ideal e o estudo da gagueira deve ser iniciado a partir desta consideração: a de que *a fluência deve ser compreendida como relativamente disfluente*” (AZEVEDO, 2006, p. 01, grifo nosso). Além disso, como atesta Friedman (2018c, s/p), “a ideia de que a fluência é absoluta é um mito, porque não se sabe que fluência e disfluência não se opõem; que a fluência inclui a disfluência”. Desse modo, o esclarecimento sobre os conceitos de fluência/disfluência é decisivo, visto que as expectativas da finalização do processo terapêutico têm relação com a noção de fluência/disfluência (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2015; 2018a). Se considerarmos que a fluência é uma condição utópica, porque ela é caracterizada por sua negação, como pontua Scarpa (1995), todos nós somos gagos, já que a disfluência é constituinte do discurso. Por consequência, “apresentamos hesitações, interrupções, pausas silenciosas ou não, prolongamentos de sons, bloqueios de fonemas, sem que isto nos perturbe, a ponto de passarmos a nos ver como *maus falantes*”. A diferença é que só percebemos um momento de gagueira

depois que ele acontece na fala, então, geralmente, rimos dele, afirmando que gaguejamos e, assim, corrigimos a falha, ou não (AZEVEDO, 2006, p. 01).

Nessas condições, podemos afirmar que, o *sujeito-gago* percebe a gagueira bem antes de ela acontecer, porque ele prevê o seu *erro* e, quando ocorrem os bloqueios, repetições ou prolongamentos de sons, não é nenhuma novidade, porque já sabia de tudo. Com isso, “ele passa a prever novos erros e a acrescentar outras palavras e sons a uma interminável lista de *ditos não mais utilizáveis*, ou *sons/vocábulos proibidos*” (AZEVEDO, 2006, p. 40, grifos da autora). A partir das questões expressas e em consonância com os dizeres da pesquisadora, reafirmamos que a gagueira se constitui como um problema de linguagem, tendo relação direta com as CP e a exterioridade, como explicado ao longo de toda a discussão. Nesse espaço, a gagueira acontece pelas formações imaginárias, onde se apresentam a relação de forças (o lugar a partir do qual o sujeito fala, constitui o seu dizer), a relação de sentido (intertextualidade, o coro de vozes, os discursos) e a antecipação (capacidade de colocar-se no lugar do seu ouvinte). No contexto das formações, a antecipação, especificamente, é nitidamente apontada pelos *sujeitos-gagos*, por acreditar que o outro espera pela sua gagueira, critica a sua fala, ou ri da sua falha (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2015; 2018a).

Diante dessa tessitura, elaboramos uma figura a partir dos estudos e pesquisas de Azevedo (2006), procurando sintetizar que ao assumirem a posição discursiva de *sujeitos-gagos*, circunscritos na *FD de sujeito-gago*, passam a acreditar que a gagueira está neles próprios, na língua, no telefone, no outro. Na prática, remetem à sua gagueira como dificuldade materializada em uma palavra, um fonema, um objeto, ou, ainda, com um ouvinte determinado.

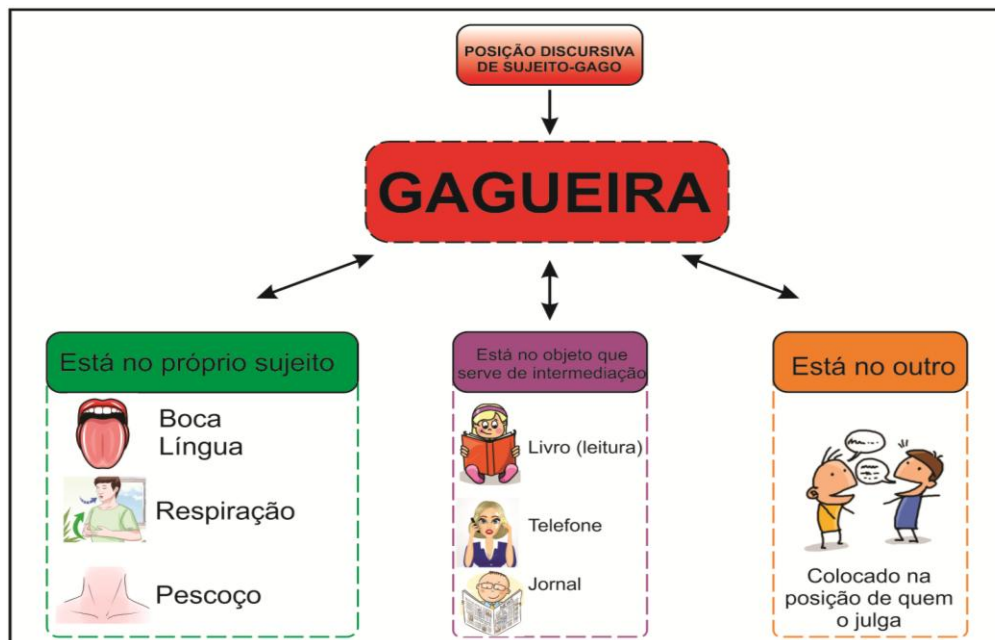


Figura 10 – A identificação da gagueira pela posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Fonte: elaboração nossa, a partir dos estudos de Azevedo (2006, p, 17).

Nesse sentido, sob o ponto de vista dos *sujeitos-gagos*, podemos sintetizar, fundamentados nos discursos Azevedo (2006) que:

- A) A gagueira está no próprio *sujeito-gago*, onde esse se coloca na posição de incapaz de produzir certos fonemas, aos quais, de antemão, atribui a certeza do erro;
- B) A gagueira está no objeto que serve de intermediação (telefone, livro, jornal). Portanto, nessa situação, o sujeito é silenciado ou colocado na posição de *gago* como efeito deste objeto;
- C) A gagueira está no outro, logo, há um deslocamento da posição de sujeito falante para *sujeito-gago* ou silenciado, como efeito de falar a um certo ouvinte.

Portanto, a partir do olhar do *sujeito-gago*, possivelmente, há um desencontro sob o ponto de vista do funcionamento da linguagem e onde a gagueira possa estar. Quer dizer, esse último retira do outro (interlocutor) a sua função de intérprete do discurso, assumindo a visão daquele (antecipando) como a de alguém que é intérprete dele enquanto *sujeito-gago*. Sobre a antecipação, Orlandi (2013) afirma que o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte, a partir de seu próprio lugar, isto é, ela é constitutiva do discurso, no nível das formações imaginárias e significa a maneira como o locutor representa o seu interlocutor e vice-versa. Por isso, o outro (interlocutor) deixa de representar alguém com quem o *sujeito-gago* conversa, “passando a assumir o lugar daquele que tem por objetivo apontar seus erros, lembrando-

lhe todo o tempo de que é gago”, supostamente antecipando-o, mas que, nem sempre, está no outro (AZEVEDO, 2006, p.59).

De conformidade com os discursos em movimento, Barros (2004, 2012), ao apoiar-se, também, pelos fundamentos da AD, semelhantemente a Azevedo (2000; 2006; 2013; 2015, 2018a), apresenta-nos uma versão de clínica como espaço-simbólico – a Clínica do Discurso, “como um lugar determinado histórico-ideologicamente que afeta aqueles que a constituem, com práticas discursivas próprias” (BARROS, 2016, p. 131). Nesse emoldramento teórico, a autora, ainda, afirma que o gesto de interpretar os processos de linguagem permite ao sujeito-terapeuta descolar-se dos sentidos previamente elaborados pelos rótulos patológicos dados a determinados comportamentos de fala.

Dessa maneira, constatamos, como dito ao longo deste capítulo, que há discursos determinados ideologicamente num acontecimento, afetados pelas CP (ORLANDI, 1996). À vista disso, Barros (2016) esclarece que é possível discursivizar sobre um espaço de verbalização em que evidenciamos os sentidos do patológico²⁴. Por conseguinte, sujeitos entregam-se à avaliação, interpretação e intervenção sobre o seu corpo, sobre os sintomas que portam e que designariam o patológico na linguagem. Nessa concatenação discursiva, tradicionalmente, tratar-se-ia, unicamente, de observar o corpo, com base na queixa do paciente, para a localização das alterações, a fim de traçar um processo terapêutico que objetivasse a adequação das estruturas corporais e do seu funcionamento para a comunicação humana. No entanto, já não é assim que se dá à práxis fonoaudiológica nessa outra versão de clínica, uma vez que na clínica do discurso, não se busca a designação e a localização do patológico, mas “é para outro corpo que se volta [...], assim como a escuta terapêutica também é diferenciada e singular” (BARROS, 2016, p. 133).

Nesse enredo discursivo, procuramos interpretar, com o esforço de reconhecer e aceitar que a linguagem não é propriedade privada, mas é social, histórica, não é transparente (ORLANDI, 2006, p.03). Desse modo, é realizada uma clínica não engessada numa prática histórica organicista da clínica fonoaudiológica, que se volta “apenas” para os aparatos organo-funcionais da

²⁴ - Por ser clínica, esse é o espaço simbólico que o paciente procura para a “cura” da sua dor, dos seus sintomas (BARROS, 2016).

comunicação humana (BARROS, 2016). Trata-se, então, de compreender que os gestos discursivos realizados pelo sujeito, [...], estão postos para interpretação (ORLANDI, 1995; LAGAZZI, [2007] (2014)).

Em resumo, foi possível percebermos que a proposta discursiva elaborada por Azevedo (2000; 2006; 2013; 2013; 2015; 2018a) e desenvolvida por demais pesquisadores, compreende a terapêutica com *sujeitos-gagos*, não como um procedimento de estímulo-resposta gerador de controle de fala. Mas como um processo, onde o sujeito tem que ser considerado a partir de sua história, de sua construção/elaboração discursiva, pretendendo gerar *efeitos de mudança na posição discursiva de sujeito-gago para a de sujeito-fluente*. Salientamos, que “a concepção de *sujeito-gago* (com hífen) é a de que ele é assim constituído, em suas formações imaginárias, e fala dessa FD”. Da mesma maneira, o processo terapêutico o encaminha à *nova posição*: a de *sujeito-fluente*, também constituído. Nesta *nova posição*, o sujeito realiza menos previsões de *erro* e passa a identificar um momento de gagueira durante ou após o seu aparecimento (e não mais antes), “onde a fluência passa a ser considerada como relativa, porque é constituída pela disfluência” (AZEVEDO, 2019b, p. 124, grifos nossos).

É sob esse viés que está pautado o nosso trabalho de pesquisa, mostrando o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, pois entendemos que, inicialmente, os sujeitos estão *presos* (identificados em sua forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago*, passando a sustentar a posição discursiva de *sujeitos-gagos*, tidos/vistos como incapazes de falar, silenciados por sua gagueira. Dessa forma, o sujeito inicia o processo terapêutico, segundo Azevedo (2019b, p.127, grifos nossos), “identificado a formações discursivas relacionadas à posição de *sujeito-gago*, contra-identifica-se durante as sessões, até que desidentifica dessa FD. Logo, inserindo-se em *nova FD*”: posição de *sujeito-fluente*, que não vê mais a gagueira como doença, não prevê o erro, não se preocupa com o ouvinte-censurador e não utiliza estratégias para não gaguejar ou mesmo tentar falar melhor, percebendo que a fluência é instável e que é normal gaguejar.

A pesquisadora também esclarece que a questão alta terapêutica nunca é oferecida, unilateralmente, pelo terapeuta, mas compreendida como uma

demanda do sujeito e bastante trabalhada no processo. Por consequência, “esta desvinculação do processo terapêutico acontece quando o sujeito se desidentifica com formações discursivas oriundas de um interdiscurso cristalizado, como já discutido anteriormente e se insere em nova FD” (AZEVEDO, 2019b, p.127). Sendo assim, percebemos como o interdiscurso cristalizado de *mal falante*, ao longo de conversas/relações em Grupos de Extensão/Apoio podem deslocar o sujeito de uma posição discursiva, identificando-o à outra FD, modificando sua autoimagem de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, que vê a gagueira como parte do processo natural de linguagem de todo ser humano.

É necessário, porém, esclarecer que o foco terapêutico está na *escuta interpretativa*. Em outras palavras, “é a partir da devolução do dito do sujeito que ele pode deslocar-se do interdiscurso cristalizado relacionado à gagueira” (AZEVEDO, 2019b, p.126, grifo nosso). Isso acontece, porque a discriminação da gagueira está sedimentada, em discursos carregados no interdiscurso da sociedade que discriminam e colocam o *sujeito-gago* na condição do engraçado, o descoordenado, o inseguro, como se pode acompanhar em novelas e filmes veiculados na mídia. Portanto, não basta discutir teoricamente sobre a gagueira, mas é preciso agir sobre ela, refletindo sobre nós mesmos, entendendo que a fluência verdadeira depende de se soltar e de acreditar completamente nela (FRIEDMAN, [1988] (2012)).

Essas questões são levadas em consideração nos Grupos de Extensão/Apoio GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns. Dessa forma, no quarto capítulo, trataremos de apresentar algumas informações sobre tais grupos, a fim de propiciarmos aos leitores um maior detalhamento sobre os objetivos para a constituição em duas universidades. O primeiro, sediado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL-UNICAP). Já o segundo, procuramos desenvolvê-lo na Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Garanhuns), na Sala de leitura do Curso de Letras.

Ambos, circunscrevendo-se como espaços de significação na posição discursiva de *sujeitos-gagos* que ao refletirem sobre muitas questões, entre elas, o *mito da fluência absoluta*, ressignificam dizeres e, conseqüentemente,

percebem-se na posição discursiva de *sujeitos-fluentes*, porque a fluência é disfluente, relativa. Desse modo, a complexidade da gagueira, como destaca Gerhardt (2014), longe de ser um impedimento à sua visualização, precisa tornar-se um convite ao seu conhecer, à sua compreensão como objeto de estudo – enfim, à descoberta das perguntas, num tempo em que quase todos desejam resultados, respostas, como bem já disse o escritor José Saramago.

4º CAPÍTULO – OS GRUPOS DE EXTENSÃO/APOIO A PESSOAS QUE GAGUEJAM: “... A ARTE DE VIVER E CONVIVER”

... quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (CALVINO).

Os seres humanos enquanto sujeitos históricos, sociais e ideológicos, nascem, crescem e, por fim, morrem; sempre inseridos em grupos familiares, escolares, religiosos e profissionais. É, nesses grupos, que os sujeitos “atravessarão experiências de alegria e tristeza, saúde e doença, sucesso e fracasso, podendo, inclusive, obter as mudanças desejáveis” (BEHELLI; SANTOS, 2005, p. 250). Em vista disso, neste capítulo, poderemos observar que é a partir da vivência nos Grupos de Extensão/Apoio que os *sujeitos-gagos* e *sujeitos-fluentes*, em decorrência desses relacionamentos, seguem aprendendo e ensinando uns aos outros, através do processo de interação. Nesse sentido, “o trabalho em grupo se estabelece enquanto processo ativo de constituição e transformação do sujeito, com benefícios diretos à saúde, comunicação e qualidade de vida” (LUCENA *et al*, 2018, p. 124).

Nesse enredo, registros apontam que intervenções com grupos, de acordo com Machado *et al* (2007, p.63) começaram a ser implementadas no Brasil, na década de 1980, porém, tais práticas ainda consistiam em agilizar o atendimento e diminuir as listas de espera. De qualquer maneira, podemos observar na literatura fonoaudiológica, “a partir de meados de 1990, não só uma ampliação de relatos e estudos acerca de práticas grupais, como o aprofundamento teórico em torno destas”, em que alguns desses trabalhos, além de propostas de terapia grupal, sugerem, especialmente, no contexto da Saúde Pública, a constituição de grupos como possibilidades de intervenções preventivas e educativas, que visem à promoção da saúde e da linguagem. Diante desse argumento, fundamentam-nos nas palavras de Lucena *et al* (2018) entendemos que, em Fonoaudiologia, a terapia em grupo deve se constituir como uma alternativa que não somente permita “*otimizar o fluxo de atendimento aos pacientes que necessitam de ajuda profissional em um*

serviço de saúde”, mas também, possa propiciar “*o compartilhamento de experiências e formação de laços que levam ao sucesso terapêutico*” (LUCENA *et al*, 2018, p. 124, grifos nossos).

A preocupação em se estudar grupos, em especial nas ciências humanas e da saúde, segundo Souza *et al* (2011), tomou força com o surgimento das grandes crises mundiais, época em que se tornou fundamental trabalhar com grupos, em função da escassez de agentes de saúde. Hoje, “além de possibilitar o atendimento de grandes demandas em serviços públicos, o grupo tem sua importância reconhecida na determinação do comportamento individual” (SOUZA *et al*, 2011, p. 140). Sob a mesma perspectiva, Friedman e Passos (2007, p.143) esclarecem que as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia. Entretanto, para que haja formação e desenvolvimento de grupos, Lucena *et al* (2018), chamam-nos a atenção, “para a importância de conhecer os diferentes papéis ocupados pelos seus atores/componentes para a geração de mudanças que ressignificam e levam a uma vida mais saudável” (LUCENA *et al*, 2018, p. 124).

Cada vez mais, constatamos a importância desse trabalho, onde se desenvolvem diferentes tipos de grupos: com crianças, pais, famílias, idosos, gêmeos, hipertensos etc. É necessário, portanto, que a formação desses grupos fundamente-se em concepções que permitam a focalização pretendida e a obtenção de resultados compatíveis com objetivos previamente delineados²⁵, que, sem negar as próprias bases etiológicas, sintomatológicas e terapêuticas, constitua abordagens próprias para a operacionalização de grupos. Com efeitos, “o grupo ressalta o papel do outro e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças de funcionamento linguístico” (FRIEDMAN; PASSOS, 2007, p.143). Para as autoras, nesse contexto, torna-se relevante dizermos que há uma distinção entre grupo e agrupamento. De maneira que, o primeiro passa a existir a partir do momento em que as pessoas constroem uma representação interna de si e dos demais membros do grupo, passando a fazer parte do grupo interno de cada um. Já o segundo, está

²⁵ - Esta clínica é aquela que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo, em sua maneira de se relacionar com os outros (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

resumido e constitui-se, tão somente, por um conjunto de pessoas que convivem partilhando de um mesmo espaço. Sobretudo, “a configuração do grupo pressupõe que os sujeitos assumam uma posição de interlocutores uns dos outros e, sendo assim, a condição de sujeitos na dinâmica do grupo” (MACHADO *et al*, 2007, p.63).

Diante de estruturas que privilegiam as consultas individuais, certamente, existem profissionais que veem a importância e as peculiaridades do trabalho em grupo. Diante disso, ficam claras as concepções do profissional, por exemplo, como: o que é linguagem; viver em grupo, o/um ser humano (PANHOCA, 2007). Nesse cenário, conforme Bechelli e Santos (2005, p.252), o terapeuta “é um agente que procura facilitar a participação e interação dos membros, de modo que eles possam verbalizar livremente seus pensamentos e emoções”, ajustando as intervenções de acordo com as respostas e maturidade dos sujeitos e do grupo como um todo. Dessa forma, podendo direcionar a escolha da maneira de viver que lhes seja mais adequada e harmoniosa – *princípio do livre-arbítrio* (BECHELLI; SANTOS, 2005).

Pensar em atendimentos em grupo, de acordo com Panhoca e Bagarollo (2007), coloca-se como grande desafio, porque as concepções de “patologias” da comunicação humana estão fortemente arraigadas em uma visão médica, que prioriza sessões individualizadas voltadas para a “cura da doença”, visando a maior aproximação da norma (im)posta socialmente. Em relação à importância do grupo, Panhoca (2007) argumenta que:

muito mais que ser um conjunto de pessoas, o grupo tem mecanismos de funcionamento próprios. O grupo é um organismo único. Tem vida (própria). O grupo expõe, revela [...] É espaço de tensões e angústias que favorecem significações e reconstruções, o grupo aciona, possibilita e favorece reflexões. Os movimentos grupais não são lineares; ao contrário, o grupo caracteriza-se pelo constante ir e vir (PANHOCA, 2007, p.07-08).

Percebemos que para além de uma simples aglomeração, reunião ou sessão, onde pessoas estão juntas com medo e ansiedade de expor suas ideias, o grupo funciona como possibilidade de reflexões e de (re)construções em torno dos sujeitos, sua linguagem, suas questões. É um momento ímpar,

quando participantes, a partir da escuta, se doam, expõem seus conflitos, acolhem e são acolhidos por outros sujeitos, tudo isso porque “as atividades grupais podem ser desenvolvidas para vários propósitos, inclusive, para fins terapêuticos” (LUCENA *et al*, 2018, p. 108).

Nessa consistência discursiva, visando a compreender a dinâmica, a forma e o funcionamento da linguagem dos sujeitos com gagueira, Azevedo (2018b) em conjunto com os núcleos de extensão social e pesquisa da UNICAP, teve a iniciativa de elaborar um projeto de extensão, para instituir o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), buscando refletir sobre a discriminação social sofrida pelo *sujeito-gago*, seu silenciamento e angústia, gerados pela necessidade de falar *versus* a dificuldade para falar, considerando-se a cobrança do seu meio social.

4.1. O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) na UNICAP

O que realmente conta na vida não é apenas o fato de termos vivido; é a diferença que fizemos na vida dos outros que determina importância da nossa própria vida (MANDELA, 2010).

A assistência fonoaudiológica, integrante do programa social da UNICAP constitui-se em atendimento institucionalizado, com funcionamento regular, visando ao apoio a pessoas carentes do Recife e cidades circunvizinhas, ao mesmo tempo em que promove a formação profissionalizante dos alunos do curso de Fonoaudiologia, do Centro de Ciências Biológicas e Saúde (CCBS) da universidade. Dessa maneira, a clínica de fonoaudiologia da Unicap foi fundada em 1981, como a primeira clínica-escola norte e nordeste do Brasil. A instituição, por meio dessa clínica, presta assistência a pessoas da comunidade, em geral, realizando através dos alunos-estagiários, atendimentos fonoaudiológicos nas áreas de linguagem (oral e escrita), voz e motricidade orofacial, exames audiológicos e otorrinolaringológicos, entre outros, sob a supervisão de professores (AZEVEDO, 2018b).

Além dos serviços assistenciais, Azevedo (2018b) explica que a clínica tem se destacado por ser um espaço voltado à pesquisa e ao desenvolvimento científico. São realizadas, frequentemente, nesse espaço, pesquisas de alunos concluintes da graduação, além de estudos vinculados ao programa de base para a Iniciação Científica (Pibic-Católica) e aos cursos de pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*, da Fonoaudiologia, Letras e de áreas afins. Essas pesquisas têm por finalidade promover ações que articulem teoria e prática, em uma visão interdisciplinar, buscando melhor instrumentalizar a prática clínica e acadêmica, bem como contribuir para o avanço científico e tecnológico.

Esses estudos apontaram para a necessidade da criação de um grupo de extensão e assim, como afirma Azevedo (2018b), formalizar um espaço de pesquisa e interação, que já se encontrava em funcionamento, embora em fase experimental, desde o segundo semestre de 2007. Todos esses resultados, então, levaram a Unicap, através do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), e da graduação em Fonoaudiologia e Letras a desenvolverem pesquisas multidisciplinares, com destaque para a comunicação destinada a pessoas com alterações de linguagem, a saber, a gagueira, procurando preservar a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, norteadora das ações da comunidade universitária, num esforço continuado em busca da melhor qualidade.

Com toda certeza, “a integração entre ensino-pesquisa-extensão favorece a ampliação do trabalho acadêmico e aproxima a universidade da sociedade, além de ampliar o senso crítico e destacar o lado social da prática acadêmica” (SILVA; RESENDE, 2017, p. 37). A partir dessa prerrogativa, constatamos que a ideia do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como descreve o Artigo 207 da Constituição Federal de 1988, significa dizer, segundo Figueiredo (2019), que estes eixos/pilares devem ser tratados de formas equivalentes pelas instituições de ensino superiores (IES), pois devem atuar constantemente de forma efetiva. No entanto, cada pilar existe por si só, sendo independentes funcionalmente, mas interligados, e, portanto, indissociados em virtude, em prol da universidade (FIGUEIREDO, 2019).

Assim sendo, o GEAG²⁶ é fundado no 2º semestre de 2007, tendo como objetivo principal: promover um espaço de extensão, pesquisa e ensino, concernente à gagueira, por meio da formação de um grupo para apoiar a *sujeitos-gagos*, tal expressão com hífen, como já marcado, anteriormente, é porque compreendemos que ele (o *sujeito-gago*) foi constituído ideologicamente, assumindo uma *imagem de mal falante*, ainda na infância, e está nessa FD de *sujeito-gago*. Nesse sentido, a criação do GEAG, visa, especificamente, a promover a interação a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade; descrever e analisar, em termos discursivos, a dinâmica interacional do grupo; trabalhar o funcionamento da linguagem dos *sujeitos-gagos*; possibilitar a interação entre as famílias dos *sujeitos-gagos* do grupo; escutar a família; construir um banco de dados para pesquisas ulteriores e desenvolver atividades de pesquisa em conjunto com a graduação e pós-graduação.

Destarte, de maneira geral, em qualquer faixa etária e, independente de seus conflitos intra e interpéssicos, “cada novo membro – decorrente de sua imagem estigmatizada de falante – vem para o grupo com o objetivo de parar de gaguejar”. E esse fato estabelece um objetivo comum a todos os integrantes do grupo indicando – o primeiro passo do trabalho (FRIEDMAN; PASSOS, 2007, p. 153). Tais propostas são diferentes das relações tradicionais entre terapeuta e paciente, quando, na maioria das vezes, o profissional detém todo o saber, e por isso, é ele quem estabelece o dia em que seu paciente será liberado. Em qualquer área de saúde, Vieira e Lira (2018, p. 53) explicam que “por sua importância no processo de tratamento de saúde, a alta é uma etapa significativa para a prática clínica”. Portanto, compreendemos que é necessária uma investigação científica desse objeto de estudo sob diferentes perspectivas: “o olhar da cura nas diferentes culturas, nas diferentes sociedades bem como a influência destas nas diferentes áreas de atuação profissional em saúde” (VIEIRA; LIRA, 2018, p. 53).

²⁶ - Subdividido em grupos de: *crianças*, *família* dessas crianças; *adolescentes* (de 12 a 16 anos) e o de *adultos* (a partir de 18 anos), com reuniões semanais, todas as quartas-feiras, onde das 17.30h às 18.30h ocorrem sessões com as crianças e adolescentes e, em seguida, 18.30h às 20.00h, com adultos no laboratório de Práticas de linguagem. A cada quinze dias, também são realizadas reuniões com as famílias das crianças.

No GEAG, a questão da alta está bem atrelada à abordagem proposta por Friedman e Passos (2007), ou seja, não cabe ao terapeuta determinar o momento da alta do participante do grupo. Mas apontar a interpretação dos sinais oferecidos pelo participante, que deve falar sobre seu sofrimento e a relação que isso possa ter com sua permanência no grupo. Com isso, os sujeitos são, desde o começo do processo, convidados a assumirem sua alta. Cabe-lhes, portanto, trazer para o grupo, quando for o caso, a intenção de deixar de frequentá-lo, a pretensão ou não de retornar e seus motivos para tal. As estudiosas, ainda, reafirmam que sair do grupo em caso de pessoas que voltam, nem sempre é uma decisão de alta (FRIEDMAN; PASSOS, 2007; AZEVEDO, 2015; 2018a). Sobre essa etapa significativa, Vieira e Lira (2018), destacam que “a alta é o fim do processo terapêutico. É quando o paciente e o terapeuta estabelecem uma relação comum de satisfação com resultados alcançados a partir do trabalho realizado durante toda a intervenção”. Nessa perspectiva, quando falamos em alta é necessário compreender todo esse processo. Não esquecendo o que se quer alcançar desde o planejamento, “pois a possibilidade de alta deve estar atrelada aos objetivos do trabalho, *de maneira que possa criar possibilidades de fortalecimento e de autonomia do sujeito, e não de uma dependência permanente do outro*” (VIEIRA; LIRA, 2018, p. 54, grifos nossos).

4.1.1. Estratégias, metas e metodologia de ação e avaliação

Há dois focos principais, conforme Azevedo (2018b):

A) Apoio

São realizadas atividades de linguagem (tanto com os sujeitos-participantes do grupo como também com os seus familiares), mas o aspecto principal é a escuta, que perpassará todo o processo. Além disso, poderão ser realizadas palestras sobre temáticas específicas de interesse e que contribuam para uma melhor compreensão do quadro de gagueira. Quando necessário, trabalha-se outra temática que não faça parte do conhecimento específico da Fonoaudiologia ou Linguística, sendo solicitada, para isso, a participação de

um profissional convidado. Após o atendimento à família e aos *sujeitos-gagos*, a equipe reúne-se para discussão e estudos teóricos.

No espaço em grupo, há diversas atividades, tais como:

- ✓ Auto-observação de linguagem;
- ✓ Análise das condições de produção do discurso (CP);
- ✓ Análise da antecipação e interdiscursividade;
- ✓ Encontro mensal com as famílias de crianças e adolescentes com gagueira.

B) Estudos

A produção advinda das atividades implementadas consiste em dados importantes para o desenvolvimento de pesquisas referentes ao trabalho realizado. Por isso, a importância também da criação de um banco de dados, uma vez que todo o processo passa por registro documental videográfico e descritivo. Tais pesquisas têm vindo da graduação em forma de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), IC (Iniciação Científica) ou da Pós-graduação (Dissertações de mestrado e Teses de doutorado). Posteriormente, há a divulgação das pesquisas no meio acadêmico, em congressos e publicação em periódicos nacionais e internacionais, além de possibilidades de informação aos profissionais do âmbito da saúde e educação, bem como a todos aqueles que tenham interesse em perscrutar a temática estudada.

4.1.2. O processo de avaliação dos sujeitos

A avaliação dos *sujeitos-gagos* é realizada ao longo do processo de trabalho em grupo, constando da avaliação e reavaliação do funcionamento de linguagem e interação entre todos os sujeitos envolvidos. Podemos contar, também, com o trabalho de escuta da família acerca da relação com os sujeitos e da própria dificuldade de interação entre os membros parentais e o sujeito em questão. Além disso, são realizados registros em áudio e/ou vídeo, previamente autorizados pelos familiares, que contribuem no processo de avaliação.

Conforme constatamos, o GEAG oferece aos *sujeitos-gagos* um espaço de convivência e inclusão social, nos quais os participantes podem enfrentar suas dificuldades discursivas e estabelecer processos alternativos de

significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, podendo nos mostrar que seus discursos não se apagam frente à gagueira.

Partindo dos dizeres em evidência, desejamos, enquanto estudiosos, conhecer mais sobre a gagueira, um tema permeado de muitas discussões. E, na prática, revelando-se como geradora de conflitos, refletindo em sofrimentos pessoais dos sujeitos, até a entrada no GEAG UNICAP, quando percebem que não estão sozinhos. Pensando nisso, a partir de duas posições-sujeito (pesquisador e sujeito que gagueja), resolvemos desenvolver, também, um Grupo de Extensão/Apoio na Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns), como um espaço único para trocarmos informações e vivências pessoais.

4.2. O Grupo de Extensão/Apoio - UPE/Campus Garanhuns

A razão cardeal de toda superioridade humana é, sem dúvida, a vontade. O poder nasce do querer. Sempre que o homem aplica a veemência e a perseverança energética de sua alma a um fim, vencerá os obstáculos, e, se não atingir o alvo, fará, pelo menos, coisas admiráveis (JOSÉ DE ALENCAR).

Procurando promover a expansão qualificada da Pós-Graduação na forma de apoio, a Facepe através do Programa de Concessão de Bolsas de Pós-Graduação, tem incentivado, entre outras questões, a atender prioridades em termos das áreas estratégicas para o desenvolvimento de Pernambuco, como aquelas relacionadas aos novos empreendimentos estruturadores em implantação, “aos arranjos produtivos locais e às políticas públicas de impacto social e ambiental, bem como a nucleação de novos grupos e a interiorização das atividades de pesquisa e pós-graduação” (FACEPE, 2016, p. 01).

Diante disso, é que pensamos em criar um Grupo de Extensão/Apoio na UPE/Garanhuns, distante 231 km da cidade do Recife. Por conseguinte, elaborado, tendo em vista, *a priori*, o trabalho desenvolvido no GEAG UNICAP, visando a promover, por exemplo, a interação, a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade. Com isso, pode nos mostrar, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, seus discursos (dos *sujeitos-*

gagos), que não se apagam frente à gagueira (AZEVEDO, 2018b). *A posteriori*, ao observarmos o regulamento da Abra Gagueira (2017), procuramos atrelar alguns dos seus objetivos, tratando de reunir pessoas que gaguejam para, principalmente, obter informações que os auxiliem nas suas dificuldades do dia a dia através de discussões e trocas de experiências, permitindo a integração e interrelacionamento dos participantes através de regras de bom acolhimento. As reuniões mensais, gratuitas e sigilosas, criaram um espaço para disseminação de conhecimentos sobre o tema em estudo, como também visavam à troca de experiências entre os participantes. Assim sendo, o espaço foi materializado no 1º semestre de 2019²⁷, contando com a orientação da Prof. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo e coorientação da Prof. Dra. Dirce Jaeger, pesquisadora da supracitada Instituição de Ensino Superior (IES). Como resultado, atendendo uma das exigências da Facepe (2016), isto é, que o trabalho fosse desenvolvido em uma instituição no interior com o acompanhamento de *orientador/coorientador* nesta instituição (FACEPE, 2016, grifo nosso).

Procuramos, assim, não somente desenvolver os estudos do doutoramento, mas, sobretudo, com a materialização do Grupo de Extensão/Apoio, ajudarmos os *sujeitos-gagos*, trazendo benefícios ao desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) nesse interior do estado de Pernambuco. Na verdade, a Facepe, desde 2007, tem intensificado seus esforços, promovendo ações efetivas e apoiado o desenvolvimento de pesquisas para o atendimento à formação de recursos humanos qualificados, bem como, consolidando e alavancando a questão da interiorização das atividades de pesquisa.

A partir dos discursos materializados, poderemos oferecer informações atuais sobre a gagueira e, acima de tudo, possibilitar cooperação, uma verdadeira troca, isto é, ajudando e sendo ajudados com o propósito de entendermos nossas necessidades e crescermos juntos. Dessa maneira, na

²⁷ - Desenvolvido para interiorizar atividades de pesquisa, que ocorreram durante o ano de 2019, daí, o seu cunho, formato ter sido provisório. Atrelado a isso, sobretudo, poderemos ajudar pessoas que se consideravam como *sujeitos-gagos*, conseqüentemente, passaram a ressignificar a fluência, assumindo-se na posição discursiva de *sujeitos-fluentes*.

prática, “os trabalhos dos grupos não devem ser vistos como uma iniciativa isolada e sim como mais uma ferramenta de prevenção e tratamento” (ZACKIEWICZ, *et al*, 2012, p. 04).

Salientamos, ainda, em consonância com os fundamentos da Abra Gagueira (2018), que o Grupo de Extensão/Apoio - UPE/Garanhuns propôs-se à discussão de diversos temas, dentre eles: as causas, ocorrência na população, tratamentos existentes, desmistificações de mitos, depoimentos pessoais, com ricas trocas de experiências, no qual os participantes compartilharam suas dúvidas, suas angústias, medos, vitórias, conquistas e a superação de desafios, tudo sempre com descontração, num clima agradável e acolhedor com afetuosa integração e amizade entre os participantes. Para que tudo ocorresse bem, foi muito importante a ajuda de um moderador, “uma pessoa que gagueja ou profissional da saúde, como psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo ou neurologista que seja especializado em gagueira” (ABRAGAGUEIRA, 2018, s/p). Nesse sentido, não tivemos a intenção de substituir a terapia fonoaudiológica ou psicológica, mas nosso trabalho em grupo funcionou como extensão e apoio. Uma vez que essas terapias, cada qual ao seu modo, podem auxiliar a pessoa que gagueja a se tornar mais fluente e lidar melhor com suas emoções.

Diante de toda essa composição, partimos do princípio de que o ser humano é um ser social, logo, Souza *et al* (2011) esclarecem que as atividades em grupo podem ser benéficas, tanto emocionalmente, quanto socialmente, auxiliando os sujeitos em suas relações pessoais e interpessoais, criando situações de diálogo, enfrentamento das dificuldades, funcionando como uma troca de experiências, as quais possam auxiliar na sua reabilitação e/ou na convivência com os demais. Na prática, o processo das atividades em grupo permite que os sujeitos “discutam, reflitam, e transfiram para a vida conhecimentos importantíssimos que os auxiliarão a serem agentes de sua própria saúde durante ou após o período de terapia”, auxiliando-os no despertar para assuntos desconhecidos (SOUZA *et al*, 2011, p. 148).

4.2.1 Normas de funcionamento para os encontros do Grupo de Apoio

Em vista disso, de acordo Abragagueira (2018), apresentamos algumas das suas principais normas e sugestões:

- 1º) Reunir-se de forma mensal, com datas previamente definidas;
- 2º) O local deverá ser previamente definido, podendo ser um local público e NUNCA em consultórios, clínicas ou escritórios de um profissional especializado na área;
- 3º) O responsável pela moderação e facilitação do grupo realiza um trabalho voluntário;
- 4º) Não dar cunho político, religioso, comercial aos encontros.

Em suma, ao longo de todo este capítulo, pudemos perceber que o trabalho com Grupos de Extensão/Apoio, revela-se de acordo com Guarinello e Lacerda (2007), não como um espaço de prescrições, nem como um espaço mágico que gera transformações rápidas e eficazes, mas como local de reflexões, de idas e vindas que permitem respeitar as diferenças e apoiar-se nas experiências de outros para que cada um dentro de suas possibilidades ressignifique a própria relação. Na literatura da área, Lucena *et al* (2018, p. 109) esclarecem que “os grupos podem se constituir segundo modalidades diversas, que [...] muitas vezes se interpõem ou mesmo se complementam”.

De toda forma, “mais do que uma reunião de pessoas, os grupos ensejam: desenhos particulares, papéis e dinâmicas fundamentais a serem entendidos pelo seu mediador, para a possível leitura/intervenção sobre os mecanismos e movimentos deste” (LUCENA *et al*, 2018, p. 112). Nesse contexto, diante de tudo que foi discutido, até então, destacamos que para analisar os discursos e como se dá o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio em Recife e Garanhuns. Sem demora, no quinto capítulo, traçamos o percurso metodológico, visando a apresentar como serão feitos todos os desdobramentos da nossa pesquisa, para então, respondermos à questão pretendida, bem como alcançarmos os objetivos desse estudo.

É importante salientarmos, ainda, que o trabalho será feito a partir do olhar analítico da AD, onde os seus princípios e procedimentos (em suas noções operatórias), postos em funcionamento, podem ajudar na capturação,

afirmando que há uma longa história no que toca o processo de identificação (BORGES, 2017). Já que em AD, “dizemos que sentido e sujeito se constituem ao mesmo tempo e, com isso, queremos dizer que, ao significar, ao produzir sentidos, o sujeito também se significa” (SOARES, 2017, p.35). Entretanto, nesse encadeamento, ao considerarmos esse aporte discursivo, entendemos que sua manifestação se dá no encontro de uma atualidade com uma memória, sob Condições de Produção específica (SILVA-DELA, 2015), onde a ideologia determina a filiação do sujeito a redes de memória para produzir sentidos para um “saber” que produz efeitos (PÊCHEUX, [1982] (1999)). Com isso, essa perspectiva nos diz que a materialidade da ideologia se encontra no discursivo e, enquanto possibilidade terapêutica, pode gerar efeitos de mudança na posição discursiva de *sujeito-gago* para a de *sujeito-fluente* (AZEVEDO, 2013; 2019). Isso porque, constatamos que a gagueira é/está efetivamente atravessada pelo componente ideológico, ou seja, o problema não está no sujeito, mas numa posição discursiva na relação com o outro.

5º CAPÍTULO – PERCURSO METODOLÓGICO: “... A OBRA VERDADEIRA CONSISTE NÃO EM SUA FORMA DEFINITIVA, MAS NA SÉRIE DE APROXIMAÇÕES PARA ATINGI-LA”.

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana (CARL JUNG).

A metodologia deve ser pensada como uma construção teórica que dialoga diretamente com a prática da pesquisa e que não se efetiva por uma “investigação neutra” (MINAYO, 2011a), até porque, “[...] não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2013, p.07). Portanto, não asseveramos sobre uma suposta posição neutra do analista em relação aos sentidos, porque não só ele está sempre afetado pela interpretação. Como também um dispositivo analítico marca uma posição em relação à outras, sendo capaz de deslocar a posição do sujeito, trabalhando a opacidade da linguagem, a sua não evidência e “relativizando a relação do sujeito com a interpretação, podendo assim, fazer uma leitura o menos subjetiva possível, mediado pela teoria e pelos mecanismos” (ORLANDI, 2015, p. 27). Com isso, averiguamos que “o texto não se encontra num estado neutro, mas chega aos seus leitores carregados de sentidos, pois a linguagem empregada materializa toda uma ideologia” (ORLANDI, 2013, p. 17).

Em seu livro: “A arte de pesquisar: como fazer pesquisa”, Goldenberg (2004, p.45) esclarece-nos que seja fundamental a explicitação de todos os passos da pesquisa para evitar o *bias*²⁸ do pesquisador durante a elaboração de uma arquitetura metodológica, uma vez que há autores que respaldados nas ciências físicas, acreditam “ser a pesquisa uma atividade neutra e objetiva”. Como também, existem estudiosos que, fundamentados nas ciências sociais, pressupõem que os pesquisadores têm suas especificidades e, na prática, possuem uma metodologia própria. Assim sendo, o pesquisador tem consciência da interferência de seus valores na seleção, no encaminhamento do problema estudado, sabendo que “a simples escolha de um objeto já

²⁸ - A utilização do termo em inglês é comum entre os cientistas sociais e pode ser traduzido como: viés, preconceito, parcialidade.

significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa” (GOLDENBERG, 2004, p.45),

Nessa tessitura, o momento sócio-histórico e cultural, o contexto da pesquisa, a orientação teórica, as antecipações do pesquisador, influenciam no resultado da pesquisa. Entretanto, devemos reconhecer, nossos *pré-conceitos*, procurando administrá-los, no exercício prático da posição-sujeito pesquisador, para evitar possíveis interferências pessoais em nossas conclusões. Esperamos, desse modo, que o pesquisador, ao assumir tal posição, resultante da alteração da posição leitor, para o lugar construído pelo analista, possa trabalhar não numa posição neutra. Mas ocupar um lugar em que, “se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir”, não se colocando fora da história, do simbólico ou da ideologia. Permitindo-lhe contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições de produção (ORLANDI, 2013, p. 61).

Nesse sentido, no presente capítulo, apresentamos a construção do desenho metodológico, no qual traçamos de maneira coerente para podermos, a *posteriori*, analisar o *corpus* da pesquisa. Iniciamos, entendendo a AD, enquanto ferramenta analítica. Além disso, ancorando-nos numa pesquisa qualitativa, com observação participante, realizando um estudo longitudinal (prospectivo e/ou retrospectivo), analisando mudanças ao longo do tempo em Grupos de Extensão/Apoio. Em seguida, explicamos como se deu a seleção dos sujeitos, a coleta de dados, bem como a base da análise. Quer dizer, a partir dos recortes, elegendo marcas linguístico-discursivas, retomando-se determinadas noções operatórias da AD (enquanto procedimentos de análises). Areladamente, compomos, então, as sequências discursivas (constituição do *corpus*) e, ao final, tratamos de situar os leitores sobre a caracterização das considerações éticas.

5.1. Análise do Discurso (AD) – Dispositivo/Procedimento de Análise: uma Disciplina de interpretação

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo

com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2013).

Nesse estudo, buscamos empreender uma investigação direta dos dados em seu ambiente natural, concentrando o foco da nossa pesquisa na observação de 04 [quatro] sujeitos-participantes dos Grupos de Extensão/Apoio, a fim de analisar o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns. Em consonância com tais discursos, compreendemos a partir dos construtos teóricos de Pêcheux [1990] (2008), que pelo viés da AD, esse espaço do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso (o exterior) como a alteridade discursiva: é porque há o outro nas sociedades e na história. Assim, para que toda a análise fosse possível, como já dito, utilizamos da AD, fundada por Michel de Pêcheux na França e desenvolvida por Eni Orlandi e demais pesquisadores no Brasil.

Dessa maneira, tal instrumento teórico-metodológico visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. E, logo iniciamos o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise. Retomando-se conceitos e noções, “pois a AD tem um procedimento que demanda um *ir-e-vir* constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66). De modo que, “trata-se de uma teoria que trabalha com movimentos pendulares que vão da teoria para a prática analítica e, dessa, de volta à teoria”(INDURSKY, 2011b, p 03).

Sendo assim, ao escrever: “Análise de Discurso: princípios e procedimentos”, Orlandi (2013) esclarece-nos que enquanto instrumento teórico-metodológico, a AD permite analisar as tramas do dizer. Ressignificando o discurso, a partir de novas condições de produção das práticas, descentrando as normas e trabalhando os modos de produção, negociação e instituição ou exclusão dos sentidos, garantindo, no interior da

luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros. Nesse ordenamento discursivo, o papel do analista acerca do dispositivo, da escuta discursiva, deve explicar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos. E compete-o traçar os tênues contornos da formação discursiva (FD) com a qual o sujeito do discurso em análise se identifica para, somente então e, a partir daí, fazer suas análises (INDURSKY, 2011a).

Nessa empreitada, conforme Orlandi (2013), descrição e interpretação se interrelacionam. Disso, constatamos, através do quadro em destaque, que é tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão.

A INTERPRETAÇÃO APARECE EM DOIS MOMENTOS DA ANÁLISE:	
1) A interpretação faz parte do objeto da análise	2) Não há descrição sem interpretação
Consideramos que o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise.	É preciso compreendermos, então, que o próprio analista está envolvido na interpretação.

Quadro 2 – Relação entre descrição e interpretação na análise discursiva. **Fonte:** Elaborado por nós, a partir da fundamentação teórica de Orlandi (2013).

Nessa composição, como resultado, é necessário introduzirmos um dispositivo teórico que intervenha na relação com os objetos simbólicos analisados, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação. Esse deslocamento, como destaca Orlandi (2013, p.70), “vai permitir que trabalhem no entremeio da descrição com a interpretação. Podendo-se, então, contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação”. Para que no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, não reflitamos, apenas, no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas no sentido do pensar, e logo, contemplarmos.

Em virtude disso, consideramos que interpretação e descrição são fatores decisivos para o processo de compreensão do funcionamento discursivo dos sujeitos. Sendo que a melhor maneira de atender a essa questão, de acordo com Orlandi (2013) é construindo montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da AD, face aos objetivos da análise, permitindo chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com os procedimentos, não visam à demonstração, mas

mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos. Por isso, no procedimento de análise:

Devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. Este é o percurso que constitui as diferentes etapas com, da análise, passando-se da superfície linguística ao processo discursivo. Correspondentemente, passamos pela análise dos esquecimentos e chegamos mais perto do real dos sentidos na observação das posições dos sujeitos (ORLANDI, 2013, p.71).

Percebemos, dessa maneira, que os textos precisam ser remetidos aos discursos, que por sua vez, estão atrelados às FD e arraigados à ideologia. Com isso, entendemos que as suas relações perpassam o viés de uma superfície linguística, porque se trata de processo discursivo. Podemos, então, concluir que a AD não está interessada no texto em si como objeto final da sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. Logo, aquele que analisa precisa compreender como ele (o texto) produz sentidos, implicando saber tanto em como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele, entendendo que:

[...] o trabalho incide em percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde, a saber, como o discurso se textualiza. [...] Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso [...] O que temos como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições (ORLANDI, 2013, p.72).

Porquanto, nada melhor do que determo-nos na leitura dos textos, atentando, por sua materialidade discursiva. Apreendendo processos de significação, notando, a partir da aplicabilidade da teoria, os efeitos de sentidos decorrentes das tramas do dizer. Sendo assim, devemos levar em consideração que através da AD, podemos notar o funcionamento de expressões algumas vezes, silenciadas, que provocam em seus leitores a dispersão/percepção para os sentidos outros diferentemente de sua pretensa completude. Por isso, a prática de leitura discursiva consiste em considerarmos o que é dito em um discurso e em outro, o que é dito de um modo e de outro. Procurando escutar o *não-dito* naquilo que é *dito*, como uma presença de uma ausência necessária (ORLANDI, 2013, grifo nosso).

5.2. Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa observa o fato no meio natural [...], defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2008, p. 17).

Quando se trata de uma pesquisa qualitativa, segundo Silva e Menezes, (2001), esta viabiliza uma relação entre o mundo e os sujeitos envolvidos, não se reduzindo a números. Buscamos, portanto, interpretar os fenômenos, atribuindo significados a eles e trabalhando “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2011a, p. 21). Na prática, tal abordagem busca compreender as relações que envolvem a humanidade por meio dos significados que surgem a partir delas, não sendo possível uma quantificação. É com base nesses princípios que se configura a pesquisa qualitativa ou “naturalística/naturalista”, ou seja, é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. O termo “qualitativa” é porque contrapõe-se ao esquema quantitativista de pesquisa “(que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente)” e considera a situação, suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2008, p. 17).

Nesse contexto, o nosso estudo tem como objetivo analisar o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns. Como já mencionado, adotamos a AD, teoria e dispositivo de análise, porque visa a compreender o funcionamento discursivo, ou seja, como um objeto simbólico produz sentidos. Isso posto, a abordagem da pesquisa qualitativa possibilitou ao pesquisador interpretar os dados, considerando “a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social” (MINAYO, 2011b, p. 11). Com efeitos, quando nos dedicamos a essa interpelação, observamos ao longo de todo processo de pesquisa, a construção e reconstrução dos fios que tecem a significação, que vão sendo gradualmente explicadas, redefinidas e ressignificadas no estudo. Atrelado a isso, fizemos um estudo longitudinal (prospectivo e/ou retrospectivo), propiciando uma sequência temporal para

estudar um processo ao longo do tempo, investigando mudanças (HOCHMAN *et al*, 2005).

5.2.1. Observação participante

A observação participante é a única forma de conhecer intensivamente uma sociedade no seu contexto microssociológico, a partir da relação com o todo social (MALINOWSKI, 1884 – 1942).

No contexto da pesquisa qualitativa, ocorre a utilização de procedimentos: um deles é a observação participante (ANDRÉ, 2008). Nesse âmbito, por um longo período de tempo, na abordagem qualitativa, o pesquisador coleta os dados através da sua participação na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda. E, assim, “observa as pessoas [...], conversa para descobrir as interpretações que têm sobre as situações que observou, podendo comparar e interpretar as respostas dadas em diferentes situações” (GOLDENBERG, 2004, p.47).

A metodologia compreendendo a observação participante, conforme Richardson (2010) e Minayo (2011a) revela que tal observação é aquela onde há um contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos sujeitos em seus respectivos contextos sociais, históricos e culturais. Como resultado, por meio da observação participante, acompanhamos o processo de desenvolvimento das atividades em grupos, registrando os aspectos pertinentes da questão de pesquisa e dos objetivos propostos desse trabalho. Nesse âmbito, optamos por esse procedimento, porque pressupomos uma maior interação com os sujeitos da pesquisa (ANDRÉ, 2008). Desse modo, tem como característica a participação constante do pesquisador no local a ser pesquisado, indicando um maior envolvimento do mesmo, o qual acaba tornando-se o instrumento essencial para a coleta dos dados (TURA, 2003).

Sobre a observação participante, ainda, Minayo (2011b) destaca que esse é um instrumento essencial na pesquisa qualitativa, pois como já sabemos, permite o pesquisador colocar-se em interação constante com seu interlocutor no espaço social onde a pesquisa acontece. Observando o que ocorre em sua vida social, participando do contexto como um todo e, por consequência, modificando-o. Um aspecto essencial da observação é o fato de

o pesquisador testemunhar as atitudes dos pesquisados, possibilitando uma maior veracidade dos dados (MOREIRA; CALEFFE, 2006). Ademais, é necessário considerar que a observação participante segue pressupostos teóricos da pesquisa e se realiza de maneira metódica (TURA, 2003).

Em conformidade com o procedimento analítico da AD (por meio de noções operatórias), como foi dito, anteriormente, realizamos uma pesquisa qualitativa. Consideramos a possibilidade de um contato mais direto com os sujeitos envolvidos e a situação vivenciada – a incidência está naquilo que tem de único, de particular, dentro de um sistema mais amplo. Portanto, a observação participante nos Grupos de Extensão/Apoio proporcionou-nos, assim, “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

5.3. Seleção dos sujeitos

Para onde foi o sujeito? Sujeito? Que sujeito pode não estar assujeitado à história? (PÊCHEUX, 1988).

Nesta ação, selecionamos quatro (04) sujeitos/participantes em Grupos de Extensão/Apoio. Inicialmente, os dois (02) primeiros pertenciam ao GEAG UNICAP, sendo, portanto, uma moça de 45 anos e um rapaz de 22 anos. Foram convocados porque, diante da assiduidade (entre 2014 e 2017), começaram a apresentar, ao longo desse tempo, discursos de mudança de posição discursiva de *sujeitos-gagos* para *sujeitos-fluentes* e quiseram falar sobre isso.

Com relação aos dois (02) últimos participantes, só depois da divulgação (entre outubro de 2018 a fevereiro de 2019), é que foram convocados, para então, podermos iniciar as atividades de coleta de dados no Grupo de Extensão/Apoio UPE/Garanhuns. Na verdade, quatro (04) sujeitos demonstram interesses em participar, especificamente, duas moças e dois rapazes, entre 18 e 29 anos, realizaram inscrições através do e-mail: apoiogrupo.garanhunspe@gmail.com. Entretanto, após a convocação, apenas, os dois últimos compareceram durante todo o processo de atividades desenvolvidas pelo pesquisador e sua coorientadora, na UPE/Garanhuns.

Atendemos, assim, a questão da interiorização da pesquisa, de acordo com a FACEPE (2016).

Salientamos ainda que, neste trabalho, os quatro sujeitos dos respectivos grupos receberam os nomes fictícios de: **Antônio**, **Beatriz**, **Caio** e **Davi**, tendo como principal objetivo, preservarmos suas verdadeiras identidades. De modo geral, foram selecionados e convocados, atendendo aos critérios abaixo:

- a) Serem de faixa etária acima de 18 anos;
- b) Participarem das reuniões/encontros dos Grupos de Extensão/Apoio GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns;
- c) Aceitarem livremente a participação na pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

5.4. Coleta de dados

[...] pela língua começa a confusão (GUIMARÃES ROSA).

Uma parte da pesquisa foi realizada no Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL-UNICAP). Situada à Rua do Príncipe, 526, 7º andar do Bloco G4, sala D7, quartas-feiras (semanalmente), das 18:30h às 20h, onde está circunscrito o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG UNICAP).

Já a outra metade, aconteceu na Sala de leitura do Curso de Letras, onde funciona o Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso, Unidade Acadêmica da Universidade de Pernambuco (GEPAD/UPE-Garanhuns), no qual desenvolvemos as atividades em Grupo de Extensão/Apoio (UPE - Garanhuns), sempre aos sábados das 13h às 15h (mensalmente), localizada na Rua Capitão Pedro Rodrigues, nº 105, São José-Garanhuns/PE.

Em meio a esta composição metodológica, ainda é importante frisarmos que:

- a) No âmbito do GEAG UNICAP, já vínhamos fazendo, desde então, uma coleta de dados dos dois (02) primeiros sujeitos da pesquisa (**Antônio** e **Beatriz**), que chegaram,

respectivamente, em 2014 e 2016. Com relação ao primeiro sujeito, coletamos entre agosto de 2014 a dezembro de 2017. Já o segundo, realizamos entre agosto de 2016 a dezembro de 2017.

- b) Em relação à segunda parte, no que tange à seleção e a coleta de dados dos dois (02) últimos sujeitos (**Caio e Davi**), o trabalho aconteceu entre março a dezembro de 2019 no Grupo de Extensão/Apoio UPE/Garanhuns. Totalizando assim, doze (12) reuniões.
- c) Sobre a constituição desse último, esclarecemos que a coorientadora deste trabalho, da referida IES, fez chamada no *site*, bem como colagem de cartazes, em postos de saúde, prefeitura e contatos na mídia impressa e digital. Visamos a informar à comunidade sobre o início dos trabalhos.
- d) As atividades nesse grupo aconteceram aos sábados de forma mensal, das 13h às 15h. Além disso, esclarecemos, ainda, que por ter passado pelo processo de vivência da gagueira, o pesquisador (doutorando) esteve apto a conduzir o trabalho, conforme orienta a Abragagueira (2018, s/p) “podendo ser uma pessoa que gagueja [...]”.
- e) Para ambos, ao mesmo tempo em que aconteceram, as sessões foram gravadas, nos Grupos de Extensão/Apoio, sempre em vídeo (GEAG UNICAP) e áudio (UPE/Garanhuns). De posse desse material coletado nos grupos, procedemos com transcrições das falas dos sujeitos e fizemos o registro textual escrito/digitalizado (*corpus* empírico), com posterior análise do discurso dos participantes.
- f) Nesse sentido, tanto a primeira como a segunda parte da pesquisa são longitudinais, pois de maneira prospectiva ou retrospectiva (a partir do *corpus* coletado), analisamos ao longo do tempo, o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*.

Acreditamos que cada um dos instrumentos elencados ajudaram na composição do nosso objeto de estudo e a responder a questão norteadora levantada nesta pesquisa, a saber: nos trabalhos em Grupo de Extensão/Apoio, a partir da perspectiva discursiva, como se dá o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* (considerando a fluência como relativa)? Para tanto, toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue, e à luz da AD, pudemos constituir o *corpus* discursivo que levou à eleição dos recortes discursivos da pesquisa e posterior análise com base nos procedimentos do próprio dispositivo teórico-metodológico (ORLANDI, 1996).

Nesse contexto, cabe ainda destacarmos que resolvemos encaminhar aos quatro sujeitos da pesquisa, algumas questões, via *e-mail*. Tivemos como finalidade principal conhecermos um pouco mais de suas vivências. Para tanto, coletamos algumas informações adicionais, como por exemplo: idade; a cidade de origem; grau de escolaridade, profissão, religião, desde quando frequentam os Grupos de Extensão/Apoio, bem como, descrições de suas atividades diárias. Nesse encadeamento, criamos/estruturamos os quadros, a seguir: **3**, **4**, **5** e **6**, propiciando aos leitores o perfil dos sujeitos da nossa pesquisa, narrando suas respectivas autobiografias. Como já dito, tivemos o cuidado de dar-lhes nomes fictícios de: **Antônio**, **Beatriz**, **Caio** e **Davi**, para preservarmos eticamente suas verdadeiras identidades.

5.4.1 Perfil dos sujeitos: narrativas autobiográficas

O SUJEITO ANTÔNIO
<i>“Então, persiste” (Mc. Kevinho).</i>
<p><i>Tenho 27 anos, moro em Recife-PE, Nova Descoberta, possuo 2º grau completo, sou auxiliar de produção, católico, gosto sempre de visitar as igrejas. Gosto de ler livros, sou fã de gibis, gosto muito de futebol. Entrei no GEAG em agosto de 2014, através de uma médica do posto que me indicou. Aí, com frequência, sempre vindo pra cá, fiquei bom. Com certeza, fiquei altíssimo fluente.</i></p> <p><i>Eu realmente jurava que eu era/seria sempre gago. Sempre ficava nervoso quando via pessoas, tinha medo de falar, enfrentar gentes. Eu me sentia gago, por isso, através disso, por imaginar o que o outro iria pensar de mim falando.</i></p> <p><i>Tenho dificuldades, mas são poucas, não reparo na minha fala, quem não tem?! Assim, tem hora que noto isso ou não reparo na fala que eu falo. Mas eu falo fluentemente. Às vezes, eu acho que quando estou nervoso, preocupado dou umas travadas, o resto eu falo fluentemente.</i></p> <p><i>Comecei a melhorar quando enfrentei pessoas que eu não conhecia, desconhecidas. É, enfrentando gente desconhecida! Aí, simplesmente, comecei a falar com minha família, com um com outro, sem receio, medo, mas falando mesmo.</i></p>

Quadro 3 – O sujeito Antônio. **Fonte:** Elaborado por nós.

O SUJEITO BEATRIZ
<i>Forte e frágil em aprendizado contínuo.</i>
<p><i>Tenho 48 anos, moro em Recife-PE, sou estudante de pós-graduação em Mediação e arbitragem, espírita, gosto de ir para a faculdade, cuidar das minhas cadelas, estudar, cuidar da casa, fazer artesanato.</i></p> <p><i>Passei a frequentar o GEAG em 2016, desde a adolescência me vi como gaga e no GEAG. Sinto-me e vejo fluente nas diversas situações do dia a dia. Acho que gagueira problemática e a ignorância da sociedade, só pioram o problema. Falta inclusão às diferenças.</i></p>

Sinto que gaguejo quando falo em auditório, quando estou sendo avaliada. Ainda tenho receio quando tenho que falar em público. É minha única dificuldade. Comecei a notar melhoras na fala com exercícios.

Quadro 4 – O sujeito Beatriz. **Fonte:** Elaborado por nós.

O SUJEITO CAIO

Pessoa em superação.

Tenho 30 anos, sou de Garanhuns-PE, possuo o ensino médio, sou estudante em Análise e desenvolvimento em sistemas (ADS, tecnólogo), não tenho nenhuma religião. Pela manhã faço e ajudo a minha mãe nos serviços domésticos. À tarde inicio meus estudos com pesquisas de conteúdos que possam contribuir com meu desenvolvimento pessoal, em especial em alcançar mais fluência. Faço alguns exercícios, especialmente, leitura em voz alta. Depois, busco cumprir os compromissos do curso. Ao fim da tarde, geralmente vou à padaria, chego, tomo banho e vou para o curso. Chego, me alimento, volto a estudar, faço pesquisas sobre ou relacionado à gagueira, medito e vou dormir. Rotina diária, inclusive, nos finais de semana e feriados, com exceção da ida ao curso. Essa rotina é quebrada por idas em compromissos médicos, ou esporádicas idas ao centro para resolver assuntos pessoais. No mais; sem passeio, pouco convívio social. E idas mensais ao encontro de apoio, com encontros nas tardes dos sábados.

Comecei a frequentar o Grupo de Extensão/Apoio desde março de 2019, pois desde sempre, me vi como gago, desde minhas tenras lembranças da infância. Ainda não cheguei ao nível de sujeito-fluente. Mas já consigo me classificar como sujeito que gagueja e não mais como gago puramente. Dependendo da situação e contexto, tenho falado com uma fluência bem significativa, mas também há momentos que por mais que eu me exponha e tente falar, sofro bloqueios e são situações bem frustrantes. Gaguejo bem menos agora em falas curtas, em interações com pessoas próximas em casa, sou praticamente fluente. Bloqueio mais, meio às pessoas não tão próximas a mim e, em especial, quando tenho muito foco em mim, seja de uma ou mais pessoas.

Em seminários, por exemplo, debates, tenho dificuldades em falar... Em situações corriqueiras já consigo lidar melhor e tenho êxito em resolver coisas pessoais, ou fazer compras. Não tenho conseguido êxito nos debates, nem tentando fazer seminário, estive. Mas vou participar de um trabalho em grupo no curso em breve, vou ao menos tentar, na medida do possível falar em público. Tendo êxito ou não. Agora, estou aberto e vou me expor e falar ao meu modo, com minhas particularidades de sujeito que gagueja.

Há mais de três anos tenho enfrentado a gagueira e buscado ajuda profissional, tenho pensado e refletido muito sobre o meu falar. Mudei muito minha visão de como me via e via a gagueira em si. Mas toda essa jornada eu mudei, muitos tópicos de meu discurso ou crenças de meus limites e possibilidades na condição de sujeito que gagueja. Em especial o grupo de Extensão/Apoio despertou-me mais para uma aceitação, enfrentamento, o permiti-me gaguejar e diversos pontos semelhantes.

Quadro 5 – O sujeito Caio. **Fonte:** Elaborado por nós.

O SUJEITO DAVI

“Eu só sei que algo bom vai acontecer, eu não sei quando, mas só em dizer já pode fazer acontecer.”

Tenho 20 anos, sou de São Paulo, SP, cursando ensino superior, licenciatura

em História, estudante, espírita/universalista. Minhas atividades principais, atualmente, estão ligadas no entorno da minha formação que está em andamento, a graduação em licenciatura em História. Realizo trabalhos como estagiário em um museu e participo de eventos, grupos de estudo, grupo de teatro, tudo isso ao longo da semana.

Em momentos mais específicos me dedico a outros interesses como leituras, pesquisas, entre outros. Nas horas vagas, como hobby assisto filmes, leio textos, dou passeios sozinho pela cidade, ou saio para me divertir com colegas. Passei a frequentar o grupo, desde que começaram as reuniões no prédio da UPE – Campus Garanhuns, visto que já havia visto anteriormente cartazes ao longo do campus e despertou muito interesse. Desde a pré-adolescência, me via como sujeito-gago, em torno dos dez, onze anos de idade, quando passei a apresentar dificuldades em me expressar, como bloqueios, pausas, entre outras características, tanto percebidas por mim mesmo quanto pelos outros no meu entorno.

Passei a me ver como sujeito-fluente, desde o momento em que foram feitas as conversas no grupo e reflexões sobre o que seria ser um sujeito-gago e o que seria ser um sujeito fluente, de forma que passei a questionar meus próprios estigmas e visões sobre minha própria fala. Vejo que conseguir expressar minhas ideias pela fala já é algo bem sucedido, a gagueira no fim não se mostra como uma barreira, mas como um elemento que não diz o quão bem ou mal sucedida foi a minha comunicação, mas sim os elementos que trago na fala.

Gaguejo quando sinto pressa para falar, ou falo/pergunto/peço algo que me sinto em uma situação delicada, também em momentos de pressão como apresentações/avaliações, principalmente se feitas em público. Não tenho dificuldades ao realizar atividades diárias em que tenha que falar e quando apresento algum bloqueio, não me afeta a ponto de parar a atividade, nem colocar pressão e medo de forma a cancelar coisas que quero ou devo fazer.

Comecei a notar melhorias em relação ao meu discurso, a partir dos primeiros encontros, em que pude perceber o quanto eu mesmo me prejudicava e me autossabotava quando colocava sobre mim mesmo pressões e julgamentos por gaguejar, bem como julgava que o outro me julgava. Enfim, conforme fui percebendo como minha própria visão não contribuía para que eu me sentisse bem e me sentisse com algum problema, quando na verdade não havia algum.

Quadro 6 – O sujeito Davi. **Fonte:** Elaborado por nós.

5.5. Base da análise: recortes, marcas linguístico-discursivas, noções operatórias da AD e sequências discursivas (constituição do corpus)

É preciso para se fazer ciência do discurso, estabelecer uma relação de consistência entre teoria, o método, os procedimentos e o objeto [...], objeto teórico que na análise do discurso é o discurso (ORLANDI, 2012, p. 38).

Um dos primeiros pontos a considerar, se pensarmos a análise, é a constituição do *corpus* (ORLANDI, 2001), compondo-se face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Por isso, “a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação”

(ORLANDI, 2013 p.64). Nessa composição, para cada análise específica o dispositivo analítico da interpretação é construído pelo analista. Percebendo que isso é determinado pelo dispositivo teórico. Na prática, por sua vez, o dispositivo analítico, “vai depender da questão do analista, da natureza do material analisado, do objeto do material analisado, do objetivo do analista e da região teórica em que se inscreve o analista” (ORLANDI, 2015, p. 22).

Nesse imbricamento discursivo, o analista tem como finalidade compreender o processo de produção de sentidos, instalado por uma materialidade discursiva, caracterizado pelo processo de identificação que “o sujeito se inscreve em uma FD para que suas palavras tenham sentido” (ORLANDI, 2015, p. 22). À vista disso, passando a contemplar o movimento da interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a posição do analista, numa posição que entremeia a descrição e a interpretação, podendo tornar visíveis às relações entre diferentes sentidos que são constituídos.

Como já dissemos, após coleta de dados nos Grupos de Extensão/Apoio, procedemos com transcrições das falas dos sujeitos e fizemos o registro textual escrito/digitalizado (*corpus* empírico), com posterior análise do discurso dos participantes. Mas o que faz ele (o analista) diante desse texto?

Ele o remete imediatamente, a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura (ORLANDI, 2013, 63, grifos nossos).

Constatamos, assim, que é através do trabalho do analista de remeter-se ao texto, que temos acesso ao discurso, pois esse faz referência a determinadas formações discursivas. Mobilizando sentidos, porque deriva de um complexo jogo ideológico definido pela formação ideológica. Porém, como já dito, reafirmamos que “a AD não está interessada no texto em si como objeto final da sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso” (ORLANDI, 2013, p.72). A partir desse *corpus*, procedemos com a composição dos recortes discursivos, “fragmento correlacionado de linguagem – e – situação de interlocução (...), que é o da ideologia”. Em síntese, a análise foi realizada metodologicamente, a partir dessa noção, “não como informação, mas como unidade discursiva, conceito que acolhe o processo de interação e

relação com o mundo pela e na linguagem” (ORLANDI, 2011, p. 138-140). Tais questões já são uma marca de interpretação e, ao analista, é impossível analisá-lo à distância (PÊCHEUX, 1994).

Nesse cenário, adotamos como procedimentos para análise dos recortes discursivos dos sujeitos nos Grupos de Extensão/Apoio, o que denominamos de:

- (1) As marcas linguístico-discursivas;
- (2) As noções operatórias da AD.

Inicialmente, com relação às marcas linguístico-discursivas, é preciso dizermos que se tratam de *palavras* ou *frases-de-base*, determinando a especificidade textual (AZEVEDO, 2006, grifos nossos). Diante da eleição desses indícios, vestígios, pistas (destacadas em negrito no texto), notamos “como a repetição/e ou suas rupturas fazem discurso. É, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e se significam” (INDURSKY, 2011b, p 04). Representamos, assim, a posição discursiva dos sujeitos ao longo dos encontros em Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns.

Ao olhar os textos, Orlandi (2013) afirma que “o analista defronta-se com a necessidade de reconhecer, em sua materialidade discursiva, os indícios (*vestígios, pistas*) dos processos de significação aí inscritos”, partindo desses indícios. Entretanto, para praticar análise do discurso, precisa ter em conta algumas distinções teóricas e metodológicas. Dessa maneira, a AD se constitui na relação de pressuposição com a linguística e numa proximidade – porque se interessa pelo social e pelo histórico – com as ciências sociais, demonstrando os meios pelos quais se demarca delas em sua prática analítica (ORLANDI, 2013, p. 90, grifos nossos).

Nessa empreitada, as *marcas formais*, denominadas por Orlandi (2013), em si, não interessam diretamente ao analista. Mas “é o modo como estão no texto, como elas se “encarnam” no discurso”, daí, “o interesse do analista pela forma material que lhe permite chegar às propriedades discursivas” (ORLANDI, 2013, p. 90, grifo nosso). Assim sendo, como resultado, “são certas *marcas linguísticas* que, pelos efeitos de sentido que produzem, transformam-se em

pistas que o analista segue em busca das propriedades discursivas do discurso para o qual elas remetem” (INDURSKY, 2011b, p. 04, grifos nossos).

É necessário, nessa composição, para fins de esclarecimentos, estabelecermos uma distinção, entre propriedade e marca (traço), visto que “marcas não se confundem com as propriedades discursivas”. Logo, elaboramos um quadro em consonância com os escritos de Orlandi (2011, p. 244-245), porque “estabelecer o funcionamento específico de um discurso é, pois, determinar a forma de relação entre traços e propriedades”.

MARCAS (TRAÇOS)	PROPRIEDADES DISCURSIVAS
<p>As marcas dizem respeito à organização do discurso.</p> <p>Além de envolver a organização discursiva, podem derivar de qualquer nível de análise linguística (fonológico, morfológico, sintático, semântico) ou de unidades de qualquer extensão (fonema, morfema, palavra, sintagma, frase, enunciado, parte do texto, texto).</p>	<p>As propriedades têm a ver com a totalidade do discurso e sua relação com a exterioridade.</p> <p>Quando pensamos na concepção de propriedade discursiva, nos referimos ao discurso, enquanto totalidade, na relação do mesmo com a exterioridade.</p>

Quadro 7 – Distinção entre marca (traço) e propriedade discursiva. **Fonte:** Elaborado por nós, tendo em vista as postulações de Orlandi (2011).

De posse do que chamamos de marcas linguístico-discursivas, ao longo das análises dos recortes discursivos, retomaremos determinadas concepções da AD. Já que, enquanto instrumento analítico demanda-se “um *ir-e-vir* constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, (...) ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66). Para tanto, como já mencionado em vários momentos, dentre as várias concepções que compõem a teoria-metodologia em evidência, trataremos de mobilizar para as análises, quando necessário, as noções operatórias de: ideologia, sujeito, língua(gem), condições de produção (CP), formação discursiva (FD), formação ideológica (FI), posição-sujeito, forma-sujeito, a política do silêncio ou silenciamento e memória do dizer. Pela sua validade e papel na discussão que desenvolvemos nesta tese.

Destacamos que as referidas noções operatórias já foram devidamente explicadas ao longo do segundo capítulo, no qual estudamos a AD numa perspectiva teórica. Conseqüentemente, o procedimento metodológico adotado pela mesma vertente procura aliar a teoria à prática, num movimento em que o

corpus em análise e a teoria estão sempre em contato. Ou seja, enquanto teoria de interpretação dos discursos sociais nos oferece uma “caixa de ferramentas”, de que podemos dispor para analisarmos os discursos, nos quais estrutura e acontecimento se fundem numa materialidade constitutivamente sincrética. Tratando dos fatos de linguagem, com sua memória, sua espessura semântica e sua materialidade linguístico-discursiva (ORLANDI, 2013). Em síntese, “o quadro teórico-epistemológico da AD, como se vê, é *complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram*”. De maneira que, “*a cada atividade de análise se põe em questão a natureza de certos conceitos e se redefinem seus limites*” (LEANDRO FERREIRA, 2010, p. 03, grifos nossos).

No que tange a composição das sequências discursivas, é necessário explicarmos, segundo Courtine (2009), que em AD, o plano de estruturação da constituição de um *corpus* discursivo está relacionado às suas condições de produção (CP). Nesse sentido, por *corpus discursivo*, compreendemos que se trata de um conjunto de *sequências discursivas*, estruturando segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso. Dessa forma, a constituição é, de fato, uma operação que consiste em realizar hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa. Assim sendo, estruturamos e elaboramos as sequências discursivas, entendidas como “as sequências orais ou escritas de uma dimensão superior à frase”, tendo forma e natureza variáveis, “pois dependerão da abordagem e das análises a que elas serão submetidas” (COURTINE, 2009, p.55, grifos nossos).

Em suma, a partir a eleição dos recortes, efetuamos o conjunto de quatro sequências discursivas (*corpus* discursivo). Portanto, foram estruturadas para o processo analítico, tendo em vista a questão norteadora e nossos objetivos de pesquisa. Consequentemente, foram realizadas com base no funcionamento discursivo dos sujeitos e, em seguida, os diversos discursos confrontados (interdiscursividade) pela análise das marcas linguísticas (traços). Procurando atrelá-las as propriedades discursivas e retomando determinadas noções operatórias da AD, que não busca o “sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2013, p. 87).

5.6. Considerações éticas

De uma vez por todas, este livro não é escrito por uma medicina contra uma outra, ou contra a medicina, por uma ausência de medicina, trata-se de um estudo que tenta extrair da espessura do discurso as condições de sua história (FOUCAULT, 2003 p.XVIII).

Em relação às considerações éticas, encaminhamos, aos sujeitos da pesquisa, uma carta-convite para participação, que se configura como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado a partir do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), vinculado a Comissão Nacional de Ética (CONEP). Dessa maneira, foi cumprida a Resolução 466/12, que contém os objetivos e a metodologia do estudo, para que os sujeitos da pesquisa definissem sobre a participação ou não da investigação. Esclarecemos, ainda, que essa pesquisa faz parte de um projeto maior da orientadora, intitulado: “Aquisição e distúrbios de Linguagem sob a ótica linguístico-discursiva”, submetido e aprovado pelo CEP/UNICAP nº: 2.926.024 sob o CAAE: 94030818.2.0000.5206.

Sobre a metodologia adotada, no que tange à coleta de dados – gravações em vídeo e áudio das sessões realizadas em Grupos de Extensão/Apoio, afirmamos que ao longo desse estudo, não descrevemos riscos para os sujeitos da pesquisa, embora devam ser sempre previstos. Como, por exemplo, poderia ter havido constrangimento dos sujeitos na participação, mas que seria minimizado, a partir de explicação detalhada sobre o processo. Caso persistissem, poderiam desistir a qualquer momento do trabalho de coleta. No entanto, destacamos que, de fato, não tivemos nenhum tipo de constrangimento e, atrelado a isso, garantimos plenamente a privacidade dos sujeitos que optaram por participar da coleta de dados, visto que os mesmos não foram identificados, uma vez que, como já esclarecemos, utilizamos nomes fictícios.

Sendo assim, os sujeitos foram beneficiados, na medida em que estiveram trabalhando a gagueira em Grupos de Extensão/Apoio, bem como a comunidade científica, sendo beneficiada, através da leitura de publicações oriundas da pesquisa, porque ainda há carência de investigações sobre a perspectiva discursiva sendo realizadas no Brasil. Portanto, ao final das

análises dos dados, apresentaremos as considerações referentes às impressões que surgiram no decorrer do nosso estudo.

A seguir, no sexto capítulo, trataremos de analisar o *corpus* do trabalho, composto por quatro sequências discursivas. Como já supracitado, estruturadas a partir do objetivo geral, mais precisamente, dos objetivos específicos. Revelando assim, as marcas linguístico-discursivas, tendo em vista os recortes eleitos, fazendo emergir no discurso, a posição discursiva de cada um dos sujeitos nas sessões/encontros em Grupos de Extensão/Apoio (GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns), o que atende aos objetivos propostos nesta tese. Salientamos que os recortes discursivos estão expostos em tabelas, apresentando os sujeitos da pesquisa investigados (**Antônio, Beatriz, Caio e Davi**), os pesquisadores (**P**) e os números complementares, a tais sujeitos, são os segmentos discursivos, isto é, cada momento de fala dos sujeitos/participantes, marcados em negrito, o que nos parece mais evidente.

6º CAPÍTULO – O PROCESSO DE MUDANÇA DE POSIÇÃO DISCURSIVA DE SUJEITO-GAGO PARA SUJEITO-FLUENTE EM GRUPOS DE EXTENSÃO/APOIO DE RECIFE E GARANHUNS

Mudar pressupõe uma ruptura por dentro, para se libertar das amarras com o estabelecido e redefinir outros modos de pensar e de agir (FULLAN, 1992).

Como marcado ao longo de toda esta tese, deslocamo-nos dos estudos da gagueira que se concentram na esfera individual de cada paciente, focando, apenas, no sintoma do corpo, sua anatomia, fisiologia e aspectos fonarticulatórios. A partir disso, filiamo-nos a uma abordagem que considera a posição discursiva de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente* como elementos primordiais no funcionamento discursivo. Lançamos, portanto, um novo olhar sobre tal objeto de estudo, trazendo aquilo que o constitui (o discurso) e dá evidência a sujeitos formados na e pela linguagem. Desse modo, “acreditamos que o estudo da gagueira não pode ser desvinculado de onde o discurso e a ideologia se materializam no sujeito [...]” (PETRUSK, 2013, p.60).

Dessa maneira, neste capítulo, para orientar o nosso gesto analítico, recorreremos às noções teóricas²⁹ da AD, que recortamos e mobilizamos desse campo do saber para atuarmos analiticamente (FERREIRA, 2015). Diante desse cenário, percebemos que os princípios e procedimentos da AD, postos em funcionamento, nos afastam do olhar capturado pelo efeito de evidência, que as aparências (naturalizações) impõem, “para compreender e afirmar que há uma longa história por vir e que colocará em confronto saberes de diversas naturezas no que toca o processo de identificação/subjetivação, [...] em seus modos de viver [...]” (BORGES, 2017, p.134).

6.1. Análises do corpus

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa (GUIMARÃES ROSA).

²⁹ - Salientamos que os conceitos da AD, utilizados nas análises, já foram devidamente explicados, especificamente, no segundo capítulo desta tese, a saber, “*Análise do Discurso de linha francesa (AD) – gestos de leitura na constituição do discurso: tratando dos fatos de linguagem e sua materialidade discursiva*”.

Para entendermos como se deu o movimento de análise, nossa tese segue metodologicamente a seguinte ordenação: a *priori*, partimos da constituição do quadro analítico mais amplo (*corpus empírico*), composto pelo domínio discursivo dos sujeitos. Em seguida, procedemos aos recortes das sequências discursivas (SD – *corpus discursivo*), elaborados, a partir das marcas linguístico-discursivas, respondendo, assim, à questão norteadora de pesquisa, bem como atentando para os objetivos desse estudo.

Vejamos o que nos diz o *corpus* a partir de nosso gesto de leitura e interpretação:

6.1.1. Discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos

Tendo-se em mente que o funcionamento discursivo não é unicamente linguístico, constatamos que são as condições de produção (CP) que determinam, a partir do desempenho dos protagonistas, a caracterização do discurso desses sujeitos. Pode-se apresentar-se pela *relação de forças*, situação em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, ou seja, de fato, ocupam sua posição relativa no discurso; *de sentidos*, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos e a *antecipação*, capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso.

Portanto, ao considerarmos tais pressupostos, a seguir, nesta primeira sequência discursiva, tratamos de investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA I
Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP
<p>Antônio 1. [...] Tem dia que eu falo e é uma benção e tem dia que eu gaguejo. Tem momentos que eu gaguejo tanto, por que acontece isso?</p> <p>P. Em que situações você sente mais isso? [...] É alguma situação especial, assim: apresentação de trabalho, entrevista de emprego, perguntar a hora?</p> <p>Antônio 2. Às vezes eu gaguejo muito com a minha mãe. São momentos, não é? [...], sempre que eu gaguejo, vou gaguejar, ela disse: Antônio, você na hora que vier assim, falar comigo, sempre, assim, fale alto, [...], respire mesmo, fale bem alto.</p> <p>Antônio 3. [...] Já na rua com meus amigos, com as pessoas que eu não conheço, eu falo.</p> <p>P. Mas você precisa parar pra respirar, ficar calmo?</p> <p>Antônio 4. Não, não.</p>

P. Então, será que precisa usar isso em casa? Já que na rua você fala sem usar isso assim?

Antônio 5. Na rua eu falo normal mesmo. Já com a minha mãe, eu paro, respiro, falo baixinho [...].

P. Quando você tiver conversando com a sua mãe, por exemplo, lembre-se da conversa com os seus amigos, da fluência, [...]. Vamos pensar: qual é o pensamento que vem na hora em que você precisa falar?

Antônio 6. São situações em que eu preciso me expor, eu tenho que falar e eu não consigo!

P. Daí, você acha que não consegue?

Antônio 7. Não, eu não consigo. [...] Às vezes eu vou falar e eu gaguejo. Eu realmente eu gaguejo. Aí, meu modo pode sair bom ou gaguejando.

P. Vamos falar nomes de comidas. [...], vocês sentiram dificuldade?

Antônio 8. Batata. Não professora, falando agora não.

P. Então, essa boca aí, que fala agora é a mesma que fala nas outras horas. No momento que gagueja ou flui, muda alguma coisa na boca?

Antônio 9. Não, falar é simples.

P. Falar é simples. Mas como a fala tá no sujeito, o sujeito não é simples.

Antônio 10. É isso. Mas tem sílabas difíceis que eu não consigo.

P. Por exemplo?

Antônio 11. É, pêra, peixe.

P. Que mais? Vai falando aí palavras com P.

Antônio 12. Português [...]. Às vezes quando eu já imagino que eu vou falar aquela palavra, frase, quer dizer, a sílaba que eu vou falar, realmente ela trava na hora, né?

P. Você falou.

Antônio 13. Agora, a questão é a pessoa ter o controle desses momentos.

P. Não. Porque o que você não deve fazer é ter controle e ser espontâneo [...].

Antônio 14. Acho que é medo [...], eu penso: eu não vou querer falar com ela, porque eu vou travar, gaguejar, será que não vai sair nada, né? Eu às vezes, falo alto, grosso, porque ajuda. Aí, melhora mais a minha fala.

P. Na verdade, você está usando truque, a sua voz não está adaptada pra você falar mais alto ou mais grosso [...]. Você precisa ter confiança em você.

Antônio 15. [...] Eu gaguejo quando eu me preocupo, tem momentos quando eu travo, aí, eu fico travando, travando direto, porque eu fico aperreado por que eu to gaguejando, aí, depois quando eu esqueço isso, normal mesmo, nem uma falha mais, de nada mais. [...] Até pessoas normais, falam né, mas gaguejam.

P. Mas vocês não são normais também?!

Antônio 16. É. Mas pra mim assim, né, é quando o gago se preocupa com alguma coisa. Semana retrasada em casa, com a minha mãe, né, eu falando [...], de repente eu travei, travei de novo, aí, poxa fiquei preocupado. Mas você sabe que é normal, gaguejar é normal. Você só gagueja porque se preocupa, mas quando você se esquece, isso não acontece. Têm semanas que eu fico travando porque eu fico preocupado.

P. É interessante a gente pensar na situação e não na gagueira [...] Se você prever, porque acha que vai gaguejar, aí, gagueja.

Beatriz 1. Em algumas situações [...] Quando eu apresento trabalho mesmo é um suplício. Justamente por causa do meu curso.

P. Os seminários, né?

Beatriz 2. Exatamente, é um suplício! Eu chego a passar mal. É um negócio orgânico, aqui na garganta [...].

P. E o pessoal fica falando dos teus momentos de fala?

Beatriz 3. Não, [...] se falam, falam por trás, mas é muito ruim é uma sensação muito ruim mesmo essa preocupação.

P. Isso é porque a gente tá na posição de quem sabe, vai se expor e acha que o outro vai cobrar e não tem nada a ver com gagueira.

Beatriz 4. *Eu já vi gente apresentar e as mãos tremiam muito e a voz saía. Mas o que me incomoda mais, eu queria ter tudo isso, mas que a voz saísse.*

P. Mas a voz tá saindo, tá vendo, não?

Beatriz 5. *Mas não adianta sair aqui e não sair lá.*

P. Lá sai, mas você fica antecipando e se cobrando.

Beatriz 6. *Sai muiiiitooo ruim.*

P. Mas sai.

Beatriz 7. *[...] Por exemplo, eu odeio apresentar trabalho na faculdade, aí, muitas vezes eu tava, assim, como eu vou gaguejar mesmo, então, eu não vou estudar, eu vou fazer um resumo que se eu ler, pelo menos, está bom. [...] Mas como eu achava, como eu não ia falar mesmo, como não adiantava eu ter estudado, não ia conseguir passar o meu estudo, eu vou ficar medíocre, foi uma autossabotagem.*

P. Mas por que isso?

Beatriz 8. *[...] É porque a gente sente as pessoas, a gente sente o olhar, a gente sente como a pessoa reage, aí, eu comecei e a fala travou mesmo, ficou igual aqui. Travou, travou, travou de não falar.*

P. [...] Você pode falar sem criar expectativas, falar sem pensar [...].

Beatriz 9. *É, eu me cobro. Eu to numa fase, tentando nova carreira, nova oportunidade, tentando me firmar no mercado, buscando oportunidade mesmo e as oportunidades se fecham nesse aspecto.*

P. Você precisa parar de se incomodar tanto com o que o outro fala.

Beatriz 10. *Ser mais eu.*

P. Isso mesmo. Ser mais você, se garantir, porque competência você já tem.

Beatriz 11. *É, eu acho que é isso mesmo. Parece um pesadelo, eu já pedi assim: eu só queria acordar e ser...*

P. Ser o quê?

Beatriz 12. *A voz sair em qualquer situação e eu não ter nenhuma situação específica, eu não to nem mais exigindo fluência total que eu aprendi aqui que não existe, eu aprendi isso aqui, mas eu queria que não houvesse mais aquela bola que eu sinto aqui, na garganta, organicamente.*

P. O problema está na forma em como você vê o outro, tá muito preocupada com o que o outro vai achar de você e querendo uma fluência que não existe!

Beatriz 13. *Nessa última vez que eu lhe falei, que eu me senti muito ruim [...], porque ele exigiu que fossemos proativos e fui eu quem levantou a mão.*

P. Mas foi aquele professor que exigiu falar só em três minutos e você falou em um?

Beatriz 14. *Foi. Então, e eu já quis mostrar que eu vou conseguir, mostrar ali e eu me desiludi comigo mesma, o problema foi meu.*

P. Lembra que você falou, que o que te impediu naquele momento foi o olhar do professor de decepção, por causa da sua fala, não foi? Então, vamos pensar o quê que existe aí, pra que você veja no outro essa suposta decepção com a sua fala, entendeu?

Beatriz 15. *Então, me ajuda nisso.*

P. Então, eu também acho que há uma projeção aí, que você faz do outro, ver esse interlocutor.

Beatriz 16. *É. Eu me cobro muito, quero o êxito.*

P. Você quer que seja tudo sempre muito certo, nunca falhe.

Beatriz 17. *Não, eu quero conseguir o êxito, entendeu?*

P. E por que não vai conseguir?

Beatriz 18. *[...] O que me constrange é o que eu me sinto mal é a cara de surpresa do outro, é como se assim, eu não fosse boa, eu não tivesse capacidade.*

P. Mas, você não tem que tá correspondendo cem por cento as expectativas de ninguém não. Você quer estar correspondendo toda hora.

UPE/Campus Garanhuns

P. [...] Nesse Grupo de Extensão/Apoio, vamos trazer as situações discursivas, através da família, universidade, trabalho. Procurando analisar as situações em que eu sou mais fluente ou gaguejo mais. [...] Ah, lá nos seminários eu não consigo dizer tal palavra. Sim, [...] por que eu consigo falar aqui e lá não falo? Então, se fosse algum problema, alguma doença, você não falaria lá e não falaria aqui, estão entendendo?

Caio 1. Se fosse algo físico.

P. Exatamente [...].

Davi 1. Quando eu começo a gaguejar vem o nervosismo, porque eu fico pensando.

P. Esse nervosismo vem de quê, Davi? Quais são formações imaginárias?

Davi 2. [...] É uma espécie de medo, porque quando você começa a gaguejar.

P. Medo do quê ou de quem?

Davi 3. Acho que do julgamento alheio [...] de repente, eu travar numa palavra e eu olhar assim e ver todo mundo olhando pra mim, esperando eu continuar. Aí, eu digo meu Deus, eu estou sendo pressionado para continuar.

P. [...] esse julgamento alheio, será que a gente nunca parou para pensar que pode está vindo da nossa parte? [...].

Caio 2. Sim, muitas vezes somos nós quem cooperamos mais.

Davi 4. [...] Assim, no dia a dia, as outras pessoas que queiram ajudar e acabam atrapalhando, quando dizem: **respire fundo, fale com calma, fale devagar, [...], fazendo com que você gagueje de novo e às vezes quando essas pessoas riem, é horrível quando elas riem, [...].**

P. Mas elas podem estar rindo por qualquer outra coisa, daí, imaginamos que seja por conta da gagueira, estão entendendo? [...].

Davi 5. Sim, sim. No final, eu já andei percebendo, já retomando os degraus interiores das conversas que a preocupação em gaguejar era tão grande que acabava sendo o meu maior problema [...]. Mas eu tinha um pavor muito grande de ir pra sala de aula, de gaguejar e eu não sabia lidar com isso, eu tinha muito medo. [...], aí, eu disse: gente desculpe, eu sou gago! Aí, um aluno disse: você é gago? Eu não sabia, não parece. E eu, nossa, não acredito!

P. Tá vendo, uma previsão sua, eles não estavam julgando nada, né?

Caio 3. Praticamente em cem por cento agora com ela, com a psicóloga e outras situações de fala, é controlado, por ser apenas eu e ela, pelo profissionalismo dela e até por ela estar ali em busca de me ajudar, [...].

P. [...] Será que não está prevendo, antecipando alguma coisa que não existe da parte dela?

Caio 4. Não, eu creio que não, [...], com a minha fonoaudióloga também, [...] é até um pouco mais, [...], que ela tenta adivinhar as minhas falas e completa, aí, eu fico mais tenso. Eu não entendo isso, eu até penso de questionar ela. No início, eu até pensei que ela de certa forma, estivesse me testando, pra ver se, digamos assim, eu ia me impor, né? Mas não, ela tem uma personalidade que assim, no primeiro dia, ela me lembrou a Dilma, é um pouco firme, aí, eu bloqueio mais ainda.

P. É péssimo, né? E aí, você tente dizer isso pra ela.

Caio 5. É, eu vou tentar [...], mas frente a qualquer outra pessoa, até mesmo você, que a meu ver, na verdade, pra mim é um ex-gago [...].

P. Você é um sujeito polido, educado. Então, saberá com jeito dizer: olha, não é isso

não, me deixa só terminar de dizer à palavra que eu desejo [...].

Caio 6. Entendo. O que sempre me incomodou, principalmente, agora, é perceber que de certa forma a gagueira, nada mais é basicamente do que um certo sentimento de inferioridade comparado com qualquer pessoa, é principalmente, com pessoas que representam qualquer tipo de autoridade, mesmo sendo colegas, médicos, pessoas de um grupo de ajuda que estão buscando ajudar [...]. Só que acaba que estando frente a essas pessoas, dentro de mim, em minha mente, sei lá em que parte, acaba gerando uma desorganização, não respirando bem, isso causa a não fluência.

P. Então, quando eu começo de alguma forma prever, [...] vem à gagueira [...].

Caio 7. É, prova disso é que não temo conversar só, quando falo só, canto, quando falo com criança e animais, não gaguejo, quando leio em voz alta, [...]. É se perceber muito sensível ao outro, percepção muito inferior ao outro mesmo, com essa minha idade já é péssimo!

P. Porque você ficou fazendo previsão, de certa forma você achou que aquelas pessoas ali iriam julgar, discriminar você.

Caio 8. [...], simplesmente por serem pessoas, assim, externas, tipo, aqui mesmo, eu não tenho percebido nenhum tipo de previsão, preocupação referente ao que você vai pensar, ou que você vai concluir [...]. É uma questão mesmo como eu, consciente ou inconsciente, me vejo e, principalmente, como é que eu vejo o outro [...] as situações [...] É um temor constante.

P. [...] Você disse que com a sua mãe a sua fluência tem se consolidado, sempre foi assim com ela?

Caio 9. Sempre foi assim, instável, era por ela ser minha mãe e tudo mais, eu sempre esperei ter mais fluência, coisa que não acontecia há algum tempo atrás, isso me intrigava mais.

P. E por que isso não acontecia?

Caio 10. [...] Eu fico intrigado, por isso, eu não via, assim, uma explicação lógica. [...], mas ela é, de certa forma, protetora, mas alguns tempos eu tenho passado por alguns embates com ela. [...], delimitar o meu espaço, se posicionar em relação a ela. Eu creio que isso ajudou.

Davi 6. Agora, por que em certas situações sim e em outras não?

Caio 11. Porque eu tenho mais foco em mim, uma exigência maior com a fala.

P. Esse é o problema, ter foco em você, ser exigente consigo mesmo.

Davi 7. Uma coisa que eu acho que eu to adquirindo no meio desse processo pessoal é a famosa cara de pau, estou começando a ficar a vontade em qualquer canto, conhecendo ou não as pessoas [...]. Porque eu reconheço muito que das vezes que eu gaguejo, é muito da expectativa que eu penso que o outro tá tendo, se eu estou suprindo ou não essa expectativa.

P. E muitas vezes, esse outro não tá nem aí, são unicamente projeções, formações imaginárias nossas.

Caio 12. [...] uma grande exposição de mim, de minha condição por muito tempo, e eu sei que seria muita energia para poucos chutes, [...], eu estando com mais fluência e em situações variáveis, mais favoráveis, foi até uma de eu ter, assim, exposto [...], mas aquela sensação de ser enfadonho, sensação não, perceber mesmo o desconforto neles, mesmo eles sendo solidários.

P. [...] você fala isso, exemplifica e às vezes têm razão, [...] Pode ser uma hipótese a ser comprovada, mas também pode não ser.

É a partir das formações imaginárias (Fim) dos sujeitos em meio às condições de produção (CP) que os discursos são produzidos, o modo pelo

qual a exterioridade acaba os constituindo enquanto sujeitos de seus discursos (LEANDRO FERREIRA, 2000). Assim sendo, percebemos que tal fundamentação, entre os seus efeitos de sentidos, aplica-se muito bem à dúvida exposta, *priori*, pelo sujeito **Antônio 1**, em sua chegada ao GEAG, no dia 06 de agosto de 2014: “[...] **Tem dia que eu falo e é uma benção e tem dia que eu gaguejo. Tem momentos que eu gaguejo tanto, por que acontece isso?**”. Diante disso, logo, entendemos que ao ser indagado pelo pesquisador: “em que situações você sente mais isso? [...] apresentação de trabalho, entrevista de emprego, perguntar a hora?”. Então, procura esclarecer, no segmento discursivo **2**: “às vezes eu gaguejo muito com a minha mãe. São momentos, não é? [...], sempre que eu gaguejo, vou gaguejar, ela disse: **Antônio, você na hora que vier assim, falar comigo, sempre, assim, fale alto, [...], respire mesmo, fale bem alto**”. Percebemos que o funcionamento discursivo, não é unicamente linguístico, já que as CP (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, porque constituem e caracterizam o discurso, como seu objeto de análise (ORLANDI, 2011).

Dessa forma, as condições de produção são formações imaginárias, onde se apresentam, por exemplo, a relação de forças, em que, no discurso desse sujeito, fica perceptível que há autoridade por parte de sua mãe, cobrando-lhe uma fala em tom audível, fixando-o, assim, na posição discursiva de *sujeito-gago*, pois já existe em sua antecipação, bem demarcada, que nessa relação há aquela que manda (sua mãe) e aquele que é subordinado (o filho, sujeito Antônio). Já em outras circunstâncias de enunciação, na sessão do dia 03 setembro de 2014, **Antônio 3** destaca,: “[...] **Já na rua com meus amigos, com as pessoas que eu não conheço, eu falo**”. E ao ser questionado se precisa parar para respirar, ficar calmo, responde no segmento 4: “**não, não**”. E complementa, o *sujeito Antônio 5*: “**na rua eu falo normal mesmo. Já com a minha mãe, eu paro, respiro, falo baixinho [...]**”. Sendo assim, vemos que se existe a antecipação, por consequência, os *truques* serão uma alternativa para tentar amenizar a gagueira. Mas que, na verdade, o deixaram ainda mais gago. Nessa formação imaginária, portanto, temos a relação de forças, os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, tudo isso marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa (ORLANDI, 2011).

Por outro lado, como não tem problema e fala com amigos e/ou pessoas desconhecidas, porque não existem cobranças, não se preocupa, pois, mostra-se mais fluente frente a seus pares discursivos. Nesse encontro, como uma maneira de fazê-lo refletir, é questionado pelo pesquisador, se ele (o sujeito Antônio) precisa usar truques em casa, já que na rua com amigos, não precisa usá-los. E, como sugestão, orienta que, ao estar frente à sua mãe, por exemplo, lembre-se dos momentos de quando conversa com os seus amigos, da sua fluência, como é a sua fala com eles, constatando que não precisa usar nada disso. Ainda, sobre essa situação discursiva, leva-o a pensar: por que quando vai falar com ela usa truques do tipo: *“parar e respirar pra falar, qual é o pensamento que vem na hora em que você precisa falar?”*. Como explicação, temos **Antônio 6: “são situações em que eu preciso me expor, eu tenho que falar e eu não consigo!”**. Ao complementar, salienta uma vez mais o pesquisador: *“você acha que não consegue?”*. No segmento discursivo **7**, esclarece **Antônio**: *“não, eu não consigo. [...] Às vezes eu vou falar e eu gaguejo. Eu realmente eu gaguejo. Aí, meu modo pode sair bom ou gaguejando”*, na prática, como efeitos, “o sujeito é consequência das discursivizações em torno dele, nas CP em que se encontra” (BORGES, 2017, p. 134). Por isso, podemos afirmar que a gagueira está intimamente relacionada às formações imaginárias, atreladas às condições de produção dos sujeitos. Depreendemos, então, que a gagueira é um momento da fala e cada vez que pensarmos em falar sem gaguejar, estaremos, sem perceber, reforçando a ideia de gaguejar, a crença da gagueira. Na prática, “essa espera da gagueira, ou constante antecipação é o que condiciona a fala a um permanente estado de tensão e ao uso de truques para falar bem” (FRIEDMAN, [1988] (2012), p.19).

Seguindo com nosso plano analítico, observamos através de uma das atividades em grupo, no dia 08 de outubro de 2014, onde é solicitado por uma das fonoaudiólogas, que os participantes citassem nomes de comidas, relatando se sentiam dificuldades. A respeito disso, o sujeito **Antônio 8**, afirma: *“batata”*, percebendo que nessa situação discursiva, *“não professora, falando agora não”*, ou seja, vê que conseguiu emitir a palavra. Diante desse entendimento, notamos que o problema não possui nenhuma relação com a

anatomia desse sujeito, pois a fala é o canal que viabiliza a expressão da linguagem, correspondendo à realização motora da linguagem, “referindo-se basicamente à maneira de articular os sons na palavra (incluindo a produção vocal e a fluência)” (PRATES; MARTINS, 2011, p. 54). Então, se tivéssemos aí alguma dificuldade física, certamente, esse sujeito não conseguiria pronunciar ou gaguejaria todas às vezes tal palavra. Além disso, é lançada uma questão significativa para todo o grupo: no momento que você fala gaguejando e no momento que fala bem, o que muda na boca, a boca é outra? E **Antônio**, complementa, no segmento 9: “**não, falar é simples**”. Entendemos que, de fato, falar é simples, mas como a fala está no sujeito, ele (o sujeito) não é simples. Em vista disso, o sujeito, a linguagem, a história são pensados em movimento, em suas rupturas, falhas, equívocos e em seus deslocamentos. Portanto, a AD, “não trata da língua enquanto sistema abstrato e nem como gramática, mas do discurso, prática de linguagem, trabalho simbólico constitutivo do sujeito e da sua história” (BORGES, 2017, p.121).

De modo que, a formação ideológica (FI), “apresenta-se como elemento capaz de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social em dado momento”. Além disso, é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, *mas se relacionam mais ou menos às posições de classes em confronto umas com as outras*. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias FDs interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137, grifos nossos). Como resultado, na inscrição, identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago*, conforma-o na posição discursiva de *sujeito-gago*. E, como efeitos de sentidos, dessa constituição, vai reverberando discursos que, supostamente, caracterizam nas circunstâncias de enunciação, de incapacidade, impassibilidades no dizer, como podemos verificar, no encontro do dia 10 de setembro de 2014, nos próximos segmentos discursivos, em **Antônio 10: “é isso. Mas tem sílabas difíceis que eu não consigo**, e vai falando 11: “**é, pêra, peixe**”; 12: “**português [...]. Às vezes quando eu já imagino que eu vou falar aquela palavra, frase, quer dizer, a sílaba que eu vou falar, realmente trava na hora, né?**”. No entanto, vemos que o sujeito **Antônio**, durante todo o seu

relato consegue verbalizar na fala aquilo que denomina de “**silabas difíceis**”. Além do mais, tais discursos possibilita-nos entender que nos momentos em que gagueja, possivelmente, nas suas formações imaginárias se vê na posição discursiva de *sujeito-gago* e/ou acredita que o seu interlocutor também o compreende dessa maneira. Dentro dessa composição, Pêcheux (1988) situa a relação ideologia/discurso, a partir disso, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 1988, p. 214). E sempre que houver censura, ocorrerá a migração de sentidos, significando o que não pôde ser dito (AZEVEDO, 2000). Além disso, no meio social, não é admissível *erros* na fala e, em consequência, ocorre uma interdição dos momentos naturais de gagueira do sujeito, num clima de intolerância, porque acreditam que “a fluência de fala é absoluta, ou seja, não contém disfluências. Na realidade, a fala normal contém fluências e disfluências”. Entretanto, por não compreendermos as especificidades quanto ao desenvolvimento da linguagem, fica difícil, perceber, “inclusive, que as instabilidades articulatórias constituem a gagueira e fazem parte do processo natural de aquisição da linguagem” (FRIEDMAN, 2018e, s/p).

E, muitas vezes, durante esse processo de interlocução, o sujeito é tomado por uma vontade imensa de controlar o falar, como percebemos em **Antônio 13: “agora, a questão é a pessoa ter o controle desses momentos”**. Como bem colocado, no grupo, é preciso lembrar que não devemos ter o controle, não ficarmos nos autocontrolando, autopoliciando. Mas procurar sermos espontâneos, eliminando previsões de *erros* e antecipando prováveis reações alheias. Agindo desse jeito, não ficaremos *presos* à forma da fala, como no caso desse sujeito. Essa circunstância de enunciação se dá quando ele (o sujeito **Antônio**), por exemplo, está diante de sua mãe. Para ele, certamente, nessa relação, é alguém que demonstra força, autoridade, pois, quando vai falar com ela, fica falando baixinho, tentando, talvez, esconder a gagueira, quem sabe, por ter sofrido antes alguma interdição da parte dela. Diante dessa problemática, na reunião do dia 03 de setembro de 2014, **Antônio 14**, conclui: “**acho que é medo [...], eu penso: eu não vou querer falar com ela, porque eu vou travar, gaguejar, será que não vai sair nada,**

né? Eu às vezes, falo alto, grosso, porque ajuda. Aí, melhora mais a minha fala". Na verdade, nessas condições, tal gagueira, refere-se a momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar, mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente (FRIEDMAN, 2018c). Com isso, sempre foi enfatizado ao longo das sessões do GEAG, por exemplo, a necessidade de termos mais confiança em nós, naquilo que iremos dizer, de maneira que não fiquemos usando *truques*, porque isso, inclusive, como ressalta um das fonoaudiólogas, prejudicará a voz que não está adaptada para falar mais alto ou grosso.

Dando continuidade ao plano da sequência em análise, no dia 19 agosto de 2015, o sujeito **Antônio 15**, alega: ***“eu gaguejo quando eu me preocupo, tem momentos quando eu travo, aí, eu fico travando, travando direto, porque eu fico aperreado por que eu to gaguejando, aí, depois quando eu esqueço isso, normal mesmo, nem uma falha mais, de nada mais. [...] Até pessoas normais, falam né, mas gaguejam”***. É preciso chamar a atenção para a expressão, ***“pessoas normais”***, dita pelo sujeito e ressaltada pelo pesquisador, quando na sessão em grupo faz reflexionar esse termo, questionando: ***“mas vocês não são normais também?!”***. Estar na FD de *sujeito-gago* é defender a sua posição discursiva de *sujeito-gago*, classificando-se na condição de sujeito *doente, anormal*, simplesmente pela sua gagueira. Ao ser provocado, então, responde **Antônio**, no segmento discursivo **16**: ***“é. Mas pra mim assim, né, é quando o gago se preocupa com alguma coisa. Semana retrasada em casa, com a minha mãe, né, eu falando [...], de repente eu travei, travei de novo, aí, poxa fiquei preocupado. Mas você sabe que é normal, gaguejar é normal. Você só gagueja porque se preocupa, mas quando você se esquece, isso não acontece. Têm semanas que eu fico travando, porque eu fico preocupado”***. Nesse encadeamento discursivo, Friedman (2018d) afirma que pesquisas recentes sobre a produção da fala mostram que a sociedade, tanto do ponto de vista leigo como do ponto de vista científico, compartilha uma visão idealizada da fluência, *que se materializa na manifestação de comportamentos de estigmatização da fala disfluente* (FRIEDMAN, 2018d, s/p, grifos nossos).

Diante das questões argumentadas, é interessante destacarmos que há momentos em que gaguejamos mais e outros não, com a evidência de pausas, prolongamentos, bloqueios e/ou hesitações. A partir disso, passamos a compreender que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas (ORLANDI, 2013). Isso posto, na sequência em andamento, do encontro de 03 de agosto de 2016, torna-se compreensível entendermos os próximos discursos do sujeito Beatriz, em sua chegada ao GEAG, quando expõe, inicialmente, *no* segmento discursivo **1**: **“em algumas situações [...] Quando eu apresento trabalho mesmo é um suplício. Justamente por causa do meu curso”**. E ao ser perguntado: “os seminários, né?”. Confirma, **Beatriz 2**: **“exatamente, é um suplício! Eu chego a passar mal. É um negócio orgânico, aqui na garganta [...]”**. “E o pessoal fica falando dos teus momentos de fala”, questiona o pesquisador? Responde o participante *no* segmento **3**: **“não, [...] se falam, falam por trás, mas é muito ruim é uma sensação muito ruim mesmo essa preocupação”**. Nessa circunstância, o sujeito ocupa a posição de quem sabe, de exposição, assim, acredita por sua **“preocupação”** (antecipação), que o outro vai lhe cobrar que seja perfeitamente fluente e não apresente evidências de gagueira. Quer dizer, se prevermos, anteciparmos, acreditando que vamos gaguejar, conseqüentemente, gaguejaremos. Só que, essa gagueira volta para o sujeito como um efeito ruim, desencadeando em tensões corporais. Com isso, fazendo-nos esquecer de que gaguejar faz parte do processo de linguagem, pois quando vemos o sujeito em sua amplitude, verificamos que, “não há como não considerar o discurso e a linguagem na relação com o sujeito, seja qual for o método clínico eleito para a realização de um processo terapêutico” (BARROS, 2016, p. 127-128).

Em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação, contam fundamentalmente para a AD. E esse sujeito e tal situação são redefinidos discursivamente como partes das CP do discurso (ORLANDI, 2015). Certamente, por acreditar que haveria cobrança daqueles que estão vendo/ouvindo a apresentação, isso leva ele (o sujeito **Beatriz**) começar a prever, antecipar e concluir *no* segmento discursivo **4**: **“eu já vi gente**

apresentar e as mãos tremiam muito e a voz saia. Mas o que me incomoda mais, eu queria ter tudo isso, mas que a voz saísse". É tão provável que **Beatriz**, nessa circunstância discursiva, em suas formações imaginárias, atrelado às condições de produção, prendeu-se às relações de sentidos, aquela que estabelece o vínculo que existe entre um discurso e os outros, na qual aquilo que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos (ORLANDI, 2015). Por isso, em dada situação, tais questões levaram-na a silenciar, pois certamente, sua fala sairia gaguejada, não proporcionando compreensão, ou seja, não faria/traria sentidos ao seu interlocutor.

Entretanto, o pesquisador lembra-a que a sua voz está "saindo", quer dizer, todos conseguiram ouvi-la falando, sua voz discorrendo. Todavia, através dos próximos segmentos discursivos, provavelmente, devido às formações imaginárias em suas condições de produção, entre os efeitos de sentidos, a participante, retruca intrigada **5: "mas não adianta sair aqui e não sair lá"**. Talvez, procurando alcançar uma suposta fluência plena, absoluta, sem erros na dicção, trazendo uma gagueira indesejável, sinônima de erro. Como resultado desse *estigma de falante*, levou-a a acreditar e verbalizar enfaticamente, no segmento **6: "sai muiiiitooo ruim"**. Já nos próximos segmentos discursivos, da sessão do dia 10 de agosto de 2016, dessa sequência em análise, explica, **Beatriz 7: "[...] Por exemplo, eu odeio apresentar trabalho na faculdade, aí, muitas vezes eu tava, assim, como eu vou gaguejar mesmo, então, eu não vou estudar eu vou fazer um resumo que se eu ler, pelo menos, está bom. [...] Mas como eu achava, como eu não ia falar mesmo, como não adiantava eu ter estudado, não ia conseguir passar o meu estudo, eu vou ficar medíocre, foi uma autossabotagem"**. Observamos que em sua antecipação, previsão de o erro ser tão eminente, latente, que o sujeito decide, por bem, não estudar e deslizar sobre a temática, preferindo, assim, *prender-se* a um resumo, somente a isso, pois todas as tentativas iriam levá-lo "**a gaguejar mesmo**". Poderíamos afirmar que isso funciona como um truque, levando-o a "**uma autossabotagem**", provavelmente, culminando com práticas do silenciamento nas situações discursivas. E justifica-se, no segmento **8: "[...] É porque a**

gente sente as pessoas, a gente sente o olhar, a gente sente como a pessoa reage, aí, eu comecei e a fala travou mesmo, ficou igual aqui. Travou, travou, travou de não falar". Em meio às condições de produção e nossas formações imaginárias, é importante percebermos que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, existem outros em que consegue, provando que a fluência existe, "logo, deve-se, trabalhar no sentido de superar esse hábito, *de mudar essa forma de se sentir incapaz de falar bem*" (FRIEDMAN, [1988] (2012), p 37, grifo nosso).

Destacamos, a partir dos segmentos em análise, que é preciso falar sem criar expectativas, sem pensar numa suposta cobrança da parte de quem nos ouve e dialoga. A grande questão é que a antecipação, previsão, dá-se de forma tão instantânea, que quando nos apercebemos, já vamos antecipando e, por consequência, vem à cobrança. Ao concordar com isso, no encontro do dia 08 de setembro de 2016, **Beatriz 9**, afirma: "**é. Eu me cobro. Eu to numa fase, tentando nova carreira, nova oportunidade, tentando me firmar no mercado, buscando oportunidade mesmo e as oportunidades se fecham nesse aspecto**". E ao ser lembrada pelo pesquisador que precisa parar de incomodar-se tanto com o que o outro fala, a participante do grupo capta no segmento **10: "ser mais eu"**, daí, enquanto efeitos de sentidos, podendo ser mais ela mesma, sem cobranças, garantindo-se, porque competência linguística já possui.

Disso, saindo da roda de *truques*, deixando de fazer o resumo, do resumo e apresentar tudo o que se propõe, sem olhar, por exemplo, "*o franzir de sobrancelhas do professor, a cara de acho que ele está detestando*", falar e comentar o que julgar ser necessário. Tais palavras acabam fazendo o sujeito **Beatriz 11**, concordar: "**é, eu acho que é isso mesmo. Parece um pesadelo, eu já pedi assim: eu só queria acordar e ser...**" Nesse instante, o pesquisador faz a pergunta: "*ser o quê?*". E, logo temos esclarecimento, no segmento discursivo **12: "a voz sair em qualquer situação e eu não ter nenhuma situação específica, eu não to nem mais exigindo fluência total, que eu aprendi aqui que não existe, eu aprendi isso aqui, mas eu queria que não houvesse mais aquela bola que eu sinto aqui, na garganta, organicamente"**. Acreditamos que o problema, certamente, está na forma em

como essa participante vê o outro, antecipando, prevendo, preocupando-se com o que o vai achar de seu desempenho discursivo. E, além disso, somando-se a um querer demasiado de possuir uma suposta fluência ideal, que no caso, não existe. Consequentemente, como efeitos, muito provavelmente, desencadeia-se uma série de tensões corporais.

Nas circunstâncias enunciativas, *a previsão do erro eminente* faz com que aqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. A partir das formações imaginárias, vinculadas às condições de produção, acreditem não ser capazes de interagir com seus interlocutores, tendo em vista a sua *imagem estigmatizante de falante*, trazendo a gagueira como incapacidade e/ou impossibilidade discursivas. Com isso, decerto, nos contextos sociais, existe um padrão de fluência absoluta, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um sujeito falante que jamais gagueja ou em raras situações apresenta uma repetição silábica ou hesitação (FRIEDMAN, 2001; 2004). Por esse motivo, notamos que o sujeito **Beatriz**, segue em suas formações imaginárias, antecipando e, assim, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p.126-158). E como consequência, **Beatriz 13**, descreve na reunião do dia 05 de outubro de 2016: “*nessa ultima vez que eu lhe falei, que eu me senti muito ruim [...], porque ele exigiu que fossemos proativos e fui eu quem levantou a mão*”. Isto é, esse sujeito em sala de aula, viveu uma situação em que seu professor exigiu que falasse só em três minutos, mas acabou falando em um, como detalha um pouco mais no segmento discursivo **14**: “[...] *Então, e eu já quis mostrar que eu vou conseguir, mostrar ali e eu me desiludi comigo mesma, o problema foi meu*”. Sendo assim, quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos (FRIEDMAN, 2001; 2004).

Através desse depoimento, o pesquisador a faz refletir: “*lembra que você falou, que o que tem impediu naquele momento foi o olhar do professor de decepção, por causa da sua fala, não foi? Então, vamos pensar o quê que existe aí, pra que você veja no outro essa suposta decepção com a sua fala, entendeu?*”. Ao perceber a proposta de reflexão e desejando avançar no processo nas reflexões em grupo, junto aos colegas, **Beatriz 15**, faz uma

solicitação: **“então, me ajuda nisso”**. Por certo, destacamos que há uma projeção aí, em que esse sujeito faz do outro, vendo esse interlocutor. No caso, seu professor, de acordo com as condições de produção, na relação de forças, um sujeito que sabe mais, de autoridade, com nuances de autoritarismo, que estava ali, supostamente para lhe cobrar, entre outras coisas, uma perfeição linguística nos momentos em que fosse apresentar sua oralidade. Essa realidade fica nítida e comprova-se, quando o participante ressalta, no segmento **16**: **“é. Eu me cobro muito, quero o êxito”**. Notamos, dessa maneira, que no entendimento desse sujeito, toda situação em que tivesse de se expor discursivamente, deveria acontecer impecavelmente, onde a linguagem nunca falhasse em termos de fluência, como enfatiza **Beatriz 17**: **“não, eu quero conseguir o êxito, entendeu?”** No entanto, não percebe que a linguagem é a dimensão do equívoco, uma vez que não é transparente e escapa entre a representação e a coisa (MALISKA, 2017). Nesse sentido, **“conseguir o êxito”** significa não gaguejar e deter, controlar e possuir uma fluência completamente perfeita. Mas, como tal questão não é possível, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. Por isso, a visão de *mau falante* fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de *uma imagem estigmatizada de falante* (FRIEDMAN, 2001; 2004, grifo nosso).

Tornando-se, assim, no contexto social, ser imperfeito gaguejar, alimentando-se gradativamente, entre outras coisas, a crença de que os sujeitos não conseguirão fluir, esquecendo-se de que pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos na fala caracterizam também o processo de linguagem. Dessa maneira, o conhecimento de senso comum baseia-se na crença de que a fluência é absoluta e a disfluência é um problema. No entanto, “a ideia de que a fluência é absoluta é um mito. Além disso, a ajuda que as pessoas oferecem, por considerar a disfluência como problema, é justamente o fator que pode tornar a experiência comunicativa desagradável e traumática” (FRIEDMAN, 2018c, s/p). Situação essa, fazendo com que aqueles que estão na posição de *sujeito-gago*, continuem dia a dia, cobrando-se muito com relação à visão deles próprios e também daqueles com quem interagem nas

diversas situações discursivas. Como reverbera, ainda, o sujeito **Beatriz 18**: **“o que me constrange é o que eu me sinto mal é a cara de surpresa do outro, é como se assim, eu não fosse boa, eu não tivesse capacidade”**. Desse modo, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos, isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Já os sentidos, por sua vez, “não estão nas palavras, que mudam de sentido segundo as posições sociais daqueles que a empregam”, daí, “o sujeito ao produzir sentidos diz mais sobre si do que sobre aquilo que ele diz” (SOARES, 2017, p.35). Na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica” (ALTHUSSER, 1985, p. 99).

Depreendemos assim, que diante dessa formação imaginária, em suas condições de produção, ainda que existisse essa suposta visão do interlocutor desse sujeito, nem um de nós precisaríamos corresponder toda hora, cem por cento as expectativas de ninguém. E isso, muito provavelmente, pode ser uma necessidade do sujeito **Beatriz**, desejando estar correspondendo toda hora a si mesmo e aos seus pares discursivos. Esse efeito gera um processo de previsões de aparecimento das disfluências e traços peculiares na produção da fala, com efeitos de objetividade, especialmente, o aparecimento de tensões musculares ao falar, inaugurando um novo modo de produção da fala. A esse processo subjetivo/objetivo de produção da fala, chamamos de gagueira sofrimento (FRIEDMAN, 2004; 1994).

O Grupo de Extensão/Apoio revela-se como um espaço de diálogos entre os seus participantes, podendo trazer as situações discursivas, através da família, universidade, trabalho, onde ora nos mostramos fluentes ou gaguejamos mais. “[...] Ah, lá nos seminários eu não consigo dizer tal palavra. Sim, [...] por que eu consigo falar aqui e lá não falo? Então, se fosse algum problema, alguma doença, você não falaria lá e não falaria aqui, estão entendendo?” Às palavras iniciais do pesquisador, no encontro do dia 16 de março de 2019, fazem com que o sujeito **Caio**, nessa sequência discursiva I,

no segmento discursivo **1**, entenda: **“se fosse algo físico”**, certamente, para aqueles que compreendem a gagueira como uma questão patológica, o problema revelar-se-ia como incapacidade e/ou impossibilidade em todas as situações de fala. Isto é, quando vemos sob essa ótica, há um *doente* em um estado incurável, irreversível. Mas, essa questão, não é tarefa fácil, por isso, é comum os debates acontecerem, “especialmente no que tange à linguagem com distúrbio, revelar nos sujeitos uma maneira “(a)típica”, incomum, errada, anormal, diferente de se expressarem, na leitura de alguns sujeitos sociais” (AZEVEDO *et al*, 2019, p. 37).

Por isso, é que, ao estudamos a gagueira sob o enfoque discursivo, asseveramos que nossas formações imaginárias, por exemplo, em suas antecipações/previsões, vinculadas às condições de produção, quer dizer, ao estarmos diante de outros sujeitos podem ocasionar a gagueira, tendo como caracterização, pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos. Essa realidade pode ser constatada nos próximos segmentos, em que o sujeito **Davi 1**, vai discorrendo discursivamente: **“quando eu começo a gaguejar vem o nervosismo, porque eu fico pensando”**. E, quando perguntado pelo pesquisador de onde viria o nervosismo, quais são suas formações imaginárias, explica, **Davi 2: “é uma espécie de medo, porque quando você começa a gaguejar”**. Indaga uma vez mais o pesquisador: **“medo do quê ou de quem?”**. Complementa, **Davi 3: “acho que do julgamento alheio [...] de repente, eu travar numa palavra e eu olhar assim e ver todo mundo olhando pra mim, esperando eu continuar. Aí, eu digo meu Deus, eu estou sendo pressionado para continuar”**. Nessas condições, Friedman (2018c, s/p) explica que a gagueira, refere-se a momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar, mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente.

Compreendemos, com isso, que o outro pode estar olhando para o sujeito e nem estar preocupado com a sua gagueira. Nas situações sociais e discursivas, as formações imaginárias, vinculadas às condições de produção são um terreno fértil para que haja a predominância de pensamentos como: está olhando pra mim; porque eu não vou conseguir; parece que não está com muita disposição para me ouvir. Então, são antecipações, previsões dos

sujeitos e, nessas, tanto os olhares como as palavras podem enganar. Por isso, não devemos ter tanta cobrança em relação às situações discursivas, consigo mesmo e nem com os outros.

Quando convidado a pensar sobre o julgamento alheio, uma vez que esse pode estar vindo da nossa parte, de imediato, o sujeito **Caio 2**, responde: **“sim, muitas vezes somos nós quem cooperamos mais”** e complementa o sujeito **Davi 4**: **“assim, no dia a dia, as outras pessoas que queiram ajudar e acabam atrapalhando, quando dizem: respire fundo, fale com calma, fale devagar, [...], fazendo com que você gagueje de novo e às vezes quando essas pessoas riem, é horrível quando elas riem, [...]”**, ou seja, “dizer de diferentes maneiras produz diferentes sentidos, estabelece diferentes referências imaginárias”(LAGAZZI, 2015, p. 78). Portanto, esse *juízo* pode estar vindo da nossa parte. O outro pode não estar interessado em emitir juízos de valor, porque alguns entendem que o mais importante no processo de interlocução é nos fazermos entender e mesmo que gaguejemos, estarão atentos ao conteúdo que estamos verbalizando. Se o problema for o riso, elas podem estar rindo por qualquer outra coisa, daí, imaginamos que seja por conta da gagueira. A grande questão é que, muitas vezes, por exemplo, na posição discursiva de *sujeito-gago*, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, assim, achando que os sentidos estão nas palavras (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24).

Ainda, na mesma sequência discursiva, em análise, quando concorda com o que é posto por **Caio**, salienta também o sujeito **Davi 5**: **“sim, sim. No final, eu já andei percebendo, já retomando os degraus interiores das conversas que a preocupação em gaguejar era tão grande que acabava sendo o meu maior problema [...]. Mas eu tinha um pavor muito grande de ir pra sala de aula, de gaguejar e eu não sabia lidar com isso, eu tinha muito medo. [...], aí, eu disse: gente desculpe, eu sou gago! Aí, um aluno disse: você é gago? Eu não sabia, não parece. E eu, nossa, não acredito!”**. As condições de produção caracterizam o discurso e a antecipação trata-se de uma das formas de apresentar-se em nossos dizeres. Conseqüentemente, sendo a maneira como o locutor representa as representações do seu

interlocutor e vice-versa, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p.126-158). Com essa atitude, ao acreditar que estaria sendo supostamente *julgado* por seu interlocutor, essa previsão o *prende* na posição discursiva de *sujeito-gago*. Por outro lado, na situação dos protagonistas, temos a relação de forças, mais uma maneira de constituir os discursos e sobre isso, na reunião do dia 18 de maio de 2019, temos **Caio 3**, que ao declarar: **“praticamente em cem por cento agora com ela, com a psicóloga e outras situações de fala, é controlado, por ser apenas eu e ela, pelo profissionalismo dela e até por ela estar ali em busca de me ajudar, [...]”**. Parecendo-nos que quando traz os termos **“é controlado”**, supostamente, o sujeito estaria exigindo um controle, policiando-se: ah, preciso ser fluente; eu não posso gaguejar! Será que na verdade, nessa situação de ambiente controlado para ele (o sujeito), por prever/antecipar a gagueira ficaria mais evidente? Na relação de força, o lugar é marcado pela autoridade nas instâncias sociais e, no caso, na leitura desse sujeito, a psicóloga estaria ocupando uma posição discursiva de alguém que iria *cobrar* alguma.

E quando perguntado, será que não está prevendo, antecipando alguma coisa que não existe da parte dela? Esclarece, **Caio 4**: **“não, eu creio que não, [...], com a minha fonoaudióloga também, [...] é até um pouco mais, [...], que ela tenta adivinhar as minhas falas e completa, aí, eu fico mais tenso. Eu não entendo isso, eu até penso de questionar ela. No início, eu até pensei que ela de certa forma, estivesse me testando, pra ver se, digamos assim, eu ia me impor, né? Mas não, ela tem uma personalidade que assim, no primeiro dia, ela me lembrou a Dilma, é um pouco firme, aí, eu bloqueio mais ainda”**. A relação de forças são os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa (ORLANDI, 2015). Na prática, quando demarca em suas palavras, ficar/estar mais tenso, explicamos que para ele (**Caio**), quando está diante de sua fonoaudióloga, é porque ela representa uma posição discursiva de força, poder, autoridade, semelhantemente, à ex-presidente Dilma Rousseff. Nessa relação, os momentos discursivos em que tentam adivinhar ou completam a fala dos *sujeitos-gagos* torna-se algo

desagradável, que acaba atenuando a sua *imagem estigmatizante de falante*, levando-os a acreditarem que não tenham capacidade para verbalizar as palavras. No entanto, “não existem estudos sobre as características da fala humana no que se refere a padrões de fluência e disfluência em diferentes faixas etárias” (FRIEDMAN, 2018d, s/p). Por isso, no grupo é orientado, entre outras coisas, como pontua o pesquisador, que quando acontecer, expliquem que não o façam, mas esperem que concluam suas falas. Na maioria das vezes, tanto a família, como àqueles que estão mais perto, o fazem querendo ajudar. Mas se há algo que nos incomoda, então, precisamos esclarecer.

Há casos, também, por exemplo, que estamos prestes a usar marcadores linguísticos do tipo: *bom, é, assim*, buscando, com isso, uma palavra para inserirmos no processo de interlocução. Por conseguinte, no momento em que completamos, nada mais são do que tentativas para ajudar, pois as palavras parecem que nos *fogem em* dados momentos. E não por vermos incapacidade, impossibilidade quando surge a gagueira na fala, pelo contrário, quando completamos é no sentido de podermos ajudar. De posse dessas orientações, o sujeito **Caio 5**, a seguir, nos segmentos discursivos, reconhece: **“é, eu vou tentar [...], mas frente a qualquer outra pessoa, até mesmo você, que a meu ver, na verdade, pra mim é um ex-gago [...].”** Dessa maneira, quando os sujeitos falam, acentuam suas formações imaginárias, fazendo aparecer as condições de produção do seu discurso, delimitando, assim, como já afirmamos que é a exterioridade constitui o sujeito de seus discursos.

Além disso, na mesma sequência, quando **Caio 6**, vai reafirmando: **“entendo. O que sempre me incomodou, principalmente, agora, é perceber que de certa forma a gagueira, nada mais é basicamente do que um certo sentimento de inferioridade comparado com qualquer pessoa, é principalmente, com pessoas que representam qualquer tipo de autoridade, mesmo sendo colegas, médicos, pessoas de um grupo de ajuda que estão buscando ajudar [...]. Só que acaba que estando frente a essas pessoas, dentro de mim, em minha mente, sei lá em que parte, acaba gerando uma desorganização, não respirando bem, isso causa a não fluência”**. Aponta-nos, assim, que todas essas conjunturas

sociais/discursivas, desencadeadas pelo emaranhado de relações descritas pelo sujeito, é consequência de suas formações, dadas as condições, percebendo que a gagueira traz-lhe sentimento de inferioridade, porque em sua posição discursiva de *sujeito-gago* existe a busca por uma fluência absoluta/ideal, “mas *a fluência deve ser compreendida como relativamente disfluente*” (AZEVEDO, 2006, p. 01, grifo nosso). Por isso, ao comparar-se com outros sujeitos, que ocupem as mais diversificadas posições-sujeitos, revela-se como inferior. Nesse sentido, importa-se, por exemplo, se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc (ORLANDI, 2015). E a partir de dada formação, é que temos uma tensão refletida no corpo, que, entre muitos efeitos, gera desorganização, não respirar bem e a falta de fluência.

No contexto social, a antecipação é muito frequente entre aqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Os tais, nesse ato de prever, experimentam a posição dos seus pares e antecipam-lhes as respostas. E na sequência em análise, através de **Caio 7**, comprovamos: “**é, prova disso é que não temo conversar só, quando falo só, canto, quando falo com criança e animais, não gaguejo, quando leio em voz alta, [...]. É se perceber muito sensível ao outro, percepção muito inferior ao outro mesmo, com essa minha idade já é péssimo!**”. Dessa maneira, a gagueira está no outro, logo, há um deslocamento da posição de sujeito falante para *sujeito-gago* ou silenciado, como efeito de falar a um certo ouvinte (AZEVEDO, 2006, grifo nosso). Disso, quando começamos de alguma forma a prever, vem a gagueira, mostrando-se como algo atípico, *anormal*, um erro no processo de linguagem frente aos interlocutores. Mas para Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) “dentro do processo natural da linguagem, a fluência e a disfluência fazem parte da dinâmica da fala, deve-se considerá-las todas como atividades da língua” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 02).

Acredita-se que, possivelmente, há sujeitos que irão julgá-lo, discriminá-lo. Em seu entendimento, o sujeito **Caio**, responde no segmento discursivo **8**: “[...], **simplesmente por serem pessoas, assim, externas, tipo, aqui mesmo, eu não tenho percebido nenhum tipo de previsão, preocupação referente ao que você vai pensar, ou que você vai concluir [...]. É uma questão mesmo como eu, consciente ou inconsciente, me vejo e,**

principalmente, como é que eu vejo o outro [...] as situações [...] É um temor constante". Dessa maneira, ao pensarmos o sujeito através da psicanálise, inferimos que "a hipótese do inconsciente produz uma divisão do sujeito, que fica seccionado entre sua intencionalidade consciente e seu dizer inconsciente, [...] entre o que se diz e o que se pensa ou se almeja dizer" (MALISKA, 2017, p. 70). Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1991), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico, onde se dá a ilusão do sujeito, no sentido de que o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, "exprime bem esta "fixação" de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete" (HAROCHE, 1992, p. 178). Portanto, em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação contam fundamentalmente para a AD. Mas esse sujeito e tal situação são redefinidos discursivamente como partes das CP do discurso, sua exterioridade (ORLANDI, 2015).

Como já marcado, algumas vezes, ao longo dessa sequência discursiva I, as condições de produção (situação dos protagonistas), são formações imaginárias que constituem o discurso, onde se apresentam a relação de forças (ORLANDI, 2011). No tocante a essa questão, no encontro do dia 08 de junho de 2019, através dos próximos segmentos discursivos, após **Caio 9** ser indagado sobre a fluência estar se consolidado com sua mãe, ele explica: **"sempre foi assim, instável, era por ela ser minha mãe e tudo mais, eu sempre esperei ter mais fluência, coisa que não acontecia há algum tempo atrás, isso me intrigava mais"**. Além disso, **Caio 10**, complementa: **"eu fico intrigado, por isso, eu não via, assim, uma explicação lógica. [...], mas ela é, de certa forma, protetora, mas alguns tempos eu tenho passado por alguns embates com ela. [...], delimitar o meu espaço, se posicionar em relação a ela. Eu creio que isso ajudou"**. Passamos a entender que, quando nascemos, somos jogados no seio da família, que dissemina dizeres de uma *ideologia do bem falar*, reforçando uma suposta fluência absoluta, ideal, que não existe. Com isso, podemos evidenciar que tal relação entre mãe e filho, muito provavelmente, foi atravessada ao longo do tempo, por discursos em que a forma protetora de sua mãe agir, causava-lhe (em **Caio**) momentos

marcados com menos fluência e mais gagueira. Mas o que tem ajudado no processo de concretização da fluência é nessa relação de forças, ele (o filho), tem procurado delimitar o seu espaço, posicionando-se em relação a sua mãe. E, como efeitos, “a forma do dizer, o significante é a base sobre a qual os sentidos se produzem, em diferentes condições” (LAGAZZI, 2015, p. 78). Interessado com a questão posta, nessa sequência em análise, o sujeito **Davi**, no segmento discursivo **6**, interroga: **“agora, por que em certas situações sim e em outras não?”**. Essa possibilidade de reflexão proposta em grupo leva-nos a perceber que quando experimenta a antecipação, na prática, **Caio 11**, reconhece: **“porque eu tenho mais foco em mim, uma exigência maior com a fala”**, quer dizer, coloca-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e *antecipando-lhe a resposta* (ORLANDI, 2015, grifo nosso).

De tanto pensarmos, anteciparmos, imaginarmos, prevermos em relação aos outros, se estão prestando atenção na gagueira e/ou que iremos gaguejar, por consequência, teremos a gagueira. E ela (a gagueira) será vista como *erro*, tendo em vista que há uma cobrança social no sentido de que devemos mostrar uma suposta fluência absoluta/ideal, sem deslizes, pausas e/ou hesitações. Essa situação é resultado da imagem que estamos fazendo de nós e/ou do outro: *“ah, está olhando para mim; eu vou gaguejar”*. Nessas situações, *a previsão do erro eminente*, como uma formação imaginária, é rápida, automática e quando vemos, já foi ou está prestes a acontecer à gagueira. No entanto, talvez, o que venha fazer a diferença nas diversas instâncias sociais/discursivas, seja o fato de começarmos a pensar sobre o porquê e em quais situações gaguejamos e/ou somos mais fluentes. Desse modo, o esclarecimento em relação aos conceitos de fluência/disfluência é decisivo, visto que as expectativas da finalização do processo terapêutico têm relação com a noção de fluência/disfluência (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2015; 2018a). Portanto, “o desafio é, então, abordar os dois conceitos, em princípios opostos e conflitantes, como faces da mesma moeda” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 01). Debruçarmo-nos sobre as questões pontuadas, no dia 06 de julho de 2019, pode levar-nos à não estarmos fazendo previsões e, também, a compreensão de que não existe fluência absoluta/ideal,

como percebe **Davi 7**: *"uma coisa que eu acho que eu to adquirindo no meio desse processo pessoal, é a famosa cara de pau, estou começando a ficar a vontade em qualquer canto, conhecendo ou não as pessoas [...]. Porque eu reconheço muito que das vezes que eu gaguejo, é muito da expectativa que eu penso que o outro tá tendo, se eu estou suprindo ou não essa expectativa"*. Porque uma questão é quando riem e declaram abertamente que o motivo seja a nossa gagueira. Já outra coisa é estarmos presos em nossas formações imaginárias e com o riso do outro, dizermos: *ah, ele está rindo porque eu estou gaguejando*. Fato esse, que podemos presumir, em 05 de outubro de 2019, no segmento discursivo **12**, do sujeito **Caio**, quando declara: *"uma grande exposição de mim, de minha condição por muito tempo, e eu sei que seria muita energia para poucos chutes, [...], eu estando com mais fluência e em situações variáveis, mais favoráveis, foi até uma de eu ter, assim, exposto [...], mas aquela sensação de ser enfadonho, sensação não, perceber mesmo o desconforto neles, mesmo eles sendo solidários"*. Parece-nos que tal justificativa é dada unicamente pelo próprio sujeito e não teríamos um interlocutor, julgando-o pela gagueira. Mas, tão somente, sua antecipação, previsão, estaria trazendo prejuízos a ele.

6. 1. 2. Elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos

Quando pensamos sobre memória, em AD, seus construtos teóricos afirmam que essa concepção pode ser remetida a outras designações, como por exemplo, *"repetição, pré-construído, discurso transverso, interdiscurso"*. Dessa maneira, todas essas noções remetem, de uma forma ou de outra, à *memória do dizer*, isto é, *"trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso"* (INDURSKY, 2011c, p.68).

Ao entendermos isso, nesta segunda sequência, procuramos identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupo.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA II

Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP

P. Se eu for falar, eu vou gaguejar, então, eu tenho que resumir o que eu tenho pra

dizer, falar poucas palavras, me expor menos. E isso é pior, porque eu vou alimentando aquela imagem de incapacidade, de que eu sou um mal falante [...] Você já fez parte do grupo?

Antônio 1. Meu nome é Antônio. **Eu mesmo, quando eu era mais pequeno, a minha mãe era pra levar eu pra me tratar, né? [...]. No meu período todinho quando eu era pequeno eu gaguejava muito. Ela dava carão em eu quando eu era mais novinho. Até uns 15, 16 anos [...].**

Antônio 2. [...] **Aí, com minha mãe, meus tios, primos, aí eu respiro fundo, [...], porque eles sabe que eu sou isso. Aí, é bom porque eles não ri de mim, não zomba, porque eles sabe da minha dificuldade que eu tenho de falar. Na verdade, já foi mais pior na minha casa, minha mãe mandava eu fazer isso e não saía, aí ela: calma, Antônio, respire, repita de novo.**

Antônio 3. [...] **Eu quero me curar, quero ficar bom, tenho vergonha de ser gago. Quero ficar bem mesmo, assim, falando fluente ou gaguejando [...].**

Antônio 4. [...], **vocês viam, né, como eu cheguei aqui gago? Pra baixo, cabeça baixa e realmente não falava nada. E já faz sete meses, né, que eu vim pra cá, né, [...]. Antes mesmo quando me chamavam de gaguinho, isso é muito chato. Uma vez mesmo um menino me chamou assim, minha mãe disse: vá lá agora e diga que seu nome é Antônio.**

P. A gente queria que vocês se apresentassem [...] Não estabelecemos uma ordem [...] O grupo é um espaço de significação e de ressignificação. Uma pena que algumas pessoas não saibam valorizar a importância da frequência.

Beatriz 1. Eu, eu assim, eu, eu não conhecia, o grupo, aí, [...] eu to numa nova faculdade, em uma nova pós-graduação e é justamente na área jurídica, **o que é me exige muito na fala, porque eu me cobro muito [...].** Aí, [...] **foi justamente em junho, eu liguei pra cá, falei com você, aí eu disse: eu quero realmente ficar boa, melhorar, superar isso, ficar boa disso, né, e assim, espero ser é, bem aceita por todos e espero que seja bom [...].**

P. Já está sendo bem aceita!

Beatriz 2. [...] **Eu sou gaga desde muito tempo, desde a adolescência. Já teve épocas que eu fui pra fono e tava há um bom tempo sem mexer nisso, aí, quis procurar melhoras. [...]. Eu já fiz dois cursos de oratória e, aí, eu vou lá na frente, no palco todo espelhado, falar no microfone na frente de todo mundo, aí eu disse: eu to aqui porque eu sou gaga, e falo, falo e ninguém fica, mas não é gaga, sim, assim, mas eu sou gaga.**

Beatriz 3. Comigo acontece assim: como eu geralmente converso bem com os professores, eu faço perguntas, eu converso bem, então, como tá num período novo, **eles não pegam que eu sou gaga, e eu do meu jeito assim, eu tenho muita expectativa em mim.**

P. O problema é que você tem essa imagem negativa de si mesma [...] **Eu gaguejo, mas não tenho essa imagem negativa de mim, eu não me vejo como gago e gaguejo. Precisamos discutir as situações em que você gagueja, porque eu gaguejo, mas não me vejo como gago.**

UPE/Campus Garanhuns

P. O grande lema desse grupo é nos apoiarmos [...]. **Gostaria que vocês se apresentassem e falassem um pouco sobre essa memória social [...] em relação à gagueira, na infância, adolescência e juventude [...], um pouco dessa trajetória, quem começa?**

Caio 1. **Eu posso? Bom, é, meu nome é Caio, tenho 29 anos, [...], desde sempre gaguejo. Segundo familiares, desde que nasci. Na escola, de certa forma, não foi tranquilo, porque como até pouco tempo era algo que me constrangia bastante, eu escondia isso [...]. Me lembro de ter sofrido bullying [...], só**

próximo de casa, com um ou outro vizinho. [...] na adolescência, foi que começou a ter um peso maior, principalmente, quando comecei a terapia fonoaudiológica, aí, eu me percebi mais como gago. E com o passar do tempo da terapia, eu via que tava piorando em minha percepção [...] É, não que eu estivesse piorando, eu estava me percebendo, eu estava saindo de uma negação que, até então, vigorava em mim. Isso piorou entre os 15 e 18 anos.

Davi 1. Então, meu nome é Davi, eu tenho 19 anos, estudo aqui na UPE, eu faço o curso de licenciatura em História. É, minha jornada com a gagueira, ela não começou tão cedo na minha vida, [...] quando eu fiquei pré-adolescente, acho que 11, 12 anos, [...], eu vim morar em Pernambuco na casa dos meus avós e pouco tempo depois que eu vim pra cá, eu comecei a desenvolver a gagueira. E quando ela começou foi muito rápida e muito intensa, tanto que eu acho, o auge dela foi lá pelos meus 12, 13, 14 anos nessa faixa, onde eu tinha até muita vergonha de falar, porque não saia nada, assim, eu demorava muito para completar uma frase inteira [...].

Davi 2. Aí, outra coisa assim, da minha experiência com gagueira é que eu nunca conheci um gago antes pra poder trocar experiência assim [...]. Mas tiveram algumas situações onde eu fiquei mexido emocionalmente. Como uma vez, eu fui apresentar um trabalho num grupo do ensino médio, tava no primeiro ano e, teve uma parte que eu fiquei gaguejando muito [...] e, ficou um grupo no fundo rindo, aí, eu não disse nada. Mas a professora interrompeu a apresentação e chamou a atenção deles e disse que o meu trabalho estava muito bom, independente disso, enfim, aí, foi um momento forte pra mim.

P. Aí, vou lançar um questionamento: você sabe por que eles estavam rindo?

Davi 3. Não, mas eu sei que era de mim.

P. Sim, mas poderia não ser, não ter nenhuma relação com a sua fala e nem com você. Alguma coisa ali que tirou a atenção deles.

Davi 4. Na maioria desses casos, em que as pessoas riam, é realmente por conta da gagueira, tanto que elas pediam desculpas, assim por rirem. Aí, eu dizia: não tem problema. Mas só que tem!

P. Mas, aí, você calava, [...] dizia que isso não é uma brincadeira legal ou ficava rindo junto com todo mundo?

Davi 5. Eu não dizia nada. Eu só continuava falando, mas eu não gostava. [...] várias pessoas já disseram que eu deveria ter procurado tratamento, principalmente, pelo auge da minha gagueira, lá pros 11, 12, 13 anos. Teve até uma vez, [...] realmente que mexeu comigo, quando a diretora da escola, aí, me chamou, assim, [...], eu tenho uma fonoaudióloga muito boa na cidade vizinha, seria bom você pedir pra sua avó procurar ela, porque eu sei que atrapalha de vez em quando, não foi assim nesse tom, mas eu fiquei meio mexido com isso, sabe?! [...] Em 2015, foi à redução dessa frequência da gagueira, foi quando ela começou a diminuir cada vez mais, aí, em 2019 foi à vinda pro grupo de apoio.

P. Entendo. [...]. Você disse que em 2012 sua gagueira estava mais acentuada e 2015 começou a diminuir, como foi isso?

Davi 6. Acho que foi naturalmente, o que pode ter influenciado foi uma mudança interna minha, porque eu sempre fui muito tímido, muito medroso de público, eu era muito introvertido. E a partir da metade de 2014, início de 2015, eu fui começando a me soltar mais, ficar mais extrovertido, falar mais, gostar mais de estar em público. Aí, conforme isso, foi acontecendo, foi diminuindo. Mas, na verdade, era uma coisa que eu nem percebia na época, é uma coisa que só agora quando eu olho pra trás, eu percebo isso, na época aconteceu naturalmente.

Caio 2. Então, como eu nasci em 1989, o que me chama a atenção é a importância pra comunicação, a minha visão é que a minha história tá bem ligada a ela, a eu ter menos fluência ou mais. [...] a minha infância foi bem aproveitada, a própria gagueira não me atrapalhava, [...], a partir da pré-

adolescência, adolescência, foi que a gagueira ganhou e tomou um grande peso assim em minha vida, principalmente, dos 12, 13, 14 anos ela se confundia apenas com timidez, eu era muito tímido, bem era muito por ser gago, eu procurava esconder muito isso. [...] Aí, como eu era basicamente tolerado, digamos, acabava sendo uma mera testemunha ali do grupo, porque devido a minha condição de ser gago, só me cabia estar ali calado, quieto.

P. Era você quem optava por estar calado ou alguém o silenciava, pedindo, por exemplo, para se calar?! [...] já viveu algum tipo de constrangimento assim?

Caio 3. Muito pouco. Apesar, que há alguns dias eu estava me lembrando de que a minha irmã do meio, certa vez disse que era melhor eu ter nascido mudo a ser gago, dentre outras situações.

P. Ela não sabe nada, não compreende nada sobre gagueira, diga pra ela! Como você lidaria com algumas pessoas que perguntassem ou afirmassem que você é gago com risos ou cheios de dedos, no presente ou no futuro?

Caio 4. Eu lido com isso, algumas vezes, assim, que veio agora na memória, eu apresentei bloqueios, aí, algumas pessoas riram, eu também ri, por constrangimento, e acabei comentando: pessoal, não riam que isso é muito sério.

P. Que ótimo, era justamente isso que eu gostaria de ouvir [...].

Ao entendermos o interdiscurso como o conjunto total de todos os sentidos, possíveis e imagináveis, traz à tona a memória do dizer social, um recorte de cada/determinada FD, daquele interdiscurso, pois se trata daquilo que constituímos uns dos outros. A partir de tais formulações, entendemos quando o pesquisador, em dada sessão do GEAG, dia 10 de agosto de 2014, como elementos dessa memória do dizer, ecoa: “se eu for falar, eu vou gaguejar, então, eu tenho que resumir o que eu tenho pra dizer, falar poucas palavras, me expor menos. E isso é pior, porque eu vou alimentando aquela imagem de incapacidade, de que eu sou um mal falante [...]”. Com isso, torna-se possível compreendermos que o interdiscurso, enquanto memória social, o puro já dito nas formações discursivas (FD), trabalha com o repetível dos dizeres que são perpetuados pelos sujeitos ao longo dos tempos, uma vez que, a memória discursiva, como salienta Indursky (2011c), diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Isto significa que ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FDs, no interior das quais ele recebe seu sentido (INDURSKY, 2011c). Diante disso, ao longo da análise de toda esta sequência discursiva II, poderemos constatar a existência histórica de cada dizer, através dos segmentos dos sujeitos em seus respectivos enunciados inscritos, a saber, na FD de *sujeitos-gagos*. Sendo assim, inicialmente, o sujeito **Antônio 1**, revela

como um dos elementos da memória discursiva: **“eu mesmo, quando eu era mais pequeno, a minha mãe era pra levar eu pra me tratar, né? [...] No meu período todinho quando eu era pequeno eu gaguejava muito. Ela dava carão em eu quando eu era mais novinho. Até uns 15, 16 anos [...]”**. A partir dessa afirmação, partimos do princípio de que, sua mãe **“dava carão”**, porque ele (o sujeito **Antônio**) inscrevia-se na posição discursiva de *sujeito-gago*, dentro de casa e ela (a mãe), na sua ilusão de fluência perfeita, ideal, não poderia deixar/aceitar que o filho gaguejasse. Dessa maneira, percebemos que, se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, “isto significa que ele diz respeito a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma FD”. Mas não só a memória discursiva, também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados, logo aponta para o que não pode ser dito na referida FD (INDURSKY, 2011c, p.66-67). Ou seja, ao materializar os enunciados, no seio de uma determinada FD, os sentidos poderão ser aceitos ou reprovados pelos sujeitos, via a memória discursiva.

Nesse sentido, no encontro do dia 03 de setembro de 2014, quando o sujeito **Antônio**, assevera no segmento discursivo **2**: **“[...] aí com minha mãe, meus tios, primos, aí eu respiro fundo, [...], porque eles sabe que eu sou isso. Aí, é bom porque eles não ri de mim, não zomba, porque eles sabe da minha dificuldade que eu tenho de falar. Na verdade, já foi mais pior na minha casa, minha mãe mandava eu fazer isso e não saía, aí ela: calma, Antônio, respire, repita de novo”**. O sujeito deixa-nos claro mais um elemento de sua memória do dizer, pois, aquilo que foi “ditado” por sua mãe e fixado por ele, tornou-se aceito e repetível ao longo de sua vida, trazendo ressignificação dele sobre o “já dito”. Tal constatação, portanto, determinou a FD de *sujeito-gago* com a qual passou a se inscrever, delimitando a sua identificação (forma-sujeito) no conjunto dos seus dizeres histórica e linguisticamente. Isso pode ser confirmada quando **Antônio 3**, revela no encontro do dia 12 de novembro de 2014: **“[...] Eu quero me curar, quero ficar bom, tenho vergonha de ser gago. Quero ficar bem mesmo, assim, falando fluente ou gaguejando [...]”**.

Ao continuar analisando os discursos, em 18 de fevereiro de 2015, deparamo-nos, ainda, com o sujeito **Antônio**, lembrando e mobilizando elementos de sua memória do dizer no segmento discursivo 4: “[...], vocês viam, né, **como eu cheguei aqui gago? Pra baixo, cabeça baixa e realmente não falava nada** E já faz sete meses, né, que eu vim pra cá, né, [...]. **Antes mesmo quando me chamavam de gaguinho, isso é muito chato.** Uma vez mesmo um menino me chamou assim, minha mãe disse: vá lá agora e diga que seu nome é Antônio”. Observamos que ele aponta para uma memória social que revela a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*, mostrando-o *gago*, silenciado, sendo reconhecido assim pela instância social, que, por desconhecimento e desinformação dissemina dizeres totalmente equivocados em relação à gagueira. Entretanto, através dos dizeres desse sujeito, podemos apontar um processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* que culminará mais adiante para a posição discursiva de *sujeito-fluente*. Isso posto, é relevante dizermos que o GEAG tem também o seu papel no desencadear dessa mudança de posição discursiva. Contribuindo, sobremaneira, no sentido de fazer os participantes perceberem, por exemplo, de que todos possuem fluência. Quando, na verdade, o desejo desordenado de não quererem gaguejar, acaba contribuindo para o não entendimento de que fluir e desfluir “*são faces da mesma moeda*” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 01, grifo nosso). Portanto, o grupo, ao longo do tempo, procurou ressignificar a possibilidade de observarem a fluência, valorizando esses momentos. Diante disso, constatamos que estudar a gagueira sob a perceptiva discursiva é não considerá-la como doença, ser *anormal*, mas entender que gaguejar parte do processo natural de linguagem, em sua materialização através de pausas, prolongamentos, bloqueios e/ou hesitações e isso não torna a comunicação menos clara, eficiente.

Participando de uma das sessões em grupo, mais precisamente, 03 de agosto de 2016, circunscrevemos os discursos do sujeito **Beatriz**, materializados através dos segmentos discursivos a seguir, onde, *a priori*, é solicitado que se apresentassem. Nessa ocasião, é explicado que o grupo trata-se de um espaço permeado por significação e de ressignificação. Assim sendo, **Beatriz 1**, argumenta: “eu, eu assim, eu, eu não conhecia, o grupo, aí,

[...] eu to numa nova faculdade, em uma nova pós-graduação e é justamente na área jurídica, o que é me exige muito na fala, porque eu me cobro muito [...]. *Aí, [...] foi justamente em junho, eu liguei pra cá, falei com você, aí eu disse: eu quero realmente ficar boa, melhorar, superar isso, quero ficar boa disso, né, e assim, espero ser é, bem aceita por todos e espero que seja bom*". Lembremos que o trabalho do Grupo de Extensão/Apoio é muito válido pela troca de experiências, onde acabamos aprendendo a enfrentar situações que antes achávamos que não conseguiríamos. Nesse espaço, vemos os integrantes enfrentando e percebendo que a gagueira não é limitação para nada. O GEAG, desde a sua fundação, 2007, tem perpetuado discursos que estimulam os sujeitos a enfrentarem e, assim, diminuírem o peso que o lugar que a gagueira ocupa na FD de *sujeito-gago*: doença, anormalidade, incapacidade e impossibilidade àqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Como os demais sujeitos, tendo os discursos em análise, **Beatriz**, também acredita em dizeres que foram formulados ao longo de sua vida, porque como constitutivo do discurso, temos o interdiscurso, definido como aquele que delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente, determinando a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica (PÊCHEUX, 1988). Toda essa disseminação é fruto do unido de sentidos e dizeres de um interdiscurso que estão presentes nesse espaço discursivo.

Na prática, por consequência, temos a memória social que constrói e recorta de tal FD, aquilo que o interdiscurso vem constituindo, por exemplo, de A em relação a B sobre isto ou aquilo. Em vista disso, a memória social acaba determinando, por exemplo, a identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago* e a sua determinada posição discursiva de *sujeito-gago*, instituída pela inculcação de discursos que acreditam em padrões de uma suposta fluência ideal, quer dizer, "já ditos", que foram "pré-construídos", fazendo com que o sujeito se cobre e tenha uma exigência maior em termos de fala, acreditando que necessita melhorar, superar a fala gaguejada, sendo elementos da memória do dizer de **Beatriz 2**: *"[...] Eu sou gaga desde muito tempo, desde a adolescência. Já teve épocas que eu fui pra fono e tava há um bom tempo sem mexer nisso, aí, quis procurar melhoras [...]. Eu já fiz dois cursos de oratória e, aí, eu vou lá na frente, no palco todo espelhado, falar no*

microfone na frente de todo mundo, aí eu disse: eu to aqui porque eu sou gaga, e falo, falo e ninguém fica, mas não é gaga, sim, assim, mas eu sou gaga". O interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito, o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. Dentro da FD, o interdiscurso, aparece como "o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito" (LEANDRO FERREIRA, 2001, p.18).

O Grupo de Extensão/apoio, GEAG UNICAP, em sua essência de dinâmica grupal, lembra-nos o contexto social em suas interações discursivas. Sobretudo, "a configuração do grupo pressupõe que os sujeitos assumam uma posição de interlocutores uns dos outros e, sendo assim, a condição de sujeitos na dinâmica do grupo" (MACHADO *et al*, 2007, p.63). Dessa forma, percebemos, então, na reunião do dia 14 de setembro de 2016, quando o sujeito **Beatriz**, expõe no segmento discursivo 3: "*comigo acontece assim: como eu geralmente converso bem com os professores, eu faço perguntas, eu converso bem, então, como tá num período novo, eles não pegam que eu sou gaga, e eu do meu jeito assim, eu tenho muita expectativa em mim*". Portanto, ao afirmar que conversa bem com os seus professores, certamente, isso acontece quando o sujeito não se preocupa em mostrar-se plenamente fluente, ou pensar na gagueira, como é sempre colocado nas reuniões em grupo.

Percebemos que a grande questão está ancorada devido a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*. Gerando, com isso, sua posição discursiva de *sujeito-gago*, fazendo com que tenha "**muita expectativa**" em relação à sua fala gaguejada e fique se autocontrolando, ou seja, temos aí, um interdiscurso (memória social), apresentando e disseminando um conjunto de dizeres que cristalizam a gagueira enquanto *erro*, fazendo então, com que o sujeito veja-se como incapaz. Entretanto, como relato de experiência, o próprio pesquisador explica que o problema tem relação com a imagem negativa que tal sujeito tem de si mesmo. Além disso, revela que gagueja, mas não tem essa imagem negativa de si, afirmando, "*eu não me vejo como gago e gaguejo*", por fim, convida-o para discutir as situações em que **Beatriz** gagueja. Entendemos, assim, então, que o interdiscurso é a instância de formação, repetição e

transformação dos elementos de saber de uma FD, em função das posições ideológicas que ela representa em uma conjuntura determinada (COURTINE, [1981] (1995)).

Desde o início das atividades no Grupo de Extensão/Apoio, como marcado pelo pesquisador, o grande lema é nos apoiarmos. Por isso, tornou-se relevante ao longo dos encontros, falarmos também sobre nossa memória social em relação à gagueira, desde a infância, adolescência e juventude, pois “o sujeito é consequência das discursivizações em torno dele, nas CP em que se encontra. Ele é interpelado e funciona como efeito e como materialização das interpelações constitutivas da memória discursiva” (BORGES, 2017, p.134). Diante dessa interpelação e dos efeitos do funcionamento discursivo dos sujeitos nos respectivos contextos, com o gesto expressivo do pesquisador, de quem começa? *A priori*, nessa sequência discursiva II, o sujeito **Caio**, esclarece no dia 16 de março de 2019, um pouco de sua trajetória, no segmento discursivo 1: *“eu posso? Bom, é, meu nome é Caio, tenho 29 anos, [...], desde sempre gaguejo. Segundo familiares, desde que nasci [...]. Na escola, de certa forma, não foi tranquilo, porque como até pouco tempo era algo que me constrangia bastante, eu escondia isso [...]. Me lembro de ter sofrido bullying [...], só próximo de casa, com um ou outro vizinho”*. Inferimos que o funcionamento da gagueira, “não nasce pronto com a pessoa, mas se constrói ao longo da vida, a partir das relações interpessoais que se estabelecem na família, na escola e na sociedade, em geral, dentro de uma dada cultura” (FRIEDMAN, 2018e, s/p). Isso posto, explicamos quando o sujeito traz em seu discurso, que segundo seus familiares, desde que nasceu gagueja, ou seja, ao longo do tempo foi sendo construída, sua *imagem estigmatizante de falante*, desde a infância, seguindo para a adolescência e perpetuando-se na fase adulta tendo em vista as relações com os seus interlocutores.

Nas situações discursivas relatadas, verifica-se que a gagueira pode ser compreendida como “o efeito de uma forma de funcionamento subjetivo singular sobre a produção da fala” (FRIEDMAN, 2018e, s/p). Sendo assim, o interdiscurso, enquanto os sentidos, possíveis e imagináveis, presentes nesse espaço discursivo, instaurou sentidos, “a partir de formações discursivas que,

por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Nesse caso, estabeleceu a ideia de gagueira como sinônimo de incapacidade, impossibilidade, anormalidade, *erro*, fixando o sujeito na formação ideológica e FD de *sujeito-gago*. Por isso, temos um sujeito que ao constituir-se em tal FD ocupa a posição discursiva de *sujeito-gago*. E reverbera como um dos elementos da memória discursiva/do dizer, o silenciamento, **“eu escondia isso”**, não porque o outro, talvez, estivesse incomodado com sua gagueira. Mas pelo que fora cristalizado por ele (o sujeito **Caio**) ao longo do seu decurso, de que gaguejar é *anormal, errado*. Se tomarmos o conceito de FD como referência, podemos dizer que a questão da política do silêncio (ou silenciamento) trabalha os limites das diferentes FD, lidando com o jogo da contradição de sentidos e da identificação do sujeito. No discurso, então, o silêncio aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc” (ORLANDI, 2007, p. 31).

Dando prosseguimento na análise do enunciado do sujeito **Caio**, **“[...] na adolescência, foi que começou a ter um peso maior, principalmente, quando comecei a terapia fonoaudiológica, aí, eu me percebi mais como gago. E com o passar do tempo da terapia, eu via que tava piorando em minha percepção [...] É, não que eu estivesse piorando, eu estava me percebendo, eu estava saindo de uma negação que, até então, vigorava em mim. Isso piorou entre os 15 e 18 anos”**. Notamos que sua visão de *mal falante*, acredita que ser *bom falante* seria aquele sujeito que supostamente não gagueja. Trata-se, portanto, de um interdiscurso, o conjunto total de sentidos atribuídos por ele. Determinando, então, a *FD de sujeito-gago* com a qual passou a se identificar discursivamente, enquanto *sujeito-gago*. Não raro, o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos de seu discurso, realiza-se “através do interdiscurso e fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas” (PÊCHEUX, 1988, p.163). Por isso, a “Fluência” tem sido tradicionalmente vista como o termo não marcado e considerado ideal, ao passo que “disfluência” tem sido considerado como o problemático (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 01). Não o deixando perceber, até então,

por exemplo, que fluência é uma questão utópica e que a disfluência é constituinte do discurso, por isso, todos nós somos gogos (SCARPA, 1995).

Seguindo no processo de análise dessa sequência II, trazemos à baila os segmentos discursivos do sujeito **Davi**, que também em 16 de março de 2019, vai apresentando elementos que compõem e caracterizam a sua memória do dizer, já no segmento discursivo **1**: *“então, meu nome é Davi, eu tenho 19 anos, estudo aqui na UPE, eu faço o curso de licenciatura em História. **É, minha jornada com a gagueira, ela não começou tão cedo na minha vida, [...] quando eu fiquei pré-adolescente, acho que 11, 12 anos, [...], eu vim morar Pernambuco na casa dos meus avós e pouco tempo depois que eu vim pra cá, eu comecei a desenvolver a gagueira. E quando ela começou foi muito rápida e muito intensa, tanto que eu acho, o auge dela foi lá pelos meus 12, 13, 14 anos nessa faixa, onde eu tinha até muita vergonha de falar, porque não saia nada, assim eu demorava muito para completar uma frase inteira [...]**”*. Certamente, nesse cenário, o interdiscurso, enquanto conjunto de todos os dizeres, ou seja, aquilo que foi dito/instituído discursivamente no meio social. Por exemplo, de que gagueira é uma doença, anormalidade na fala, por isso, passou a produzir efeitos de sentidos negativos na fala desse sujeito. Na prática, quanto mais o *sujeito-gago* quiser falar bem, mais a gagueira aparecerá. Entretanto, é importante percebermos que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, existem outros em que consegue, provando que a fluência existe (FRIEDMAN, [1988] (2012)).

O que foi apreendido ao longo do tempo e perpetuado através do interdiscurso, cristalizou sentidos e enquadrou o sujeito na FD de *sujeito-gago*. Assim, sua memória do dizer e/ou memória discursiva definida “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”, tendo suas características, quando pensada em relação ao discurso (ORLANDI, 2013, p. 31). Como efeitos, encarregou-se simultaneamente de recortar da FD de *sujeito-gago* aquilo que constitui os dizeres/argumentação, quando **Davi 2**, complementa: *“**aí, outra coisa assim, da minha experiência com gagueira é que eu nunca conheci um gago antes pra poder trocar experiência assim [...]. Mas tiveram algumas situações onde eu fiquei mexido emocionalmente. Como uma vez, eu fui apresentar um trabalho num***

grupo do ensino médio, tava no primeiro ano e, teve uma parte que eu fiquei gaguejando muito [...] e, ficou um grupo no fundo rindo, aí, eu não disse nada. Mas a professora interrompeu a apresentação e chamou a atenção deles e disse que o meu trabalho estava muito bom, independente disso, enfim, aí, foi um momento forte pra mim". Ao recortar saberes, sentidos, parece-nos que tal memória do dizer traz como mais um dos elementos do interdiscurso que caracterizam sua FD, aquela ideia de que não é possível encontrarmos outros sujeitos que passem pelo mesmo problema. Em nosso gesto analítico, interpretamos que, o que ocorre, na verdade, é que como a gagueira vem sendo perpetuada enquanto *erro, atípico* no meio social, aqueles que gaguejam serão vistos como doentes. Com isso, colocados à margem como anormais, disso, muitos silenciam e/ou não procuram ajuda.

Além do mais, é muito comum observar a formações imaginárias, nos sujeitos, que de tanto acreditarem, por exemplo, não ser normal gaguejar no dia a dia, acaba agravando as antecipações em relação aos seus interlocutores, que estarão, supostamente, o tempo todo, prestando atenção, julgando (sujeito **Davi**) e a sua gagueira, ou seja, é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2013). No entanto, precisamos destacar que tal formação imaginária pode não se comprovada, mas não é impossível de acontecer, como mostra uma indagação do pesquisador, "*you sabe por que eles estavam rindo?*". E, como resultado, temos no segmento discursivo **3**, a experiência do sujeito **Davi**: "*não, mas eu sei que era de mim*", pois é no contexto social em que as formulações discursivas são feitas e disseminadas através de sentidos e saberes instituídos pelo interdiscurso que cristaliza e agrava a posição discursiva de *sujeito-gago*, como pontua, **Davi 4**: "*na maioria desses casos, em que as pessoas riam, é realmente por conta da gagueira, tanto que elas pediam desculpas, assim por rirem. Aí, eu dizia: não tem problema. Mas só que tem!*". Quando vivenciam circunstâncias em que há desaprovação dos momentos de gagueira da parte de outros interlocutores, é natural que, muitas vezes, ao invés de falar, os *sujeitos-gagos* juntem-se ao riso para mostrar que está tudo bem.

Com isso, acabam adotando práticas de silêncio e, então, se calam, como afirma **Davi 5**: ***“eu não dizia nada. Eu só continuava falando, mas eu não gostava. [...] várias pessoas já disseram que eu deveria ter procurado tratamento, principalmente, pelo auge da minha gagueira, lá pros 11, 12, 13 anos. Teve até uma vez, [...] realmente que mexeu comigo, quando a diretora da escola, aí, me chamou, assim, [...], eu tenho uma fonoaudióloga muito boa na cidade vizinha, seria bom você pedir pra sua avó procurar ela, porque eu sei que atrapalha de vez em quando, não foi assim nesse tom, mas eu fiquei meio mexido com isso, sabe?!”***. Essa situação, como mais um dos elementos da memória discursiva que caracterizam o dizer desse sujeito, acaba agravando, ainda mais, a *sua imagem estigmatizante de falante*.

A título de exemplo, o sujeito **Davi**, no decorrer dos encontros, no dia 27 de abril de 2019, afirmou que já vinha em processo de mudança, isto é, de não estar mais se incomodando com o que os outros viessem a pensar sobre ele, talvez, como resultado, ***“[...] Em 2015, foi à redução dessa frequência da gagueira, foi quando ela começou a diminuir cada vez mais, aí, em 2019 foi à vinda pro grupo de apoio”***. Salientamos que os dizeres são reconstruídos/elaborados pelos sujeitos em seus discursos (aquilo que se encontra na base do dizível). Portanto, os ressignificamos em nossas palavras e podemos deduzir que há uma relação entre o já-dito e o que estamos dizendo “que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (ORLANDI, 2013, p. 31).

Demonstrando interesse pelas declarações apresentadas pelo sujeito **Davi**, nessa sequência discursiva II, o pesquisador pontua: ***“entendo, você disse que em 2012 sua gagueira estava mais acentuada e 2015 começou a diminuir, como foi isso?”***. De imediato, temos o esclarecimento, no segmento discursivo 6: ***“acho que foi naturalmente, o que pode ter influenciado foi uma mudança interna minha, porque eu sempre fui muito tímido, muito medroso de público, eu era muito introvertido. E a partir da metade de 2014, início de 2015, eu fui começando a me soltar mais, ficar mais extrovertido, falar mais, gostar mais de estar em público. Aí, conforme isso, foi acontecendo, foi diminuindo. Mas, na verdade, era uma coisa que***

eu nem percebia na época, é uma coisa que só agora quando eu olho pra trás, eu percebo isso, na época aconteceu naturalmente". A partir do enunciado em questão, podemos pensar: quais os fatores que contribuíram para que essa mudança se efetivasse de modo natural? E, muito provavelmente, a melhora veio acontecendo, porque como já visto, o sujeito **Davi** começou a soltar-se, ficar extrovertido, falar mais, gostar de estar em público. Quando levamos isso em consideração, podemos ler que já se tratava de um questionar-se, por exemplo, sobre a razão de não falar, enfrentar as situações de fala, inclusive, sua posição discursiva de *sujeito-gago* foi sendo repensada. Assim sendo, entre os muitos efeitos de sentidos, acreditamos ser tal mudança, enquadrada com um dos elementos da memória social que caracteriza os discursos desse sujeito.

Ainda ao longo dessa sequência II, chamamos a atenção para algo recorrente nos discursos dos sujeitos, a questão de atrelarem ora ou outra a timidez ao fato de gaguejarem. Na verdade, depreendemos que a timidez acabe se tornando um artifício para esconder a gagueira, como verbaliza, **Caio 2**: *“então, como eu nasci em 1989, o que me chama a atenção é a importância pra comunicação, a minha visão é que a minha história tá bem ligada a ela, a eu ter menos fluência ou mais. [...] a minha infância foi bem aproveitada, a própria gagueira não me atrapalhava, [...], a partir da pré-adolescência, adolescência, foi que a gagueira ganhou e tomou um grande peso assim em minha vida, principalmente, dos 12, 13, 14 anos ela se confundia apenas com timidez, eu era muito tímido, bem era muito por ser gago, eu procurava esconder muito isso*". Todos nós gaguejamos, em determinada circunstância ou outra, mesmo não sendo tímidos. Assim, na posição discursiva de *sujeito-gago*, a nosso ver, a timidez caracteriza-se como um *truque* e, isso, na complementação do seu discurso, aparece como um dos elementos da memória do dizer de **Caio**, *“eu era muito tímido, bem era muito por ser gago, eu procurava esconder muito isso*, uma maneira dele silenciar, *[...] Aí, como eu era basicamente tolerado, digamos, acabava sendo uma mera testemunha ali do grupo, porque devido a minha condição de ser gago, só me cabia estar ali calado, quieto*". Por esse motivo, a política do silêncio (ou silenciamento), significa que, ao dizer, o

sujeito não diz, ou diz outros sentidos. Sendo o dizer, portanto, interditado e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade (ORLANDI, 2007; 1996).

Mas será que esse sujeito optava por quieto, calado ou alguém o silenciava, pedindo, por exemplo, para se calar? Quando questionado, no dia 18 de maio de 2019, se já viveu algum tipo de constrangimento, **Caio 3** explica: **“muito pouco. Apesar, que há alguns dias eu estava me lembrando de que a minha irmã do meio, certa vez disse que era melhor eu ter nascido mudo a ser gago, dentre outras situações”**. Nesse espaço discursivo, o dizer é interditado e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade. Conseqüentemente, é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estanque em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Disso, temos a *migração de sentidos*, “com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição”. Porque, “sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito” (AZEVEDO, 2000, p.29).

Tal materialização discursiva atesta para ele (**Caio**), uma suposta incapacidade. E isso, trata-se de um recorte de sua memória do dizer, de sentidos do interdiscurso que vão caracterizar, no caso, a sua identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago*, observada na reunião do dia 06 de julho de 2019, quando conclui, **Caio 4: “eu lido com isso, algumas vezes, assim, que veio agora na memória, eu apresentei bloqueios, aí, algumas pessoas riram, eu também ri, por constrangimento, e acabei comentando: pessoal, não riam que isso é muito sério”**. Em consequência, reconhecemos que, infelizmente, ainda há muita desinformação em nosso meio, uma vez que o sujeito está inserido numa sociedade que discrimina pessoas com gagueira, pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer. Por isso, é necessário pensarmos num processo de reabilitação, cujos resultados podem livrá-lo de um caminho tortuoso e nocivo (AZEVEDO, 2006). Em situações como essa, devemos fazer o outro refletir, com questões do tipo: por que está fazendo isso? Está sendo cruel; se coloque no meu lugar; gostaria que eu risse também se fosse você? Entre outras coisas, quando rimos, acabamos dando direitos àqueles que não possuem,

pois *gagueira não tem graça, tem tratamento*, conforme atesta *slogan* da Abra gagueira em Campanhas pelo Dia Internacional de Atenção à Gagueira (DIAG)³⁰.

6. 1. 3. A posição discursiva de *sujeito-gago* analisada em grupos

Numa sociedade pautada em divisões de poder, Azevedo (2006) assevera que há que se pensar em determinadas posições ocupadas pelos mais diversos sujeitos que compõem a esfera social. Pois, nessa instância, o *sujeito-gago*, enquanto integrante, ocupa, coloca-se em um lugar de marginalizado, por ser visto como “doente”. A partir daí, “estabelece-se com ele uma relação de poder: os que são “normais” (fluentes) e os que são “anormais” (gagos)” (AZEVEDO, 2006, p. 184, grifo nosso). Entendemos que, na prática discursiva, a identificação (forma-sujeito) do *sujeito-gago*, caracteriza-se pela incorporação de discursos que formam a FD de *sujeito-gago*. Dessas projeções, teremos a posição discursiva de *sujeito-gago* que tratará de enunciar crenças e valores da FD na qual está inserido.

Com relação às questões postas, a seguir, nesta terceira sequência, tencionamos discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA III
Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP
<p>Antônio 1. <i>Hoje já é meu segundo dia [...] Eu disse que têm momentos muito difíceis pra mim quando eu vou falar, né?! Às vezes, eu falo certo, falo certo, às vezes, pra falar fica muito difícil [...]. Agora tem momentos que eu não gaguejo. Tem vezes que eu falo normal.</i></p> <p><i>P. Têm palavras que você já acha que vai gaguejar?</i></p> <p>Antônio 2. <i>São duas. Sons também.</i></p> <p><i>P. Por exemplo?</i></p> <p>Antônio 3. <i>Pato, pirulito.</i></p> <p><i>P. Você não consegue dizer essas palavras?</i></p> <p>Antônio 4. <i>Não.</i></p> <p><i>P. Mas você falou.</i></p> <p>Antônio 5. <i>Foi, falei. Mas às vezes não sai.</i></p> <p><i>P. Mas será que é porque você já não acha que não vai falar?</i></p> <p>Antônio 6. <i>Eu ontem mesmo, de repente, lá em casa, na hora que eu tava falando com a minha mãe, aí, [...], eu ainda vi, que ainda tenho uma gagueira na fala, né? Mas, depois eu melhorei. Mas, eu realmente estou melhor, mais fluente.</i></p> <p><i>P. Mas, Antônio, a gagueira sempre vai existir. Não só na sua fala, mas na de qualquer pessoa.</i></p>

³⁰ - Criado em 2005, pela ABRA GAGUEIRA, desde então, é utilizado em todas as campanhas do Dia Internacional de Atenção à Gagueira (DIAG), criado em 22 de outubro de 1998.

Antônio 7. Que sempre existe disfluência, né?

P. A gente precisa se libertar do peso que a gagueira traz [...]. O grupo faz a gente refletir perceber a fluência que é tão esquecida pela gente [...].

Antônio 8. O problema é que eu vejo que sou gago.

P. Isso, porque existe uma ideologia do bem falar, que momentos de gagueira não são aceitos, daí, vemos como um erro e começa a controlar pra não gaguejar mais.

Beatriz 1. Eu não vim buscar a fluência, eu vim buscar a fala mesmo.

P. Mas você tá falando e isso você já não tem?!

Beatriz 2. Porque parece que há um negócio aqui na garganta. Eu disse, né, que trava, eu vou até mandar uma vez gravar e eu vou trazer. Antes, pra falar o meu nome era horrível.

Beatriz 3. Eu mesma, eu nunca gostei de telefone.

P. É? Como é que é? Fala um pouquinho pra gente sobre isso.

Beatriz 4. Ah, eu quando era adolescente que começou, eu detestava telefone [...]. Mas nunca gostei. Até hoje, o celular pra mim não é uma coisa essencial, por causa disso, da gagueira, eu não gosto de falar no telefone.

P. Nos seminários você busca essa fluência cem por cento, pra essa fala ser perfeita?

Beatriz 5. Não, eu só queria falar. Eu sou gaga desde adolescente.

P. Mas você está falando [...].

Beatriz 6. Eu sou a Beatriz, eu sou gaga, [...], eu curso Direito e, aí, eu to aqui justamente pra ultrapassar esses bloqueios das apresentações, né, [...] e aqui é o momento da gente falar, ter o acolhimento da voz e, principalmente, perceber que não é uma falha nossa, uma incapacidade nossa, é mudar a perspectiva de paradigma mesmo, interior, né?!

Beatriz 7. A gagueira me faz sofrer, porque eu mesma já vivi vários dos momentos que tem aqui [...] e não tive nenhum acompanhamento de fono nem nada. Então, aqui foi bom pra isso, depois eu me senti muito acolhida, o acolhimento aqui, é da fala, da voz, de cada um, de cada necessidade, isso eu dou muito valor, porque é muito bom você sentir-se acolhida, e poder falar, expressar sem medo que o outro vá reclamar do tempo, se você gagueja, se não gagueja, foi um divisor de águas [...].

P. As pessoas que vêm aqui pro grupo vêm procurando essa fluência cem por cento, [...]. E por mais que diga: eu sei que posso gaguejar, na prática, dificilmente aceita gaguejar em algum momento.

Beatriz 8. Eu mesma, eu não aceito não.

P. Tudo no seu tempo e você vai desconstruindo essas ideias.

UPE/Campus Garanhuns

P. [...] Vocês estão chegando hoje, [...] aqui no grupo [...]. Então, vamos abraçar tudo o que a gente puder, tudo pelo nosso avanço, pela nossa melhora [...], aqui a gente vai se fortalecer, me dê a mão, aqui, a gente vai ver que gaguejar é algo natural [...].

Davi 1. [...] eu disse que não ia poder sair no sábado, porque eu to com uma reunião com um grupo de apoio pros gagos e tudo mais, aí, às vezes eu paro e gaguejo: eita, gente, desculpa, é que eu sou gago, aí, as pessoas, mas você é gago?! Eu nem percebi.

P. [...] O problema que ser gago, se ver assim, é trazer sobre si uma imagem estigmatizante de falante. Aí, é aonde entra o que eu sempre digo: eu gaguejo, mas não sou gago, entendeu?

Davi 2. [...] eu fico muito preso em palavras, não consigo sair dela, e, algumas situações onde hoje, quando eu quero dizer alguma frase, mas essa frase não consegue sair, mas eu tenho que dizer outra pra que essa frase com o mesmo sentido pra que essa consiga sair. Eu tenho uma colega de sala, ela tem uma oralidade muito boa, é poetisa [...]. E, ela falou assim: oh, você fala muito bem, [...]

explica muito bem, [...] tem uma didática muito boa e tudo [...], mas o que te atrapalha, que te faz parecer que você tá com pouca segurança no que você tá falando é às vezes que você gagueja, aí, eu, é? [...]. Mas eu gaguejar às vezes faz parecer que eu não estou nenhum pouco confiante no que eu to dizendo [...], eu chego a me embaraçar por ser gago.

Caio 1. *Inicialmente, eu gostei muito dessa possibilidade, porque eu me sentia muito só, [...], por mais que eu tenha agora uma vida social, eu nunca vejo outro gago ou gaga. Por muitas vezes, por muitos momentos, eu me senti, muito só, único até como ser gago e por não encontrar ninguém como eu, [...]. Eu espero assim, que isso ajude mesmo com o apoio mesmo, porque por mais que eu busque ajuda profissional, [...], eles não passam pelo o que eu passo. Aí, até mesmo dos profissionais de fonoaudiologia, de psicoterapia, eu dou falta de uma certa empatia na minha causa, onde encontramos no grupo, entendeu? Pelas angústias que eu trago, que eu levo, e é basicamente isso [...] como eu por diversos meios tentei empregos e não consegui, eu conseguiria disputar vagas com deficientes.*

Davi 3. *Eu me identifiquei muito com o que você disse, sobre muitas coisas, principalmente, sobre a sensação de solidão que dá quando você apresenta esses problemas com gagueira, porque muito raro encontrar outra pessoa que passe pelo mesmo problema que você.*

Caio 2. *[...], eu credito essas minhas frustrações ao fato de ser gago, das consequências que essa gagueira, a forma como eu vi, acabou por me impor a vida mínima que eu vejo ter, porque poderia ser bem melhor, se eu fosse uma pessoa com fluência [...].*

Caio 3. *No caso, [...], eu ou todos gagos sempre ou por mais que se depare, que conte, como um processo longo, nós sempre esperamos mais por uma coisa mais imediata, tipo assim, um milagre [...], aí, por incrível que pareça está essa grande expectativa que eu estou gerando, [...]. E até pela fase de vida que eu estou prestes a completar os 30 anos, sinto que poderia ter conquistado muitas coisas, pode ser um engano, uma crença limitante. [...], agora, no início desse ano, como eu estive bem pior, eu me deprimi muito, eu desisti de algumas coisas, tipo, desse curso [...] um curso superior pra mim, [...] dá muito medo, tanto que esse ano eu consegui o curso de pedagogia, só que não fui me inscrever, é muito também por causa disso, certamente eu iria ter muitas situações de fala [...], o curso me assustou e acabei não indo, por estar bem um pouco mais gago, mais angustiado, acabei deixando pra lá a vaga, mais tudo bem [...]. Mas interessante assim, conhecer você e saber que estuda e tudo mais, um curso superior, que tem mais uma cobrança de nossa comunicação.*

Davi 4. *[...], às vezes é justamente o medo de fazer as coisas, é justamente enfrentado esses medos e encarando, porque quando a gente coloca muita pressão sobre essa coisa, a gente tá dando o poder a ela de decidir o que é que a gente vai fazer no nosso lugar, sabe? [...]. Mas quanto mais você enfrentar isso e perder o medo, porque no meu caso, eu reconheço muito essa presença do medo, da parte de não conseguir me sentir a vontade, totalmente à vontade. Eu acho que você deve tentar de novo!*

P. *O problema é que o sujeito que se vê como gago e não o sujeito que gagueja, ele acha que ele não tem fluência [...].*

Caio 4. *[...] eu me esbarro com bloqueios, pausas, ali é como se eu perdesse o controle, aí, eu me atrapalho ainda mais, pois eu espero automaticamente uma melhora, porque eu estou de certa forma, plantando mais, eu estou crente, confiante, aí, quando vou, não vai [...]. Mas eu entendo que isso é um processo [...].*

P. *É um processo [...]. Isso, exatamente, porque essa expectativa acaba gerando cobranças em você.*

Caio 5. É, cobranças, e eu já me vi cobrando. E já me cobro muito. É um traço de personalidade meu. Eu estou, assim, procurando, mudar.

P. Mas procure não se cobrar tanto assim!

Caio 6. Esse é o dilema, não se cobrar.

P. Ninguém é cem por cento gago, nem cem por cento fluente, já pensou nisso? E você Davi, como foram esses dias, como foi a tua fala?

Davi 5. [...] Então, a partir de ter se sentido compreendido e não me sentir só. Foi muito legal assim, isso me ajudou até de não me preocupar mais, sabe?! O que vocês estavam falando aí, eu acho que faz muito sentido, às vezes a gente tá tão preocupado, digamos assim, com o rótulo que a gente não quer sair dele. Tipo, às vezes, eu sou gago, eu gaguejo, influencia mais do que realmente a própria gagueira [...].

P. Sabe que você está trazendo uma coisa muito importante: o rótulo atrapalha a vida da gente [...].

Caio 7. [...] E eu sinto que eu tenho um rótulo, é que existe uma tendência, um padrão de fala que foi constituído em mim, que eu imponho mais por busca, que até agora não identifiquei, porque isso me angustia muito, eu sinto como estar em uma luta cega, sem ver o inimigo, porque como não tem uma definição, algo claro, se foi algum, alguém que desencadeou esse padrão de fala, às vezes, eu busco diversas armas pra ir contra ela. Mas ir contra quem?

P. Entre elas? Fiquei curioso em relação às armas [...].

Caio 8. Eu pratico yoga, hipnose, técnicas de respirações. Já fiz tentativas de regressões, com hipnólogos, só que online! Não tivemos muito sucesso, [...], isso não me ajudou. [...] é uma busca que ficamos perdidos, [...] eu não sei lidar, por mais que eu tente, com esse problema, essa condição de fala. Eu vejo em minhas situações diárias é que uma condição de fluência me proporcionaria uma condição de vida totalmente diferente que evitaria muitos problemas também.

P. Interessante as experiências! Mas há um tempo para tudo.

Caio 9. É. Digamos assim, colocar a sua posição, o seu nível de pessoa que gagueja, como você se classifica.

P. Como eu me vejo, né?! Enquanto sujeito que gagueja, que tem fluência.

Caio 10. [...] Segundo minha fono, eu, apesar de gago, criei a imagem de um bom falante, eu zelo pela minha fala, isso me incomoda muito, [...], é porque eu como gago, sempre inconscientemente ou consciente, fiz muita, nós criamos o hábito da substituição das palavras, [...], eu mantenho, cultuo uma imagem, um estereótipo de bom comunicador, de bom falante [...]. Com relação a essa questão de eu ser um bom falante ou não, a minha psicóloga disse que preciso desconstruir essa ideia que eu fiz de mim, que tenho de mim, que eu mantenho de mim de um bom falante.

P. Que seria aquele que, supostamente, não iria gaguejar.

Caio 11. Daí, cria-se uma cobrança e uma principal não aceitação da gagueira, que teria de ser trabalhado para desconstruir isso comigo, [...]. Pra mim, a gagueira é um padrão de fala, agora, como ele se gerou é outra coisa, é incerta.

P. Observamos que você tem sempre a acrescentar [...]. E se você gagueja ou não, o mais importante é [...] se fazer entender. Você acha que a gagueira, ela impossibilita você se fazer entender?

Caio 12. Eu acho, confesso que sim [...]. Aí, eu me apresento e digo: calma, que eu sou gago.

P. Só para você pensar: será que já não começa se impossibilitando, dizendo que é gago, tem necessidade disso? Nem nos conhecemos!

Caio 13. É, se torna ridículo eu dizer [...]. Mas eu digo isso, quando eu começo a ter sérios bloqueios, aí, eu vejo que não vai dar mesmo, aí, pra quebrar o gelo, pra eu ficar menos tenso, eu deixo claro [...]. É como se fosse uma justificativa.

P. Isso é uma leitura sua. Mas será que riem e dizem: ah, você é gago, já vivenciou uma situação dessa?

Caio 14. É, já, também. Há alguns meses eu estava fazendo uma pesquisa de preços em lojas para comprar uma mochila, aí, uma vendedora vendo quando eu apresentei os bloqueios, ela caiu assim no riso. Eu ri, mas por dentro, fiquei destruído, bem pra baixo. Mas ri com ela, não por ser bem resolvido, um riso de constrangimento. Só que por fora é uma coisa, por dentro, outra situação.

Davi 6. [...] E eu não me considero, assim, muito, muito, muito gago, [...]. E eu espero que eu possa falar mais, mais fluidamente, porque eu percebo que muito de mim, é minha autoanálise, [...], porque é como se minha respiração parasse enquanto eu to falando nervoso e gaguejo.

P. Porque é que você acredita que está faltando respiração, o que é que você está pensando aí, tá imaginando o quê?

Davi 7. Eu não sei.

Caio 15. É, por hora, eu acabo por constatar que eu não sou gago puramente, sou até por situações, pior do que gago, uma palavra grosseira que dizem por aqui: é um ser tapado [...], a voz bloqueia, trava, prolonga, coisas básicas [...]. Por mais que eu tente verbalizar, eu começo e acabo travando totalmente e acabo desistindo.

Os sujeitos são constituídos pelo mecanismo da ideologia, com isso, remetidos às suas formações discursivas (FD) e reconhecidos nas formações ideológicas (FI). Dessa maneira, o discurso é o lugar de confronto entre língua(gem) e ideologia. Sempre remete à FD, e esta, à FI, e é por essa via que a linguagem adquire/produz sentido. É também por essa via que o discurso guarda relações com as instituições em que é produzido (SUASSUNA, 2004). A prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere à FD em que está inscrito, mobilizando dizeres a partir de tal inscrição. Partindo dos dizeres materializados, no encontro do dia 13 de agosto de 2014, quando iniciamos o processo de análise desta sequência discursiva III, observamos que o sujeito **Antônio 1**, ao deixar claro para os participantes do grupo: *“hoje já é meu segundo dia [...] Eu disse que têm momentos muito difíceis pra mim quando eu vou falar, né?! Às vezes, eu falo certo, falo certo, às vezes, pra falar fica muito difícil [...]. Agora tem momentos que eu não gaguejo. Tem vezes que eu falo normal”*. E quando perguntado se há palavras em que já acha que vai gaguejar, **Antônio 2**, responde: *“são duas. Sons também* e explica no segmento discursivo **3**: *“pato, pirulito”*. Percebemos que, desde a sua chegada ao GEAG, em 06 agosto de 2014 (semana anterior), já percebíamos a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*, tendo em vista declarações apresentadas. Discursos que cristalizou um *“falo certo”* e um

“falo errado” e, isso, está posto no social, pensar e reproduzir que se existem pausas, bloqueios, prolongamentos e/ou hesitações, tratar-se-ia da caracterização e *atestado* de um suposto sujeito *doente*, esquisito.

Portanto, nesse contexto, “estabelecendo na posição discursiva de sujeito-gago, uma relação de poder: os que são “normais” (fluentes) e os que são “anormais” (gagos)” (AZEVEDO, 2006, p. 184, grifo nosso). Ou seja, em tal FD teríamos aí, um *mal falante*. Além disso, entendemos que sua identificação à FD de *sujeito-gago*, acaba não o ajudando a notar, por ser algo inconsciente e involuntário, que tanto a questão das letras como dos sons está atrelada à sua formação imaginária, em dadas condições de produção, porque quando não pensa, ele flui, **“agora tem momentos que eu não gaguejo”**. Consequentemente, na prática, “todo discurso é resultado de um complexo jogo ideológico onde entram em cena suas condições de produção” (FERREIRA, 2015, p.47). Mas se nessas situações, ainda que de maneira muito automática, pensa ou faz previsões, como efeitos, **“têm momentos muito difíceis pra mim quando eu vou falar, né?!”**. Nesse sentido, cabe frisarmos, a partir dos discursos de Leandro Ferreira (2005), que a concepção de linguagem que norteia a AD é a da Psicanálise, onde o sujeito não é consciente e nem tem controle sobre o que diz, isto é, ele (o sujeito) é *clivado*, *assujeitado*, *desejante*.

Nessas circunstâncias de enunciação, os discursos que circulam na mencionada FD, fazem-no acreditar que o *certo* na fala seria não *errar*, gaguejar, ou melhor, dizendo, **Antônio 4: “não”**, isto é, de não conseguir dizer às palavras que ele mesmo citou-as em dada sessão no GEAG. Sobre “palavras que não podem ser ditas, há uma lista de palavras e sons proibidos” na FD de sujeito-gago (PETRUSKY, 2013, p. 76). Dessa forma, os sujeitos que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos* listam a impossibilidade de dizer as palavras **“pato, pirulito”**, ditas por **Antônio** no segmento discursivo anterior. Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca *dele* como *efeito de linguagem*. Além disso, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, *ele* se configura como *assujeitado*. E, por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, mostrando-se como

desejante. Enfim, *efeito de linguagem*, *assujeitado* e *desejante*, eis, então, toda a nossa categoria em sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel à linguagem, à ideologia e à Psicanálise, revelando a *morada do sujeito*, e disso, resultando-o enquanto *efeito*. Mais uma evidência, encontramos a partir da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo) (LEANDRO FERREIRA, 2005, grifos nossos).

Como bem lembrado ao sujeito pelo pesquisador: “*mas você falou*” e, ele, atenta para tal momento discursivo e, confirma, **Antônio 5: “foi, falei. Mas às vezes não sai”**. Nessa instância, a partir dos dizeres de Orlandi (1996), podemos tomar a língua em duas dimensões diversas: a da organização, que diz respeito às relações internas; e a da ordem, onde podemos relacionar a língua à sua exterioridade constitutiva. Destarte, é, pois, com a língua, enquanto ordem, que a AD trabalha, porque “os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas, mas, efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” (ORLANDI, 2013, p.32.). Quando pensamos nisso, comprovamos que na grande maioria das vezes, o problema parece que está antes de falar a palavra. Isto é, intrinsecamente relacionado às formações imaginárias e às condições de produção, aquilo que denominamos de *previsão do erro eminente*. No momento de irreflexão o faz pensar que não vai falar ou gaguejará determinada palavra e já internaliza isso. No entanto, o problema não está no som, mas em alguma coisa que impõe para si em determinadas condições específicas. Nessa sessão em grupo, uma das fonoaudiólogas ressalta que não há dificuldade articulatória, em nenhum som, pois o sujeito mostrou ter tal capacidade.

Por certo, o que falta para ele (o sujeito **Antônio**), como visto na sessão do dia 10 de dezembro de 2014, é perceber mais a fluência, porém, **Antônio 6**, ainda, mostra-se *preso* a FD de *sujeito-gago*: “*eu ontem mesmo, de repente, lá em casa, na hora que eu tava falando com a minha mãe, aí, [...], eu ainda vi, que ainda tenho uma gagueira na fala, né? Mas, depois eu melhorei. Mas, eu realmente estou melhor, mais fluente*”. Em relação a esse sujeito, podemos afirmar que está na fase de contra-identificação, mostrando-se como

o “mau sujeito”, porque está vivendo a tomada de posição discursiva em que questiona, contesta e duvida (PÊCHEUX, 1988) e mais à frente, na sequência discursiva IV, veremos a sua mudança de posição discursiva para *sujeito-fluente*. Apesar disso, nesse instante, ainda está muito latente a ideia de uma suposta fluência absoluta, sem pausas, hesitações, ou melhor, dizendo, sem nenhum sinal de gagueira. No entanto, é preciso nos desvencilharmos dessa utópica ideia, uma vez que a gagueira sempre vai existir, não só na sua fala, mas na fala de qualquer sujeito, esclarece o pesquisador. Fazendo com que **Antônio 7**, concorde: **“que sempre existe disfluência, né?”** Na verdade, precisamos aceitar que sempre o desfluir se entretetece com o fluir na fala. Agora, a forma como encaramos isso é o que vai gerar mudanças discursivas na esfera social, porque passamos a deixar de enxergar a gagueira como *erro*, aquilo que precisaria ser evitado e, então, começamos a entender que acontece na fala de qualquer um de nós.

Nas diversas situações discursivas, a fluência acaba não sendo percebida, porque na verdade a posição discursiva de *sujeito-gago*, dada a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*, acredita que não é fluente. E na ânsia de buscá-la, termina por estar o tempo todo se autocontrolando, autossupervisionando-se. O resultado é mostrar-se ainda mais gago. Nesse sentido, a ideologia é responsável pela inculcação dos discursos que abastecem as formações discursivas. Com isso, os sujeitos passam a fixar tais dizeres às suas formações, com efeitos, lembramo-nos de que, “os homens fazem sua própria história, em circunstâncias que eles encontram imediatamente diante de si, dadas e herdadas do passado” (ALTHUSSER, [1970] (1974), p.70).

Posto isso, quando continuamos no processo de análise dos próximos segmentos discursivos, observamos no dia 08 de abril de 2015, o resultado de tal inculcação de **Antônio 8**: **“o problema é que eu vejo que sou gago”**. Nessa circunstância, entre os efeitos de sentidos, podemos afirmar que a constituição desse discurso de *sujeito-gago*, acontece por intermédio do interdiscurso, tratado como a memória, que, por sua vez pode ser definido “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2013, p. 31). Por isso, é que os sujeitos desde a sua infância, adolescência,

juventude até a maturidade, vão assimilando, por exemplo, que momentos de gagueira não devem ser aceitos. Tendo em vista o conjunto que *formou* o seu dizer foi estabelecido histórica e linguisticamente, determinando, assim, a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica (PÊCHEUX, 1988). Quer dizer, gaguejar expressaria *erro*, *anormalidade* e, disso, é desencadeada uma luta no combate à gagueira, tentando controlá-la. No entanto, eis que a grande questão é falarmos e irmos exercitando o não pensar na gagueira, uma vez que o *falar normal* inclui o gaguejar. Com o entendimento daquilo que não devemos fazer com relação ao problema, dá-se início um novo olhar sobre a gagueira.

Geralmente, quando os *sujeitos-gagos* procuram o GEAG, a maioria vem em busca de uma *fluência ideal*, perfeita, aquela que não apresente nenhum resquício de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos, pois esses componentes caracterizam a gagueira. E, se há a gagueira, tal problema precisará a todo custo ser combatido, controlado. Diante de tais discursos, quando prosseguimos em nosso plano analítico, circunscrevemos as palavras do sujeito, **Beatriz 1**, ditas no encontro do dia 03 de agosto de 2016, que traz algo inédito: **“eu não vim buscar a fluência, eu vim buscar a fala mesmo”**. Na verdade, observamos que isso não será possível, porque essa habilidade o sujeito já possui. Tanto é que temos a materialização de seus dizeres, assim, asseveramos que quando diz que buscava a fala, tratar-se-ia de possuir uma fala sem gagueira, com mais fluência. Mas, como constatado, anteriormente, o sujeito não possui nenhuma incapacidade articulatória de emissão de sons ou palavras, tanto que consegue falar, fluir, o que segundo ele, teria vindo **“buscar”**. Sabemos que uma FD “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160). Partindo dessa premissa, percebemos que a constituição daquilo que “pode e deve ser dito”, isto é, o próprio discurso é estabelecido via interdiscurso, a memória social.

Em virtude disso, na FD de *sujeito-gago*, há fomentação de dizeres que cristalizam, entre outras coisas, a gagueira como uma *doença* que se caracterizaria no corpo. Como pudemos ver, a *priori*, na sequência discursiva I,

onde investigamos discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos. Agora, nessa sequência discursiva III, em pauta, discutimos e analisamos a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos e, como um dos resultados, dessa reunião, **Beatriz 2**, reafirma: **“porque parece que há um negócio aqui na garganta. Eu disse, né, que trava, eu vou até mandar uma vez gravar e eu vou trazer. Antes, pra falar o meu nome era horrível”**. Muito provavelmente, em decorrência da antecipação, previsão, preocupação consigo, com o outro e/ou situações discursivas que tenha que enfrentar. Gera-se, então, uma tensão nos músculos, porque provavelmente, o sujeito estaria se programando para não gaguejar. E como produção de efeitos de sentidos, na prática, materializa-se no corpo físico. Porque, nesse caso, acredita que *“a gagueira está no próprio sujeito-gago, onde esse se coloca na posição de incapaz de produzir certos fonemas, aos quais, de antemão, atribui a certeza do erro”* (AZEVEDO, 2006, p.17, grifo nosso).

Além disso, Azevedo (2006), em seus estudos também explica que sob o ponto de vista dos *sujeitos-gagos*, a gagueira está no objeto que serve de intermediação (telefone, livro, jornal), como é declarado, no dia 10 de agosto de 2016, nos segmentos discursivos a seguir de **Beatriz 3: “eu mesma, eu nunca gostei de telefone** e **Beatriz 4: ah, eu quando era adolescente que começou, eu detestava telefone [...] Mas nunca gostei. Até hoje, o celular pra mim não é uma coisa essencial, por causa disso, da gagueira, eu não gosto de falar no telefone”**. Nesse contexto, o telefone é uma situação de risco, porque, de antemão, já supõe que falhará. E esse objeto cristaliza-se numa *posição* que atesta a sua gagueira, isto é, há uma *previsão do erro*, porque antes que ele ocorra, há um indício, a certeza de que se tentar falar, gaguejará (AZEVEDO, 2000, p. 60, grifos nossos). Consequentemente, “o sujeito é silenciado ou colocado na posição de *gago* como efeito deste objeto” (AZEVEDO, 2006, p. 17).

Entre tantos dizeres cerceados, na FD *de sujeito-gago*, um deles implica em fazer os sujeitos acreditarem numa suposta *fluência cem por cento*, ou seja, a fala seria constituída de uma habilidade contínua, sem pausas, prolongamentos, hesitações e/ou bloqueios para expressarem-se em todas as

esferas sociais. Entretanto, sabemos que se trata de um mito, estabelecido pela reverberação de um interdiscurso, enquanto conjunto de sentidos e dizeres. Fazendo com que haja, na prática, um recorte de determinados saberes, sentidos, em que tal memória do dizer, traz como mais um dos elementos do interdiscurso que caracterizam aquela FD. Afirmando ao longo do tempo que, se há gagueira, não é possível fazer-se compreender e, isso, está inculcado na posição discursiva de *sujeito-gago*, percebido na sessão do dia 05 de outubro de 2016, quando **Beatriz 5** afirma: “**não, eu só queria falar. Eu sou gaga desde adolescente**”, pois a composição da fluência é feita da disfluência. Ao entender isso, o pesquisador faz ele (o sujeito **Beatriz**) perceber que está falando.

Quando prosseguimos na sequência em análise, rumo à elucidação do funcionamento discursivo dos sujeitos, logo, deparamo-nos com os dizeres do sujeito **Beatriz**, através dos segmentos seguintes, que vai, também, revelando, na reunião do dia 01 de fevereiro de 2017, a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*. E isso traz implicações em suas formulações discursivas, como no segmento **6**: “**eu sou a Beatriz, eu sou gaga, [...], eu curso Direito e, aí, eu to aqui justamente pra ultrapassar esses bloqueios das apresentações, né, [...] e aqui é o momento da gente falar, ter o acolhimento da voz e, principalmente, perceber que não é uma falha nossa, uma incapacidade nossa, é mudar a perspectiva de paradigma mesmo, interior, né?!**”. Em nosso gesto analítico, interpretamos que por ter interiorizado concepções arraigadas à FD na qual está identificado, acredita que a gagueira, através dos bloqueios, trata-se de algum tipo de incapacidade oral, preservando, sua *imagem estigmatizante de falante*.

Por consequência, tal posição pode ser constatada, na sessão dia 09 de novembro de 2016, em que, **Beatriz 7**, revelou anteriormente: “**a gagueira me faz sofrer, porque eu mesma já vivi vários dos momentos que tem aqui [...] e não tive nenhum acompanhamento de fono nem nada. Então, aqui foi bom pra isso, depois eu me senti muito acolhida, o acolhimento aqui, é da fala, da voz, de cada um, de cada necessidade, isso eu dou muito valor, porque é muito bom você sentir-se acolhida, e poder falar, expressar sem medo que o outro vá reclamar do tempo, se você gagueja,**

se não gagueja, foi um divisor de águas [...]. Contudo, a participação na sessão do GEAG começa a fazê-la entender que é necessário mudar determinadas concepções, como, por exemplo, achando que vão conseguir a fluência perfeita. Sendo assim, fundamentando-nos nas palavras de Lucena *et al* (2018), que entendem que a terapia em grupo deve se constituir como uma alternativa que não somente permita “*otimizar o fluxo de atendimento aos pacientes que necessitam de ajuda profissional em um serviço de saúde*”, mas também, possa propiciar “*o compartilhamento de experiências e formação de laços que levam ao sucesso terapêutico*” (LUCENA *et al*, 2018, p. 124, grifos nossos).

Na prática, quando começamos a perceber mais a fluência, notamos o quanto somos fluentes e teremos uma comunicação mais eficaz. Entretanto, quando nos mantemos *presos* ou focados na gagueira, apresentando-nos na posição discursiva de *sujeito-gago*. Assim, acreditamos que a língua(gem) acaba não sendo efetiva, porque há gagueira. E isso acontecendo, certamente, não conseguiremos falar e nem sermos compreendidos. Em virtude disso, o sujeito é visto como assujeitado e marcado pela ideologia; é um efeito, não uma causa (AUTHIER-REVUZ, 1982; 1984). Como resultado, levar em conta essa concepção de sujeito ao trabalhar com a linguagem, implica notar que o “sujeito não é acrescentado ao ato linguístico, mas intrínseco, ele se encontra no interior da enunciação” (ORLANDI, 1998a, p.06). Evidenciando a opacidade e heterogeneidade da linguagem, que tem uma ordem própria, “o falante encontra-se a ela submetido e nela se inscreve pela via do significante” (LEMOS, 2009, p. 212).

Diante dessa concepção, é preciso salientar a singularidade do sujeito-falante que emerge desse processo (LIER-DEVITTO; ARANTES, 2007; PEDROSA, 2008). Por essa razão, podemos nos certificar de tal singularidade, quando em seu último segmento discursivo destaca, também em 09 de novembro de 2016, ***Beatriz 8: “eu mesma, eu não aceito não”***, isso porque todos vêm ao grupo procurando aquela fluência *cem por cento*, tendo em vista que na prática, dificilmente, aceitam gaguejar em algum momento. Posto que, a inculcação da ideologia na FD de *sujeito-gago* determina isso, ou seja, a constituição da posição discursiva de *sujeito-gago*,

quando não se aceita a gagueira, pois mostraria uma *fala anormal, atípica, errada*, em que não é permitido, aceitável gaguejar, ser disfluente, conforme é ditado pela *ideologia do bem falar*. Segundo a construção de um *personagem de bom falante*, aquele que supostamente nunca gagueja. Esquece ele (o sujeito **Beatriz**), que em nossa prática discursiva, *a fluência é disfluente*, porque a disfluência, curta ou longa, é parte integrante da fluência (FRIEDMAN, 2018c, s/p, grifos nossos).

Ao longo de cada encontro, o Grupo de Extensão/Apoio trouxe a possibilidade, como ressalta o pesquisador: *“abraçando tudo o que puderem, pelo nosso avanço, pela nossa melhora, aqui a gente vai se fortalecer, me dê a mão”*. Com isso, fazendo àqueles que chegaram na posição discursiva de *sujeitos-gagos*, entre outras coisas, verem que gaguejar é algo natural. Agindo assim, o grupo *cria* “possibilidades de fortalecimento e de autonomia do sujeito, e não de uma dependência permanente do outro” (VIEIRA; LIRA, 2018, p. 54). Quando iniciamos o processo de análise dessa sequência discursiva III, mais especificamente, dos segmentos discursivos dos sujeitos na UPE/campus Garanhuns, já podemos observar, na reunião do dia 16 de março de 2019, que para o sujeito **Davi 1**, de fato, o grupo funcionará como uma maneira de fortalecimento e, acima de tudo, melhoras para ele, uma vez que notamos a sua, então, inscrição na FD de *sujeito-gago*: “[...] eu disse que não ia poder sair no sábado, porque eu to com uma reunião com um **grupo de apoio pros gagos e tudo mais, aí, às vezes eu paro e gaguejo: eita, gente, desculpa, é que eu sou gago, aí, as pessoas, mas você é gago?! Eu nem percebi**”. Nesse caso, percebemos que o interdiscurso constituiu os sentidos que acabam por institucionalizar/cristalizar dizeres que *prendem* o sujeito **Davi**, ao longo de sua trajetória, na posição discursiva de *sujeito-gago*.

Por isso, tais formulações delimitam bem sua FD de *sujeito-gago*, tratando-se, portanto, da memória do dizer, um recorte de saberes a partir de sua identificação (forma-sujeito) com a qual está inscrito. O problema é que ser gago, se ver assim, é trazer sobre si uma *imagem estigmatizante de falante*. Desse modo, além de complementar, o pesquisador, como moderador do grupo, “uma pessoa que gagueja” (ABRA GAGUEIRA, 2018, s/p) revela: *“eu sempre digo: eu gaguejo, mas não sou gago”*, ou seja, tratando-se de uma

atividade natural e não traz nenhum sentido de incapacidade e/ou impossibilidade discursiva na instância social.

De forma diferente, o sujeito **Davi** vai mostrando, ao longo dos segmentos discursivos, a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*, o que o faz acreditar, por exemplo, ser impossível emitir este som ou aquela palavra, **Davi 2**: “[...] *eu fico muito preso em palavras, não consigo sair dela, e, algumas situações onde hoje, quando eu quero dizer alguma frase, mas essa frase não consegue sair, mas eu tenho que dizer outra pra que essa frase com o mesmo sentido pra que essa consiga sair*”. Por isso, na prática, temos “uma lista de palavras indizíveis, porque algo diz que, antes de falar, elas não sairão” (PETRUSKY, 2013, p. 77). É certo que a sua posição discursiva de *sujeito-gago* foi construída, como já explicamos, a partir dos sentidos cristalizados pelo interdiscurso. Esse fato pode ser constatado na complementação de seu enunciado, “*eu tenho uma colega de sala, ela tem uma oralidade muito boa, é poetisa [...]. E, ela falou assim: oh, você fala muito bem, [...] explica muito bem, [...] tem uma didática muito boa e tudo [...], mas o que te atrapalha, que te faz parecer que você tá com pouca segurança no que você tá falando é às vezes que você gagueja, aí, eu, é? [...]. Mas eu gaguejar às vezes faz parecer que eu não estou nenhum pouco confiante no que eu to dizendo [...]*”. Sendo, provavelmente, um dos comentários, um exemplo daquilo que foi sendo ouvido ao longo do tempo, isto é, produzindo efeitos de sentidos para ele (o sujeito **Davi**). Com isso, temos o resultado, no intradiscurso, uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si (LEANDRO FERREIRA, 2001), permitindo que ocorram formulações do tipo, “*eu chego a me embaraçar por ser gago*”.

No contexto social, a temática da gagueira bem como os sujeitos que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos* são postos à margem da sociedade, porque há um interdiscurso que constitui sentidos, produzindo discursos de doença, incapacidade, impossibilidade, anormalidade. Acreditamos que alguns sujeitos acabem não aparecendo para buscar ajuda profissional, pois são vítimas de mitos, preconceitos e desinformação. Mas, ao prosseguirmos no plano analítico, através dessa sequência discursiva III, vemos o quanto à criação de um Grupo de Extensão/Apoio tornou-se um alento

para aqueles que o buscaram. Possibilitando, inclusive, deparar-se com outros sujeitos que gaguejam também. Desmistificando assim, uma suposta ideia de que seriam os únicos a gaguejarem, por serem enquanto doentes ou anormais. Como poderemos observar nos próximos segmentos discursivos, *a priori*, **Caio 1**: “*inicialmente, eu gostei muito dessa possibilidade, porque eu me sentia muito só, [...], por mais que eu tenha agora uma vida social, eu nunca vejo outro gago ou gaga. Por muitas vezes, por muitos momentos, eu me senti, muito só, único até como ser gago e por não encontrar ninguém como eu, [...]*”. Entretanto, 5% da população (quase dez milhões de brasileiros) apresenta gagueira em algum momento de suas vidas (ROCHA, 2015).

Postos o devido esclarecimento, ao prosseguirmos com a análise desse enunciado, “*eu espero assim, que isso ajude mesmo com o apoio mesmo, porque por mais que eu busque ajuda profissional, [...], eles não passam pelo o que eu passo. Aí, até mesmo dos profissionais de fonoaudiologia, de psicoterapia, eu dou falta de uma certa empatia na minha causa, onde encontramos no grupo, entendeu? Pelas angústias que eu trago, que eu levo, e é basicamente isso [...] como eu por diversos meios tentei empregos e não consegui, eu conseguiria disputar vagas com deficientes*”. Nesse contexto, notamos que a possibilidade de um grupo, com reuniões mensais, gratuitas e sigilosas, criou um espaço para disseminação de conhecimentos sobre o tema em estudo, visando, também, à troca de experiências entre os participantes (ABRA GAGUEIRA, 2017).

Além disso, Souza *et al* (2011) esclarecem que as atividades em grupo podem ser benéficas, tanto emocionalmente, quanto socialmente, auxiliando os sujeitos em suas relações pessoais e interpessoais. Criando situações de diálogo, enfrentamento das dificuldades, funcionando como uma troca de experiências, as quais possam auxiliar na sua reabilitação e/ou na convivência com os demais. *A posteriori*, percebemos o quanto os discursos do sujeito **Caio**, coadunam com as concepções do sujeito **Davi**, uma vez que ambos estão identificados, quer dizer, as suas respectivas formas-sujeito, como já vínhamos notando, inscrevem-se na FD de *sujeito-gago*, logo, a formulação discursiva de **Davi 3**: “*eu me identifiquei muito com o que você disse, sobre muitas coisas, principalmente, sobre a sensação de solidão que dá*

quando você apresenta esses problemas com gagueira, porque muito raro encontrar outra pessoa que passe pelo mesmo problema que você”.

Percebemos que o processo das atividades em grupo permite que os sujeitos “discutam, reflitam, e transfiram para a vida conhecimentos que os auxiliarão a serem agentes de sua própria saúde durante ou após o período de terapia”, auxiliando-os no despertar para assuntos desconhecidos (SOUZA *et al*, 2011, p. 148).

Como já dissemos, na grande maioria das vezes, aqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos* são vítimas de preconceitos e mitos, questões essas envoltas de desinformações, como por exemplo, por desconhecer a instabilidade da fluência, não admitindo a fala gaguejada, uma vez que o problema – conforme uma tendência normativa social – constrói “*a personagem de bom falante*”, exigindo-se a necessidade de ajustamento nos moldes de “*ideologia do bem falar*” (FRIEDMAN, 1986; 1994 2004). Nas conjunturas sociais, essas questões são determinadas por aquilo que o interdiscurso, enquanto o conjunto total de sentidos vai fornecendo como realidade para os sujeitos. Atrelado a isso, o intradiscurso, permite que as formulações discursivas sejam efetivadas, como podemos examinar em 27 de abril de 2019, nos segmentos discursos vindouros, do sujeito **Caio 2**: “[...], ***eu credito essas minhas frustrações ao fato de ser gago, das consequências que essa gagueira, a forma como eu vi, acabou por me impor a vida mínima que eu vejo ter, porque poderia ser bem melhor, se eu fosse uma pessoa com fluência [...]***”. Então, na medida em que o interdiscurso estabeleceu sentidos na FD de *sujeito-gago*, entre eles, que quem gagueja não tem fluência, vemos o sujeito se percebendo como gago. Logo, já compreendemos que os sentidos estão no campo do interdiscurso e as formulações discursivas, enquadradas no nível do intradiscurso. Por isso, tanto a gagueira como aqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeito-gago* são colocados como *doença/doentes, anormais* na sociedade.

A única solução seria a *cura*, se não, seriam *condenados ao padecimento* desse *mal*, a não ser que, porventura, fossem agraciados por um milagre, como identificamos, **Caio 3**: *no caso*, “[...], ***eu ou todos gagos sempre ou por mais que se depare, que conte, como um processo longo,***

nós sempre esperamos mais por uma coisa mais imediata, tipo assim, um milagre [...], aí, por incrível que pareça está essa grande expectativa que eu estou gerando, [...]. E até pela fase de vida que eu estou prestes a completar os 30 anos, sinto que poderia ter conquistado muitas coisas, pode ser um engano, uma crença limitante". Afinal de contas, nessa posição discursiva, não é aceitável, permitido gaguejar, porque se exige uma utópica fluência ideal/absoluta, mas como isso não é possível, o que resta muitas vezes é a frustração dos sujeitos, a invalidação de suas possíveis conquistas, "*[...], agora, no início desse ano, como eu estive bem pior, eu me deprimi muito, eu desisti de algumas coisas, tipo, desse curso [...] um curso superior pra mim, [...] dá muito medo, tanto que esse ano eu consegui o curso de pedagogia, só que não fui me inscrever, é muito também por causa disso, certamente eu iria ter muitas situações de fala [...], o curso me assustou e acabei não indo, por estar bem um pouco mais gago, mais angustiado, acabei deixando pra lá a vaga, mais tudo bem [...]. Mas interessante assim, conhecer você e saber que estuda e tudo mais, um curso superior, que tem mais uma cobrança de nossa comunicação*". Na posição discursiva de *sujeitos-gagos*, as formações imaginárias deles, nas condições de produção, dão margens para um terreno fértil de antecipação, como por exemplo, prever certas situações discursivas, assim, os sujeitos acreditam que por gaguejarem, não conseguirão fazer-se entender e seus interlocutores estarão atentos, cobrando uma suposta perfeição no desempenho linguístico.

No entanto, nesse segmento **3**, parece-nos que pela primeira vez, **Caio**, depara-se com um sujeito que também gagueja e que ele estuda, faz um curso superior. Por esse motivo, afirmamos que, entre outras coisas, a terapia em grupo, deve propiciar "*o compartilhamento de experiências e formação de laços que levam ao sucesso terapêutico*" (LUCENA et al, 2018, p. 124, grifos nossos). E isso pode ser evidenciado quando **Davi 4**, materializa para **Caio**, no encontro do dia 06 de julho de 2019, em relação ao não enfrentamento das situações sociais: "*[...], às vezes é justamente o medo de fazer as coisas, é justamente enfrentado esses medos e encarando, porque quando a gente coloca muita pressão sobre essa coisa, a gente tá dando o poder a ela de*

decidir o que é que a gente vai fazer no nosso lugar, sabe? [...]. Mas quanto mais você enfrentar isso e perder o medo, porque no meu caso, eu reconheço muito essa presença do medo, da parte de não conseguir me sentir a vontade, totalmente à vontade. Eu acho que você deve tentar de novo!". Em vista disso, os sujeitos envolvidos no processo, poderão direcionar a escolha da maneira de viver que lhes seja mais adequada e harmoniosa – *princípio do livre-arbítrio* (BECHELLI; SANTOS, 2005, grifo dos autores).

Através das experiências compartilhadas no grupo, notamos que, de fato, propiciam um mobilizar-se dos sujeitos **Caio** e **Davi** rumo à intensificação de mudança de atitudes que favorecem em suas práticas sociais e discursivas. Uma vez que a identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago* faz com que haja uma rotulação de *gago*, achando que ele não tem fluência, como bem deixa claro, na reunião do dia 27 de abril de 2019, o **sujeito Caio 4**: “[...] **eu me esbarro com bloqueios, pausas, ali é como se eu perdesse o controle, aí, eu me atrapalho ainda mais, pois eu espero automaticamente uma melhora, porque eu estou de certa forma, plantando mais, eu estou crente, confiante, aí, quando vou, não vai [...]. Mas eu entendo que isso é um processo [...]**". A nosso ver, o problema se esbarra nessa *perda de controle*, o que nos parece estar o tempo todo se autocontrolando, prevendo o erro, antecipado reações alheias. Entretanto, o sujeito entende que se trata de um processo, composto por etapas. E, com o passar do tempo, na medida em que não estiver cheio de expectativas, prevendo gagueira, tentando não se cobrar tanto, acabará percebendo que uns gaguejam mais, outros menos, mas gaguejam.

Observará, por exemplo, que os bloqueios são naturais e a tão almejada fluência sempre esteve presente, o que segundo Scarpa (1995) é uma condição utópica, porque ela (a fluência) é caracterizada por sua negação, mas *todos nós somos gagos, já que a disfluência é constituinte do discurso* (SCARPA, 1995, grifos nossos). E, como efeitos, na prática, não estará se cobrando tanto, já que, como pontua o pesquisador, “*essa expectativa acaba gerando cobranças em você*”. E ele (o sujeito **Caio**) reconhece nos próximos segmentos discursivos **5**: “**é, cobranças, e eu já me vi cobrando. E já me**

cobro muito. É um traço de personalidade meu. Eu estou, assim, procurando, mudar” e 6: “Esse é o dilema, não se cobrar”. Ao longo das análises, procuramos deixar claro que a fluência ideal/absoluta é o objeto dos desejos da posição discursiva de *sujeito-gago* e, quanto mais existem cobranças, a gagueira ficará evidente.

Porém, só com o passar do tempo, tal fluência vai sendo entendida como uma abstração, sendo, portanto, impossível de alcançá-la, pois ela (a fluência) não existe. Desse lugar, o deslizar com pausas, bloqueios, hesitações serão percebidos e aceitos pelo sujeito **Davi**, como podemos verificar, também na sessão do dia 27 de abril de 2019, no segmento discursivo 5: “[...] **Então, a partir de ter se sentido compreendido e não me sentir só. Foi muito legal assim, isso me ajudou até de não me preocupar mais, sabe?! O que vocês estavam falando aí, eu acho que faz muito sentido, às vezes a gente tá tão preocupado, digamos assim, com o rótulo que a gente não quer sair dele. Tipo, às vezes, eu sou gago, eu gaguejo, influencia mais do que realmente a própria gagueira [...]**”. Ou seja, “o grupo tem sua importância reconhecida na determinação do comportamento individual” (SOUZA *et al*, 2011, p. 140). E o Grupo de Extensão/Apoio, em consonância com os fundamentos da Abra Gagueira (2018), sempre se propôs à discussão de diversos temas, dentre eles: as causas, ocorrência na população, tratamentos existentes, desmistificações de mitos, depoimentos pessoais, logo, **“isso me ajudou até de não me preocupar mais, sabe?!”**.

Os encontros, como já dissemos, entre tantas discussões realizadas, procurou salientar que no contexto social, temos o *sujeito-gago*, aquele que traz sobre si uma *imagem estigmatizante de falante*, constituído a partir da circulação de sentidos de um interdiscurso que cristaliza dizeres da *ideologia do bem falar*, por isso, na prática, pela inscrição na FD de *sujeito-gago*, reverberam tais discursos. Realmente, se formos pensar na questão do *rótulo*, ele é um elemento expresso não só por esse sujeito, anteriormente, mas também, verificado no segmento discursivo 7, do sujeito **Caio**: “[...] **E eu sinto que eu tenho um rótulo, é que existe uma tendência, um padrão de fala que foi constituído em mim, que eu imponho mais por busca, que até agora não identifiquei, porque isso me angustia muito, eu sinto como**

estar em uma luta cega, sem ver o inimigo, porque como não tem uma definição, algo claro, se foi algum, alguém que desencadeou esse padrão de fala, às vezes, eu busco diversas armas pra ir contra ela. Mas ir contra quem?' Tratando-se, portanto, da caracterização da memória discursiva/do dizer de ambos, que tratou de recortar de determinada FD, o interdiscurso, a saber, os sentidos, possíveis e imagináveis, que estão presentes nesse espaço discursivo deste e daquele, quer dizer, aquilo que foi eleito pelos dois.

De posse de tais sentidos, a constituição de uma posição discursiva, no caso, de *sujeito-gago*, identificado (forma-sujeito) na respectiva FD, na prática, agirá de várias maneiras, **Caio 8: “eu pratico yoga, hipnose, técnicas de respirações. Já fiz tentativas de regressões, com hipnólogos, só que online! Não tivemos muito sucesso, [...], isso não me ajudou. [...] é uma busca que ficamos perdidos, [...] eu não sei lidar, por mais que eu tente, com esse problema, essa condição de fala. Eu vejo em minhas situações diárias é que uma condição de fluência me proporcionaria uma condição de vida totalmente diferente que evitaria muitos problemas também”**. Tudo isso, para *livrar-se* da gagueira e alcançar a suposta ideia de fluência impecável, plena, absoluta, ideal, na qual não haja a possibilidade de gaguejar, porque a gagueira, desde sempre, parece-nos que ocupou ao longo da trajetória desse sujeito, um lugar de *doença*, vergonha, preconceito, *anormalidade*.

Ao ouvir o relato desse sujeito **Caio**, o pesquisador diz: *“interessante as experiências! Mas há um tempo”*, ou seja, muito possivelmente, o contato com outros sujeitos que gaguejam, como ele (o pesquisador), trataria de desmistificar, por exemplo, a ideia de fluência perfeita entre os participantes do grupo. Como pode ser averiguado na reunião do dia 18 de maio de 2019, através do segmento discursivo **9** de **Caio**: **“é. Digamos assim, colocar a sua posição, o seu nível de pessoa que gagueja, como você se classifica”**. Ao compreender o que traz o sujeito, de imediato, faz o pesquisador reafirmar: *“Como eu me vejo, né?! Enquanto sujeito que gagueja, que tem fluência”*. Em que ao estar identificado (forma-sujeito), na FD de *sujeito-fluente*, essa posição discursiva percebe que gaguejar é natural, não se preocupando, portanto, com que o outro pensa ou diz, em relação a ele ou sua gagueira. Em vista disso,

notamos como os encontros em grupo, num clima agradável e acolhedor, com afetuosa integração e amizade, trouxeram significações entre os participantes. Proporcionou, assim, rica trocas de experiências, compartilhando dúvidas, angústias, medos, vitórias, conquistas e a superação de desafios (ABRA GAGUEIRA, 2018).

Pensando na superação de desafios, entendemos o quanto foi/é importante ajudarmos os sujeitos na desmistificação de ideias que circulam no meio social/discursivo, a saber, que um *mal falante* seria aquele que gagueja. E, em contraponto, teríamos um *bom falante*, um sujeito que supostamente, não gagueja. Isso pode ser retratado, quando **Caio 10**, vai esclarecendo ao longo dos próximos segmentos discursivos: “[...] Segundo minha fono, **eu apesar de gago, criei a imagem de um bom falante, eu zelo pela minha fala, isso me incomoda muito, [...], é porque eu como gago, sempre inconscientemente ou consciente**”. Nesse imbricamento, a ideologia é inconsciente e materializada no discurso (FERREIRA, 2015), por consequência, existe a substituição de palavras consideradas difíceis, por outras compreendidas como sendo mais fáceis (AZEVEDO, 2000). Na medida em que vai enunciando, “[...], **eu mantenho, cultuo uma imagem, um estereótipo de bom comunicador, de bom falante [...]. Com relação a essa questão de eu ser um bom falante ou não, a minha psicóloga disse que preciso desconstruir essa ideia que eu fiz de mim, que tenho de mim, que eu mantenho de mim de um bom falante**”. Assim sendo, o sujeito, é da ordem da história, da ideologia, do inconsciente e da linguagem (FERREIRA, 2015). Desse modo, por estar *preso à forma*, é comum afirmarmos: *parei; gaguejei*. Buscando autocontrole, com isso, não nos permitimos, por hipótese alguma, pausar, prolongar, bloquear.

Como já afirmamos, aquele que, supostamente, não vai gaguejar, como verbaliza, **Caio 11: “daí, cria-se uma cobrança e uma principal não aceitação da gagueira, que teria de ser trabalhado para desconstruir isso comigo, [...]. Pra mim, a gagueira é um padrão de fala, agora, como ele se gerou é outra coisa, é incerta**”. Isso ocorre porque acaba “desviando-se, ou não, do discursivo, atribui valor à forma, em detrimento do sentido, ou seja, aliena-se na língua” (AZEVEDO, 2000, p.39, grifos da autora). Na medida em

que começar a trabalhar essa *imagem estigmatizante de falante e/ou bom falante*. Diante de tal constatação, teremos mudanças de atitudes e discursivas frente às várias instâncias sociais. Do contrário, por ora, deparamo-nos, ainda, com um o sujeito, ainda, *preso* ao significante de incapaz, impossibilitado. Demonstrando isso, no encontro do dia 03 de agosto de 2019, quando questionado pelo pesquisador: “*você acha que a gagueira, ela impossibilita você se fazer entender?*”. E como resposta, **Caio 12**: “***eu acho, confesso que sim [...]. Aí, eu me apresento e digo: calma, que eu sou gago***”. Tencionando ajudá-lo, uma vez mais, o pesquisador problematiza: “*só para você pensar: será que já não começa se impossibilitando, dizendo que é gago, tem necessidade disso? Nem nos conhecemos!*”. E **Caio 13** constata: “***é, e torna ridículo eu dizer [...]. Mas eu digo isso, quando eu começo a ter sérios bloqueios, aí, eu vejo que não vai dar mesmo, aí, pra quebrar o gelo, pra eu ficar menos tenso, eu deixo claro [...]. É como se fosse uma justificativa***”. Acreditamos que se faz desnecessário o sujeito criar qualquer tipo de justificativa frente aos seus interlocutores, porque não houve nenhuma cobrança e isso só alimentará gradativamente a *imagem estigmatizante de falante*, decorrente da sua inscrição na FD de *sujeito-gago*.

Trata-se, portanto, de uma das suas formações imaginárias, frente às várias condições de produção de seu discurso. Podendo, inclusive, ser resultado de uma experiência vivenciada, como relata, **Caio 14**: “***é, já, também. Há alguns meses eu estava fazendo uma pesquisa de preços em lojas para comprar uma mochila, aí, uma vendedora vendo quando eu apresentei os bloqueios, ela caiu assim no riso. Eu ri, mas por dentro, fiquei destruído, bem pra baixo. Mas ri com ela, não por ser bem resolvido, um riso de constrangimento. Só que por fora é uma coisa, por dentro, outra situação***”. Percebemos que, quando passam por alguma situação de riso frente ao outro, causando constrangimento, eles (os *sujeitos-gagos*) também riem, ao invés de, se posicionarem de maneira firme, com discursos: *não entendo o motivo do riso; não sei por que está rindo; para mim gagueira não tem graça*. Mas gera, desencadeia uma série de sofrimentos, porque a discriminação da gagueira está sedimentada em discursos carregados no interdiscurso da sociedade que discriminam e colocam o *sujeito-*

gago na condição do engraçado, o descoordenado, o inseguro, como se pode acompanhar em novelas e filmes veiculados na mídia (AZEVEDO, 2019, grifo nosso).

Em seu último segmento discursivo, referente ao encontro do dia 16 de março de 2019, notamos que quando o sujeito **Davi 6** destaca: [...] **“E eu não me considero, assim, muito, muito, muito gago, [...]. E eu espero que eu possa falar mais, mais fluidamente, porque eu percebo que muito de mim, é minha autoanálise, [...], porque é como se minha respiração parasse enquanto eu to falando nervoso e gaguejo”**. Entre a produção dos muitos efeitos de sentidos, interpretamos que ele ainda encontra-se inscrito na FD de *sujeito-gago*, pois mesmo utilizando-se do advérbio de intensidade repetidamente, **“muito”**, isso não o faz se considerar um gago em alto grau. Mesmo assim, percebemos que a sua forma-sujeito, ou melhor, dizendo, a sua identificação em tal FD, revela sua posição discursiva de *sujeito-gago*, pois espera ter mais fluência. Como se mesmo apresentando a gagueira, não fosse capaz de fazer-se compreender pelos seus interlocutores. O resultado de sua **“autoanálise”**, uma cobrança exagerada pela fluência, muito comumente relacionada às formações imaginárias. Gera provável antecipação, previsões, muito sutis e quando menos percebemos, já estamos fazendo: “e, então, na prática, causam tensões corporais. Questionado sobre essa falta de respiração e o que estaria *“pensando para que isso ocorresse”*, Davi 7, responde: **“eu não sei”**. Contudo, mesmo não apresentando uma resposta concreta sobre o porquê de em dada condição de produção, sentir-se assim, acreditamos que tal questionamento, seja terapêutico, no sentido de que ajudará a debruçar-se sobre questões subjetivas. E, como um dos efeitos, poderá rever o problema, minimizando-o. Já que, em AD, “dizemos que sentido e sujeito se constituem ao mesmo tempo e, com isso, queremos dizer que ao significar, ao produzir sentidos, o sujeito também se significa” (SOARES, 2017, p.35).

Em consequência, poderá gerar uma mudança significativa de atitudes frente às situações sociais e discursivas. Por fim, ao analisarmos o último segmento discursivo, extraído da reunião do dia 18 de maio de 2019, do sujeito **Caio 15**: **“é, por hora, eu acabo por constatar que eu não sou gago puramente, sou até por situações, pior do que gago, uma palavra grosseira**

que dizem por aqui: **é um ser tapado [...]**". Sua forma-sujeito, identificação à FD de *sujeito-gago*, faz com que se veja cada vez mais, num caminho nocivo e tortuoso, fechado, vendado. Resultando em sua posição-discursiva de *sujeito-gago*, em que, complementa ele, **“a voz bloqueia, trava, prolonga, coisas básicas [...]. Por mais que eu tente verbalizar, eu começo e acabo travando totalmente e acabo desistindo”**. Nessas condições, percebe a gagueira bem antes de ela acontecer, porque ele (**Caio**) prevê o seu erro e, quando ocorrem os bloqueios, repetições ou prolongamentos de sons, não é nenhuma novidade, porque já sabia de tudo.

6. 1. 4. A posição discursiva de *sujeito-fluente* analisada em grupos

Em seus respectivos contextos e formações os Grupos de Extensão/Apoio GEAG UNICAP e UPE/Campus Garanhuns, cada qual a seu modo, propiciaram um repensar no processo discursivo dos sujeitos. Ambos, em suas finalidades, revelaram-se como espaços de ressignificação àqueles que ao verem na posição discursiva de *sujeitos-gagos*, segundo as suas respectivas inscrições na FD de *sujeito-gago*, que entre outras coisas, baseia-se no conhecimento de senso comum, disseminando “a crença de que a fluência é absoluta e a disfluência é um problema” (FRIEDMAN, 2018c, s/p).

Entretanto, quando descobrem, por exemplo, de que a ideia da fluência absoluta é um mito, pois fluir significa disfluir e isso faz parte da linguagem, ocorre a *contra-identificação* da FD de *sujeito-gago* e inicia-se o processo de *desidentificação* da mencionada formação. Conseqüentemente, temos uma inserção na FD de *sujeito-fluente*, que ao identificar-se a essa nova FD, assume também a posição discursiva de *sujeito-fluente*, reconhecendo, então, novos saberes diante das situações discursivas, frente a outros sujeitos.

Diante dessa constatação, a seguir, nesta quarta sequência discursiva, objetivamos discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-fluente* em grupos.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA IV
Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP
<i>P. O Grupo tem te ajudado a ver que a disfluência é algo natural, [...] Que não há essa fluência cem por cento, [...] Aos poucos você vai vendo que consegue falar [...].</i> Antônio 1. E antes mesmo, né, quando eu cheguei aqui no primeiro dia, eu acho que eu tava assim, né, a minha fala, tava mais baixa. Mas eu acho que eu to me

achando mais melhor, porque eu antes pra falar com alguém, minha mãe, onde eu moro, eu falava ruim mesmo [...] Mas eu mesmo to assim: falo com um, falo com outro, falo normal mais, despreocupado, falo, falo.

P. A tua inserção no grupo tem ajudado em que sentido, assim? Tu dizes que já estás tendo uma melhora e tal.

Antônio 2. É porque, antes, assim, quando eu falava do modo mais calmo eu achava ruim falar, quando falava baixinho, ficava travando. Ainda quando eu vou falar trava muito ainda, mas eu acho que eu melhorei mais, assim, agora, do que antes, tô mais melhor.

P. O grupo tem te ajudado a ver o quê?

Antônio 3. É porque assim: eu antes pra falar eu tinha mais medo com alguém do meu lado assim, né, mas agora, não, pra mim o que me ajudou mais foi o grupo.

Porque eu antes tinha vergonha, nervoso pra falar, aí ficava ruim.

Antônio 4. Antes mesmo de vir, do meu primeiro dia, de eu vir pro grupo aqui, né, eu tinha medo de falar com alguém na rua. Eu travava muito mesmo, [...] gaguejava muito [...] Mas, agora, eu falo mesmo normal, se gaguejar ou sim ou não.

Antônio 5. O meu momento que eu cheguei aqui, foi bem mal no grupo. Ficava calado, cheguei aqui na metade de agosto do ano passado. [...] Eu antes pra falar era difícil, [...] Eu era gago, tinha medo de falar com os outros, todas as quartas eu venho pro grupo e tenho visto uma grande mudança minha.

Antônio 6. E também deixar que aquela confiança entre, mesmo você falando ou travando, [...] ou fluentemente, mas mesmo assim, fale [...], minha mudança foi muito boa. Até minha mãe disse: você está ótimo mesmo!

P. Você acreditar que vai gaguejar, traz mais gagueira.

Antônio 7. Bom, quando eu cheguei aqui, no ano passado, em agosto, cheguei cabeça baixa, não falava nada, bem calado [...] Aí, agora, depois de uns tempos depois, né, eu mudei! Porque eu tinha momentos que eu travava, né, eu travo, mas eu falo, antes eu nem falava, mas agora, eu enfrento, com disfluência ou não.

P. Quanto mais você se desligar de travar, menos você vai travar. É a grande questão, né, quando você deixa pra lá, fala e pronto.

Antônio 8. [...] Eu to aqui no grupo há um ano e três meses, né, [...] vim bem ruim pra cá, eu evitava falar com alguém, porque eu travava, né, tinha bastante disfluência, tinha medo de falar, [...], mas depois de uns mês eu melhorei e comecei a falar mesmo com muita disfluência ou não, eu não quero saber e falo mesmo, né?!

Antônio 9. [...] Tenho 25 anos, cheguei aqui no grupo no segundo semestre de 2014, pronto, de lá pra cá, eu tenho vindo [...], e, eu mudei, dou umas travadas em casa, quando eu fico preocupado, um tiquinho de nada, um pouquinho, eu não fico tão preocupado como era antes, mas eu nem ligo mais, eu extravaso em casa, com minha mãe, com meu pai, minha família, meus amigos, e eles não ficam dizendo feito era antes: “oxe, menino, tu tá ruim mesmo, né?” Eles nem falam isso mais, não me sufocam mais e levo a minha vida assim: pergunto, tiro dúvida, tudo isso depois que eu vim pro grupo aqui.

P. E está super bem [...] Você está melhor, uma diferença, grande mudança. O grupo não faz milagres. Os sujeitos precisam frequentar e participarem, não é?

Beatriz 1. E é um exercício diário, né?

P. E o caminho é esse mesmo, né, falar e pronto!

Beatriz 2. Interessante, [...] Eu mesma já canto em karaokê e não gaguejo.

P. Mas aí, o telefone melhorou depois disso?

Beatriz 3. O telefone hoje eu não tenho problema, não: atendo, ligo!

P. Que bom!

Beatriz 4. Eu até apresentei o trabalho na sexta passada, mas aquele nó. Se lembra daquele nó na garganta? Saiu, aí, até pareceu que descongestionou aqui

na garganta. Eu fiquei tão feliz e aí depois na outra sexta, aí eu fui ver os outros grupos apresentando e antigamente eu achava que só eu era ruim, que apresentava ruim, porque eu gaguejava e, aí, eu vi que inúmeros também gaguejam, [...]. Ninguém é totalmente fluente.

P. E é daí que vem uma nova mudança.

Beatriz 5. E eu tive essa mudança, de perceber a minha voz e a dos outros.

P. É indispensável o enfrentamento.

Beatriz 6. Então, eu já estou evoluindo, mudando já.

P. Com certeza. E utilize isso pra na próxima situação. Você já está em mudança. Aí, eu pergunto: o que tá te possibilitando essa mudança? A gente já poderia falar em um antes e um depois? Como seria esse sujeito Beatriz quando chegou e como seria agora?

Beatriz 7. Já, já. Quando a Beatriz chegou aqui, ela achava que só ela era gaga. E a gagueira era uma incapacidade dela, pessoal, profissional, entende? [...] Era como se eu não existisse, aí, eu fui buscar e estou totalmente focada na minha fluência. [...] Eu falo mesmo. E antes, eu intimamente eu evitava mandar áudios por causa da fala, [...]. Mas aí eu comecei a me forçar mais a mandar áudio, mas ainda eu to assim, engatinhando nisso, eu vou tentar mandar mais.

P. E é muito bom como exercício. Como você se vê, como vê a gagueira [...]

Beatriz 8. Isso, como você se vê. E isso é muito importante, porque não é de uma hora pra outra, mas de você vir participando, você sente mudando mesmo, eu me sinto me percebendo mais, é interessante isso.

P. Muito bem! Exatamente, porque o que é comum nas pessoas que gaguejam é perceber gagueira e não perceber fluência. Esse é o caminho! [...] a nossa abordagem vai contra o treinamento.

Beatriz 9. Porque mascara.

P. Faz você se libertar daquele estigma de gago.

Beatriz 10. Eu hoje estou feito ele, porque naquela primeira semana que eu tive aqui, eu vim pro grupo, uma fala sua, falou assim: [...], eu gaguejo, mas não me vejo como sujeito-gago e uma fono falou assim: ele não é gago, se ele não se vê como gago, então, ele não é gago e isso eu fiquei não é?! Pois, hoje, eu estou na sua posição.

P. Pois é, eu gaguejo, mas não me vejo como gago.

Beatriz 11. Eu também não me vejo mais, eu hoje eu não sou gaga.

P. Muito bem, então, isso é o ideal [...], essa mudança de posição, você não se incomoda mais.

Beatriz 12. E eu achei ótimo, [...] pra mim foi muito importante conhecer o grupo, novas pessoas, falar, ter outro tipo de abordagem, até conhecer sobre a gagueira.

P. Que bom. No dia-dia o que foi que você notou que vem fazendo que não fazia antes para chegar nessa mudança de hoje enquanto falante?

Beatriz 13. Primeiro, é um grande alívio, se lembra de que eu falava que eu tinha uma bola aqui na garganta, no pescoço que até me impedia de respirar.

P. Hum hun, sim.

Beatriz 14. Foi um grande alívio ver essa bola se dissolver, agora, o que foi? Eu não sei. [...] Eu não sinto mais esse travamento, era uma coisa orgânica, tremia, suave, parecia que eu ia morrer, [...], aí, você vê que isso dissolve, que você pode até gaguejar, mas pra você não tem importância, por exemplo, eu agora mudei de faculdade, aí, eu apresentei trabalho, devo ter gaguejado, mas aí, isso não me afetou, [...] não fiquei com trauma, não foi ruim pra mim.

P. É como dizemos sempre aqui no grupo: tudo muda quando você muda! Essa mudança é você quem tem que reconhecer primeiro. Outra coisa, e aquilo que você comentava: que ia com tudo preparado e quando chegava na hora falava bem pouquinho, e aí?

Beatriz 15. Era. Agora, não, pois eu falo o que tem que falar, não resumo nada, simplesmente.

P. Que bom, eu lembro, você dizia que: ficava frustrada, porque tinha tanta coisa pra falar, mas enxugava tudo porque o professor podia achar que você iria gaguejar, travar.

Beatriz 16. Não mais. Eu enfrento!

P. Pois é, isso é uma evolução.

Beatriz 17. Mas uma grande evolução mesmo foi a bola desaparecer, você não sabe o alívio mesmo, era orgânico, é impressionante.

P. E como justifica essa bola ter sumido assim, você acha que não tem a ver com você acreditar mais em você?

Beatriz 18. Eu não sei te dizer. Sim, de certa forma, sim e o grupo.

UPE/Campus Garanhuns

P. O grupo de Extensão - Apoio é um espaço para pessoas que gaguejam [...]. Eu sempre digo: eu gaguejo, mas não me vejo como gago [...]. Esse espaço é para compartilharmos nossas experiências, [...] faz parte desse processo ver a chegada de vocês e os desdobramentos discursivos de cada um.

Caio 1. [...] depois de tanta esperança, tanta fé que de um dia para o outro Deus poderia fazer um milagre, eu cansei disso e por outras motivações que comecei a me abrir mais. Pelo passar do tempo, aconteceu alguns despertares e amadurecimentos. Eu cansei de esperar por um milagre e procurei ser eu o milagre e, aí, intensifiquei a busca pela tão almejada, utópica fluência.

Davi 1. [...] hoje eu me vejo bem melhor comparado há uns anos atrás por conta da gagueira em si. E, assim, eu não sei se a minha gagueira esteja muito associada com minha timidez, [...].

P. Estamos vendo. Aí, você fala da questão da timidez [...].

Caio 2. [...] Eu por algum tempo, fui preso a isso, [...] nós aprendemos aqui a conviver com a gagueira, fazer as coisas, apesar dela, não adequar-se a ela. Essa possibilidade me alegrou muito.

P. E o grupo confirma muito essa questão de união, apoio, encorajamento [...]. Qual a importância de um grupo para vida de vocês, no que vai ajudar?

Caio 3. [...] pode se ter algo bem construtivo, talvez, até do que a própria terapia fonoaudiológica [...], ela mesma disse: todas as técnicas para você superar a gagueira; pra controlar, eu já domino. [...] E aqui é, por estarmos entre iguais, vai ser uma coisa mais direta, construtiva, [...], justamente, essa questão de você tá tendo o contato com outras pessoas, que estão passando pela mesma situação [...]. A gente se sente completo. O grupo aqui vai ser muito importante pra nós perceber o quanto temos em comum, [...].

P. Interessante, [...]. Gostaria de saber como foram essas semanas, [...], a dinâmica familiar depois do grupo, desse primeiro contato, [...].

Caio 4. [...], eu intensifiquei a busca por essa bendita fluência. E, de certa forma, me comprometi mais, passei a acreditar mais, por você, que eu vi um exemplo, uma prova viva de ver um ex-gago adulto, [...]. Eu agora, com a fala, com o pensamento que você trouxe, eu estou, assim, procurando mudar a definição de gago, [...], aí, eu estou procurando mudar para eu gaguejo, são situações que gaguejo.

P. Hum, que maravilha!

Caio 5. Porque pode parecer apenas uma mudança de palavras, mas muda toda uma visão [...], é um insight.

P. Muda! Você tocou num ponto crucial, tudo muda, quando você muda, [...]. Já fala em uma mudança, então, como seria o Caio que chegou aqui pela primeira vez, antes do grupo e como seria hoje?

Caio 6. [...], essa mudança de ver a própria gagueira uma crença maior na fala [...], não só comparado ao último encontro, mas a partir de dois anos pra cá, eu tive uma grande mudança, a ponto de surpreender as pessoas próximas e a mim mesmo. Para pessoas que não me conheceram antes, pode parecer pouca a mudança, mas foi e está sendo significativa [...]. É uma diferença pra de cerca de três meses sem sair de casa, pra em um período de um ano, fazer cursos de domingo a domingo, pois é uma diferença de não ir para uma simples compra de pães, pra ir comprar pães [...] e, assim, resolver as coisas [...]. Eu tenho batalhado.

P. Que bom, então, quer dizer que o grupo veio fortalecer esse seu processo de mudança [...]. O que o contato com o grupo [...] a partir da nossa primeira reunião, trouxe de novo pra você, Davi?

Davi 2. Muitas coisas novas, que foram ditas na reunião anterior de experiências de vida, de questionamentos mesmo. Eu achei muito interessante, fiquei pensando: e a partir de tudo isso, ir desconstruindo algumas coisas na minha cabeça assim.

P. A palavra é essa: desconstruir.

Caio 7. Desconstruir para reconstruir [...], crenças até sobre a gagueira em si. Como o que no primeiro encontro, o que se sobressaiu, pra mim foi essa mudança de posição, de visão sobre a fluência, ser gago ou ter situações de gagueira.

P. E essa reconstrução vai promover uma ressignificação nos nossos discursos [...]. É tudo o que já vimos ao longo desses três encontros, você nunca vai encontrar essa fluência cem por cento/ideal, [...].

Caio 8. Olha, [...] eu sinto que após o último encontro, [...] senti que a minha ansiedade diminuiu, muito por eu ter conseguido exteriorizar, [...], principalmente aqui, somado as outras sessões, com fono, psicóloga e psiquiatra. Estou passando, principalmente, [...] por uma certa desencanação, de não ter tanta pilha com a gagueira, eu consolidei ainda mais a minha fluência com a minha mãe, [...] perceber quase cem por cento de fluência e bastante bloqueios em situações de falas em cantos, em situações exteriores, de não tá me frustrando tanto, como antes.

P. Precisamos desconstruir essa imagem de que há um bom falante e/ou mal falante!

Caio 9. Isso acaba se tornando padrões de fala. O grupo só veio para agregar, complementar valores para aquilo que eu já comecei a querer mudar lá atrás.

P. Até que ponto o grupo tem te ajudado, hein?

Caio 10. [...] Eu saio daqui mais realizado, porque eu consigo aqui mais êxito na questão de exteriorizar as coisas que eu trago pro grupo, do que com os próprios profissionais, [...] todos eles colocaram pra mim: que eu tinha que fazer as coisas, apesar da gagueira. Isso me doía muito, me frustrava muito, porque se eu os busquei, foi para superar esse impeditivo que era quase cem por cento pra mim antes, [...]. Mas com o passar do tempo, eu de certa forma, tive que vivenciar isso mesmo: apesar da gagueira, não esperar a fluência total para fazer as coisas.

P. [...] Lembra quando eu perguntei: ao longo desse tempo que passaremos aqui, quais seriam as demandas de vocês, o que desejam do grupo? [...].

Caio 11. No caso, esse processo eu já vinha algum tempo atrás, vinha caminhando no que foi proposto aqui. Os encontros não seriam um ponto de partida e, sim, uma continuação, um braço a mais, caminhar para algo maior [...], foi pelo enfrentamento que eu comecei em novembro de 2016. Aqui complementou ainda mais.

P. Que bom, o grupo veio agregar valores e isso é muito bom [...].

Caio 12. Extrair isso de mim para que em tese, entre aspas, eu me tornasse uma pessoa de certa forma, assim, normal [...]. Assim, eu estou fluente, [...], não

estou cem por cento bem resolvido, [...] ainda escondo ou temo que escape assim, para que todos vejam, [...]. Se apresentar como gago, [...], isso me empodera mais, faz que eu espere menos fluência e que o meu constrangimento pelo fato de bloquear seja menos.

P. Preciso discordar de você, quando diz que nunca será normal [...] Quem não gagueja? [...]. Oi, Davi, apareceu, tudo bem?

Davi 3. Oi, faltei dois meses, né? Estou bem. Uma vez foi por descuido, outra vez, por trabalhos na faculdade. [...] uma coisa que eu andei percebendo muito, principalmente, antes de vir pra cá, é que às vezes que eu gaguejava têm reduzido muito. Acho que, principalmente, depois de algumas coisas que vocês comentaram aqui e que eu fiquei refletindo também sobre os momentos, principalmente, as situações, por que eu gaguejo em dado momento dizendo uma coisa e em outro eu não gaguejo? Aí, eu fiquei pensando, eu sou um indivíduo gago ou que gagueja? Aí, eu não sei, mas eu acho que eu to mais pra esse indivíduo que gagueja às vezes. Mas aí, normalmente eu percebo uma outra coisa, estou reduzindo.

P. Chegou ao ponto certo.

Davi 4. Assim, em todo momento, eu ficava tenso pra qualquer coisa que eu ia falar, apresentar um trabalho e, geralmente, eu acabava gaguejando. Mas, aí, foi depois dos momentos que a gente teve aqui que eu comecei a ficar realmente bem mais de boa e, aí, eu percebo que tá sendo muito raro eu gaguejar. Mas, aí, também percebo que é outro processo que tá acontecendo, [...] não só em termos de mudança no discurso, mas enquanto pessoa mesmo [...].

P. Que bom que o que a gente diz aqui fica como um eco que vai reverberando mais e mais. E você vai lembrando e vai ecoando.

Davi 5. Eu sempre me preocupava com alguma coisa que eu ia falar em público, na minha turma, a primeira coisa que eu pensava era: e se eu gaguejar? Só que agora quando eu tiro essa preocupação, eu nem percebo mais.

P. Esse é o ponto crucial no processo de mudança de posição discursiva [...].

Davi 6. A última vez que eu me lembro de ter gaguejado, realmente eu tava muito tenso, aí, por isso.

Caio 13. Evoluiu mais do que eu [...].

Davi 7. De alguma forma, me fez perceber e tal que eu não fosse gago, gago, gago, sabe?! Mas realmente, tiveram uns anos atrás, [...], era muito mais forte e um período que eu me sentia muito sozinho. Eu nunca estive com nenhum outro gago, eu ainda estava sentindo uma espécie de solidão [...], e ter encontrado outras pessoas que passam pela mesma coisa, sei lá, é confortante, uma coisa muito boa [...]. Aí, agora, cada vez mais eu to me sentindo mais à vontade, agora, com mais naturalidade.

P. E como foram algumas semanas, desde o último encontro?

Caio 14. Foi bom. Ultimamente, eu não tenho ligado e foda-se! E gaguejar mesmo, [...]

P. O que significa esse foda-se?

Caio 15. É um certo maior reconhecimento de sujeito que tem fluência, que até então, é, gagueja. Eu meio que aceitei mais que esse é meu, pelo menos, até então, meu padrão de fala e não me devo subjugar tanto com a fala, com muitas pessoas próximas [...]. Segunda eu comecei o curso superior, aí, por ser um curso novo, professores, o de ontem propôs a cada pessoa se apresentar e contar por que escolheu o curso. Confesso que foi uma situação muito tensa por ser, quase, cem por cento uma turma nova.

P. Qual o curso?

Caio 16. É o curso de ADS, tecnólogo em análise e desenvolvimento de sistemas. Aí, eu por mais que eu fiquei tenso, esperando a minha vez, mas pelo menos, dessa vez, eu não fiquei chateado [...], e nem quis fugir e nem tão pouco tentei

[...]. Aí, eu sempre me lembro de você, né, que sempre traz, digamos, uma provocação, assim, [...] e de pronto eu aceitei, que eu iria ter os meus, como sujeito que gagueja, meus bloqueios, e supostamente que após isso, a turma ou alguns, ou boa parte poderiam rir. Coisa que não aconteceu, ao menos que eu vi.

P. E Davi, como é que está?

Davi 8. Eu também estou ótimo, [...] agora, aproveitando as minhas férias, procurando ler bastante, sobre a minha gagueira, eu não tenho muito que dizer dessa vez, não tenho muita coisa a comentar.

P. E as situações de fala, você já não se preocupa com a gagueira, ou ainda tem algum momento que você ainda se preocupa?

Davi 9. Às vezes, eu gaguejo ainda. Mas, aí, quando eu to gaguejando agora, principalmente, depois de vir aqui no grupo, eu simplesmente não dou mais a mínima, porque aí, quando eu percebo que eu não dou mais a mínima, a outra pessoa nem percebe que eu gaguejei [...]. Agora, eu parei muito de planejar, assim, vou [...].

Caio 17. [...], Eu posso dizer que segui os conselhos deles, até mesmo você me trouxe isso, o seu histórico, seu depoimento [...]. Hoje eu encaro algumas coisas que algum tempo eu espernearia pra não vir ou não viria e nem acreditava que conseguiria.

P. Hoje você enfrenta todas as situações que lhe são propostas Caio, assim, socialmente?

Caio 18. [...] Antigamente, eu tinha pressa em concluir que saísse as minhas, tanto sílabas como palavras, agora não, eu paro, sei, eu sinto que não vai, às vezes, né. Mas eu espero alguma coisa e acaba fluindo, [...] antes eu acabava substituindo palavras [...].

P. Você encarou o problema e, agora, bateu, eu vou, enfrento. Olá, Davi, como foram essas semanas?

Davi 10. Cortei o cabelo e um monte de coisa na minha vida [...] a gente precisa de mudanças, de vez em quando, dói, mas é necessário! Bom, [...] sobre gagueira, especificamente, eu não tenho nenhuma experiência como gago [...]. A minha fala tá bacana, é, tá bacana! É que nem eu disse, nos encontros anteriores, eu simplesmente parei de me importar, e eu to vendo resultados muito positivos nisso.

P. Que bom, a fala flui e você não se preocupa mais.

Davi 11. É, e quando eu gaguejo eu já não to nem aí, eu já não me culpo, e vocês como estão?

P. Bem, a gagueira, também, como sempre, não me preocupa em nada.

Caio 19. [...], esses trinta anos de vida, eu já amadureci, mas ainda, eu reconheço que tenho ego, uma certa cobrança, inaceitação. Apesar de que já caminhei muito, nessa questão de ser um sujeito que gagueja, mas ainda é uma pedrinha no meu sapato.

P. Olha aí, um sujeito que gagueja. E assim, você já vinha tão bem, se permitindo apresentar seminário, viver situações de seminário, explorar a oralidade.

Davi 12. Agora, Caio, [...] eu acho muito legal a sua postura em perceber que você tem sempre se lembrado do seu estágio de evolução e isso é super bacana, apesar dos problemas, [...].

P. Então, se é a gagueira, procure enfrentar, vá viver as situações discursivas, quando vier à cabeça esse emaranhado de formações imaginárias em relação a você, ao outro, enfrente, projete-se!

Davi 13. É uma palavra: resignificar, ela serve para um bocado de situações da vida mesmo.

P. Sim, falar é terapêutico, e acabamos que sendo um terapeuta do outro [...].

Caio 20. Atenuando a dor, que há um tempo foi forte, hoje já não mais.

Davi 14. Outra ressignificação, olha aí!

P. A ressignificação ajuda-nos no processo de reconstruções [...] O mais importante, é tudo aquilo que comentamos no grupo, é fazermos-nos entender.

Davi 15. [...], às vezes os colegas dizem: vai, vai, vai! Mas, aí, é que está a diferença de outros tempos, se isso acontecesse. Hoje, eu já levo com naturalidade, eu não fico dizendo: ah, desculpe, é que eu sou gago! [...], porque quando eu comecei meu curso, eu não apresentava seminários também, eu gaguejava muito, porque ficava: eu vou falar isso e isso [...], aí, eu concordei com algo que você falou, que o conteúdo é mais importante, aquilo que vamos dizer.

P. Como Davi disse aqui, que ficava preso, estabelecendo, fixando [...].

Davi 16. [...], minha última apresentação de seminário, eu sinto que eu falei muito bem, [...] uma colega de turma, outro dia, [...] ela me disse: você não precisa se preocupar, porque você fala bem, todos param pra escutar. Aí, eu, nossa, não sabia disso! [...], não liguei mais, fui desenrolando melhor.

P. Tá vendo, que interessante!

Davi 17 [...] meu aluno particular, pra dar aulas pra ele, [...] e eu pensei que seria um problema, que eu ia gaguejar muito, que eu não ia conseguir. E no final, foi o contrário, não houve nenhum momento em que eu tive que parar e dizer pra ele: olha, desculpa porque eu sou gago, só fluiu [...].

Caio 21. Mesmo ciente que sou uma pessoa que gagueja, ficou mais fácil soltar a voz. No caso, isso foi fruto aqui do grupo de apoio e fácil de colocar em prática, porque não há um certo ensaio mental do que falar, quando falar. Por esse nível de fluência ser nova pra mim, tenho cometido alguns excessos na fala.

P. Isso vem da previsão, nesse fluxo de consciente-insconsciente. Que bom, meninos, continuem assim, procurando desbravar novos horizontes, [...].

O GEAG se configura como um espaço de acolhimento, apoio, trazendo muitos esclarecimentos sobre a gagueira e as situações discursivas para os participantes, fazendo-os ver que não estão sozinhos. Por esse motivo, quando iniciamos o plano de análise desta sequência discursiva IV, debruçando-nos, inicialmente, sobre os segmentos discursivos do sujeito **Antônio 1**, notamos o quanto ele, desde a sua chegada ao grupo, em 06 agosto de 2014, reflexiona na sessão de 17 de setembro daquele ano, sobre ditames que o prendiam na posição discursiva de *sujeito-gago*: **"e antes mesmo, né, quando eu cheguei aqui no primeiro dia, eu acho que eu tava assim, né, a minha fala, tava mais baixa. Mas eu acho que eu to me achando mais melhor, porque eu antes pra falar com alguém, minha mãe, onde eu moro, eu falava ruim mesmo [...] Mas eu mesmo to assim: falo com um, falo com outro, falo normal mais, despreocupado, falo, falo"**. Se observarmos, anteriormente, na sequência discursiva I, onde investigamos discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos, esse mesmo sujeito, revela-nos que tinha dificuldades para falar com

a sua mãe, aquela que em suas formações imaginárias, em dadas condições de produção, cobrava-lhe uma suposta fluência absoluta, ideal, quando o via gaguejar.

No entanto, com o tempo, as reuniões em grupo o ajudaram, entre outras coisas, a perceber que gaguejar é algo natural, assim, quando modula o advérbio de tempo “**antes**”, na prática, temos um “depois”, que *hoje*, em sua mudança, mostra-nos a desidentificação, “é nesse momento, que o sujeito *rompe* com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito” (INDURSKY, 2011a, p.85, grifo nosso). Por isso, “**a minha fala, tava mais baixa**”, pois se *antes* escondia a sua gagueira, *hoje*, ao começar a ocupar outra posição discursiva, a saber, na FD de *sujeito-fluente*, onde mesmo havendo momentos de gagueira, eles só são observados após acontecerem. E como efeitos, provavelmente, começou a perceber mais os momentos em que é fluente, quando quase não se percebia, pois a fluência era vista como absoluta, sem deslizes ou falhas na linguagem oral.

Em seus estudos, Courtine ([1981] (1995)) não trata o sujeito em termos de “sujeito universal do discurso”, mas de diferentes *posições do sujeito*, isto é, as modalidades da relação do sujeito universal (sujeito do saber próprio a uma FD) com o sujeito da enunciação, do sujeito do enunciado com o sujeito da formulação, assim, [...], podendo, no interior do discurso, ocupar diferentes *posições ou funções discursivas* (COURTINE, [1981] (1995), grifos nossos). Por consequência, *a forma-sujeito*, trata-se do conjunto das diferentes *posições de sujeito* em uma FD, enquadrando-se dentre as *modalidades de identificação, contra-identificação e desidentificação*, expostos por Pêcheux (1988). Na prática, significa afirmar que “*a forma-sujeito abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior*” (INDURSKY, 2011a, p.86, grifos nossos). Logo, ao viver tal processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, ele (o sujeito **Antônio**) vai demonstrando ao longo dos próximos segmentos, sua antiga identificação e nova (forma-sujeito) na FD de *sujeito-fluente*, **Antônio 2: “antes, assim, quando eu falava do modo mais calmo eu achava ruim falar, quando falava baixinho, ficava travando**”. Nesse sentido, mostra através da modalização de tempo, que hoje não ocupa mais

aquela posição de vítima, que precisaria estar usando *truques*, como falar baixo ou calmo. Pelo contrário, por estar inserido na FD de *sujeito-fluente*, atualmente, cabe bem, ***“ainda quando eu vou falar trava muito ainda, mas eu acho que eu melhorei mais, assim, agora, do que antes, tô mais melhor”***. Por consequência, marca bem o *rompimento* com a FD de *sujeito-gago*, disseminando, através de posições discursivas que confirmam questões de falhas, disfluência, experiências anteriores e discursos de impossibilidade.

Sabemos que é partir da inserção no Grupo de Extensão/Apoio, ou seja, ao longo das sessões no GEAG UNICAP, que ocorrem semanalmente, no qual os sujeitos começam a perceber que o conhecimento de senso comum dissemina a crença de que a fluência é absoluta e a disfluência são problemas. Diante disso, veem a gagueira como algo que faz parte da própria fluência, não tornando a linguagem incompreensível entre os interlocutores. Tal afirmação, na sequência em análise, fica evidente quando explica, ***Antônio 3: “eu antes pra falar eu tinha mais medo com alguém do meu lado assim, né, mas agora, não, pra mim o que me ajudou mais foi o grupo. Porque eu antes tinha vergonha, nervoso pra falar, aí ficava ruim”***. E respalda, ***Antônio 4: “antes mesmo de vir, do meu primeiro dia, de eu vir pro grupo aqui, né, eu tinha medo de falar com alguém na rua. Eu travava muito mesmo, [...] gaguejava muito [...] Mas, agora, eu falo mesmo normal, se gaguejar, ou sim ou não”***. É importante esclarecermos que a gagueira não está colada nem à vergonha, muito menos ao nervosismo, uma vez que podemos nos sentir envergonhados ou tensos e não gaguejarmos. Da mesma forma, estarmos calmos e relaxados pode conduzir-nos à gagueira. Basta que haja em nossas formações imaginárias a antecipação, previsão da fala gaguejada nas condições de produção. Agora, precisamos ver que há situações que levam a mais gagueira ou menos gagueira, por exemplo, estar na companhia de familiares ou colegas.

Nesse encadeamento discursivo, lembremos como afirma Orlandi (2015), que o sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso, significando dizer que há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição-sujeito no discurso. Dessa maneira, “o enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são

pontos de relação de interlocução, indicando diferentes posições-sujeitos”. E isso se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem todo discurso, a partir da imagem, que o sujeito faz dele mesmo, de seu interlocutor, do objeto do discurso e vice-versa. Essa conexão acaba nos revelando que cada um dos lugares ocupados nas condições de produção do discurso dos sujeitos em suas formações, tem sua força na relação de interlocução e *isto se representa nas posições-sujeito*. “Por isso, essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força” (ORLANDI, 2015, p.16, grifo nosso). Ao interpretarmos esses segmentos discursivos do sujeito **Antônio**, notamos que, possivelmente, a partir de suas formações imaginárias, em dadas condições de produção, sua posição discursiva revela-nos à antecipação, pois ao estar diante de um interlocutor, a seu ver, irá censurá-lo, repreendê-lo. No entanto, “a língua por si só não desloca o sujeito para a posição de *gago*”. Logo, para que haja gagueira, é fundamental existir o outro, que “deve ocupar a posição de intérprete” (AZEVEDO, 2000, p. 64, grifo nosso).

É na prática da linguagem que os sujeitos se constituem mutuamente, sendo por meio desse processo, segundo Orlandi (2013), com a palavra em movimento, que observamos o homem falando, entendendo e fazendo-se entender, ingressando assim, na cultura, na ordem das trocas históricas e socioculturais. Desse lugar, vemos que não há discurso neutro, pois todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem, como podemos constatar, no encontro de 08 de abril de 2015, em **Antônio 5**: “*o meu momento que eu cheguei aqui, foi bem mal no grupo. Ficava calado, cheguei aqui na metade de agosto do ano passado, [...] Eu antes pra falar era difícil, [...] Eu era gago, tinha medo de falar com os outros*”. Desse modo, na FD de *sujeito-gago*, “temos posições discursivas (controle de falas, falhas, antecipação, silenciamento, disfluência, experiências anteriores, previsões, discursos de impossibilidade, silêncio)” (PETRUSK, 2013, p.75). Nessa FD, a gagueira e disfluência são vistas como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizos. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social.

A partir da inscrição em tal FD, vemos que **Antônio**, enquanto participante do GEAG identificava-se (forma-sujeito), inscrevendo-se na posição discursiva de *sujeito-gago*. Assim, esse sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado. No entanto, por estar participando ao longo da convivência no grupo e aprendendo, por exemplo, que a fluência absoluta é um mito e que fluir, inclui necessariamente, disfluir, os efeitos dessa resignificação ficam evidentes quando o sujeito finaliza: **“todas as quartas eu venho pro grupo e tenho visto uma grande mudança minha”**. E como o grupo funciona como um interdiscurso que transborda sentidos possíveis e imagináveis, presentes no espaço discursivo, descaracterizando a fluência absoluta/ideal, a *ideologia do bem falar*, a *construção do personagem de bom falante*. Com isso, por sua vez, ajuda na constituição de uma memória discursiva/do dizer, que acaba recortando dessa determinada FD, deste interdiscurso, aquilo que os sujeitos irão constituir ao longo do tempo.

Na prática, como efeitos de sentidos, de tal caracterização de um novo funcionamento discursivo, **Antônio 6**, verbaliza: **“mesmo você falando ou travando, [...] ou fluentemente, mas mesmo assim, fale [...], minha mudança foi muita boa”**. Como vimos, anteriormente, havia situações discursivas, em que, por exemplo, dizia: **“eu era gago”**, logo, mantinha-se na posição discursiva de *sujeito-gago*. Essa *prisão*, também pode ser evidenciada, quando relembra, na sessão do dia 04 de fevereiro de 2015, **Antônio 7**: **“bom, quando eu cheguei aqui, no ano passado, em agosto, cheguei cabeça baixa, não falava nada, bem calado [...]”**. Discursos como esse cristalizam o sujeito numa posição que atestava a sua gagueira. Nesse sentido, os dois segmentos em análise retratam bem a inscrição na FD de *sujeito-gago*, bem como o *rompimento* do sujeito e a sua identificação na FD de *sujeito-fluente*, como ainda nos mostra: **“aí, agora, depois de uns tempos depois, né, eu mudei! Porque eu tinha momentos que eu travava, né, eu travo, mas eu falo, antes eu nem falava, mas agora, eu enfrento, com disfluência ou não”**. Isso marca bem que se trata de uma mudança, mas para que ela aconteça, no processo de apoio em grupo, também é enfatizado que o sujeito deve desprender-se de discursos de impossibilidade, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988), pois, “na

nova FD, ele identifica-se com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas - vistas como constitutivas do sujeito/linguagem” (PETRUSK, 2013, p.75).

É possível vermos e confirmarmos a mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, quando descrevemos e interpretamos, o penúltimo segmento discursivo, recortado da reunião do dia 09 de novembro de 2015, de **Antônio 8**: “[...] **Eu to aqui no grupo há um ano e três meses, né, [...] vim bem ruim pra cá, eu evitava falar com alguém, porque eu travava, né, tinha bastante disfluência, tinha medo de falar, [...], mas depois de uns mês eu melhorei e comecei a falar mesmo com muita disfluência ou não, eu não quero saber e falo mesmo, né?!**”. Uma vez que o grupo funciona proporcionando um *grito de alerta* e despertou o sujeito **Antônio** para o enfrentamento das práticas discursivas. Com isso, algo impactou a sua vida fazendo-o *romper* com sua identificação (forma-sujeito) que expressava um discurso de impossibilidade, assumindo-se numa nova FD que evidencia uma fluência que é imprevisível, onde o mais importante é fazer-se entender pelo interlocutor.

Entre muitas práticas desenvolvidas no GEAG, uma delas merece destaque: todas as vezes que recebemos novos participantes, costumamos nos apresentar contando um pouco de nós, trazendo experiências que acabam fortalecendo os antigos e aqueles que estão chegando. Tal momento discursivo, extraído da sessão do dia 25 de outubro de 2017, pode ser observado no último segmento discursivo, de **Antônio 9**, na qual o sujeito se apresenta e fala um pouco de suas vitórias e conquistas: “[...] **Tenho 25 anos, cheguei aqui no grupo no segundo semestre de 2014, pronto, de lá pra cá eu tenho vindo [...], e, eu mudei, dou umas travadas em casa, quando eu fico preocupado, um tiquinho de nada, um pouquinho, eu não fico tão preocupado como era antes, mas eu nem ligo mais, eu extravaso em casa, com minha mãe, com meu pai, minha família, meus amigos**”. Dessa maneira, “o bom falante é aquele que acredita na sua fala e nem pensa sobre sua articulação” (FRIEDMAN, 2012, p.12) e isso significa que o modo espontâneo de falar se entretetece entre *fluir* e *disfluir* com base nas relações inter e intrassubjetivas singulares (FRIEDMAN, 2004, grifos nossos).

Nesse sentido, só teremos uma mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para sujeito-fluente, quando os participantes passam a questionar as circunstâncias de enunciação da FD de *sujeito-gago*. Correspondendo a um domínio do saber, regulando o que pode e deve ser dito, como por exemplo, discursos preconceituosos, carregados de nuances de intolerância, incapacidade e impossibilidades. Sendo assim, assumem uma nova identificação (forma-sujeito) inscrevendo dizeres que correspondem a uma fluência que não é absoluta. Ademais, há uma mudança de posição discursiva para *sujeito-fluente*, **“e eles não ficam dizendo feito era antes: oxe, menino, tu ta ruim mesmo, né?” Eles nem falam isso mais, não me sufocam mais e levo a minha vida assim: pergunto, tiro dúvida, tudo isso depois que eu vim pro grupo aqui”**, ou seja, vir para o grupo tem o sentido de escuta, acolhimento e mudança de posição para si e, na prática, frente aos outros nos momentos de fala. Esse resultado fica evidente para aqueles que estão em volta, porque como esclarece o pesquisador a todos: **“e está super bem, melhor, uma diferença, grande mudança”**. Mas é preciso compreender que o grupo não faz milagres, assim, os sujeitos precisam vir com frequência e participarem, entendendo, ser interessante, por exemplo, que haja posicionamentos, acrescentarmos algo sobre aquela temática que entendemos, isto é, precisamos marcar o nosso território.

Como já afirmamos ora ou outra, com o passar do tempo, ao longo das discussões, o GEAG vai ajudando no processo de desmistificações que constitui a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. No entanto, na AD, o sujeito não é portador de escolhas e/ou intenções, “o que ocorre é que devido à natureza inconsciente da determinação ideológica, ele (o sujeito) não percebe a vinculação de seu discurso a essa forma-sujeito” (CAZARIN, 1999, p. 01). Por isso, é sempre muito importante explicarmos para nossos interlocutores: o que é a gagueira, o que sentem àqueles que gaguejam, estando identificados (forma-sujeito) na FD de *sujeitos-gagos*. Daí, muito provavelmente, haverá mais conscientização sobre uma temática tão cercada de *mitos* e desinformações. E, ao compreender essas questões, destacamos que **Beatriz** chegou ao GEAG em 03 agosto de 2016. Ao inaugurarmos o plano analítico/discursivo desse sujeito, da sequência em andamento, permite que

nos deparemos com discursos de mudança, emitidos no dia 14 de setembro daquele ano. Sobre isso, o sujeito **Beatriz 1** afirma: **“e é um exercício diário, né?”**. Logo, salientamos que a ideologia é um fator que interfere na constituição dos sentidos, dos sujeitos e, logo, no funcionamento de uma posição-sujeito. Sendo assim, não existe *a priori* – se produz justamente no momento da constituição dos efeitos de sentido, quer dizer, é constituído no momento em que, “o sujeito enunciativo do discurso recorre ao já-dito, o ressignifica e se significa”, ou seja, uma posição-sujeito materializa-se no discurso através dos saberes da FD em que tal sujeito mobiliza para enunciar (ORLANDI, 2007, p.90). Dessa forma, o processo de mudança de posição discursiva só acontece quando se dá o enfrentamento das diversas conjunturas discursivas, começando a perceber que temos fluência, mesmo quando a gagueira aparece.

Se anteriormente, tendo em vista a sua interpelação ideológica, fazia com que ocupasse a posição discursiva de *sujeito-gago*, fugindo dos momentos de fala, ao viver a fase de contra-identificação (separação, distanciamento, dúvida, questionamento, contestação) e desidentificação, observa-se uma transformação do sujeito (PÊCHEUX, 1988). Consequentemente, a seguir, nos próximos segmentos, vai demonstrando que hoje está identificado (forma-sujeito) à FD de *sujeito-fluente*, assumindo a posição discursiva de *sujeito-fluente*, verbalizada no encontro do dia 09 de novembro de 2016, **Beatriz 2: “interessante, [...] Eu mesma já canto em karaokê e não gaguejo”**; **Beatriz 3: “o telefone hoje eu não tenho problema, não: atendo, ligo!”**. E salienta, **Beatriz 4: “eu até apresentei o trabalho na sexta passada, mas aquele nó. Se lembra daquele nó na garganta? Saiu, aí, até pareceu que descongestionou aqui na garganta. Eu fiquei tão feliz e aí depois na outra sexta, aí eu fui ver os outros grupos apresentando e antigamente eu achava que só eu era ruim, que apresentava ruim, porque eu gaguejava e, aí, eu vi que inúmeros também gaguejam, [...]. Ninguém é totalmente fluente”**. Nesse sentido, **Beatriz 5**, continua esclarecendo: **“e eu tive essa mudança, de perceber a minha voz e a dos outros”**; e afirma **Beatriz 6: “então, eu já estou evoluindo, mudando já”**.

Tais discursos contrapõem-se, como pudemos ver, ao longo da leitura da sequência discursiva I, onde investigamos discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos, quando se refere, **“daquele nó na garganta”** e na sequência discursiva III, em que discutimos e analisamos a posição discursiva de *sujeito-gago* analisada em grupos, mostrando que, **“o telefone hoje eu não tenho problema, não: atendo, ligo!”**. Todos esses dizeres de mudança de posição discursiva de uma FD à outra, acabam gerando interesse no pesquisador, lançando à **Beatriz**, algumas questões: **“o que está possibilitando essa mudança? Poderíamos falar em um antes e um depois? Como seria esse sujeito Beatriz quando chegou e como seria agora?”**. E ela, **Beatriz 7**, na reunião, do dia 07 de dezembro de 2016, responde: **“já, já. Quando a Beatriz chegou aqui, ela achava que só ela era gaga. E a gagueira era uma incapacidade dela, era uma incapacidade pessoal, profissional, entende? [...] Era como se eu não existisse, aí, eu fui buscar e estou totalmente focada na minha fluência. [...] Eu falo mesmo. E antes, eu intimamente eu evitava mandar áudios por causa da fala, [...]. Mas aí eu comecei a me forçar mais a mandar áudio, mas ainda eu to assim, engatinhando nisso, eu vou tentar mandar mais”**.

Percebemos assim, **“que se trata de um bom exercício, em como você se vê, como vê a gagueira, não é”**, finaliza o pesquisador. E, ao concordar com essa afirmação, **Beatriz 8**, admite: **“isso, como você se vê. E isso é muito importante, porque não é de uma hora pra outra, mas de você vir participando, você sente mudando mesmo, eu me sinto me percebendo mais, é interessante isso”**. A partir de então, há, segundo os trabalhos de Petrusk (2013), Silva (2016) e Azevedo (2013; 2018a) uma ressignificação discursiva e, com o passar do tempo, há os questionamentos (contra-identificação) de dizeres anteriores, a desidentificação da FD de *sujeito-gago* e a inscrição na FD de *sujeito-fluente*, passando a entender na posição discursiva de *sujeito-fluente*, que pausas, prolongamentos e/ou bloqueios fazem parte do processo natural de linguagem. Como resultado, não defendem a posição discursiva de *sujeitos-gagos* (não se cobram), porque a gagueira é vista como algo natural. Nessa nova FD, então, passam a perceber os momentos de gagueira apenas quando eles acontecem e não mais antes. Esse

processo de conscientização desencadeia-se das participações em grupo e, na prática, através do enfrentamento nas diversas conjunturas sociais/discursivas.

Percebemos, portanto, em síntese, fundamentados nos dizeres de Garcia (2014, p. 340), que a *forma-sujeito* “é resultante do processo de incorporação e, ao mesmo tempo, da dissimulação, pela qual o sujeito se identifica com a FD”. Disso, temos a constituição desse sujeito, “absorvendo o interdiscurso no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito” e, ao mesmo tempo, inculcando “os efeitos de intersubjetividade nos quais o sujeito se reconhece especularmente em outro sujeito”. Por sua vez, a posição-sujeito, “trata-se das projeções em um determinado momento histórico-ideológico, no qual o sujeito enuncia-se”. Ou seja, nos diferentes momentos da história, podemos ter diferentes *formas-históricas dos sujeitos*, assim sendo, a depender das conjunturas, ao formular seu dizer, o sujeito, interpelado pela ideologia, *ocupará uma posição e sustentará seu discurso* no interior de sua FD (GARCIA, 2014, p.340, grifos nossos). Dessa argumentação, seguimos em nosso plano analítico dos discursos do sujeito **Beatriz**, entendendo que no processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, consideramos que ao viver a interpelação ideológica passará a *sustentar* e ocupar novo discurso, no seu caso, na FD de *sujeito-fluente*. E isto seria aquilo que consideramos o ideal, o *suprassumo* em nosso trabalho, porque quando estudamos a gagueira sob a abordagem discursiva, insistimos ao longo das sessões em grupo, contra o treinamento de fazer este ou aquele *truque*.

Esse fato, concorda **Beatriz 9**, torna-se prejudicial aos sujeitos: “**porque mascara**”, uma vez que acaba mantendo e perpetuando uma visão *aprisionada/deturpada* de gagueira como *atípica, anormal*. Entretanto, na medida em que os sujeitos vão se apropriando dos dizeres de outros participantes que são disseminados no GEAG, quer dizer, veem que outros também, outrora, acreditavam que a gagueira tratava-se de incapacidade, impossibilidade, começam a questionar-se e, então, *rompe-se a incabível prisão*. Ajudando assim, no processo terapêutico de outros e desmistificação, por exemplo, da ideia utópica de *fluência ideal* na linguagem, pois o gaguejar é natural. Essa introjeção discursiva impactou o sujeito **Beatriz**, na sessão do dia

03 de maio de 2017, que acaba possibilitando, aquilo que podemos chamar de *libertação do estigma* da posição discursiva de *sujeito-gago*, como observamos nas palavras de **Beatriz 10**: ***“eu hoje estou feito ele, porque naquela primeira semana que eu tive aqui, eu vim pro grupo, uma fala sua, falou assim: [...], eu gaguejo, mas não me vejo como sujeito-gago e uma fono falou assim: ele não é gago, se ele não se vê como gago, então, ele não é gago e isso eu fiquei não é?! Pois, hoje, eu estou na sua posição”***. Nesse instante, o sujeito **Beatriz**, aponta para o pesquisador, que reafirma: *“pois é, eu gaguejo, mas não me vejo como gago”*. Com isso, **Beatriz 11**, segue proporcionando ressonâncias discursivas: ***“eu também não me vejo mais, eu hoje eu não sou gaga”***; e continua **Beatriz 12**: ***“e eu achei ótimo, [...] pra mim foi muito importante conhecer o grupo, novas pessoas, falar, ter outro tipo de abordagem, até conhecer sobre a gagueira”***. Esse posicionamento, para o que caracterizamos, enquanto mudança de posição discursiva é o ideal, iniciando, portanto, quando começam a aparecer os questionamentos (contra-identificação) dos sujeitos na FD de *sujeitos-gagos*. E, por conseguinte, dá-se a desidentificação (a transformação do sujeito) na FD de *sujeito-fluente*. Logo, assumindo-se na posição discursiva de *sujeito-fluente* e, passando, então, a não se incomodar mais com a gagueira nos momentos de fala.

Ao vislumbrar a nova posição discursiva do sujeito **Beatriz**, de imediato, o pesquisador lança uma questão: *“no dia-dia, o que foi que você notou que vem fazendo que não fazia antes para chegar nessa mudança de hoje enquanto falante?”*. Ao discorrer, **Beatriz**, esclarece-nos, nos próximos segmentos **13** e **14**, recortados dos dias 06 e 13 de dezembro de 2017: ***“primeiro, é um grande alívio, se lembra de que eu falava que eu tinha uma bola aqui na garganta, no pescoço que até me impedia de respirar”***; **14**: ***“foi um grande alívio ver essa bola se dissolver, agora, o que foi? Eu não sei. [...] Eu não sinto mais esse travamento, era uma coisa orgânica, tremia, suave, parecia que eu ia morrer, [...], aí, você vê que isso dissolve, que você pode até gaguejar, mas pra você não tem importância, por exemplo, eu agora mudei de faculdade, aí, eu apresentei trabalho, devo ter gaguejado, mas aí, isso não me afetou, [...] não fiquei com trauma, não***

foi ruim pra mim". Diante desses discursos, captamos que a mudança de posição discursiva, de fato, trata-se de um processo de composto por etapas, em que o primeiro passo, constitui-se da formulação de questionamentos, ainda, na FD de *sujeito-gago*. Há, nessa nova FD, uma ressignificação sobre o que seja fluência, gagueira, silenciamentos, e reformulação do que seja *erro*, impossibilidade, incapacidade na sua prática discursiva. E, ao final, pergunta ainda: *outra coisa, e aquilo que você comentava: que ia com tudo preparado e quando chegava na hora falava bem pouquinho, e aí?*".

Ao dar continuidade, **Beatriz 15**, responde: ***"era. Agora, não, pois eu falo o que tem que falar, não resumo nada, simplesmente"***. Reafirma, **Beatriz 16**: ***"não mais. Eu enfrento!"***. Conclui, **Beatriz 17**: ***"mas uma grande evolução mesmo foi a bola desaparecer, você não sabe o alívio mesmo, era orgânico, é impressionante"***. Quando consideramos a gagueira pelo caminho discursivo, podemos vê-la, "como um *distúrbio multidimensional* com atuação de *fatores biopsicossociais*", pois temos um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a tais fatores (AZEVEDO, 2019, p. 119). Diante de tais postulações, podemos anunciar que há uma relação direta entre as variantes: *bio*, *psico* e *social*, no sentido de que, não é que a gagueira estivesse no corpo do sujeito **Beatriz**. Mas tendo em vista as suas formações imaginárias, vinculadas às condições de produção nas relações de força, sentido e antecipação, teríamos aí, tensões corporais no aspecto físico/biológico, marcando assim, a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*. Uma vez mais, indaga o pesquisador: *"e como justifica essa bola ter sumido assim, você acha que não tem a ver com você acreditar mais em você?"*. E finaliza, **Beatriz 18**: ***"eu não sei te dizer. Sim, de certa forma, sim e o grupo"***. Nessa perspectiva, "o trabalho em grupo se estabelece enquanto processo ativo de constituição e transformação do sujeito, com benefícios diretos à saúde, comunicação e qualidade de vida" (LUCENA *et al*, 2018, p. 124).

A partir da inserção no grupo, o primeiro passo para que haja a mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*, é aceitar que podemos gaguejar em dados momentos. Desse modo, temos uma ressignificação da gagueira, passando-se a vê-la como algo natural. E essa

transformação do sujeito, advinda da desidentificação, pode ser constatada quando, ao longo da análise, demarca bem a modulação de termos como: **“era; agora, não; não mais, eu enfrento”**, assim, reafirmamos, então, a sua posição discursiva de *sujeito-fluente*. Então, depreendemos que trata-se de um distúrbio, isto é, “uma interrupção de uma continuidade (da fala), assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso” (PETRUSKY, 2013, p.15).

O Grupo de Extensão/Apoio, na UPE/Campus Garanhuns, tratou-se de um espaço para pessoas que gaguejam e ao longo dos encontros, tivemos, além de ricas trocas de informações, a experiência dos participantes, entre elas, a do pesquisador, *“eu sempre digo: eu gaguejo, mas não me vejo como gago”*. O compartilhar experiências como essa, vistas e ouvidas por outros membros do grupo, acabaram por ressignificar dizeres dos sujeitos **Caio** e **Davi**, impulsionando em novas mudanças de atitudes e discursivas frente às mais diversificadas instâncias sociais. Como já dissemos, ao longo desse trabalho, é através do conjunto de sentidos que caracterizam o interdiscurso, que temos a cristalização/perpetuação de discursos de incapacidade e/ou impossibilidade na FD de *sujeito-gago*, como bem detalhado na sequência discursiva anterior. Onde, na prática, temos como resultado, a posição-discursiva de *sujeito-gago*, extraída do primeiro encontro, no dia 16 de março de 2019, como demonstra o segmento discursivo **1**, do sujeito **Caio**, ao inaugurar o início dessa sequência discursiva IV: **“[...] depois de tanta esperança, tanta fé que de um dia para o outro Deus poderia fazer um milagre, eu cansei disso e por outras motivações que comecei a me abrir mais. Pelo passar do tempo, aconteceu alguns despertares e amadurecimentos. Eu cansei de esperar por um milagre e procurei ser eu o milagre e, aí, intensifiquei a busca pela tão almejada, utópica fluência”**. Isto é, nessa FD, a gagueira é vista/propagada como uma *doença*, onde aqueles que são acometidos por esse *mal*, dependeriam de um suposto milagre, para que assim, pudessem *livrar-se* dessa *anormalidade*. E na sequência III, esse mesmo sujeito vivia *à espera de um milagre*, aquele acontecimento fora do comum, que dissiparia a sua gagueira. Entretanto, entendemos que essa questão, como tantas outras, faz parte de uma lista

interminável de mitos que explicam algumas discussões sobre a gagueira. E o sujeito certamente atentou para tal realidade, mas que cansou e procurou ser ele o milagre, intensificando **“a busca pela tão almejada, utópica fluência”**.

Outra visão que está atrelada à essa lista, pode ser observada no discurso inicial do sujeito *Davi*, participando também dessa reunião, no segmento discurso 1: **“[...] hoje eu me vejo bem melhor comparado há uns anos atrás por conta da gagueira em si. E, assim, eu não sei se a minha gagueira esteja muito associada com minha timidez, [...]”**. Não sabemos como e nem o porquê de atrelarem o nervosismo à gagueira, porque podemos estar tranquilos, à vontade em dada condições de produção, sem resquícios de antecipação, previsão e gaguejarmos. Portanto, pelo que já entendemos, muitas vezes, o sujeito pode ser tímido, mas não gaguejar em dadas condições específicas, bem como gaguejar em determinadas circunstâncias e não ser tímido. Prosseguindo em nosso plano analítico, ao depararmo-nos com o enunciado do **sujeito Caio 2: “[...] Eu por algum tempo, fui preso a isso”**, entendemos que esse sujeito também concorda com o que foi posto, mas ao modelar o verbo **“fui”**, revela-nos que esteve **“preso a isso”**.

Mas, hoje, não atribui mais significado para dada situação, talvez, por ter vivenciado alguma experiência que o fez ver que se trata de uma ideia equivocada. Muito provavelmente, essa mudança tenha relações devido ao contato com os profissionais de saúde e/ou, também, nas discussões outros sujeitos em grupo, **“[...] nós aprendemos aqui a conviver com a gagueira, fazer as coisas, apesar dela, não adequar-se a ela. Essa possibilidade me alegrou muito”**. É necessário chamarmos a atenção dos leitores, no sentido de que esse sujeito, nessa sequência, ao longo dos segmentos discursivos, expressará vez ou outra, o advérbio **“apesar”**, que indica uma oposição acerca de algo exposto anteriormente. Nesse sentido, contrariando, assim, uma provável possibilidade de entender que fluência e disfluência são faces da mesma moeda, que a gagueira não é *erro*, incapacidade, impossibilidade, por isso, o **“adequar-se a ela”**. No entanto, em nosso gesto de leitura, parece-nos que sua vivência no grupo possibilitou começar a notar que a gagueira sob o viés discursivo faz parte da constituição do processo natural de linguagem.

Sabemos que em toda forma peculiar de funcionamento da linguagem há, por exemplo, o imprevisto, mostrando que a língua nos escapa. Isso é fundamental, de acordo com Lagazzi (2015), para que repensemos a relação entre sujeito e língua, uma vez que “não há língua independente dos sujeitos que a colocam em funcionamento, assim, dizemos que língua e sujeito se constituem mutuamente”. E, na prática, passando a “se expor às diferentes formas significantes e, no caso específico da linguagem verbal, se expor às palavras” (LAGAZZI, 2015, p.77). E o Grupo de Apoio/Extensão, sempre confirmou ao longo dos encontros questões de apoio, encorajamento, por isso, o pesquisador pergunta: “*qual a importância de um grupo para vida de vocês, no que vai ajudar?*”. Como resposta, **Caio 3**, expõe: “[...] **pode se ter algo bem construtivo**”, assim, entendemos que vê o espaço como algo eficiente, que poderá dirigi-lo para futuras construções suas, enquanto sujeito social e discursivo, “**talvez, até do que a própria terapia fonoaudiológica [...], ela mesma disse: todas as técnicas para você superar a gagueira; pra controlar, eu já domino**”. Respeitamos a forma de trabalho de todos os profissionais de Fonoaudiologia, com suas diversificadas técnicas, mas temos aprendido ao longo das sessões no GEAG UNICAP, que se os *sujeitos-gagos* controlarem a sua fala, isso os levará, inevitavelmente, a uma *prisão* discursiva, com autofiscalização, monitorando o tempo todo a sua fala, onde não será permitido gaguejar em exposições linguísticas. Situação essa, que por hipótese alguma, estabelecemos nas reuniões em grupo.

Pelo contrário, sempre *pregamos* nas discussões, que falem, esvaziando-se de qualquer tipo de supervisão de si e/ou da gagueira. Na complementação do seu enunciado, em relação à importância do grupo, ele esclarece: “[...] **E aqui é, por estarmos entre iguais, vai ser uma coisa mais direta, construtiva, [...], justamente, essa questão de você tá tendo o contato com outras pessoas, que estão passando pela mesma situação [...]. A gente se sente completo**”. Diante disso, hoje, conforme Souza *et al* (2011), “além de possibilitar o atendimento de grandes demandas em serviços públicos”, percebemos que estar nele, ser um nesse espaço, faz com que o sujeito **Caio**, conclua, “**o grupo aqui vai ser muito importante pra nós perceber o quanto temos em comum, [...]**”, quer dizer, “o grupo tem sua

importância reconhecida na determinação do comportamento individual” (SOUZA *et al*, 2011, p. 140).

Em vista disso, ao tratarmos da subjetividade dos sujeitos, na AD, partimos do princípio que ela (a subjetividade) é construída por valores ideológicos que estão no campo da sociedade. Na medida em que resgatamos toda uma historicidade, via memória discursiva/do dizer, por consequência, descobrimos “inúmeras formas de manifestação de singularidades subjetivas, transgressoras e renovadoras de sentidos” (LEANDRO FERREIRA, 2010, p. 06). Com isso, enxergamo-nos no outro, através de ideias cristalizadas pelo conjunto de sentidos do interdiscurso, que contribui para o fortalecimento e, acima de tudo, na resignificação de nossos discursos. Poderemos notar tais argumentos, nos próximos segmentos discursivos, quando deparamo-nos, agora, com os efeitos de sentidos, daquilo que fora propagado no grupo, mais precisamente, na segunda reunião, 27 de abril de 2019. Isso posto, o sujeito **Caio 4**, apresenta dizeres que nos levam a crer que o contato com outros participantes, **“que estão passando pela mesma situação”** que ele, produz o efeito de completude: **“[...] eu intensifiquei a busca por essa bendita fluência. E, de certa forma, me comprometi mais, passei a acreditar mais, por você, que eu vi um exemplo, uma prova viva de ver um ex-gago adulto, [...]. Eu agora, com a fala, com o pensamento que você trouxe, eu estou, assim, procurando mudar a definição de gago, [...], aí, eu estou procurando mudar para eu gaguejo, são situações que gaguejo”**.

Na verdade, ver, poder ouvir o outro, torna-se uma possibilidade de rever conceitos e resignificá-los, como assinala **Caio 5: “porque pode parecer apenas uma mudança de palavras, mas muda toda uma visão [...], é um insight”**. Diante disso, o sujeito vai começando a perceber, por exemplo, que são situações em que ele gagueja, uma relação com suas formações imaginárias, atrelada às condições de produção. Tal entendimento de possíveis relações e soluções adequadas do seu problema, parece-nos que passou a ter sentido, quando pela captação dos elementos da memória discursiva de outro sujeito (o pesquisador). Sujeito esse que hoje está identificado (forma-sujeito) na FD de *sujeito-fluente* e, na prática, reverbera a posição discursiva de *sujeito-fluente*, quando concorda: **“muda! Você tocou num ponto crucial, tudo muda,**

quando você muda, [...]. Já fala em uma mudança, então, como seria o Caio que chegou aqui pela primeira vez, antes do grupo e como seria hoje?”.

Tencionando apontar maiores detalhes sobre dizeres que se caracterizam como evidências de uma mudança e, como efeitos, poderá conduzi-lo, em sua forma-sujeito, à identificação na FD de *sujeito-fluente* e, na prática, a assumir a posição discursiva de *sujeito-fluente*, temos a seguinte resposta de **Caio 6**: ***“[...] , essa mudança de ver a própria gagueira uma crença maior na fala [...], não só comparado ao último encontro, mas a partir de dois anos pra cá, eu tive uma grande mudança, a ponto de surpreender as pessoas próximas e a mim mesmo. Para pessoas que não me conheceram antes, pode parecer pouca a mudança, mas foi e está sendo significativa [...]. É uma diferença pra de cerca de três meses sem sair de casa, pra em um período de um ano, fazer cursos de domingo a domingo, pois é uma diferença de não ir para uma simples compra de pães, pra ir comprar pães [...] e, assim, resolver as coisas [...]. Eu tenho batalhado”***. Ao atentarmos para discursos que já se configuram como parte do processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para o *sujeito-fluente*, certamente, como dissemos, o contato com outros participantes do grupo, gerou questionamentos no sujeito **Caio**. Seria isso, aquilo que chamamos de contra-identificação, caracterizando o discurso do “mau sujeito”, em que o sujeito do discurso, por intermédio de uma “tomada de posição”, contrapõe-se à forma-sujeito e aos saberes que ela organiza no interior da FD (PÊCHEUX, 1988).

Dessa maneira, quando começamos a mudar, através de novas atitudes, inauguramos também novos discursos em relação à forma-sujeito que começa a olhar para outras possibilidades de pensar e agir. Percebemos, então, que o grupo fortalece esse processo de mudança, impactando os sujeitos que ao estarem refletindo sobre forma e posição discursiva em determinada FD, estarão levando seus interlocutores a repensarem, também, na sociedade suas práticas cotidianas sobre a gagueira e das caracterizações das posições discursivas de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente*. Nesse contexto, uma FD identifica um domínio do saber e dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao interdiscurso das FDs, imbricado

no complexo das Formações Ideológicas (CAZARIN, 2001). Ao longo do processo analítico, como já destacado em alguns momentos, a interação em grupo constitui-se como fator primordial para que os participantes começassem a refletir sobre as mais diversificadas questões, como poderemos examinar nos próximos segmentos discursivos. *A priori*, quando questionado sobre o que o contato com o grupo, trouxe de novo para ele (o sujeito *Davi*), também no encontro do dia 27 de abril de 2019, expõe no segmento discursivo **2: “*muitas coisas novas, que foram ditas na reunião anterior de experiências de vida, de questionamentos mesmo*”**. Por isso, para haver formação e desenvolvimento de grupos, torna-se imprescindível atentarmos, “para a importância de conhecer os diferentes papéis ocupados pelos seus atores/componentes” (LUCENA *et al*, 2018).

Nesse caso, o que concebemos como gagueira, a identificação na FD de *sujeito-gago*, a possível inscrição em nova FD, a saber, FD de *sujeito-fluente* e, disso, as suas respectivas posições discursivas de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente*. E, como efeitos, “***eu achei muito interessante, fiquei pensando: e a partir de tudo isso, ir desconstruindo algumas coisas na minha cabeça assim***”. Desse modo, “para a geração de mudanças que ressignificam e levam a uma vida mais saudável” (LUCENA *et al*, 2018, p. 124). Com isso, é preciso que entendamos que o sujeito é revestido de um caráter ideológico, assujeitado à sua FD (PÊCHEUX [1975] (1997)). Esta, por sua vez, apresenta uma *forma-sujeito*, “entendida como o processo sem sujeito que coincida consigo mesmo, isto é, um sujeito afetado pela ideologia” (CAZARIN, 1999, p. 01, grifo nosso).

Assim sendo, quando pensamos sobre a identificação do sujeito, por exemplo, na FD de *sujeito-gago*, logo entendemos que a sua forma-sujeito incorpora discursos tendo em vista a sua interpelação ideológica. Entretanto, na medida em que interagem com outros participantes inseridos no grupo e circunscritos na FD de *sujeito-fluente*, sua forma-sujeito (identificação), desperta questionamentos. Por isso, *a posteriori*, os próximos segmentos de **Caio**, mostrarão um sujeito que sendo revestido de caráter ideológico, começa a forjar dúvidas que o conduzirão, ao longo do tempo, a forma-sujeito (identificação na FD de *sujeito-fluente*) e posição *sujeito-fluente*, **Caio 7: “desconstruir para reconstruir [...], crenças até sobre a gagueira em si.**

Como o que no primeiro encontro, o que se sobressaiu, pra mim foi essa mudança de posição, de visão sobre a fluência, ser gago ou ter situações de gagueira". Dessa maneira, percebemos que as características marcantes dos sujeitos são os traços sociais, ideológicos e históricos, onde tais questões podem **"desconstruir para reconstruir [...], crenças até sobre a gagueira em si"**, promovendo ressignificações em nossos discursos. Na prática, a depender das conjunturas, as posições de *sujeito-gago* e/ou *sujeito-fluente* refletirão em mudanças nas práticas discursivas, mudando, inclusive, nossas atitudes.

Toda essa discussão sempre foi pauta das reuniões em grupo, como destaca o pesquisador: *"e é tudo o que já vimos ao longo desses três encontros, reforçando, por exemplo, você nunca vai encontrar essa fluência cem por cento/ideal"*. Sabemos que a posição discursiva de *sujeito-gago* está relacionada à *ideologia do bem falar*, em que no meio social construímos um suposto *personagem bom falante*, detentor de uma fluência completamente absoluta/ideal. Nesse sentido, "na AD toda a problemática do sentido, ou melhor, de seus efeitos e defeitos, se dá através de uma premissa que a linguagem não é um código a ser decifrado pelo receptor que a receberia cifrada pelo emissor" (MALISKA, (2017, p. 50). Por isso, é que ao estarem identificados na FD de *sujeitos-gagos*, os sujeitos podem ser afetados por outros discursos de sujeitos que estão inscritos na FD de *sujeito-fluente*. Com esse argumento, na reunião de 08 de junho de 2019, quarto encontro, lemos, **Caio 8: "olha, [...] eu sinto que após o último encontro, [...] senti que a minha ansiedade diminuiu, muito por eu ter conseguido exteriorizar, [...], principalmente aqui, somado as outras sessões, com fono, psicóloga e psiquiatra. Estou passando, principalmente, [...] por uma certa desencanação, de não ter tanta pilha com a gagueira, eu consolidei ainda mais a minha fluência com a minha mãe, [...] perceber quase cem por cento de fluência e bastante bloqueios em situações de falas em cantos, em situações exteriores, de não tá me frustrando tanto, como antes"**. Esse processo de contra-identificação, como já dissemos, é fruto de uma certa revolta, questionamentos feitos ao e pelo sujeito, em sua subjetividade, constituída na historicidade, pela ideologia.

Produzindo, então, efeitos de sentidos que o tocaram a partir de sua relação com outros pares discursivos, que ao asseverarem, por exemplo, como o pesquisador, *“precisamos desconstruir essa imagem de que há um bom falante e/ou mal falante, porque isso leva-nos a acreditar que gaguejar é errado”*, faz com que **Caio 9** reconheça: *“**isso acaba se tornando padrões de fala. O grupo só veio para agregar, complementar valores para aquilo que eu já comecei a querer mudar lá atrás**”*. Precisamos recordar que, na sequência discursiva I, em que investigamos discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos, o sujeito **Caio**, em dado momento, revela-nos que a sua fluência com sua mãe teria se consolidado e que nem sempre foi assim, porque na relação de forças ela ocupava uma posição discursiva de autoridade.

E quando indagado, pelo pesquisador, *“até que ponto o grupo tem te ajudado, hein?”*. Temos como esclarecimento, de **Caio 10**, ao participar desse encontro: *“[...] **Eu saio daqui mais realizado, porque eu consigo aqui mais êxito na questão de exteriorizar as coisas que eu trago pro grupo, do que com os próprios profissionais, [...] todos eles colocaram pra mim: que eu tinha que fazer as coisas, apesar da gagueira. Isso me doía muito, me frustrava muito, porque se eu os busquei, foi para superar esse impeditivo que era quase cem por cento pra mim antes, [...]. Mas com o passar do tempo, eu de certa forma, tive que vivenciar isso mesmo: apesar da gagueira, não esperar a fluência total para fazer as coisas**”*. Ao ingressarmos no grupo e/ou quando nos propomos a mudar, como no caso dos sujeitos **Caio** e **Davi**, antes de terem tido contato conosco em grupo, começam aceitar a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Mas acreditamos que, ainda, *presos à imagem estigmatizante de falante*. No caso do sujeito **Caio**, ao modular algumas vezes o advérbio *“apesar”*, a nosso ver significa que mesmo com a gagueira, é preciso fazer as coisas, contrariando assim, uma possível expectativa de melhora. Entendemos, em meio a toda essa problemática, que **Caio** antes mesmo de chegar ao grupo procurou vivenciar situações de mudança, onde *“apesar da gagueira”*, não esperasse a fluência total para fazer as coisas, posto no segmento discursivo **9**, e inteirado agora, através da sessão dia 06 de julho de 2019, por **Caio 11**: *“no caso, esse processo eu já*

vinha algum tempo atrás, vinha caminhando no que foi proposto aqui. Os encontros não seriam um ponto de partida e, sim, uma continuação, um braço a mais, caminhar para algo maior [...], foi pelo enfrentamento que eu comecei em novembro de 2016. Aqui complementou ainda mais”.

Portanto, asseveramos que o grupo veio agregar valores àquilo que o sujeito **Caio**, como dissemos, procurou fomentar como mudança de atitudes, para assim, **Caio 12: “extrair isso de mim para que em tese, entre aspas, eu me tornasse uma pessoa de certa forma, assim, normal [...]. Assim, eu estou fluente, [...], não estou cem por cento bem resolvido, [...] ainda escondo ou temo que escape assim, para que todos vejam, [...]. Se apresentar como gago, [...], isso me empodera mais, faz que eu espere menos fluência e que o meu constrangimento pelo fato de bloquear seja menos”.** Contudo, compreendemos que por estar ainda circunscrito na FD de *sujeito-gago*, na prática, reverbera dizeres que enfatizam tal identificação (forma-sujeito). Por isso, sua, então, posição discursiva de *sujeito-gago* ecoa, entre outras coisas, **“eu me tornasse uma pessoa de certa forma, assim, normal”**, ou seja, a gagueira continua sendo sinônimo de doença, deixando sentir-se *anormal*, porque *normal* seria não gaguejar. Portanto, “a ideologia é a própria realização do sujeito e sentido se constituindo de forma simultânea, o que permite ampliar a discussão e pensar no sujeito assujeitado para significar” (BORGES, 2017, p.133).

Prosseguindo em nosso plano analítico, ao participar da mesma reunião, reafirmamos que o sujeito **Davi**, como perceberemos, nos próximos segmentos discursivos, semelhantemente, ao sujeito **Caio**, propôs-se a querer trazer mudanças para sua vida. Uma vez que, talvez, em dado momento, devido a sua inscrição na FD de *sujeito-gago* a sua posição discursiva de *sujeito-gago*, estivesse trazendo-lhe prejuízos no dia a dia, e expõe, **Davi 3: “oi, faltei dois meses, né? Estou bem. Uma vez foi por descuido, outra vez, por trabalhos na faculdade. [...] uma coisa que eu andei percebendo muito, principalmente, antes de vir pra cá, é que às vezes que eu gaguejava têm reduzido muito”.** A partir disso, é preciso dizer que o grupo não faz mágicas, mas aponta possibilidades, funcionando como uma *ferramenta* capaz de fazer o outro rever certos pensamentos, **“acho que, principalmente, depois de**

algumas coisas que vocês comentaram aqui e que eu fiquei refletindo também sobre os momentos, principalmente, as situações, por que eu gaguejo em dado momento dizendo uma coisa e em outro eu não gaguejo?". Diante disso, a partir dos escritos de Althusser (1985) entendemos, então, que a ideologia "age" ou "funciona" de tal forma que ela "recruta" sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou "transforma" os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos de *interpelação*, podendo ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: "ei, você aí!". Ao supormos que essa cena teórica ocorre na rua, certamente o indivíduo interpelado se volta. Desse gesto, como efeitos, "nesse simples movimento físico de 180° ele se torna *sujeito*, [...] o interpelado sempre se reconhece na interpelação" (ALTHUSSER, 1985, p.97, grifos do autor).

Por consequência, trazendo, então, a chance de ressignificar discursos, apontar possibilidades, esclarecer e também aumentar dúvidas, para que assim, os sujeitos sejam agentes de suas próprias mudanças, ***"aí, eu fiquei pensando, eu sou um indivíduo gago ou que gagueja? Aí, eu não sei, mas eu acho que eu to mais pra esse indivíduo que gagueja às vezes. Mas aí, normalmente eu percebo uma outra coisa, estou reduzindo"***. Nessa tessitura, às estruturas chamadas de ideologia e inconsciente possuem um papel preponderante na interpelação dos indivíduos e constituição dos sujeitos. Há, conforme Pêcheux [1996] (2010) o traço comum a essas duas estruturas. Sendo, portanto, "o fato delas operarem ocultando sua própria existência", produzindo, então, uma rede de verdades "subjetivas" evidentes, com o "subjetivas" significando, aqui, não "que afetam o sujeito", mas em que o sujeito se constitui" (PÊCHEUX, [1996] (2010), p. 148).

Diante de tal enunciado, podemos afirmar que a contra-identificação, nesse caso, ocorre dentro da FD *de sujeito-gago*, porque o sujeito vive uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) em relação ao que diz a forma-sujeito (identificação), conduzindo o sujeito do discurso à contra-identificar-se com alguns saberes da FD que o afeta (PÊCHEUX, 1988). Em decorrência de nossa vivência em grupos, temos afirmado que após o processo de interação com outros participantes, logo,

começamos a enfrentar desmistificações na FD de *sujeito-gago*, entre elas, o que nos mostra, **Davi 4**: “*assim, em todo momento, eu ficava tenso pra qualquer coisa que eu ia falar, apresentar um trabalho e, geralmente, eu acabava gaguejando. Mas, aí, foi depois dos momentos que a gente teve aqui que eu comecei a ficar realmente bem mais de boa e, aí, eu percebo que tá sendo muito raro eu gaguejar. Mas, aí, também percebo que é outro processo que tá acontecendo, [...] não só em termos de mudança no discurso, mas enquanto pessoa mesmo [...]*”. Ao longo desse segmento discursivo, notamos que o sujeito passa pela fase das dúvidas, questionamentos em tal FD. Por isso, modula os verbos no passado, como por exemplo, “*eu ficava*”, começando a perceber que gaguejar é algo natural e, segue nessa modulação, **Davi 5**: “*eu sempre me preocupava com alguma coisa que eu ia falar em público, na minha turma, a primeira coisa que eu pensava era: e se eu gaguejar? Só que agora quando eu tiro essa preocupação, eu nem percebo mais*”. Então, quando gagueja, às vezes, não se preocupa, logo, começamos, também, a perceber que os momentos de gagueira estão atrelados às formações imaginárias, em dadas condições de produção, **Davi 6**: “*a última vez que eu me lembro de ter gaguejado, realmente eu tava muito tenso, aí, por isso*”, uma vez que a fluência vai sendo entendida como disfluente, relativa, não é absoluta. As constatações do sujeito **Davi** acabam criando no sujeito **Caio** uma autopercepção, como observado no segmento **13**: “*evoluiu mais do que eu [...]*”, onde podemos interpretar que aquele tenha alcançado melhorias que contribuíram para mudanças de atitudes e discursivas no meio social. E, isso, provavelmente, ajudará este último a dar continuidade em seu processo de mudança, desmistificando questões que, ao longo do tempo só asseveraram, ainda mais, a sua posição discursiva de *sujeito-gago*.

A natureza desse trabalho está naquilo que é dito, nas palavras, no discurso, na percepção dos sujeitos, no interesse em querer “*romper a incabível*” prisão da FD de *sujeito-gago*. Em vista disso, a partir das interações em grupo, vão sendo criadas ressonâncias, tratando-se, portanto, do ponto crucial no processo de mudança de posição discursiva. Por isso, ao longo do processo analítico dos segmentos do sujeito **Davi**, acreditamos que está

caminhando à desidentificação, tomada de posição que o conduzirá para o trabalho de inserção na FD de *sujeito-fluente* e, na prática, sua posição discursiva de *sujeito-fluente*, como vemos, **Davi 7: “de alguma forma, me fez perceber e tal que eu não fosse gago, gago, gago, sabe?! Mas realmente, tiveram uns anos atrás, [...], era muito mais forte e um período que eu me sentia muito sozinho. Eu nunca estive com nenhum outro gago, eu ainda estava sentindo uma espécie de solidão [...], e ter encontrado outras pessoas que passam pela mesma coisa, sei lá, é confortante, uma coisa muito boa [...]. Aí, agora, cada vez mais eu to me sentindo mais à vontade, agora, com mais naturalidade”**. Em algum momento, já afirmamos que em sua posição discursiva de *sujeitos-gagos*, eles acreditam que estão sozinhos, sentem-se como *doentes*, *anormais*, únicos até. Nesse sentido, acreditamos que o preconceito e desinformação, ainda, são fatores determinantes que agravam a situação desses sujeitos, pondo-os, por exemplo, na posição discursiva de *marginalizados* na sociedade, gerando, com isso, o silenciamento e a não procura pela ajuda. Diante dessa problemática, “as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia” (FRIEDMAN; PASSOS, 2007, p.143), pois traz à possibilidade de dialogarmos, trocarmos informações, crescermos com as experiências uns dos outros. Gerando assim, a vontade de arriscar, avançar mais um pouco em busca de novas mudanças de atitudes.

Nesse cenário, sempre que nos encontrávamos nas reuniões em grupo, era perguntado, “*como foram algumas semanas, desde o último encontro?*”. E no sexto encontro, 03 de agosto de 2019, temos dada resposta do sujeito **Caio 14: “foi bom. Ultimamente, eu não tenho ligado e foda-se! E gaguejar mesmo, [...]**”. Assim sendo, seus discursos delimitam bem aquilo que conhecemos como contra-identificação, tomada de posição discursiva, revelando-se como um ato de revolta em relação ao que diz a identificação de sua forma-sujeito. Como efeitos, nessa fase acontecem questionamentos na FD de *sujeito-gago*, na tomada de posição do sujeito, ele começa a rever a si, a outros interlocutores e suas formações imaginárias nas condições de produção, trazendo uma ressignificação em suas atitudes e dizeres na sociedade. Para que muitas vezes a contestação ocorra é necessário que sejamos interpelados e, tal convocação, sempre acontecia nas reuniões, assim, deparamo-nos com

uma intervenção do pesquisador: *“que significa esse foda-se?”*. E eis que **Caio 15**, esclarece: *“é um certo maior reconhecimento de sujeito que tem fluência, que até então, é, gagueja. Eu meio que aceitei mais que esse é meu, pelo menos, até então, meu padrão de fala e não me devo subjulgar tanto com a fala, com muitas pessoas próximas [...]”*. Percebendo, por exemplo, que a gagueira não é um mal, doença, erro ou coisas do gênero e que gaguejar é ser normal, ter capacidade, não ver impossibilidades.

Posto isso, entendemos que esse sujeito já vinha em busca de melhoras que pudessem gerar mudanças em sua vida. Desse modo, acreditamos que os profissionais de saúde e também o grupo foram fatores decisivos, possibilitando, inclusive, acirrar sua fase de contestações, dúvidas e questionamentos, elementos que regem a contra-identificação. Diante disso, como um dos benefícios dessa tomada de posição discursiva, temos a complementação do seu enunciado: *“segunda eu comecei o curso superior, aí, por ser um curso novo, professores, o de ontem propôs a cada pessoa se apresentar e contar por que escolheu o curso. Confesso que foi uma situação muito tensa por ser, quase, cem por cento uma turma nova”*. Tendo em vista que, na prática, “como a fala só faz sentido no dizer do outro (ouvinte), é este quem reorganiza o dizer do sujeito-falante, assim sendo, no sujeito-gago, a tensão na linguagem parece transformar-se em previsão, algo que domina o sujeito/linguagem” (AZEVEDO, 2006, p. 188).

E, mais uma vez, o pesquisador *indaga*: *“qual o curso?”*. E na sequência, em análise, obtermos a resposta, de **Caio 16**: *“É o curso de ADS, tecnólogo em análise e desenvolvimento de sistemas. Aí, eu por mais que eu fiquei tenso, esperando a minha vez, mas pelo menos, dessa vez, eu não fiquei chateado [...], e nem quis fugir e nem tão pouco tentei [...]. Aí, eu sempre me lembro de você, né, que sempre traz, digamos, uma provocação, assim, [...] e de pronto eu aceitei, que eu iria ter os meus, como sujeito que gagueja, meus bloqueios, e supostamente que após isso, a turma ou alguns, ou boa parte poderiam rir. Coisa que não aconteceu, ao menos que eu vi”*. Essa notícia foi divulgada já no sexto encontro, isto é, como já dito, 03 de agosto de 2019. Onde no mês anterior, quinto encontro, mais precisamente, em 06 de julho de 2019, esse mesmo sujeito, como

apresentamos na sequência discursiva III, revelou, então, a sua identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago* e, por conseguinte, não conseguiria enfrentar um curso superior, devido a sua posição discursiva de *sujeito-gago*.

Ao longo dessa sequência discursiva, expusemos que o sujeito **Davi**, enfrenta a desidentificação, tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988), como notamos no segmento 8: **“eu também estou ótimo, [...] agora, aproveitando as minhas férias, procurando ler bastante, sobre a minha gagueira, eu não tenho muito que dizer dessa vez, não tenho muita coisa a comentar”**. Diante dessa revelação, o pesquisador questiona: **“e as situações de fala, você já não se preocupa com a gagueira, ou ainda tem algum momento que você ainda se preocupa?”**. Através do funcionamento discursivo, percebemos a constituição dos sentidos e estes, por sua vez, se instauram nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas em que os discursos estão inscritos (ORLANDI, 2013). Ou seja, o sujeito é o resultado de sua inscrição na FD e Fi. Após viver a fase dos questionamentos na FD de *sujeito-gago*, como resultado, migrará para uma nova FD, no seu caso, a FD de *sujeito-fluente*, assim, **Davi 9**, acaba mostrando-nos a posição discursiva de *sujeito-fluente*: **“às vezes, eu gaguejo ainda. Mas, aí, quando eu to gaguejando agora, principalmente, depois de vir aqui no grupo, eu simplesmente não dou mais a mínima, porque aí, quando eu percebo que eu não dou mais a mínima, a outra pessoa nem percebe que eu gaguejei [...]. Agora, eu parei muito de planejar, assim, vou [...]**”. Disso, podemos inferir que, entre outras coisas, começa a enxergar que gaguejar é natural, não dá mais importância para antecipar, prever em situações onde irá gaguejar e/ou outros sujeitos que irão subjugar-lo, simplesmente, desprende-se de tais questões e continua seguindo em frente.

Ao longo dessa sequência analítica, já mencionamos que o sujeito **Caio**, enfrenta a contra-identificação, entre outras coisas, uma contestação, na FD de *sujeito-gago* e, isso, vai forjando a sua identificação (forma-sujeito) em dada FD. Em vista disso, em 17 de agosto de 2019, **Caio 17**, revela-nos: **“[...] Eu posso dizer que segui os conselhos deles, até mesmo você me trouxe isso, o seu histórico, seu depoimento [...]. Hoje eu encaro algumas coisas**

que algum tempo eu espernearia pra não vir ou não viria e nem acreditava que conseguiria". Por isso, acreditamos que os conselhos dos profissionais com quem realizava terapia bem como o contato com o grupo e os sujeitos envolvidos, foram/são fatores preponderantes que o encaminharam a viver questionamentos, proporcionando, então, um **"hoje"** de enfrentamentos. Porque, como mesmo expõe, **Caio 18: [...] antigamente, eu tinha pressa em concluir que saísse as minhas, tanto sílabas como palavras, agora não, eu paro, sei, eu sinto que não vai, às vezes, né. Mas eu espero alguma coisa e acaba fluindo, [...] antes eu acabava substituindo palavras [...]**. Realidade essa, mostrada anteriormente, na sequência discursiva III, em que discutimos e analisamos a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos desse sujeito e, uma das colocações de **Caio**, foi justamente, à época, ter criado o hábito de substituição das palavras.

Seguindo no processo de análise dos segmentos discursivos, sempre ouvíamos do sujeito **Davi** que, em determinada circunstância, decidiu mudar, porque a gagueira atrapalhava sua vida e após contínuas participações no grupo, em sua posição discursiva de *sujeito-gago*, inicia ou acirra a fase de contra-identificação da *FD de sujeito-gago*. E, conseqüentemente, se desidentifica da mencionada formação e insere-se na *FD de sujeito-fluente*. Dessa forma, **Davi 10**, verbaliza na mesma reunião: **"cortei o cabelo e um monte de coisa na minha vida [...] a gente precisa de mudanças, de vez em quando, dói, mas é necessário! Bom, [...] sobre gagueira, especificamente, eu não tenho nenhuma experiência como gago [...]"**. Nesse sentido, "quando isso ocorre, de fato, antes mesmo de migrar para outra *FD*, o sujeito, sem o saber, já não mais se identificava com o domínio em que pensava estar escrito" (INDURSKY, 2011a, p.86).

Logo, **"a minha fala tá bacana, é, tá bacana! É que nem eu disse, nos encontros anteriores, eu simplesmente parei de me importar, e eu to vendo resultados muito positivos nisso"**. Identificando-se (forma-sujeito), então, com outros saberes diante das instâncias discursivas, frente a outros sujeitos-interlocutores. Daí, como o pesquisador explica, **"a fala flui e não há mais preocupação com a gagueira"**. Com isso, **Davi 11**, afirma: **"é, e quando eu gaguejo eu já não to nem aí, eu já não me culpo, e vocês como**

estão?”. Quando o sujeito *rompe* com a FD em que estava inscrito, logo em seguida, passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito, questão essa vivida pelo sujeito **Davi**, e também pelo pesquisador, quando responde, bem, *“a gagueira, também, como sempre, não me preocupa em nada”*.

Na contra-identificação, como já sabemos, nessa tomada de posição, ocorre uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) (PÊCHEUX, 1988). Nesse sentido, em 14 de setembro de 2019, discursa, **Caio 19**: *“[...] , esses trinta anos de vida, eu já amadureci, mas ainda, eu reconheço que tenho ego, uma certa cobrança, inaceitação. Apesar de que já caminhei muito, nessa questão de ser um sujeito que gagueja, mas ainda é uma pedrinha no meu sapato”*. Por consequência, cabe frisarmos, que “esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea” (INDURSKY, 2002, p.06). Portanto, é permitido afirmamos que o sujeito **Caio**, ao viver dúvidas, questionamentos, sem o saber, não está mais plenamente identificado a FD de *sujeito-gago*, porque, entre outras coisas, revela-nos, *“ser um sujeito que gagueja”*, aquele que acreditamos ter fluência. Conduzindo o sujeito do discurso, em sua forma-sujeito à contra-identificar-se com alguns saberes da FD que o afeta (PÊCHEUX, 1988). Sendo assim, perceber que somos sujeitos que gaguejam, é começarmos a notar o que, como já víamos afirmando, a fluência é composta pela gagueira ora ou outra, em detrimento as nossas formações imaginárias, atreladas às condições de produção. Mas, como esclarece o pesquisador, permitindo-nos *“apresentar seminário e explorar a oralidade”*.

Os encontros em grupo, sempre foram marcados por muita descontração, afeto, cumplicidade, ajuda e diálogos entre todos os participantes, que sempre estiveram atentos uns aos outros e, principalmente, àquilo que era trazido, fazendo-os refletir, sobre isso, **Davi 12**, fala: *“agora, Caio, [...] eu acho muito legal a sua postura em perceber que você tem sempre se lembrado do seu estágio de evolução e isso é super bacana, apesar dos problemas, [...]”*. Ao compartilharem várias experiências de vida em grupo, como por exemplo, histórias de fracassos e sucessos, os

participantes, poderão, inclusive, ajudar outros sujeitos a obterem “mudanças desejáveis” (BECHELLI; SANTOS, 2005, p. 250). E se os problemas estiverem atrelados à gagueira, devemos procurar enfrentá-los, vivendo as situações discursivas. Assim, estaremos ressignificando nossas atitudes e práticas discursivas, como afirma, o sujeito **Davi 13**: **“é uma palavra: ressignificar, ela serve para um bocado de situações da vida mesmo”**. Em meio a todo esse processo, compreendemos que falar pode aliviar dores e acabamos que sendo um terapeuta do outro, agentes que procuram facilitar a participação e interação dos membros, “de modo que eles possam verbalizar livremente seus pensamentos e emoções”, (BECHELLI; SANTOS, 2005, p.252).

Além disso, ajustou-se as intervenções de acordo com as respostas e maturidade dos sujeitos e do grupo como um todo, ajudando a expor sentimentos, direcionar pensamentos, um ajudando o outro. Como por exemplo, ressalta o pesquisador: *“não fiz, mas por que eu não fiz, e isso gera uma série de ressignificações, de reflexões, é um debruçar-se mesmo sobre a questão, o problema”*, como podemos identificar, na reunião do dia 05 de outubro de 2019, em **Caio 20**: **“atenuando a dor, que há um tempo foi forte, hoje já não mais”**. E nesse momento, **Davi 14**, também enfatiza: **“outra ressignificação, olha aí!”**. A ressignificação, ainda, diz o pesquisador, ajuda-nos no processo de reconstruções, onde o mais importante, entre outras coisas, é aquilo que comentamos no grupo, fazermo-nos entender. Pensando nisso, na sequência discursiva I, investigamos discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos. Em seguida, na sequência discursiva III, discutimos e analisamos a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos.

Já nesta sequência discursiva IV, em discussão e análise, veremos o quanto à posição discursiva de *sujeito-gago* do sujeito **Davi**, ficou para trás, mas vale a pena lembrar que ao estar naquela FD e defender aquela posição discursiva, preocupava-se, em apresentar-se enquanto *sujeito-gago*. Entretanto, atualmente, **Davi 15**, explica-nos: *“[...] , às vezes os colegas dizem: vai, vai, vai! Mas, aí, é que está a diferença de outros tempos, se isso acontecesse. Hoje, eu já levo com naturalidade, eu não fico dizendo: ah, desculpe, é que eu sou gago! [...]”*. Logo, “a desidentificação é

responsável pela introdução da contradição, trazendo, por exemplo, a diferença e a divergência em seus discursos, porque estará identificado à outra FD e a sua forma-sujeito” (INDURSKY, 2011a, p.86). Pensando nisso, entendemos a complementação do enunciado de **Caio**, **“porque quando eu comecei meu curso, eu não apresentava seminários também, eu gaguejava muito, porque ficava: eu vou falar, isso e isso [...], aí, eu concordei com algo que você falou, que o conteúdo é mais importante, aquilo que vamos dizer”**. Quer dizer, “a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições” (ORLANDI, 2007, p. 20).

Naquela FD de *sujeito-gago*, esse mesmo sujeito explica que uma colega de sala afirmou que o que atrapalhava e fazia-o estar com pouca segurança, era justamente, às vezes em que gaguejava. No entanto, desde que se propôs a mudar e correr atrás de suas conquistas, hoje, ao mostrar êxito nas situações discursivas, uma certa colega tece comentários em relação ao desempenho desse sujeito, e **Davi 16** diz: **“[...], minha última apresentação de seminário, eu sinto que eu falei muito bem, [...] uma colega de turma, outro dia, [...] ela me disse: você não precisa se preocupar, porque você fala bem, todos param pra escutar. Aí, eu, nossa, não sabia disso! [...], não liguei mais, fui desenrolando melhor”**.

Além disso, não precisa mais estar o tempo todo frente às situações e/ou dos seus interlocutores, como nos mostrou as sequências discursivas I e III, em que estava em sua forma-sujeito, identificado na FD de *sujeito-gago*, justificando a sua posição discursiva de *sujeito-gago*, logo, **Davi 17**, informa: **“[...] meu aluno particular, pra dar aulas pra ele, [...] e não pensei que seria um problema, que eu ia gaguejar muito, que eu não ia conseguir. E no final, não houve nenhum momento em que eu tive que parar e dizer pra ele: olha, desculpa porque eu sou gago, só fluiu [...]”**. Tanto nesse, como já visto em outros momentos, na desidentificação, temos a transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988). Uma vez que o sujeito *rompe* com a FD em que estava inscrito e se identificava, passando a inscrever-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. Ou seja, “A partir desse momento o sujeito

do discurso não apresenta mais nenhuma identificação com o saber da forma-sujeito” (INDURSKY, 2011a, p.85).

Como já foi constatado, ao longo dos encontros em Grupo de Extensão/Apoio sempre trouxeram a possibilidade de dialogarmos sobre a gagueira, assim como a posição discursiva de *sujeito-gago* e *sujeito-fluente*. Com isso, trazendo a possibilidade de ressignificarmos nossos discursos, como coloca, em 18 de maio de 2019, **Caio 21**: *“mesmo ciente que sou uma pessoa que gagueja, ficou mais fácil soltar a voz”*. Logo, entendemos que na fase da contra-identificação, o sujeito **Caio**, como dissemos, algumas vezes, vive uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento) (PÊCHEUX, 1988). No seu caso, na FD de *sujeito-gago* com que a sua forma-sujeito está identificado. Por isso, ao ser afetado por dizeres de sujeitos do grupo, passa a entender que a fluência é disfluente, ou seja, mesmo gaguejando, podemos nos fazer compreender e em seu enunciado complementa, *“no caso, isso foi fruto aqui do grupo de apoio e fácil de colocar em prática, porque não há um certo ensaio mental do que falar, quando falar. Por esse nível de fluência ser nova pra mim, tenho cometido alguns excessos na fala”*. Como resultado, na prática, “falar implica sempre na possibilidade de errar, gaguejar, selecionar um significante inesperado”, já que “a linguagem é constituída por falta e incompletude” (AZEVEDO, 2000, p. 116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a AD, os discursos são incompletos, sem início absoluto nem ponto final (ORLANDI, 2013). Sempre fica a insatisfação de saber que não se pode dizer tudo. São as margens. O que nos liga na vontade de ainda aprender mais (ORLANDI, 1996).

No primeiro capítulo desta tese, vimos as principais discussões teóricas em relação à gagueira. E, nesse entretecer discursivo, percorremos uma trajetória em torno de concepções e práticas. Pudemos entender que quem defende uma teoria, logo, revela um paradigma, ou seja, identificamos *estudos que apontam o sintoma manifesto*, focando, especificamente, no corpo, sua anatomia e fisiologia, refletindo sobre os aspectos biológicos, neurológicos e genéticos. É preciso afirmar que respeitamos tais estudos que se dedicam à causa da gagueira, mas como defendido ao longo dessa tese, nos debruçamos sobre *construtos que veem o sujeito em sua amplitude*. Considerando a linguagem, o sujeito, os sentidos e a ideologia, nessa relação, como elementos indissociáveis, pensados em movimento.

Nesse contexto, no processo de funcionamento discursivo, produzimos discursos de acordo com os efeitos que desejamos causar nos interlocutores. Falamos a partir da concepção que temos do outro e da *posição-sujeito* que ocupam na sociedade. Em vista disso, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo, no qual o sujeito é fluente e gagueja em determinadas circunstâncias enunciativas. Por isso, trata-se de um distúrbio da linguagem, uma interrupção no fluxo contínuo da fala e, como efeitos, temos a materialização de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos no processo discursivo. Nesse sentido, as formações imaginárias, atreladas às condições de produção (circunstância de enunciação e contexto sócio-histórico, ideológico), constituem a posição discursiva de *sujeito-gago*, produzida tendo em vista a *relação de forças*, situação em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, isto é, de fato, ocupam sua posição relativa no discurso; *de sentidos*, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos e a *antecipação*, capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso.

Na prática, a gagueira sob a ótica discursiva, possibilita como já dissemos, a atuação de fatores biopsicossociais. Tendo em vista um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a tais fatores. Por consequência, quando pausamos, bloqueamos, hesitamos e/ou prolongamos, são características manifestas no *corpo biológico* da posição discursiva de *sujeito-gago*, daí, explicamos, por exemplo, como consequência, as tensões corporais. Com relação à subjetividade dos sujeitos, a partir da AD, consideramos como incontáveis maneiras de manifestar-se, significar-se, ressignificar-se em suas singularidades que transgridem e mobilizam sentidos. Compreendemos, então, que somos constituídos pela historicidade, ideologia e sentidos, caminhos que levam a interpelação de indivíduos em sujeitos de discursos, assujeitados para significar e tais dizeres sempre remetem, por exemplo, à FD de *sujeito-gago* e essa as formações imaginárias. É a partir da *forma-sujeito* assujeitada na mencionada FD, que estabelecemos uma relação com o elemento social, campo de interação entre os interlocutores, que sendo interpelados pela ideologia, nesse mover de consciência e inconsciente, passam a formular dizeres e, no caso, do *sujeito-gago*, ocuparão/sustentarão seus dizeres em dada FD. Assim sendo, a junção desses prefixos, justapostos, a saber, *biopsicossociais*, mobiliza conhecimentos que explicam a complexidade da gagueira bem como a identificação (forma-sujeito) e a depender das conjunturas histórico-sociais, a circunstância de enunciação da posição discursiva de *sujeitos-gagos* e *sujeitos-fluentes*.

Tendo em vista as questões argumentadas, funcionamos como um sujeito que já esteve identificado (forma-sujeito) na posição discursiva de *sujeito-gago*, mas descobriu que fluir e desfluir são processos que constituem a posição discursiva de *sujeito-fluente*. Sendo assim, desde o mestrado, Silva (2016) vem convocando outros sujeitos para acentuar as discussões, como um *grito de alerta*, não aceitando qualquer forma de discriminação em relação aos *sujeitos-gagos*, porque quantos silenciam, quando, na verdade, desejariam falar e defender seus pontos de vista e não o fazem, por medo e/ou incompreensão. Para que haja, muitas vezes, esse processo de conscientização, contamos com a ajuda de sujeitos que se dispõem a lutar, ajudando a combater discursos que expressam um comportamento ignorante,

desinformado. E, por vezes, também, cruel, através de *brincadeiras* que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar o outro, tendo em vista que os sujeitos que não se enquadrarem em determinados padrões estabelecidos, certamente, serão, silenciados, excluídos, marginalizados (SILVA, 2016).

Nesse cenário, com a realização desta pesquisa, respondemos à questão proposta inicialmente, que versava em discutir: 1) Nos trabalhos em Grupos de Extensão/Apoio, a partir da perspectiva discursiva, como se dá o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* (considerando a fluência como relativa)? Ao longo desta tese, observamos que os sujeitos **Antônio, Beatriz, Caio e Davi** procuraram os grupos, porque tinham uma *imagem estigmatizante de falante*, então, assujeitados à *ideologia do bem falar*. Através desse mecanismo de sujeição, a determinada ideologia, que ocorre ainda na infância, quando passamos pela chamada gagueira fisiológica, conhecida como uma fase natural ou do desenvolvimento. Nesse sentido, as habilidades fonoarticulatórias estão em processo de aquisição de linguagem. Por isso, temos o surgimento de repetições de sílabas, palavras e prolongamentos de sons. No entanto, pela equivocada interpretação daqueles que estão em volta, seja a família ou a escola, acabamos entendendo a gagueira como uma *doença, defeito, erro*. Disso, gerando-se um sujeito *anormal*, incapaz, impossibilitado de ter fluência, conhecida no senso comum, como um processo sem apresentação de interrupções, falhas no discurso. Então, o que seria uma etapa natural do próprio desenvolvimento de aquisição da linguagem dos sujeitos, acaba-se instalando até a fase adulta, como um sofrimento causado pela interpelação da alteridade, com ditames do tipo: “*tenha calma, fale direito, respire fundo, não gagueje*” (na maioria das vezes, querendo ajudar, mas acabam atrapalhando). Assim, os sujeitos constituíram-se na FD de *sujeitos-gagos* e a partir dessa identificação (forma-sujeito), passaram a sustentar a posição discursiva de *sujeitos-gagos*.

Por isso, os sujeitos dessa pesquisa, chegaram aos Grupos de Extensão/Apoio buscando eleger a todo custo, principalmente, uma suposta fluência *cem por cento*, ideal, plena, absoluta, uma vez que diante das circunstâncias de enunciação, nessa FD, os sujeitos e os sentidos vão sendo

constituídos, entre outras coisas, como afirmamos anteriormente, identificados como *doentes*, *anormais*, que não têm fluência. Mas na medida em que vieram participando das discussões em grupos, com a atuação dos pesquisadores, sempre os fazendo refletir sobre aquilo que falavam, como por exemplo, de não conseguirem dizer esta ou aquela palavra, som, em determinados momentos frente a outros interlocutores e quando solicitados a repetirem o processo, se viam falando, notando que possuem fluência. Esse processo foi trazendo significação e, principalmente, uma série de ressignificações, em torno do *mito da fluência absoluta*, que constrói o *personagem de bom falante*, aquele que supostamente nunca gaguejará, tanto para os sujeitos **Antônio** e **Beatriz**, no GEAG UNICAP, como também, os sujeitos **Caio** e **Davi**. No caso desses últimos, antes de ingressarem no grupo da UPE/Campus Garanhuns, há algum tempo haviam proposto para si mudanças de atitudes e discursivas em relação à gagueira. Acrescido a isso, mais especificamente, para o sujeito **Caio**, o acompanhamento de profissionais de saúde como fonoaudiólogo e psicólogo.

Dessa maneira, na prática, causando uma série de questionamentos, revoltas, dúvidas, de certa forma, sem saberem, possibilitando a fase da contra-identificação na FD de *sujeito-gagos*. E, conseqüentemente, à desidentificação, transformação sofrida pelos sujeitos, que ao migrarem para a FD de *sujeito-fluente*, passaram a não mais estarem identificados nem aquela FD, muito menos, a posição discursiva de *sujeito-gago*. Pois, ao assumirem-se em nova FD, incorporaram discursos que constituíram a sua forma-sujeito. Passando então, a ocupar e sustentarem a posição discursiva de *sujeitos-fluentes*. Com isso, além de respondermos a questão proposta, atendemos ao objetivo geral dessa pesquisa, em que analisamos o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente* em Grupos de Extensão/Apoio de Recife e Garanhuns.

Tal processo de mudança de posição discursiva pôde ser bem mais detalhado, quando contemplamos, ao longo das sequências discursivas (SD – I, II, III e IV), os objetivos específicos desse trabalho, *a priori*, 1) Investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupos; onde pudemos notar que todos os sujeitos: **Antônio**, **Beatriz**, **Caio** e **Davi**, nas circunstâncias de enunciação, apresentavam discursos com

gagueira, quando em suas formações imaginárias, vinculadas às condições de produção, faziam antecipação do outro, de que seriam de alguma forma julgados. Nesse sentido, na relação de forças, os sujeitos mencionaram o medo das mães e/ou profissionais de saúde (**Antônio** e **Caio**) e professores e/ou alunos (**Beatriz** e **Davi**) devido à força e autoridade que há nessa formação. Já na relação de sentidos, onde existe um vínculo entre um discurso e outro, o sujeito **Beatriz**, nessa formação, permitiu-nos inferir que tendo em vista a sua gagueira, o seu dizer, provavelmente, não faria sentido para quem o ouviria. Sobre discursos com fluência, o sujeito **Antônio** relatou não apresentar gagueira com amigos na rua e o sujeito **Caio** expôs que não gaguejava quando estava com animais, crianças, falando só, ou cantando. De modo geral, em dadas condições de produção, podemos afirmar que em suas formações imaginárias, na relação de forças, sentido e antecipação, os sujeitos também expuseram que não conseguiam dizer este som ou aquela palavra; não se via como sujeito normal (**Antônio**); a gagueira mostrava-se como algo orgânico (**Beatriz**) e que tinha relação com o nervosismo (**Davi**).

Sabemos que os sujeitos são o resultado das discursivizações das formações imaginárias, vinculada às condições de produção em que se encontram circunscritos, por isso, tornou-se relevante, também, 2) Identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos. Mostramos, conforme o discurso dos sujeitos (**Antônio**, **Beatriz**, **Caio** e **Davi**), de que a gagueira seja na infância, adolescência, até a fase adulta foi vista como *erro*, *doença*, *incapacidade*, *anormalidade*, pois a *ideologia do bem falar*, ao interpelar, inicialmente, família e escola, seguiu assujeitando-os. Construindo-se *uma imagem estigmatizante de falante* entre os sujeitos pesquisados. Toda essa disseminação é fruto do unido de sentidos e dizeres de um interdiscurso que estão presentes no espaço discursivo. Na prática, a memória social construiu e recortou da FD de *sujeito-gago*, aquilo que o interdiscurso ajudou na constituição dos sujeitos sobre isto ou aquilo. Revelando assim, a existência histórica e linguística de cada dizer, determinando a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Reverberando como elementos da memória discursiva/do dizer ao longo do tempo: gagueira como doença (**Antônio** e **Beatriz**); ter sofrido *bullying* por causa do problema (**Caio**);

silenciaram ou foram silenciados (**Caio e Davi**); construiu uma ideia de que não era comum encontrar outros *sujeitos-gagos* (**Davi**); confundia-se com a timidez (**Caio e Davi**).

Por consequência, foi possível, *a posteriori*, 3) Discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-gago* em grupos; onde pudemos comprovar a identificação, a tal FD, dos quatro sujeitos da pesquisa: **Antônio, Beatriz, Caio e Davi**. E, em decorrência dessa forma-sujeito, verificamos a ocupação e sustentação da posição discursiva de *sujeitos-gagos*, que tendo sobre si uma *imagem estigmatizante de falante*, defenderam uma posição discursiva de impossibilidade no dizer. Por isso, segundo eles (os sujeitos), não podiam emitir determinados sons e/ou palavras (**Antônio e Davi**); assim, desejavam uma fluência que nunca falhasse (**Antônio, Beatriz e Caio**). Para o sujeito **Beatriz**, a gagueira continuava sendo marcada no corpo e atribuída ao telefone, como uma situação de risco de gaguejar. Nessa FD, o sujeito **Caio**, buscava por um milagre para sair da posição discursiva de *sujeito-gago* e, em decorrência de tal posição, desistiu de um curso superior. Já o sujeito **Davi**, ora ou outra, atribuía o fato de não respirar bem, quando estava gaguejando ou ao nervosismo. Mas, diante de todas essas posições discursivas, viram nos Grupos de Extensão/Apoio a possibilidade de melhorarem (**Beatriz, Caio e Davi**), porque de nossa vivência em grupos, temos confirmado que a questão de união, apoio, encorajamento dos sujeitos possibilita o fortalecimento deles rumo às mudanças de atitudes e discursivas frente às várias situações sociais.

Essa questão pôde ser mais aprofundada em nosso último objetivo de pesquisa, 4) Discutir e analisar a posição discursiva de *sujeito-fluente* em grupos. Quer dizer, conhecemos, inicialmente, como se deu o processo de contra-identificação de todos os sujeitos (**Antônio, Beatriz, Caio e Davi**), fase em que ocorreram os questionamentos, revoltas, distanciamentos e dúvidas na FD de *sujeito-gago*, afetando a posição discursiva de *sujeito-gago*. Sendo assim, ressaltamos, entretanto, que viveram efetivamente, na prática, a desidentificação de tal FD, os sujeitos (**Antônio, Beatriz e Davi**), uma vez que se instaurou uma contradição, *rompimento* na forma-sujeito e a transformação da posição discursiva. Inscrevendo-se na FD de *sujeito-fluente*, passando então, a ocupar e sustentar a posição discursiva de *sujeitos-fluentes*.

Conseqüentemente, pudemos constatar que se antes, por exemplo, o sujeito **Antônio**, na relação de forças, tinha medo ou receio; não deslizava no discurso; ficava *preso* a truques falando baixinho; hoje, enfrenta a sua mãe, pois entendeu que a fluência é constituída pela disfluência. Com isso, não traz sobre si a *imagem estigmatizante de falante*; não silencia ou se deixa ser silenciado por outros; como acontecia com seus interlocutores (família, amigos). Inclusive, tendo a percepção de tais familiares, no que tange a sua melhora, que deram retorno em relação a isso. Por fim, esse sujeito, reconheceu que o grupo desempenhou um fator determinante em sua melhora.

Já o sujeito **Beatriz**, tratou de enfrentar as circunstâncias de enunciação, tais como: enviar áudios, cantar em *karaokê*; apresentação de seminários, sem que em suas formações imaginárias, em dadas condições de produção, fizesse antecipações, previsões. Daí, não há mais tensões corporais por conta da gagueira; não vê mais a gagueira como *doença*, incapacidade, não traz também sobre si aquela *imagem estigmatizante de falante*. Reconheceu também que o grupo a ajudou a melhorar e não atribui mais ao telefone como uma situação de risco de gaguejar. Com relação ao sujeito **Caio**, afirmamos que ao estar vivenciando, ainda, fase de dúvidas, questionamentos, revoltas (contra-identificação), percebemos ao longo de seus discursos, não acreditar mais que só um suposto milagre poderia tirá-lo da posição de *sujeito-gago*. Não busca mais aquela utópica ideia de fluência absoluta, porque já reconhece que um *sujeito-fluente*, é aquele que gagueja; não atrela a timidez ao problema e, como resultado dessa tomada de posição, começou um curso superior. Nesse sentido, sem o saber, não está mais plenamente identificado a FD de *sujeito-gago*. No entanto, ao identificarmos, por exemplo, algumas vezes, o modular do advérbio “*apesar*”, demonstra que, ainda, a gagueira tem um peso significativo em sua vida.

Além disso, procura mobilizar técnicas para controlar a gagueira, não se acha *normal* devido ao distúrbio, esconde ou teme que os seus interlocutores percebam a sua gagueira, apresenta-se com *sujeito-gago*, segundo ele, o empodera mais. Contudo, acreditamos que está caminhando à desidentificação, tomada de posição que o conduzirá para o trabalho de inserção na FD de *sujeito-fluente*. Como dissemos, anteriormente, o sujeito

Davi, ao lado dos sujeitos **Antônio** e **Beatriz** viveram a desidentificação (rompimento e transformação) de sua forma e posição-sujeito, reconhecendo, inclusive, também, o grupo como um espaço de questionamentos que contribuíram para gerar desconstruções e reconstruções em sua vida, isto é, propiciando ressignificações nele. Somado a isso, antes, na FD de *sujeito-gago*, perceberam que os momentos em que gaguejavam com frequência estavam vinculados às suas formações imaginárias, atrelados a certas condições de produção. Mas ao assumirem-se na posição discursiva de *sujeitos-fluentes*, reconhecendo que é normal gaguejar. Não experienciam mais tensões corporais; notando que é comum encontrar outros sujeitos que gaguejam; não se apresentam mais como *sujeitos-gagos* para amigos e/ou alunos; percebendo que conseguem emitir determinados sons e/ou palavras.

Portanto, tendo em vista a delimitação das nossas inquietações iniciais, bem como questões e objetivos de pesquisa. Defendemos, então, que ao estudarmos a gagueira sob a perspectiva discursiva, podemos afirmar que existe uma mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*. Em síntese, ao longo de toda discussão proposta em nosso estudo, entendemos que o trabalho nunca está concluído, mas aberto a novos olhares, na incompletude que funda o sujeito desejante. Por isso, enquanto sujeito professor/pesquisador (em sua forma e posição-sujeito), estaremos sempre inquietos, atentos a novos desafios para estudos e pesquisas, afinal de contas; concordo com D. Quixote: “*o meu repouso é a batalha*”. Assim, esperamos que esta tese de doutorado contribua para iluminar os estudos sobre as pesquisas em Análise do Discurso (AD), que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem. Mostramos que é possível, sim, “*romper a incabível prisão...*”, dando-se então, o processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* para *sujeito-fluente*. Quer dizer, após questionamentos na FD de *sujeito-gago*, espaço de sentidos e saberes, *rompe-se* com a posição discursiva de *sujeito-gago*, *incabível prisão* ideológico-discursiva. Tendo em vista uma nova identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-fluente*, assim sendo, com nova constituição de sentidos, saberes e enunciados em sua posição discursiva de *sujeito-fluente*.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, p.70, 1970.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Rio de Janeiro, Edições Graal, p. 92 a 99, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado. *In*: ZIZEK, Slavoj. (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, p. 00, [1996] 2010.

ANDRADE, Claudia Regina Furquim. **Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras infantis**. Carapicuíba, São Paulo: Pró-Fono, 1999.

ANDRADE, Claudia Regina Furquim. Abordagens neurolinguística e motora da gagueira. *In*: DMB. Limongi SCO, editores. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Rocca, p.424, 2014.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaso Afonso. **Etnografia da prática escolar**. 15.ed. Campinas: Papirus, 2008.

ABRAGAGUEIRA. **Grupos de Apoio**. Disponível em: <http://www.abragagueira.org.br/gruposdeapoio.asp>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Hétérogénéité montréalaise et Hétérogénéité constitutive**: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. DRLAV 26(mimeo). Paris, p. 91-115, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Hétérogénéité(s) énonciative(s)**. Paris, Langages, n. 73, p. 98-109, 1984.

AUTHIER-REVUZ, J Jacqueline. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora Unicamp, p.27, 2001.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. **Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Fonoaudiologia), – PUC-SP, 2000.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira. *In*: Mariani, Bethania; Medeiros, Vanise.(orgs.). **Gragoatá** (UFF), v. 02, p. 145-166, 2013. Disponível em:

<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/56>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Um estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva. **Revista Prolíngua**; Volume 10 - Número 1 - jan/fev, p. 209-220, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27599/14838>. Acesso em: 28 de mai. de 2017.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. **Revista Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 21, p. 433-463, 2018a. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1672>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. **Projeto de Extensão do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG)**. Universidade Católica de Pernambuco, 2018b.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Disfluências. *In*: FERREIRA, Thiago. **Manual Prático dos Distúrbios da Comunicação Oral no Adulto e Idoso**. Ribeirão Preto, SP: Editora Booktoy, p. 119 a 127, 2019a.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. *Et al.* A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva. **Revista Estudos da Língua(gem)**, v.17, n.2, abr-jun, 2019b. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/issue/view/346>. Acesso em: 03 de jul. de 2019.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves.; FREIRE, Regina Maria. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro, *In*: FRIEDMAN, Sílvia.; CUNHA, Maria Claudia. **Gagueira e subjetividade**: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. Língua, fala e enunciação. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 10.ed. São Paulo: Hucitec, p. 16, 1997.

BARROS, Renata Chrystina Bianchi. **Gagueira e sua terapêutica**: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Linguística), UNICAMP: Campinas, 2004.

BARROS, Renata Chrystina Bianchi. **A singularidade da clínica fonoaudiológica**. Campinas: Editora RG, p.88, 2012.

BARROS, Renata Chrystina Bianchi. Uma versão de clínica: a clínica do discurso. *In*: CAVALLARI, Juliana Santana. *Et al.* (orgs.). **Discurso e psicanálise**: a-versão do sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 127 a138, 2016.

BEHELLI, Luiz. Paulo C.; SANTOS, Manoel Antônio. O terapeuta na psicoterapia de grupo. **Rev. Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, p.249-54. Mar./abr., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200018. Acesso em: 14 de jul. de 2014.

BOHNEN, Anelise Junqueira. Características das Palavras Gaguejadas no Português Brasileiro - **Um estudo de 20 anos**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=224. Acesso em: 27 dez. 2014.

BORGES, Ágida Aparecida da Cruz. No detalhe do traço: ritos, cores e resistência. In: ZOPPI-FONTANA, Mônica G.; FERRARI, Ana Josefina. (orgs.). **Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência**, Vol. 2, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, p. 121 a 134, 2017.

BOYLE, Michael P.; FEARON, Alison N. **Self-stigma and its associations with stress, physical health, and health care satisfaction in adults who stutter**. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0094730X17300487?_rdoc=1&fmt=high&origin=gateway&docanchor=&md5=b8429449ccfc9c30159a5f9aeaa92ffb&dgcid=raven_sd_recommender_email. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

CAIADO, Elen C. Campos. **Como proceder com crianças que gaguejam**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/como-proceder-com-criancas-que-gaguejam.htm>. Acesso em: 11 dez. 2014.

CARNEIRO, Célia.; SCARPA, Ester Mirian. Singularidade nas manifestações de fala gagas. **Cadernos de Estudos Linguísticos - (54.1)**, Campinas, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636977>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

CAVALCANTI, Maria do Carmo Gomes Pereira. **O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGi) com pais de crianças identificadas como gagas**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2016.

CAVALCANTI, Tatiana. *Et al.* A Prática Discursiva em um grupo terapêutico de gagueira: um estudo de caso. In: AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves; DA FONTE, Renata Fonseca Lima. (orgs.). **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

CAZARIN, Ercília Ana. A representação do sujeito no discurso político L.I. Lula da Silva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas (37):05-10, jul./dez., 1999. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636927/4649>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

CAZARIN, Ercília Ana. **Interlocução discursiva**: a afirmação funcionando como negação. *In*: ERNST-PEREIRA, Aracy.; FUNCK, Suzana Bornéo. (orgs.). A leitura e a escrita como práticas discursivas. Pelotas: Educat, p. 137 a 144, 2001.

CAZARIN, Ercília Ana. A heterogeneidade discursiva de uma posição-sujeito. **Anais do II SEAD (Simpósios)**. 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

COURTINE, Jean Jacks. Analyse du discours politique (le discours communiste adresse aux chretiens). *In*: *Langages* n.62, Paris: Larousse, Juin 1981, p.43 (com Prefácio de Michel Pêcheux; "**Análise do discurso político**", tradução de Maria Alice Maciel Alves para pós-graduandos da PUCRS: mimeo, 1995).

COURTINE, Jean Jacks. **Análise do discurso político**: discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, p. 54-61, 2009.

CUNHA, Maria Claudia.; GOMES, Roberta E. Oliveira. Fonoaudiologia e Psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente. *In*: PASSOS, M.C. (org.). **Fonoaudiologia**: recriando seus sentidos. São Paulo: Plexus, p.72, 2002.

DARÓZ, Elaine, Pereira. *Et al.* Sobre Michel Pêcheux e a análise do discurso. *In*: BARROS *et al* (orgs.). **Ensino, texto e discurso**. Curitiba: Editora CRV, p. p.123, 2014.

FACEPE. EDITAL FACEPE (25/2017). **Concessão de Bolsas de Pós-Graduação *stricto sensu*** (1º Semestre/2016). Disponível em: <http://www.facepe.br/wp-content/uploads/2017/11/Edital-FACEPE-25-2017-PBPG-2018-1-sem-Capes1.pdf>. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

FACEPE. EDITAL FACEPE (07/2016). **Concessão de Bolsas de Pós-Graduação *stricto sensu*** (1º semestre/2018). Disponível em: <http://www.facepe.br/wp-content/uploads/2016/05/Edital-FACEPE-07-2016-PBPG-2016-22.pdf>. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

FACEPE. **Interiorização da pesquisa em Pernambuco** (2007-2016). Disponível em: <http://www.facepe.br/wp-content/uploads/2017/03/Interioriza---o-da-Pesquisa-em-Pernambuco-2007-2016.pdf>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

FERREIRA, Erasmo da Silva. **O discurso de Médici e seus jogos**: questões sobre o silenciamento e a representação do outro. Mestrado em Linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2015.

FIGUEIREDO, Karen. **Experiência Universitária**: Os 3 Pilares da Universidade. Participando ativamente da tríade que move a universidade. Disponível em: <https://inspiradanacomputacao.github.io/academia/experiencia-universitaria-os-tres-pilares-da-universidade/>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. 5 ed. Rio de Janeiro, p. 18, 2003.

FREUD, Sigmund. **Conferência introdutória sobre psicanálise** – parte II. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud – volume XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, p. 296-297, [1916-1917] 1976.

FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud – volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, [1918] 1976.

FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira: origem e tratamento**. 4. ed.rev. atual. São Paulo: Summus, [1986] 2004.

FRIEDMAN, Silvia. **Cartas a um paciente: um processo de terapia para a gagueira**. Série distúrbios da comunicação, v. 3, São Paulo: EDUC, p.12 a 37, [1988]2012.

FRIEDMAN, Silvia. **A construção de personagem bom falante**. São Paulo: Summus, p. 14, 1994.

FRIEDMAN, Silvia. O caso de Amadeu. In: FRIEDMAN, Silvia.; CUNHA, Maria Claudia. (orgs.). **Gagueira e subjetividade**. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FRIEDMAN, Silvia. Fluência: um acontecimento complexo. In: DMB. Limongi SCO, editores. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Rocca, 2014.

FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira é um tropeço mais que natural**. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_tropeco_natural.php. Acesso em: 31 de out. de 2018a.

FRIEDMAN, Silvia. **Mito: a gagueira não tem cura**. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito_cura.php. Acesso em: 31 de out. de 2018b.

FRIEDMAN, Silvia. **A Gagueira e o Mito da Fluência Absoluta**. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito_fluencia_absoluta.php. Acesso em: 31 de out. de 2018c.

FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira e subjetividade**. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_subjetividade.php. Acesso em: 31 de out. de 2018d.

FRIEDMAN, Silvia. **O que é gagueira?** Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_o_que_e.php. Acesso em: 31 de out. de 2018e.

FRIEDMAN, Silvia.; PASSOS, Maria Consuelo. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. *In.* SANTANA, Ana Paula. *Et al* (orgs.) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus, p.143-153, 2007.

FULLAN, Michael, G. **Successful school Improvement.** OUP. New York, Teachers' College Press, 1992.

FULLAN, Michael. G., & MILES, Matthew. B. Getting reform right: What works and what doesn't. **Phi Delta Kappan**, 73, 745-752, 1992. Disponível em: <http://www.sedl.org/cgi-bin/mysql/picbib-output.cgi?searchuniqueid=103>. Acesso em: 27 de fev. de 2015.

GARCIA, Dantielli Assumpção. Da Margarida à trepadeira: efeitos de machismo ou rupturas feministas? *In.* GARCIA, Dantielli Assumpção. *Et al* (orgs.). **Ressonâncias de Pêcheux em nós.** São Carlos: Pedro & João Editores, p. 340, 2014.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. **Linguagem, cognição e gagueira.** Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=160. Acesso em: 27 dez. 2014.

GINDRO, Cássia. Gonçalves. O sintoma pensado no binário sentido-gozo. *In:* CAVALLARI, Juliana S. *Et al.* (orgs.). **Discurso e psicanálise: a-versão do sentido.** Campinas, SP: Pontes Editores, p. 108-110, 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa.** 8ª ed. qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, p. 45-47, 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

GOLIP. Gramática **On Line de Língua Portuguesa.** Aparelho fonador. Disponível em: <http://gramaticagolip.blogspot.com/2017/04/023-aparelho-fonador.html>. Acesso em 03 de ago. de 2018.

GOUGH, Patricia. M. *Et al.* Planum temporal in people who stutter. **Journal of Fluency Disorders**, Volume 55, March 2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0094730X16300912?_rdoc=1&fmt=high&origin=gateway&docanchor. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

GRARINELLO, Ana Cristina; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. *In.* SANTANA, Ana Paula. *Et al* (orgs.) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus, 2007.

HAROCHE, Claudine. **Fazer, dizer, querer, dizer.** São Paulo: Hucitec, p. 178, 1992.

HOCHMAN, Bernardo. *Et al.* Desenhos de pesquisa. **Acta Cirúrgica Brasileira** - Vol 20 (Supl. 2) 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502005000800002. Acesso em: 05 de nov. de 2016.

INDURSKY, Freda. A noção de sujeito em análise do discurso: do desdobramento à fragmentação. **Texto apresentado no GT de Análise do Discurso**, durante o XV Encontro da ANPOLL. Niterói, 2000. – publicado no CD-Rom Síntese 2, Seção de AD, POA, 2002.

INDURSKY, Freda. Da interpelação a falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. *In*: BARONAS, Roberto Leiser. (org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João ed., p.82-86, 2011a.

INDURSKY, Freda. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. *In*: TFOUNI, Leda. *Et al* (orgs.). **A análise do Discurso e as suas interfaces**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, p. 03, 2011b.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda. *Et al*. (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, p. 68-88, 2011c.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

INDURSKY, Freda. O movimento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. *In*: FLORES, Giovanna G Benedetto. *Et al* (orgs.). **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p. 88, 2017.

JOHNSON, Wendell. A study on the onset and development of stuttering. *In*: Johnson W, Leutenegger RR, editors. **Stuttering in children and adults**: Thirty years research at the University of Iowa. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1955.

LACAN, Jean Jacques. **Conferência em Genebra sobre o sintoma**. São Paulo: Opção Lacaniana nº 23, p. 270, [1963]1998.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo na memória. *In*: **Anais do III Seminário de Estudos em Análise do Discurso** (III SEAD), O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. UFRGS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/SusyLagazzy.pdf> Acesso em 2014.

LAGAZZI, Suzy. Texto e autoria. *In*: LAGAZZI, Suzy. **Análise do discurso e o texto nos estudos da linguagem**. 3ª Ed, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, p.77-78, 2015.

LAGAZZI, Suzy. Trajetos do sujeito na composição fílmica. *In*: FLORES, Giovanna. G. Benedetto. *Et al*. (orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p.38, 2017.

LAUFER, Eva. Teoria e prática em um caso de gagueira sob o ponto de vista sistêmico construtivista. *In*: FRIEDMAN, Silvia; CUNHA, Maria Claudia. (orgs.). **Gagueira e subjetividade**. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, p. 24, 2000.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Análise de discurso, Instituto de letras, UFRGS. Porto alegre, p. 18-21, 2001.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Linguagem, ideologia e psicanálise. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.01, p.69-75, Jun., 2005. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.cpelin.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/10/16>. Acesso em: 24 de jul. de 2014.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Revista do Instituto de letras da UFRGS, v. 24, n. 48, p.03-06, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636>. Acesso em: 14 de ago. de 2019.

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. **Poética e significante**. Letras & Letras, Uberlândia 25 (1) p. 212, jan./jun. 2009.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca.; ARANTES, Lúcia. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDC, FAPESP, 2007.

LUCENA, Jonia Alves. *Et al.* Atendimento em grupo na fonoaudiologia. *In*: ARAÚJO, Ana Nery. *Et al.* (orgs.). **Questões contemporâneas da clínica fonoaudiológica**. Recife: ed. Universitária da UFPE, p.106 a 124, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., p.26-33, 1986.

MACHADO, Maria Leticia Cautela de Almeida. *Et al.* A terapêutica grupas na clinica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. *In*. SANTANA, Ana Paula. *et al.* (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, p. 63, 2007.

MALISKA, Maurício Eugênio. A voz: um corpo que não engana. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto. *Et al.* (orgs). **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p. 50 a 70, 2017.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, p. 25,1998.

MCGROARTY, Alan.; MCCARTAN, Rebeca. **Beliefs and behavioural intentions towards pharmacotherapy for stuttering**: A survey of adults who

stutter.Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0021992417302149>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

MENDES, Conrado Moreira. Algumas abordagens para o estudo da voz. **Texto livre**: linguagem e tecnologia, Vol. 7, Nº. 1, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/article/view/1855>. Acesso em: 27 de jan. de 2020.

MERLO, Sandra. **Genética da gagueira**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=33. Acesso em: 27 de dez. de 2014a.

MERLO, Sandra. **Lesão neurológica**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=34. Acesso em: 27 dez. de 2014b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30.ed. Petrópolis: Vozes, p. 9-30, 2011a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30.ed. Petrópolis: Vozes, p. 11 a 79, 2011b.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Coleta de dados qualitativos: A observação. *In*: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. (orgs.). **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Polyana Silva; FRIEDMAN, Silvia. A clínica da gagueira: diferentes paradigmas e suas consequências. *In*: DAVID, Rejane H. Fernandes; BARBOSA, Patrícia Silva. (orgs.). **Cadernos da Fonoaudiologia – série linguagem – vol1**. São Paulo, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do Discurso: algumas observações. **D.E.L.T.A.**, v. 2 (1): (105-126), 1986. Disponível em: <http://www.labev.uerj.br/textos/1%20-%20An%C3%A1lise%20do%20Discurso%20algumas%20observa%C3%A7%C3%B5es%20-%20Orlandi.pdf>. Acesso em 25 de jan. de 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista!** Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez Editora, p.42, 1990a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *In*: Prefácio do livro: **“Discurso: estrutura ou acontecimento”**. Campinas, SP: Pontes, 1990b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso**. *D.E.L.T.A.*, vol.10, nº 2, p.295-307, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não verbal. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>.

Revista Rua. Campinas/SP, n. 1, p. 35-47, 1995. Acesso em: 31 de mar. de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação** – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 18 a106, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Prefácio. *In:* AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas.** Campinas-SP: Editora Pontes, p.06, 1998a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A leitura e os leitores.** Campinas, São Paulo: Pontes, p. 10-75, 1998b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. *In:* **Fórum Linguístico**, Florianópolis: n. 1 (73-81), jul-dez., 1998c.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura.** 6.ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 20 a 98, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, p. 12 a 245, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise:** Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas, São Paulo, Pontes, p. 38, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, p. 07 a 90, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. *In:* LAGAZZI, Suzy.; ORLANDI, Eni Punicelli. (orgs.). **Discurso e textualidade**, 3 Ed, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, p. 13 a 76, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cad.Est.Ling.**, Campinas, (42): 21-40, Jan./Jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Revista Estudos da Linguagem**. Vitória da Conquista. Nº 01, Junho de 2005. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>. Acesso em 13 de set. de 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Entrevista concedida à Raquel Goulart Barreto. BARRETO, R.G. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. **Revista TEIAS:** Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez. 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24623/17602>. Acesso em: 18 de abr. de 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele** – discurso e real da história. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2ª Ed., p. 22, 2017.

PANHOCA, Ivone. Prefácio. *In*: SANTANA, Ana Paula. *Et al.* (orgs.). **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, p. 7-10, 2007.

PANHOCA, Ivone.; BARGAROLLO, Maria Fernanda. Sujeitos autistas em terapêutica fonoaudiológica grupal. *In*: SANTANA, Ana Paula. *Et al.* (orgs.). **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, p.07-08, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 68 a 214, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, [1990] 2008.

PÊCHEUX, Michel. “ler o arquivo hoje”. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **Gestos de leitura, da história no discurso**. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. *In*: ZIZEK, Slavoj. (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, p. 148-150, [1996] 2010.

PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: três épocas. *In*: GADET, Françoise.; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p.311-312, [1975] 1997.

PÊCHEUX, Michel. Sur La (dê) construcion dez theories linguistiques. DRLV, nº 27, [1982]. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Josuet-Pastré. PÊCHEUX, Michel. **Sobre a (dês) construção deas teorias linguísticas**. Línguas e instrumentos Linguísticos. Campinas, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre. *Et al.* **Papel da memória**. (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, p.52, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. *In*: **Análise do Discurso**: Michel Pêcheux. Textos Escolhidos por Eni Orlandi. Campinas - São Paulo: Editora Pontes, 2011.

PÊCHEUX Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. da Unicamp, p 163 - 252, [1975] 1997.

PEDROSA, Otávia Pinheiro. **Efeitos da inibição do inconsciente na aquisição de uma segunda língua**. Dissertação de mestrado. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

PEREIRA, Tiago Veiga. **Gagueira e genética**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=156. Acesso em: 27 de dez. de 2014.

PETRUSK, Larissa Santos Silva. **Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo**. Mestrado em Ciências da Linguagem (Dissertação). Recife: UNICAP, 2013.

PIRES, Thaís Inocêncio; FRIEDMAN, Silvia. O efeito do processo terapêutico para problemas de fluência de fala no discurso de pais. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 24(2), p.173-183, setembro, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11970>. Acesso em: 15 de abr. de 2015.

PRATES, Letícia Pimenta Costa Spyer; MARTINS, Vanessa de Oliveira. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais** 2011; 21(4 Supl 1): S54-S60. Disponível em: http://ftp.medicina.ufmg.br/ped/Arquivos/2013/disturbiofalaeimag_em8periodo_21_08_2013.pdf. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

REYNOLDS, Gretchen. O Dossiê do “Estudo Monstro”. **The New York Times**, New York, 2003, p. 36-41. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/arquivos/estudo_monstro.pdf. Acesso em 22 de maio de 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2010.

RIPER VAN, Charles. **On the end of his life**. Disponível em: <http://www.mnsu.edu/comdis/kuster/vanriper/goodbye.html>. p [1997]. Acesso em: 05 de jun. de 2014.

RIPER VAN, Charles. **The treatment of stuttering**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

RIPER VAN, Charles. **Speech Correction: principles and methods**. 5 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

RIPER VAN, Charles. **The nature of stuttering**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, p.01, 1982.

ROCHA, Eliana Maria Nigro. **Informações básicas – gagueira**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana_Maria_Nigro_Rocha.pdf. Acesso em 09 de ago. de 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. *Cours de linguistique générale*. In: BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Org.), com a colaboração de Albert Riedlinger [1916]. 27. ed. São Paulo: Cultrix, p.92, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1973].

SCARPA, Ester Mirian. (Ainda) sobre o sujeito fluente. *In: Lier-de-Vitto, Maria Francisca. (Org.). **Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem.** São Paulo, Editora da PUC-SP, p. 178, 2007.*

SCARPA, Ester Mirian. Sobre o sujeito fluente. **Cad. de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2835>. Acesso em: 14 de jul. de 2014.

SCARPA, Ester Mirian; FERNANDES-SVARTSMAN, Flaviane. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos** - (54.1), Campinas, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636969/4691>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

SIMON, A.-M. A gagueira da criança. *In: MULLER-CHEVRIE, Claude; NABORNA, Juan. (orgs.). **A linguagem da criança.** Aspectos normais e patológicos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed,2005.*

SILVA-DELA, Silmara. (DES)construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. *In: FLORES, Giovanna. G. Benedetto. **Et al (orgs.). Análise do discurso em rede: cultura e mídia.** Vol. 1, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., 2015.*

SILVA, Claudemir dos Santos. **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira:** uma análise discursiva. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP), 2016.

SILVA, Claudemir dos Santos.; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva. **Revista ProLíngua**, Volume 12 - Número 1 - mar/ago de 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/36629/18571>. Acesso em: 26 de set. de 2018.

SILVA, Claudemir dos Santos. AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. O processo de mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-fluente: uma análise discursiva em grupo de apoio no Recife. *In. CAIADO, Roberta. **Et al. (orgs.). Linguagem e interdisciplinaridade:** diferentes gestos de interpretação. 1. ed. - São Paulo: Pá de Palavra, p.65, 2019.*

SILVA, Edna Lúcia.; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à distância da UFSC, 2001.

SILVA, Thais Leal; RESENDE, Gisele Silva Lira. A docência no ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. *Revista FACISA On-line*. Barra do Garças – MT, vol.6, n.2, p. 32- 46, jul. - dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.faculdadecathedral.edu.br/revistafacisa/article/viewFile/219/157>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

SOARES, Alexandre Ferrari. Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia. *In*: FLORES, Giovanna. G. Benedetto. *Et al.* (orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p. 35, 2017.

SOUZA, Ana Paula Ramos. *Et al.* O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. **Revista CEFAC**. 2011 Jan-Fev; 13(1):140-151. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151618462011000100017. Acesso em: 12 de fev. de 2018.

SUASSUNA, Livia. Cultura e leitura. *In*: SUASSUNA, Livia. (org.). **Ensaio de pedagogia da língua portuguesa**. Recife: ed. Universitária da UFPE, p.101 a 119, 2009.

SUASSUNA, Livia. **Linguagem como discurso: implicações para as práticas de avaliação**. Doutorado em Linguística (Tese). Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2004.

TURA, Maria de Lurdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia T. (orgs.) **Itinerários da pesquisa: pesquisas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, p. 183-206, 2003.

VIEIRA, Ana Claudia de Carvalho; LIRA, Zulina Souza. O processo de alta fonoaudiológica. *In*. ARAÚJO, Ana Nery. *Et al* (orgs.). **Questões contemporâneas da clínica fonoaudiológica**. Recife: ed. Universitária da UFPE, p.53 a 55, 2018.

ZACKIEWICZ, Daniela Verônica. *Et al.* **Guia de moderadores**. Associação Brasileira de Gagueira, p. 04, 2012.

APÊNDICES

GAGUEIRA

Convite para Grupo de Extensão/apoio

Você (ou alguém que você conheça) convive com a gagueira ou se acha em terapia fonoaudiológica ou psicológica para tratá-la??

Então, participe deste exclusivo grupo de apoio e troca de experiências!!

QUANDO? Somente uma vez por mês.

INÍCIO: **sábado, 16 de fevereiro de 2019**, das 13h às 15h.

LOCAL: Sala de Leitura da **UPE, Garanhuns** (no bairro da Brasília)

IDADE MÍNIMA para participar do grupo: 18 anos

Inscrições através do e-mail:
apoiogrupo.garanhunspe@gmail.com

Ou, se preferir, entre em contato com Claudemir pelo (81)9.xxxx-xxxx

A participação é totalmente GRÁTIS e as vagas são limitadas!!!

Orientação conjunta:

_Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem - PPGCL- da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP);

_Grupo de Estudos e Pesquisas em Análises de Discursos, da Universidade de Pernambuco – GEPADUPE(CNPq), *campus* Garanhuns



Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – **(PPGCL/UNICAP)**

Grupo de Estudos e Pesquisas em Análises de Discursos, da Universidade de Pernambuco – **(GEPAD/UPE - CNPq)**, *campus* Garanhuns

Endereços: Rua do Príncipe, nº 526, Boa vista-Recife, PE, Bloco G4-7º andar-Sala D7, laboratório de Práticas de linguagem

Rua Capitão Pedro Rodrigues, nº 105, São José-Garanhuns/PE, Sala de leitura do curso de letras

**Grupos de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP
UPE/CAMPUS GARANHUNS**

FICHA INDIVIDUAL

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Idade: _____ Profissão _____

Data de Nascimento: ___/___/___

E-mail: _____

Telefone: Celular: _____ Fixo: _____

No grupo desde: Mês: _____ Ano: _____

Endereço: _____ Nº: _____

Cidade: _____

Bairro: _____ UF: _____

Data: ___/___/___

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa A INTERIORIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ATENÇÃO À GAGUEIRA SOB A PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA, do doutorando Claudemir dos Santos Silva, que está sob a orientação da Prof^a Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo e Coorientação da Prof^a. Dr^a. Dirce Jaeger.

Você foi selecionado porque atende aos critérios estabelecidos nesta pesquisa, a saber: a) ser de faixa etária acima de 18 anos; b) participar das reuniões/encontros dos grupos de apoio: GEAG UNICAP ou UPE/Garanhuns e c) aceitar livremente a participação na pesquisa e assinar o termo de livre consentimento e aceitação e sua participação não é obrigatória.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo principal deste estudo é analisar o processo de mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-fluente em Grupos de Estudos e Apoio (GEAG) em Recife e Garanhuns. Isto é, queremos observar se há mudança na forma de ver e lidar com a gagueira na sua vida.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar semanalmente dos grupos de apoio: GEAG UNICAP ou UPE/Garanhuns e autorizar a filmagem que terá a finalidade de transcrever literalmente a reunião para posterior análise discursiva.

É importante ressaltarmos que teremos filmagens dos participantes da pesquisa no decorrer das observações em grupo pelo pesquisador. Se, com isso, houver constrangimentos, procuraremos contorná-los, explicando melhor a pesquisa a ser desenvolvida. A partir disso, se ainda persistirem, os participantes ficarão livres para aceitar, ou se retirar da coleta de dados.

Os benefícios consistem na devolutiva dos resultados alcançados aos participantes, sendo esclarecidos os aspectos do trabalho em grupo. Além disso, os participantes serão beneficiados no contato social com seus colegas do grupo, em uma possível mudança na forma de ver e lidar com a gagueira na sua vida.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. É imprescindível destacar que a privacidade dos participantes que optarem por participar do estudo está inteiramente garantida, visto que os mesmos não serão identificados e receberão nomes fictícios.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome _____

Assinatura _____

Endereço completo _____

Telefone _____

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na **RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306** – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, ____ de _____ de ____

Sujeito da pesquisa (*) _____

Pai / Mãe ou Responsável Legal (**)

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 7071

PERFIL DOS SUJEITOS

Desenvolva um pequeno relato/perfil a partir das seguintes questões elencadas:

- A) Idade;
- B) Cidade de origem;
- C) Grau de escolaridade;
- D) Profissão;
- E) Religião;
- F) Relatar um pouco de suas atividades diárias;
- G) Desde quando passou a frequentar o Grupo de Extensão/Apoio?
- H) Desde quando se vê ou si viu como sujeito-gago?
- I) Existem aspectos da fala que considera serem bem sucedidos e/ou problemáticos?
- J) Em quais situações gagueja mais ou menos?
- K) Há dificuldades ao realizar atividades diárias em que tenha que falar?
- L) Como começou a notar melhorias em relação ao seu discurso?